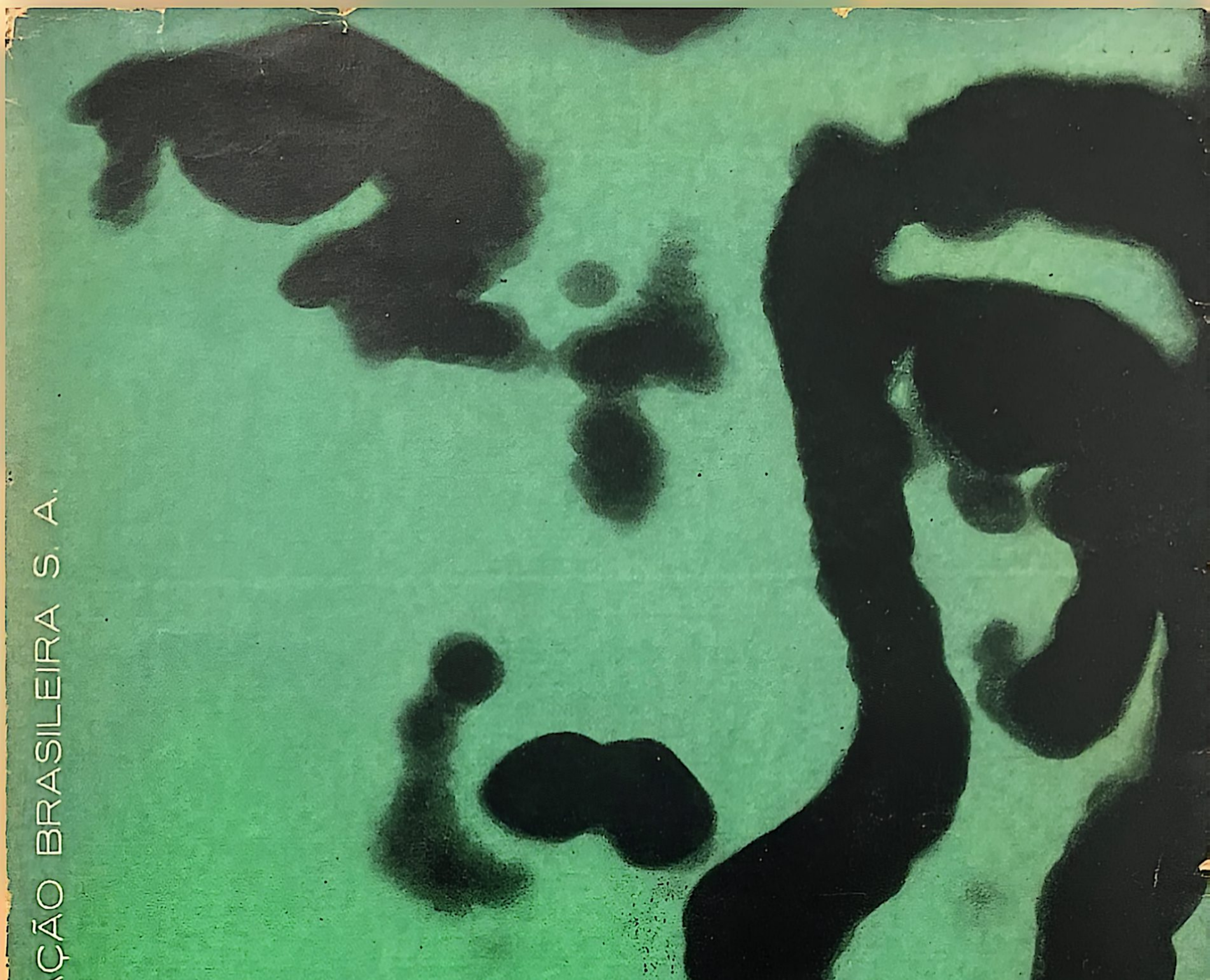

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Ilya Ehrenburg

MEMÓRIAS

VOL. II / OS PRIMEIROS ANOS
1918 - 1921 / DA REVOLUÇÃO

REVOLUÇÃO E POESIA

Estamos na Rússia, nos primeiros meses da revolução vitoriosa, e Ilya Ehrenburg é o nosso cicerone: "Moscou vivia como na estação, à espera da terceira campanada, último sinal antes da partida. Organizavam-se redadas de desertores. Por tôda parte se blasfemava, particularmente nos bondes, que trafegavam cobertos de cachos humanos. No *Metrópole,* liberais, prêsa do desespêro, tragavam champanha francesa, pagando a conta com enormes bilhetes do Banco de Kerenski, impelidos pelo arraigado costume, rosnando que era necessário salvar a Rússia; talvez quisessem salvar sòmente a si próprios, mas não acreditavam em nada e viviam por fôrça da inércia".

Era o caos, era o ponto de encontro do fim de uma época com o comêço de outra, cheia de promessas e também de insuspeitadas dificuldades. Soldados, operários, camponeses, intelectuais, todos os que haviam participado, de uma ou de outra maneira, na luta pela instauração do nôvo regime social, estavam a um só tempo eufóricos e perplexos. Alguns intelectuais, como Ehrenburg e Górki, não diretamente engajados até então, viviam as angústias do espectador, incapazes de vibrar com a mesma intensidade de quem tivesse sido autor e ator do espetáculo que a seus olhos se desenrolava. Górki chegou a escrever, então, que "Em 1917-18 as minhas relações com Lénine não eram exatamente como as desejaria, mas não podiam ser diversas. Êle era um político. E possuía à perfeição aquela excepcional capacidade de orientar-se, que é tão necessária ao pilôto de uma nave imensa e pesada como a plúmbea Rússia camponesa. Eu, ao contrário, sinto uma repulsa orgânica pela política e creio pouco na razão das massas em geral, na das camponesas em particular".

Alguns anos mais tarde Górki se penitenciou dessa frase, não por imposição de circunstâncias políticas, mas apenas porque chegara a compreender em tôda a sua extensão o grande drama que transformara uma sociedade autocrática no primeiro regime socialista em vigor em qualquer parte do mundo. Os intelectuais, tendo tido um papel de grande importância nessa transformação, pois foram as portas por onde entraram num país ignorante e atrasado as teorias revolucionárias e as idéias da renovação, não estavam ainda preparados para a prática das mesmas. Mas confiavam e, à sua maneira, participavam. Em fins de

MEMÓRIAS

volume II

COLEÇÃO
DOCUMENTOS DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
volume 10 A

ILYA EHRENBURG

MEMÓRIAS

VOLUME II

OS PRIMEIROS ANOS DA REVOLUÇÃO
(1918-1921)

tradução de
DALTON BOECHAT

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
RIO DE JANEIRO

Do original russo:
Liúdi, gódi, jizn

desenho de capa:
EUGÊNIO HIRSCH

Direitos para a língua portuguêsa adquiridos pela
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97 — Rio de Janeiro
que se reserva a propriedade desta tradução.

1965

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

1

Eu parecia o cordeirinho deixado para trás pelo rebanho, aquêle de que fala Du Bellay. De fato, havia partido da Rússia quando ainda não contava dezoito anos. Como um inocente aprendiz das primeiras letras quis estudar o á-bê-cê; perguntava a todo mundo sôbre o que estava acontecendo e me respondiam: "Êsse não entende nada!". Buscava entabular longuíssimas discussões sôbre infinitos assuntos — a missão da Rússia, a podridão do Ocidente, Dostoievski — mas a gente tinha mais que fazer: não aceitava a discussão, blasfemava, maldizia, uns os bolcheviques, outros Kerenski, outros até a revolução.

Na estação da Finlândia adiantou-se, avançada em anos, uma menchevique com óculos a *pince-nez*. Disse-me: "Venha comigo". Respondi que estava escoltado por um soldado e ela começou a insultá-lo, enquanto êle, por sua vez, a cobria de injúrias. Ela gritava: "Tu fazes o câmbio negro!" — e efetivamente êle levava um embrulho. O soldado rebatia: "E tu não és mais que uma comedora de marmelada!" Eu estava ali entre os dois, empertigado e maravilhado. Depois a menchevi-

que nos conduziu a uma espécie de mesa onde se ficava apertado e no escuro. Um tipo gritava ao seu vizinho: "Tu, um revolucionário?! Não passas de um Galiffet... deveriam meter-te no paredão!...".

Como todos os emigrados políticos, tive direito a um adiamento; no distrito, um tenente comentou a minha presença observando que no exército havia já bastantes tagarelas.

As "Notícias da Bôlsa" pagaram-me os honorários que me correspondiam e pude instalar-me num quarto mobiliado na Moika. Saí de casa de manhã para dar uma olhada ao redor. A arquitetura da cidade, as suas ruas me pareciam extrordinàriamente nítidas, majestosas, mas não consegui orientar-me.

Fui ao Circo Ciniselli, onde se realizava um comício. Estava apinhado, mas percebi que os discursos estavam enfastiando a todos: o entusiasmo dos primeiros meses esvaziara e o grosso calibre da oratória havia já dito tudo quanto tinha a dizer. Agora tomava a palavra a gente de meia laia. Uma senhora de cabelos brancos se esforçava por demonstrar que a salvação da revolução viria do esperanto; ninguém lhe fazia caso. Depois foi à tribuna um anarquista: dizia que se impunha abolir imediatamente o Estado; todos berraram contra êle e êle então começou a vaiar com inaudita violência, até que o tiraram da tribuna. Um elegante jovem exigia que não se entregasse a Rússia ao Kaiser. Dois soldados caíram-lhe em cima: "Mas tu, filho de um cão, estiveste na trincheira?"

Tentei encontrar os poetas com os quais estivera em contato epistolar, mas nenhum estava na cidade; um se encontrava no campo, um outro na Criméia... Um dia, T. I. Sorókin mandou me chamar: "Venha, Blok está aqui". Corri ao Palácio de Inverno mas cheguei tarde. Blok já tinha ido e assim não consegui ver o poeta que amava mais que qualquer outro...

Na redação de "Notícias da Bôlsa" me aconselharam o restaurante Viena, onde, à tarde, se reuniam poetas e pintores.

Pensei que o Viena fôsse uma espécie de Rotonde mas, ao contrário, às mesas estavam sentados burguesotes, oficiais, especuladores. Um bradava: "Por que escrevestes no cardápio, se não há? Poderíeis colocar também o czar Nicolau, ora essa!" Uma senhora estrilava: "Por que deixaram escapar Lênin?"

Pelas ruas se dava caça aos desertores, embora os soldados das patrulhas de ronda tivessem, também êles, o aspecto de autênticos desertores. Um dia vi dois oficiais que haviam

confiscado um saco de açúcar a uma mulher. "Canalhas!", bradava ela, afastando-se, enquanto os dois replicavam que bem cedo a gente, como ela, seria levada ao paredão. Kerenski protegia os cambistas, mas não estava longe o momento em que arranjariam festas também para êle. Depois, sem se envergonharem da gente que passava, os oficiais repartiram o produto do saque.

Nas lojas havia de tudo, desde charutos cubanos a vasos de Sèvres, às poesias da condêssa De Noailles. Nas confeitarias servia-se o café com mel, já que não havia açúcar, e, ao invés de pastelões, serviam-se fatias de pão branco lambuzadas de geléia. Os cocheiros não falavam nem da aveia; blasfemavam sòmente, chateados. Um poeta, que conheci na redação de "Notícias da Bôlsa", disse: "A nossa única esperança é o general Kornilov. Tem um nome simbólico: chama-se Lauro".

Os soldados falavam de paz, os desertores calavam-se, limitando-se a lançar torvos olhares aos passantes. Pela avenida Niévski passeavam rapazes em uniforme, que faziam a saudação militar com muita ufania e, com ares excessivamente aparatosos, arengavam à multidão na esquina da Sadovaia, gritando que era preciso encontrar a qualquer custo Lênin e, entrementes, prender Tchérnov.

Tive ocasião de ouvir Tchérnov; como em Paris, usava uma linguagem extremamente elevada, mas, enquanto em março qualquer coisa nêle me comovera, em agôsto achei-o ridículo. Era eloqüente como um radical-socialista francês quando jura aos eleitores que, se fôr eleito, fará construir a ponte sôbre o rio. Tchernóv jurava que teria dado a terra aos camponeses e teria salvo a Rússia dos alemães. Tinha os olhos astutos. Para mim nenhum dos presentes acreditou nêle.

Ao contrário, quando Kerenski falava era como no teatro: esperava-se que, de um momento a outro, o chefe do govêrno provisório caísse em lágrimas ou sumisse nos bastidores. A popularidade de Kerenski estava em declínio, mas ao comício concorriam umas cinqüenta mulheres que lhe berravam a tôda voz a sua saudação. Uma atirou-lhe um ramalhete de margaridas um pouco murchas: êle o apanhou no chão e, quem sabe para quê, cheirou-o.

Encontrei um par de emigrados que havia conhecido em Paris. Um dêles, um bolchevique, Sashunja, me disse: "Antonov-Ovsiéienko está em galés, no "Kresty", os mencheviques

são uns traidores e o tempo das discussões já acabou". Perguntei-lhe se não temia que os alemães, aproveitando a guerra civil, pudessem ocupar Petrogrado. Começou a esbravejar que eu fazia discursos de menchevique, que era um "intelectual de cima a baixo", que os únicos que faziam mêdo não eram os alemães, mas os "defensores".

Mantive um colóquio de duas horas com Sávinkov. Tornara-se vice-ministro da guerra e não me permitia mais reconhecer no nôvo personagem o velho Bóris Víctorovitch, da Rotonde, com o seu triste sarcasmo. Sávinkov falava de severas providências, de ditadura, de ordem. Definia Kerenski como um palrador enamorado da pópria voz, falava com desprêzo do govêrno provisório: "É gente que perdeu a cabeça... As suas reuniões não os têm mais sentados, mas em pé..."

No Palácio de Inverno vi como vivera o czar; uma existência bem pálida; os aposentos arrumados sem gôsto, apinhados de ninharias da pequena burguesia. (Encontrei quase os mesmos objetos em Pequim, no palácio do último imperador da China). Nos armários embutidos notavam-se barracas de campo e, amontoados por tôda parte, fuzis: a revolução que Sávinkov desejava sepultar, havia tempo, vagava pelas salas do Palácio de Inverno. Na escadaria, uma senhora agarrou pela gola do casaco o vice-ministro: "Deveis dizer-me: por que têm Jorge prisioneiro? Êle, que findo o ginasial, lia Herzen..."

Sávinkov fêz-me conhecer F. A. Stepun. Sabia que era um filósofo, autor de um interessante livro intitulado "Cartas de um subtenente", no qual havia descrito a guerra, despindo-a de quaisquer inúteis idealizações; mas não o teria imaginado, jamais, na roupagem de um chefe de divisão política no ministério da guerra. Tinha o aspecto de um sonhador ou de um pastor protestante. Comecei, como havia feito com Sashunja, a repetir com tolo fervor que os alemães teriam podido ocupar a Rússia e esmagar a revolução. Respondeu perguntando-me se queria tornar-me comissário militar. Gracejei: um comissario é obrigado a entender, a explicar aos outros, enquanto eu me limitava a fazer perguntas a todos.

Tive ocasião também de visitar o Smolni. Ali todos assediavam Tchkheidz, vociferando que Sávinkov estava se pondo de acôrdo com os generais, enquanto sòmente os operários eram lançados nos cárceres. Soldados dormiam nos corredores.

Um dos emigrados de Paris me disse com muita severidade: "Aqui não estamos na Rotonde, vai para o *front*". Objetei-lhe que o exército não queria saber de mim. Teve um sorriso perverso: "Então és um bolchevique! Cedo ou tarde ordeno-te eu..." Uma velhinha empurrou-me contra a parede dizendo-me entre lágrimas: "Dize-lhe tu que a filha de Andriucha estuda no conservatório e que esta fazenda ela a recebeu de Misukin..."

Naquela época estavam também em Petrogrado Tíkhon Ivánovitch Sorókin e Kátia, com a minha filha Irina; viviam todos em casa do pai de Kátia, que não queria ouvir meu nome: além de todos os outros meus pecados, era judeu. Kátia trouxe Irina até mim às escondidas do avô; a menina tinha então seis anos. Levei-a ao café Empire, ofereci-lhe pão branco e geléia. Depois passeamos ao longo da avenida Niévski. Irina tivera durante algum tempo uma ama-sêca italiana, que lhe havia ensinado a invocar Deus. Minha filha quis que entrássemos na catedral de Kazan; uma vez dentro, sùbitamente ajoelhou-se e me ordenou seguir-lhe o exemplo. Não obedeci. Irina começou a gritar, a chorar; as mulheres, absortas a rezar na catedral, indignaram-se; ofender uma criança num lugar sagrado, que vergonha! Por sorte, Irina cansou-se de rezar e quis ser levada a uma confeitaria.

Tíkhon me disse que Stepun estava para mandá-lo em missão ao *front* do Cáucaso e que tencionava tomar-me como ajudante. Ri por muito tempo: Tíkhon entendia o que se passava ainda menos que eu. Conhecia bem os livros de Vladímir Soloviów e a arquitetura do primeiro gótico. De que outra coisa teria já falado aos soldados: do "eterno feminino" ou dos vitrais da catedral de Chartres?

(Encontrei no arquivo um velino do ministério da guerra, datado de setembro de 1917, no qual se diz que "fiz acôrdos com a comissão do Comitê Executivo do Congresso Pan-Russo dos sovietes dos deputados dos soldados e dos operários encarregada das questões da frente", eu era designado ajudante do comissário militar da circunscrição militar do Cáucaso. Encontrava-me em Ialta e soube dessa nomeação quando já não existiam mais nem o ministro da guerra, nem a frente do Cáucaso).

Todos asseguravam que alguém bem cedo "se movimentaria"; alguns sustentavam que, a fazê-lo, seria o general Kor-

nilov, outros que seriam os bolcheviques. Compreendi que não havia entendido patavina e parti para Moscou.

Eis Ostózhenka... Aqui conhecia cada beco, cada placa. A princípio, a cidade me pareceu mais calma; mas era sòmente aparência: também aqui a gente não se entendia absolutamente. Tratei de encontrar algum dos meus velhos conhecidos. Eram passados oito anos, e não é pouco. Um ginasiano, que em 1907 havia participado de nossas reuniões, tornara-se, nesse meio tempo, advogado de renome; quando me apresentei, começou a esbravejar: "Eis a que ponto nos levaram! Não podias ficar em Paris? Lá, pelo menos, não se dispara nas ruas..." A ginasiana Liússia, que adorava os versos de Liérmontov, transformou-se numa senhora gorda, com buço; ofereceu-me chá, mas me arrasou com as suas lamúrias: não há açúcar, a empregada ficou insolente, à noite se tem mêdo de sair às ruas.

Na Tverskaia havia o café Bom com os seus divãs de veludo vermelho; ali se serviam café e massas, reuniam-se os escritores, e conheci, assim, V. G. Lidin; tinha o semblante corado e era extremamente limpo no aspecto; falava de cavalos, de estrebarias, da bravura de Búnin. B. C. Zaitzev exaltava a beleza dos ritos ortodoxos e falava de romance. V. F. Chodasevic tinha para todos uma palavra sarcástica e escrevia versos ternos sôbre como se sentia atraído pela morte, exatamente como, à tarde, os rapazes, às vêzes, se sentem atraídos pelo sono; tinha a cara igual a uma caveira. A. N. Tolstoi soltava algumas baforadas do cachimbo e me dizia: "Que porcaria! Não se entende patavina. Perderam todos as estribeiras!"

Aleksiéi Nicoláietvitch assegurava que eu parecia um condenado mexicano. Entrei num café na Arbát, comecei a rabiscar; aproximou-se de mim uma jovem, cara amarrada, carregou da mesa o copo e disse: "Esta não é a universidade...". Não estava mais afeito ao modo de vida russo e muitas vêzes parecia ridículo. Parecia-me que exatamente por isso não conseguia perceber a significação dos acontecimentos em curso, mas mesmo Aleksiéi Nicoláievitch não estava menos desorientado que eu. Recentemente reli os diários de Blok, as cartas de Korolenko, os artigos de Górki; naquele período, todos, ao mesmo tempo, aceitavam, rejeitavam, assentiam, protestavam. Evidentemente, à luz dos fatos, o "condenado mexicano" revelara-se um vulgar intelectual russo... Não o digo para penitenciar-me ou para justificar-me; desejo explicar qual foi o meu estado de

ânimo em 1917-1918. Naturalmente, hoje vejo tudo de maneira muito mais clara, mas não há de quê vangloriar-me: de saber depois estão cheias as covas.

2

Costuma-se dizer que a presença das árvores impede de ver a floresta; é verdade, como verdade é o contrário: a floresta torna invisíveis as árvores. Ao ler a história da França de 1793, descobrimos a Convenção, o incorruptível Robespierre, a guilhotina na praça da Revolução, o clube em que profetizavam os *sans-culottes,* os libelos, os complôs, as batalhas. Mas naquele mesmo ano Philippe le Bon refugiava-se em seu pequeno laboratório pensando no gás de iluminação; Talma andava absorta com uma tragédia clássica; as *merveilleuses* provavam novos chapéus adornados de fitas e as donas-de-casa percorriam a cidade em busca de produtos alimentícios cada vez mais escassos.

Aleksiéi Tolstoi descreveu assim as conversações que se desenrolavam no verão de 1917: "Acabou para nós ou não? Existirá ainda a Rússia ou não? Cortarão a cabeça de todos os intelectuais ou ficaremos vivos?". Outro dizia: "Mas que lhe passa pela mente, meu caro? Por que deveriam cortar-nos a cabeça? São bobagens, não creio! Mas as lojas de gêneros alimentícios saquearão, isto sim". Outro ainda assegurava, por tê-lo sabido de fonte bem informada: "No início do próximo mês a cidade começará a morrer de fome".

Por sorte alguns conhecidos meus de Moscou conservaram um meu caderno de notas de 1917-1918. As anotações são de tal modo lacônicas que de repente não me arrisco nem a decifrá-las, mas ainda assim certos rabiscos me ajudaram a reconstruir na memória muitos acontecimentos. Ali se fala também do meu primeiro encontro com Briussov.

Isto ocorreu exatamente no verão descrito por Tolstoi. Passei com Valiéri Iácovlevitch algumas horas. Êle me deu uma poesia escrita pouco antes sôbre Ariana e discutimos algo. Hoje percebo que esta parte de nosso colóquio deveria parecer bastante insólita em agôsto de 1917.

1. É verdade que Teseu sentia remorso depois de haver abandonado Ariana numa ilha deserta?

2. É mais certo escrever "Teseu" ou "Thesseu"? (Valiéri Iácovlevitch inclinava-se para esta última forma).

3. É justo que um poeta contemporâneo escreva sôbre Teseu? (Eu sustentava que não era justo).

Poder-se-ia pensar que Briussov fôsse um esteta, um formalista, um eterno decadente que houvesse decidido contrapor o próprio mundo à realidade. Não é verdade; logo após a revolução de outubro, quando ainda os seus contemporâneos e os poetas da mais jovem geração (inclusive eu) estavam perplexos, corriam daqui para lá, lamentavam muito e se indignavam por muita coisa, Briussov trabalhava já nas primeiras emprêsas soviéticas. Se falava comigo de Teseu era porque acreditava na vitalidade da poesia e respeitava o próprio trabalho. Por tôda a vida viveu de livros: seus e alheios. Na juventude, um dia teve de admitir ser dotado de uma "estúpida sensibilidade no referente a romances, enquanto não a tinha inteiramente para os acontecimentos da vida real".

Ao interpretá-lo eu era tomado de um duplo sentimento: recordava as suas cartas (mais de uma vez, em verdade, me havia encorajado), respeitava-o, mas, quanto a seus versos, não o amava mais e temia não saber conter-me e ser levado involuntàriamente a ofender um homem a quem devia muito.

Valiéri Iácovlevitch morava na Pervaia Meshchanskaia; para chegar a êle, devia atravessar a famosa Sucharevka. Se o Vaticano, em Roma, é um Estado independente, na Moscou de 1917 um Estado dessa espécie era a Sucharevka; não recebia ordens nem do govêrno provisório, nem do soviete dos deputados operários, nem da milícia. A esplêndida tôrre erguia-se por cima do grandioso mercado; aqui parecia reviver a antiga Rus, com as tristes cantilenas dos seus cegos, com os seus pedintes, com os seus angustiados. Era um misto de blasfêmias, lamentações fúnebres, antigos juramentos em nome do Senhor e falatórios sôbre moedas postas em circulação por Kerenski, sôbre burgueses, sôbre bolcheviques. Aqui via gente de tôda laia; desertores, gordíssimos camponeses dos vilarejos circunvizinhos, ex-governantes, ex-preceptores, ou, simplesmente, ex-*prigivalki* (1) que ficaram desocupadas, calmas mulheres de funcionários, ladrões

1 Mulheres pobres acolhidas em casas ricas como damas de companhia.

fichados, guris que vendiam cigarros livremente, padres que levavam sob o braço galinhas cacarejantes. Todo êste pequeno mundo rumorejava, blasfemava, gritava.

"E Adão gemeu: o meu paraíso, o paraíso!": cantarolava com voz nasal um cego; o seu canto ainda me ressoava nos ouvidos, quando me aproximei da casa de Briussov. A Sucharevka representava a necessária introdução, a chave apta a decifrar o complexo fenômeno chamado Valiéri Briussov; com efeito, se é possível discutir os versos dedicados a Teseu, Asarhaddon, Kukulkan, ninguém poderá negar a importância de Briussov no desenvolvimento da cultura russa. (Valiéri Iácovlevitch escreveu um dia: "Gostaria de não ser "Valiéri Briussov", mas é bom que o tenha sido".

Certamente, não só a Sucharevka tem o direito de figurar na introdução; falei dela porque Briussov morava nas vizinhanças; poder-se-ia também recordar o Zariadie com as suas garrafas; e a Associação de livre estética; e Kitai-gorod; e o comerciante Schtchukin, que adquiria as telas de um Picasso ainda desconhecido de todos; e o Círculo literário-artístico sôbre Bolshaia Dmitrovka, onde Valiéri Iácovlevitch pregava a "poesia científica", enquanto os membros do Círculo, que podiam muito bem fazer menos pela ciência que pela poesia,, jogavam as cartas.Briussov vestia-se à européia, conhecia algumas línguas estrangeiras, enfeitava as suas cartas com têrmos franceses, pendia da parede de sua casa não Maiakóvski, mas o decadente Rops; porém, era uma criatura da antiga Moscou, um tipo calmo e desembaraçado, inconsiderado e pleno de bom-senso.

Seu amor pelo trabalho, sua energia deixava a todos estupefatos. No curso dêsse primeiro encontro, do qual estou falando, êle pôs-se a protestar com violência pela minha atitude, que definia como "irresponsável", nos confrontos da atividade poética: "Como nos chega a inspiração? Eu escrevo versos cada manhã. Tenha vontade ou não, sento-me à mesa e escrevo. Mesmo que a poesia não me saia, acerto uma rima, exercito uma nota métrica. Eis os meus originais." E começou a abrir as gavetas da sua grande escrivaninha, repletas até à borda de manuscritos. Reprovava-me a despreocupação, o meu diletantismo: afirmava a necessidade de organizar uma universidade para os poetas: tratava-se afinal de uma profissão; ainda que "sacra", era preciso ensiná-la.

Era um magnífico organizador. Seu pai havia comerciado em açúcar e eu estou convencido de que, se na juventude Briussov não se tivesse encontrado nos versos de Verlaine e Mallarmé, entre nós haveria florestas de usinas de açúcar, como na Estremadura. Nêle a capacidade de trabalho se equiparava à ambição. Quando tinha vinte anos, escreveu no diário: "O talento, até o gênio, darão honestamente apenas um sucesso lento, admitido que o dêem. Isto não basta! Devo escolher alguma outra coisa... Encontrar a minha estrêla polar na neblina. E eu a vejo: é a decadência. Sim! Qualquer coisa que se diga, seja falso e ridículo, o decadentismo avança, se desenvolve e o futuro lhe pertencerá, sobretudo quando tiver encontrado um digno chefe. E êste chefe serei eu. Sim, eu!".

Organizava casas editôras, fundava revistas, escrevia tratados sôbre a arte poética, traduzia autores latinos, polemizava com pessoas de indiscutível prestígio, educava os jovens; temia sòmente uma coisa: ser deixado para trás pelo seu tempo.

Escrevia freqüentemente sôbre o caos: isto lhe vinha de Tiutchev, mas Briussov queria dominar o caos, que estava decantando, e organizá-lo. Recordo quando tornei a encontrá-lo, no fim de 1920, num palacete em que tinha sede a Lito, como então era chamada a seção do Comissariado do povo para a instrução, à qual estavam confiados os destinos da literatura. Valiéri Iácovlevitch, falando comigo na qualidade de dirigente da seção, ofereceu-me trabalho; indicou-me a parede da qual pendia curioso diagrama: quadrados, rombos, pirâmides; o esquema da literatura. Era ingênuo e, ao mesmo tempo, grandioso: um mago encanecido, tentando transmudar a poesia em diagramas e os diagramas em poesia.

Freqüentemente o definiam como um racionalista, um árido intelectual; muitos asseguravam que não havia sido jamais um poeta. Para mim, êste é um engano: o intelecto para Briussov não era bom-senso, mas uma espécie de culto — e a sua fé na inteligência chegava ao exagêro. Poeta êle era até no sentido mais comum e ordinário do têrmo: vivia em um mundo convencional de esquemas obsessivos. Vrubel fêz dêle um retrato esplêndido: olhos enxutos, semblante afogueado, a fronte como que esquadrinhada atrás.

Recordo o Café dos Poetas, em Moscou, em 1918. Freqüentava-o gente que tinha pouco a partilhar com a poesia: especuladores, simpáticos senhores, jovenzinhos que se autodefiniam futuristas. Valiéri Iácovlevitch anunciou que improvisaria tercetos sôbre temas sugeridos pelos presentes. Recebia bilhetinhos, uns mais estúpidos que os outros. Parecia não se aperceber da presença dos garções, com os gritos de "dois cafés, dois!", parecia não ouvir as risadas dos marinheiros bronzeados. Austero, solene, recitava versos; tinha uma voz estranha, quando declamava; brusca, a impulsos. Ao recitar, jogava a cabeça para trás. Fazia lembrar um domador, só que diante de si não havia leões do circo, mas palavras. Improvisava tercetos, ora sôbre Cleópatra, ora sôbre uma jovem sentada num tamborete, ora sôbre translúcidas metrópoles do futuro.

Enfrentava cada coisa com a máxima seriedade; seus versos eróticos são uma espécie de Baedecker do reino de Citera. Cercado de poetas, prêsa de sensações místicas, deu-se ao estudo das "ciências ocultas"; conhecia a fundo as peculiaridades dos pesadelos e dos súcubos, dos exorcismos, os sortilégios medievais.

Quando entraram em cena os futuristas, Bálmont suplicou-lhe, ingênuamente, que aguardasse um pouco antes de destroná-lo. Briussov, com o seu canto, tentou demolir Bálmont escrevendo uma poesia intitulada *Sarau futurista.* Maiakóvski escrevia: "Enquanto erra após os sóis pelos caminhos, inútil a todos, a flácida lua"; e Briussov: "Moeda mal cunhada, por sôbre os pináculos foi pendurada a lua". Todavia os futuristas não o tiveram nunca como um dos seus, e entre as palavras de ordem difundidas figurava também esta: "Arrebatar a couraça de papel da negra casaca do guerreiro Briussov".

Valiéri Iácovlevitch conseguiu descobrir na França o obscuro poeta René Ghil, arauto da "poesia científica". A Briussov agradavam as argumentações de René Ghil: Valiéri Iácovlevitch desejava de há muito poder ser um feiticeiro munido de conhecimentos superiores, um mago-acadêmico.

Tinha estudado a fundo Púshkin, escrevia de anáforas, zeugmas, prolepses, silepses, tinha calculado que no terceiro capítulo do Onegin setenta e três por cento das rimas se distinguem pela concordância dos sons antes do acento tônico, enquanto no quarto capítulo tal percentagem é de apenas cinqüenta e três. Briussov experimentou escrever a última parte das *Noites egípcias,* criar uma infinita variante do *Cavaleiro de bronze;* mas não quis êle próprio reler essas suas tentativas acadêmicas.

Alguns acusaram injustamente Briussov de não ter bom gôsto: esta atitude foi comum a todos os simbolistas; evidentemente sentiam assim. Não é talvez singular a sua quase unânime admiração pelas poesias de Ígor Sievieriánin, que a nós parecem modelos de banalidade? Briussov, pouco antes de morrer, podia escrever: "Eu estou entre dois mundos. Primeiro entre os semelhantes no convívio da nobreza, com cada suspiro, em cada nervo faço eco aos espíritos das supremas esferas". Penso agora na poesia dos simbolistas: um fenômeno maravilhoso. Quando nasceu o grande poeta Alexandre Blok, foi como se tivessem libertado o verso russo da servidão à gleba. Mas quanto me parecem mais compreensíveis, no plano humano, as obras não só de Tchekhov, mas também dos seus satélites, que não os diários de Briussov, as notas de viagem de Bálmont e o epistolário entre Blok e Andriéi Biéli!...

Foi a razão que impeliu Briussov a aceitar a revolução: o poeta antevira o amanhã, quando se achava pela casa dos cinqüenta. Trabalhava no setor das bibliotecas, labutava para difundir a poesia, fazia muitas coisas boas e importantes. Existe em alemão uma palavra algo áspera — *Kulturträger* — cujo significado, porém, se aplica plenamente à atividade desenvolvida por Briussov, antes e depois da revolução. Eu prefiro uma definição mais aceitável: Briussov era um iluminista.

Estava convencido de que a revolução transformaria tudo radicalmente; dizia-me que a cultura socialista seria distinta da capitalista, da mesma forma bem nítida com que a Roma cristã se diferenciara da de Augusto.

Briussov queria aproximar-se do nôvo, mas também, como poeta, se sentia muito estreitamente ligado ao velho mundo. Os seus versos sôbre a revolução são impregnados de imagens mitológicas e a linguagem é a típica dos simbolistas. Nas jornadas de outubro êle acreditou ver em Moscou os três parques da Hélade. Quando Cicerin firmou um acôrdo com a República alemã, Briussov escreveu: "Do convênio dos Lemures ao convênio de Rapallo..." Êle chamava à razão os defensores do capitalismo: "Foi assim, durou sob diferentes bandeiras, de Semíramis a Poincaré... Qualquer um, entrincheirando-se na sua posição de senhor das riquezas, teria bem seguras ao punho as rédeas do fatal quadrado". Recordo o judicioso francês médio, Sr. Poincaré; sem dúvida, tê-lo-ia lisonjeado saber que alguém o havia pôsto junto à legendária Semíramis. Às vêzes,

Briussov se deixava tomar de melancolia e se lamuriava, como na juventude: "Todos os homens, hoje, dada uma olhadela nos obstáculos a vencer, recaem sempre nas repetições dos mesmos arpejos, no velho repertório de acôrdos..."

Morreu no outono de 1924, na idade de cinqüenta e um anos. Encontrava-me em Paris; organizamos uma sessão em memória de Briussov. Quando uma pessoa morre, de um golpe é vista de maneira nova, em tôda a sua estatura. Briussov tem esplêndidos versos, que ainda hoje permanecem vivos. Quiçá próximo ao seu berço não tenha pousado a fada da tradição, mas, se não o embalou, êle se fêz poeta. Ajudou dezenas de jovens poetas que depois o condenaram, o repeliram, o destronaram. Para a jovem Rússia soviética êste veemente construtor, êste infatigável selecionador foi muito mais necessário que uma caterva de adocicados poetas.

Não posso deixar ainda uma vez de recordar os meus anos parisienses. Valiéri Iácovlevitch me sustentou; até os seus pitos me ajudaram a viver.

Durante o nosso primeiro encontro, Briussov começou a falar de Nádia Lvova: a ferida não estava ainda cicatrizada. Talvez me lembrasse, naquele momento, da poesia que Nádia escreveu, antes de morrer, sôbre as têmporas encanecidas de Briussov, mas é fato que Valiéri Iácovlevitch me pareceu muito velho, e no meu caderninho anotei: "Encanecido, muito velho" (tinha então quarenta e quatro anos). Escrevi, além disso: "Para êle a vida está em segundo plano". Talvez, escrevendo essas palavras, pensasse em Nádia, ou talvez na revolução; mas, isto é certo, tinha em mente as suas palavras, pelas quais "tudo na vida talvez não passe de um meio para compor versos sonoros".

Presenteou-me, como recordação de nosso encontro, uma livreta com a seguinte dedicatória: "Em sinal de afinidade em um plano, de divergências em outro". Isto se referia à nossa discussão sôbre poesia. Não falamos dos acontecimentos daquele tempestuoso verão; só no momento de ir-me, não me contive e perguntei: "Que acontecerá depois?" Valiéri Iácovlevitch respondeu-me em versos: "Agita-se o dilúvio... Mas na abóbada celeste, alta sôbre o pó, como um arco-íris, a liberdade prenuncia dias luminosos".

Cheguei a Sucharevka. O cego com o seu "Adão" havia desaparecido; no ângulo da Sretenka aglomerava-se a gente: alguém

havia levado uma punhalada. Permaneci um pouco parado, depois caminhei; não pensava em Teseu, mas no dilúvio.

3

Marina Ivanovna Tzviétaieva, quando a conheci, tinha vinte e cinco anos. Admirava-se nela um misto de altivez e desalento; o porte altivo, a fronte projetada para trás, a testa muito alta; o desalento transparecia dos olhos grandes, indefesos, átonos como os dos cegos: Marina era míope. Os cabelos, cortados curtos, formavam aos lados do rosto um parêntese. Parecia uma donzela dengosa ou um rapazola do interior.

Numa poesia Marina Tzviétaieva falava de suas avós. Uma delas era uma simples mulher russa, espôsa de um sacerdote de vilarejo, a outra uma aristocrata polaca. Marina associava em si a cortesia ao velho estilo à arrogância, a vaidade à timidez, um romantismo livresco a uma verdadeira simplicidade de ânimo.

Quando a visitei pela primeira vez, conhecia os seus versos; alguns me agradavam, particularmente uma poesia, escrita um ano antes da revolução, na qual Marina falava dos seus futuros funerais: "Pelas ruas de Moscou abandonada eu viajarei e tu me levarás; mais de um ficará para trás, caminho avante, a primeira pá de terra retumbará na tampa do caixão e finalmente será destruído um sonho egoísta, solitário... Perdoa, Senhor, a boiarda Marina, há pouco defunta, pelo seu orgulho..."

Apenas entrei no pequeno apartamento fiquei confuso: difícil imaginar um abandono maior do que aquêle. Então viviam todos em ânsia, mas o aspecto exterior continuava a ser o mesmo de antes; Marina, porém, havia como que intencionalmente desarrumado o seu esconderijo. Tudo lançado confusamente, coberto de pó, de cinza de cigarro. Aproximou-se de mim uma pequerrucha, magra, pálida e, apoiando-se confiantemente em mim, começou a sussurrar: "Oh, estas vestes pálidas, oh, êste estranho silêncio... os braços carregados de lírios, tu miras sem pensar..." Senti-me congelado de horror: a filhinha de Tzviétaieva — Alia — tinha então cinco anos e estava recitando versos de Blok. Tudo era inatural, fictício; o apartamento, Alia e as conversas de Marina. Ela então parecia tomada pela política, dizia-se favorável aos cadetes.

Nos seus versos juvenis Tzviétaieva havia exaltado a arrebatada liberdade de Razin. Por sua natureza era mais afeita à rebelião que à ordem constituída, concebida no verão de 1917 pelos burgueses aterrorizados. Tzviétaieva não tinha nada em comum com êles, mas se havia afastado da revolução, criando-se na imaginação uma Vendéia romântica; tinha piedade do czar embora condenando-o: "Mais de uma vez recordaremos aos pósteros a bizantina perfídia dos vossos olhos límpidos"). Repetia: "Oh, tu, minha nobre, minha real tristeza..."

Como seu marido, Serezha Efron, se havia engajado no exército dos brancos? Eu havia conhecido em Paris o irmão mais velho de Serezha, o ator Pietr Iácovlevitch Efron, tuberculoso, logo falecido. Serezha parecia-se com êle, era extremamente dócil, modesto, pensativo. Não consigo compreender exatamente como se tornou um *chouan*.[1]

Êle partiu, e Marina escrevia versos frenéticos: "Por Sofia e contra Pedro!"[2] E ainda: "André Chenier subiu ao patíbulo, enquanto eu — tremendo pecado — vivo". Recitava êsses versos nos saraus literários; ninguém a perseguia por tão pouco. Tudo era ficção livresca, absurdo romantismo, que Marina pagou com a sua mutilada e dificílima vida.

Quando no outono de 1920 consegui transferir-me de Koktébel a Moscou, encontrei Marina sempre imersa naquela sua solidão obsessiva. Tinha terminado um livro de versos, que exaltava os brancos: *O campo dos cisnes*. Naquele período eu já havia tido tempo de ver muitas coisas, entre as quais a Vendéia russa, havia meditado sôbre muitas coisas. Tratei de fazê-la compreender o que eram, em realidade, os brancos, mas ela não me acreditou; tentei discutir, Marina zangou-se. Tinha um temperamento difícil e mais que todos sofria ela mesma. Conservei um livro seu, *Separação*, com esta dedicatória: "A ti, cuja amizade me custou mais cara que qualquer inimizade e cuja inimizade me é mais cara que qualquer amizade, a Ehrenburg, de Marina Tzvietáieva. Berlim, 22 de maio de 1922". (Escrito com o "jat", até com os "signos duros",[3] se bem que, naquele período, nela subsistisse bem pouco das antigas convenções).

[1] Nome dado aos insurretos realistas da Vendéia e da Bretanha no período da Revolução francesa.

[2] Trata-se de Pedro o Grande e de sua irmã Sofia.

[3] Letras do antigo alfabeto russo abolidas com a reforma de 1918.

Quando, na primavera de 1921, fui um dos primeiros cidadãos soviéticos que emigraram, Tzvietáieva pediu-me para fazer qualquer coisa para encontrar seu marido. Consegui saber que S. Efron estava vivo e se encontrava em Praga; escrevi a Marina. Ela se reanimou e começou a fazer tudo para obter o passaporte. Contou-me que lhe foi concedido imediatamente; no comissariado do povo para relações exteriores Mirkin lhe disse: "Lamentarás partir. . ." Tzvietáieva levou consigo o manuscrito do livro *O campo dos cisnes.*

O seu encontro com o marido foi dramático. Êle contou-lhe as atrocidades cometidas pelos brancos, falou-lhe de seu voto espiritual e dos "pögrom". Na sua narrativa os cisnes tinham o aspecto de corvos. Marina ficou assustada. Em Berlim, tive uma vez ocasião de falar-lhe durante uma noite inteira e no fim de nossa conversa me disse que não publicaria o seu livro.

(Em 1958, a coletânea *O campo dos cisnes* foi publicada em Munique. Partindo, na véspera da segunda guerra mundial, para a União Soviética, Tzvietáieva deixou o seu arquivo numa biblioteca de Basiléia, "país neutro". Não sei como fizeram os editôres para obter o manuscrito; evidentemente, perseguiam fins políticos, sem tratar de respeitar a vontade da autora: Tzvietáieva havia em verdade passado dezessete anos no exílio e tôdas as vêzes que lhe propuseram publicar *O campo dos cisnes* não quis saber disso).

Eu iria aprofundar e ampliar a narrativa sôbre aquela Vendéia imaginária, falar de como às vêzes a arte se torna pausa, um verniz superposto, uma espécie de hábito (aliás já falei a respeito, recordando os meus versos juvenis). A observação não se aplica sòmente a *O campo dos cisnes,* mas a muitos livros de muitos poetas, e esta explicação pode ajudar, pelo menos em parte, a compreender o que contarei mais adiante.

Como disse, não pude conservar as minhas velhas cartas. Tzvietáieva havia levado consigo para Moscou uma pequena parte de seu arquivo, com cópias de algumas cartas que me eram endereçadas. Numa delas Marina escrevia: "Naquela ocasião, em 1918, tu repelias os meus Don Giovanni (uma "capa", que não cobre e não revela); agora, em 1922, fazes o mesmo com os meus "czar-de-vitsa"[1] e os meus Egoruska (a Rus dentro de mim, isto é, o aspecto secundário). Então e agora quiseste de mim sòmente uma coisa: eu mesma, isto é, o esqueleto sem manto e

1 Personagens de poemas.

sem cafetã e, além de tudo, lacerado. O conceito, as figuras, a revelação mediata, tudo isto para ti era mais ou menos fictício. Querias de mim o essencial, a coisa sem a qual eu não sou eu... Não te confundi nem uma vez (como farei sempre comigo mesma), demonstraste ser mais perspicaz que eu. Naquele momento, em 1918, e agora, em 1922, fôste e és cruel: nenhum capricho!. . . Tens razão. A luxúria, em poesia, não é absolutamente melhor do que a luxúria na vida. Os outros, aliás, se dividem em duas categorias: os tutores da ordem, isto é, "em poesia faça o que lhe parece, apenas se comporte bem na vida"; os segundos, os estetas: "Na vida faça o que lhe parece, contanto que escreva bons versos". E apenas tu: "Nada de luxúria, nem nos versos, nem na vida. Tu não tens necessidade disso". Tens razão, dado que é exatamente verso o que caminha em silêncio".

Caminhava e chegou à meta que se havia proposto, alcançou-a percorrendo uma via de sofrimento, de solidão, de renúncia.

As suas relações com a poesia eram complicadas e tormentosas. Escreveu muita coisa injusta sôbre Briussov: não discernia o aspecto exterior e não se esforçou por analisar mais fundo, por meditar mais profundamente, mas, como é natural, não podiam fazer menos que suscitar o seu marcado desdém como êste: "Tudo na vida talvez não passe de um meio para compor versos sonoros e tu, finda a despreocupada infância, buscas combinações de palavras". Tzvietáieva respondia: "Palavras em vez de significados, rimas em vez de sentimentos? Como se as palavras nascessem das palavras, as rimas das rimas, os versos dos versos. . ." E ao mesmo tempo vivia prisioneira da poesia. Recordando as palavras da oitocentista K. Pavlova, Tzvietáieva intitulou um dos seus livros *Trabalho.* Nêle escrevia: "Buscai, confiadas amigas, que não tenham comutado o prodígio com as cifras. Eu sei que Vênus é obra de mãos humanas e, artesã, conheço o meu mister".

Marina deu a muitos o nome de amigo; a amizade se rompia repentinamente, e Marina dizia adeus à sua ilusão. Todavia, eu fui um amigo a quem ela permaneceu fiel até ao fim: "Sim, houve um ser profundamente amado e era uma mesa", a sua mesa de trabalho, os seus versos.

Encontrei muitos poetas em minha vida e sei o tributo que o artista paga à sua paixão; mas, se não me engano, não existe

entre as minhas recordações uma imagem mais trágica que Marina. Na sua biografia tudo parece incerto, ilusório: as idéias polítimas, os juízos críticos, os dramas pessoais: tudo, exceto a poesia. Restam vivas poucas pessoas que tenham conhecido Tzvietáieva, mas sòmente agora a sua poesia está entrando no mundo de muitos.

Da adolescência à morte permaneceu só, e esta sua renúncia era devida à constante recusa a quanto a circundava: "Enamorei-me de tôdas as coisas de minha vida. Amei-as com um adeus, não com um encontro, com uma ruptura, não com uma fusão". Também no exílio Tzvietáieva se encontrou sòzinha; as revistas dos emigrados publicavam de má vontade os seus versos, e quando ela escreveu palavras de admiração por Maiakóvski suspeitaram-na de "traição". Numa de suas cartas contava: "No exílio, a princípio me publicam, depois, caídos em si, tiram-me da circulação, tendo farejado um não sei quê de estranho por baixo. O conteúdo parece "nosso", dizem, "mas a voz é dos outros".

Naquilo que se costuma chamar política, Tzvietáieva era ingênua, sincera. Em 1922, publicava, juntamente com o pintor E. Lisitsk, a revista *O objeto,* que saía em russo, em francês e em alemão. Marina, tendo-lhe manifestado o desejo, traduziu para nós, em francês, uma poesia polêmica de Maiakóvski. Nos anos de trinta, não aceitara ainda o nôvo "estilo": não falo do artístico, mas simplesmente do calendário. (Recordo os episódios do primeiro ano do poder soviético; em Petrogrado, numa reunião, Blok defendia, dedo em riste, a velha ortografia: estava pronto a aceitar tudo, mas a palavra "les"[1] com o simples "e" em lugar do "jat" não lhe dava a idéia da floresta).

Durante os anos da primeira guerra mundial, Tzvietáieva escrevia: "Alemanha, minha loucura! Alemanha, meu amor!" (Neste amor não estava sòzinha, também Blok falava da sua devoção à cultura alemã). Um quarto de século mais tarde as divisões alemãs penetravam na Praga traída e Marina a maldisse: "Oh, mania! Oh! múmia de grandeza! Arderás, Alemanha! É loucura, loucura o que fazes".

Os nossos encontros, durante os anos trinta, foram raros, ocasionais, vazios. Eu não sabia como e de que ela vivia, não conhecia os seus últimos versos. Foram aquêles, para Tzvietáieva,

1 Floresta.

anos de duras provas e de trabalho escasso: compreendo agora quanto amadureceu no plano poético, libertando-se das últimas "capas" e descobrindo palavras simples e penetrantes.

Vivia muito mal: "Meu marido está doente e não posso trabalhar. Minha filha ganha, fazendo gorros de malha, cinco francos por dia, com o que vivemos quatro (tenho um filho de 8 anos, George), o que quer dizer, em poucas palavras, crescemos lentamente de fome".

S. Ia. Efron tornou-se um *evraziets,*[1] depois um dos promotores da Associação pelo retôrno à pátria. Dirigindo-se a seu filho, aos jovens nascidos no exílio, Marina escrevia: "Pára de fazer banquetes fúnebres em memória de um Éden no qual jamais estiveste..." Alia partiu para Moscou; bem cedo seguida por Efron. Mas a própria Tzvietáieva não havia encontrado lugar naquele pretenso Éden. O mundo de ontem nunca lhe parecera um paraíso perdido. 'Também eu gostava de rir quando não se pode rir". Eram muitas as coisas de que gostava exatamente porque tinham a etiquêta do "não se pode"; aplaudia, quando não o faziam os seus vizinhos, permancia sòzinha contemplando o pano de bôca já baixado, saía da sala em meio a um ato para meter-se a chorar no corredor escuro e deserto.

De pequena Marina deixara-se subjugar pelo *Aiglon* e por todo o romantismo convencional de Rostand. Com o passar do tempo as suas paixões tornaram-se mais sérias e profundas: Goethe, o *Hamlet, Fedra* de Racine. Às vêzes, escrevia versos em francês, em alemão. Mas em tôda parte, exceto na Rússia, sentia-se estrangeira. Nela tudo estava ligado à paisagem nativa: dos "sorvos quentes" da primeira juventude ao último alento salpicado de sangue. Os temas fundamentais da sua poesia eram o amor, a morte, a arte, e Marina tratava êsses temas à russa. Para ela o amor era o "duelo fatal" de que falara Tiutchev. Tzvietáieva escrevia a respeito da Tatiana de Púshkin: "Que outro povo possui uma protagonista do amor comparável a ela, intrépida e digna, enamorada e inflexível, clarividente e amorosa?" Acima de tudo Marina odiava os sub-rogados do amor: "Quantos dêles vêm comer nas mãos, como os pombos brancos e

1 Literalmente: eurasianista. O eurasianismo foi uma corrente política surgida no meio dos exilados, que, propugnando uma suposta afinidade entre a cultura russa e a oriental, propugnava pelo seu triunfo sôbre a decadente cultura latino-germânica.

cinza-azulados! Reinos inteiros, oh baixeza, arrulham em tôrno a teus lábios!" Ela mesma era enamorada e inflexível.

Tzvietáieva regressou à pátria com o filho de catorze anos em 1939. Parece que uma das suas últimas poesias foi escrita depois que os fascistas deram o golpe de graça na Espanha, invadindo depois a Checoslováquia: "Recuso-me a viver em um caos de não-homens, recuso-me a viver. Recuso-me a ulular com os lôbos das praças..." S. Ia. Efron morrera, Alia vivia longe. Marina estava sòzinha em Moscou.

Veio a mim em agôsto de 1941; não nos víamos há muitos anos e o encontro correu mal, por minha culpa. Era de manhã e o alto-falante apenas havia anunciado: "As nossas divisões abandonaram..."

Os meus pensamentos vagavam longe. Marina logo o percebeu e deu à conversa um cunho de conversa de negócios: viera para aconselhar-se sôbre o trabalho, para falar de traduções. Quando se levantou para ir-se, disse-lhe: "Marina, devemos ver-nos, devemos conversar". Não, não nos encontramos mais. Tzvietáieva suicidou-se em Elaburg, onde acabou após o avanço sôbre a capital.

O filho de Marina morreu no *front*. Às vêzes me encontro com Alia; recolhi os versos inéditos de Marina.

Algumas frases de Tzvietáieva não me saem da mente: ficaram impressas em minha memória para tôda a vida. Não era sòmente um imenso talento poético o seu. Diferentes eram os caminhos e, se não me engano, nunca aconteceu encontrarmo-nos numa dessas encruzilhadas em que o homem, na realidade ou sòmente em suas ilusões, escolhe o próprio caminho. Mas no destino poético de Tzvietáieva há um ponto de afinidade e de coincidência com o meu: as incitantes dúvidas sôbre direitos da arte e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de afastá-las. Marina Ivanovna perguntava-se que seria mais importante, se a poesia ou a criação da vida real, e respondia: "À exceção dos parasitas de cada espécie, todos são mais importantes que nós (isto é, os poetas)". Após a morte de Maiakóvski escreveu: "Viveu como um homem, morreu como um poeta..." Tzvietáieva jamais tentou fugir à vida; ao contrário, queria viver com o seu próximo: para ela a solidão não era um programa, uma maldição; estava ìntimamente ligada ao único amigo do qual disse: "Êste ser era uma mesa..." Não estivera nunca na Rotonde, não conhecera Modigliani, entretanto deixou escrito: "Gueto de eleitos. Bastião e fossa. Não deves esperar misericórdia. Neste mundo cristianíssimo (entre todos os mundos possíveis) os poetas são párias". A palavra "eleitos" pode engendrar confusão; Tzvietáieva entendia por "gueto" não a orgulhosa solidão, mas uma condenação: "Que poeta entre os passados e os presentes não é como um negro?". Quando releio os versos de Tzvietáieva, de repente deixo de pensar na poesia, passo às recordações, à sorte de muitos dos meus amigos, ao meu tema: homens, anos, vida...

4

Tenho diante de mim um pedaço de jornal amarelado e descolorido; são as *Notícias da Bôlsa* de 24 de setembro de 1917. Algumas novidades teatrais: "O teatro Mikhailóvski está encenando a morte de *Ivan o Terrível*, mas é muito provável que venha a sair do repertório, por causa da escassez numérica da companhia e do desacôrdo entre as tendências políticas da própria obra e os acontecimentos e os estados de ânimo de nossos dias". "A comissão junto ao soviete dos deputados dos operários e dos soldados organizará, em outubro, uma série de concertos sinfônicos. Participarão os solistas e a orquestra do 171.º regimento de infantaria da reserva, da frente ocidental. Dirigirão os concertos A. Glazunov, A. Ziloti e A. Kouts". Ao lado está publicado um relato meu, escrito de Moscou:

"No apartamento n.º 6, onde mora um escritor simbolista, encontramos reunida uma seleta companhia: madame Eleonora, teósofa, um oficial com condecorações, um outro escritor um pouco mais jovem, alguns intelectuais comuns.

"— Ninguém nos dá atenção — lamenta um dos intelectuais. — O nosso povo é indigno da liberdade, são todos patifes, estupradores, ladrões. No bonde roubaram-me duas chaves. Essa gente quer paulada. A liberdade foi-lhe concedida demasiado cedo. Dizem: devemos instruí-los. Instruir êsses cidadãos? Não e não! Que se provem um pouco, que se façam ver. Assim cortarão o pescoço nos reveses, depois chegará um general num cavalo branco para repor a ordem. Será melhor assim...

"— Mas que dizes — suspira melancòlicamente a teósofa — tu falas de um general a cavalo, enquanto eu pensava em Miliukov...

"— Exatamente assim, aqui se requer paulada — explica-lhe cortêsmente o oficial. — Pense um pouco, antes dessa liberdade os soldados respeitavam muitíssimo, poderei dizer até amavam um oficial que, desculpe-me, na ocorrência não pensava duas vêzes em rachar-lhes a cara. Agora, ao contrário, todos êsses sovietes e outras porcarias. Que os nossos "patrícios" tomem resoluções?... Não consigo! Queriam dar-me a cruz de São Jorge pela minha coragem. Recusei: era um lôgro! Exatamente assim, aqui é preciso paulada, aqui é preciso disciplina..."

"O escritor simbolista examina com ar perplexo, arregalando os olhos, os seus hóspedes; arenga-lhes:

"— Andem! Escondam-se! Salvem a nossa cultura, a nossa sabedoria, a nossa fé, do assalto dêsses bárbaros! Todo o nosso patrimônio jaz nas bibliotecas, nos museus, nos nossos espíritos. Defendam o museu! Tapem os ouvidos para não ouvir a voz das praças! Eu não abro sequer êsses malditos jornais, não saio quase de casa. Nos meus ouvidos ressoa o peã...

"— Eu, porém, *maître* — declara o jovem escritor — assumi uma posição um pouco diferente. No fundo da alma sou impassível, mas sigo o jôgo das paixões. Coloco-me acima da briga. Mas quanto material para o meu futuro romance!...

"Todos começam a falar de peã e de iambos, de simbolistas e de futuristas. Sòmente um quarto de hora mais tarde, a propósito de certa papa doce, um substituto do açúcar que custa apenas sete rublos, todos retornam à terra. E o intelectual reataca lamuriando:

"— Canalha! Aqui está faltando pau! Aqui precisamos de um general!"

Fazendo mofa dos outros, caçoava de mim próprio: não pensava nem no bastão, nem no general, nem na pasta adocicada a bom preço, não compreendia os acontecimentos em curso.

Moscou vivia como na estação: à espera da terceira campanada, último sinal antes da partida. Organizavam-se redadas de desertores. Por tôda parte se blasfemava, particularmente nos bondes, que trafegavam cobertos de cachos humanos. No Metrópole, liberais, prêsa do desespêro, tragavam champanha francesa, pagando a conta com enormes bilhetes do banco de Kerenski, impelidos pelo arraigado costume, rosnando que era necessário salvar a Rússia; talvez quisessem salvar sòmente a si próprios, mas não acreditavam em nada e viviam por fôrça da inércia. No café Bom, editôres novatos afirmavam que teriam publicado a *Gabriliade*[1], as memórias de Rasputin e a coleção das obras completas de um de nós; alguns perdiam bem cedo a paixão de editor para passar a outros campos: as manufaturas ou o açúcar. Nas salas de chá de Sabolovka, a gente esperava com ar taciturno que o drama concluísse.

Minha mãe encontrava-se em Ialta; pude vê-la após longa separação. Consegui com dificuldade adquirir um bilhete e abrir caminho dentro do vagão. Encontrei minha mãe muito envelhecida: tossia, agasalhava-se com um peludo chale de Orenburg e tinha mêdo das salvas (atirava-se freqüentemente e à vontade e não se sabia por quê).

Dei um salto até Koktébel, para ver Volóchin. Falou-me de elementos naturais desencadeados, do arcipreste Avvakum, das três fúrias angüícomas; mas os seus olhos faziam pensar em janelas com as persianas fechadas.

No trem os passageiros agarraram um pequeno ladrão, um rapazola de uns doze anos; caíram-lhe todos em cima, espancaram-no. Vejo ainda hoje aquêle rosto infantil banhado de sangue... Numa estação o trem ficou retido por três horas; todos correram ao mercado, compraram a maior quantidade possível de pão e de mel, depois organizaram uma espécie de comício e se entregaram às arengas. Uma jovem, comprimindo no seio um enorme pão, gritava histèricamente que agora até os inválidos tinham o dever de ir para o *front*. Um soldado a insultava com palavrões, mas ela não queria saber de dar o fora. Os contrabandistas não tiravam os olhos das suas bôlsas e sorriam com ar fingido.

Quando cheguei a Moscou estavam em curso combates nas ruas. Junto à Porta Vermelha vi um velho estendido na calçada: havia morrido de uma bala perdida.

Em 1921, o autor de *Júlio Jurenito* descrevia assim as vicissitudes interiores do personagem, chamado no romance "Ilya Ehrenburg": "Eu maldizia a minha estúpida estrutura corpórea.

1 Poema anti-religioso de Púshkin.

Uma das duas: ou se deviam substituir os olhos, ou se deviam tirar do meio aquelas mãos boas para nada. Nesse momento sob a janela estão fazendo, não com os cérebros, não com ficções, não com os versos, não, exatamente com as mãos, estão fazendo a História... Dir-se-ia que não há nada melhor: desce a galope os degraus e plasma o mais ràpidamente, esta história, até que tenhas às escondidas o barro e não o granito, até que se possa escrevê-la com as balas e não lê-la nos seis volumes de um sabichão alemão. Ao invés disso, estou sentado num cubículo, mastigo uma costeleta fria e cito Tiutchev. Malditos olhos, estrábicos, míopes ou presbitas, mas de qualquer forma inservíveis! Para que querer trinta e três verdades, se isto não te permite apertar no punho uma só, torturada embora, mas tua, como teu é o teu sangue, concreta? Ao redor, lamentam-se, regozijam-se e glorificam por várias circunstâncias o Senhor. "Graças a Deus, chega Aleksiéi, expulsaram os bandidos!", exclama Lelia. "Graças ao Senhor — desmilingüiu-se a sua criada Matresa — os bolcheviques levam a melhor". Eu não sou capaz nem disso... Recordem, senhores da chamada "posteridade", de que coisas estava se ocupando naqueles dias, verdadeiramente únicos, o poeta russo Ilya Ehrenburg".

Escrevia mais adiante, sempre no mesmo *Jurenito*: "Por tôda parte se cantava réquiem; note-se que muitos deploravam coisas de que antes não se haviam apercebido, ou delas se aperceberam sòmente para desaprová-las: Lelia, a autocracia; Serezha (no que está com Mikhailóvski), a Igreja; o liceal Dedia, a indústria e as finanças. Era fazer alguma coisa, e, à falta de algo melhor, pus-me a lastimar... Rememorava, cantava réquiem, escrevia versos e recitava-os com medíocre sucesso nos numerosos "cafés dos poetas".

Desta vez o autor de *Jurenito* não falava de um personagem imaginário, mas de si próprio, falava dêle sinceramente, não tratando absolutamente de justificar-se ou de fazer-se belo. Todavia eu me ludibriava não só três anos mais tarde, mas também quando mais me sentia perplexo, enquanto buscava a trigésima terceira verdade e lamentava um mundo que não havia sido jamais o meu. Então escrevia versos muito ruins: a arte não tolera a mentira, enquanto eu procurava enganar-me a mim mesmo, invocava um deus em que não cria e vestia panos não meus.

Nos diários de Blok há uma nota de 31 de janeiro de 1918: o jovem Steng fala a Blok da atitude da juventude nos confrontos

da poesia: "Antes havia 3 B (Bálmont, Briussov, Blok); pareciam insípidos e foi a vez de Maiakóvski, insípido êle mesmo; e eis Ehrenburg (êste faz mofa de si próprio, melhor e mais; por isso, dentro em pouco todos nós amaremos sòmente Ehrenburg)".

"Steng" é o jovem poeta V. O. Stenich. Conheci-o mais tarde. Recitava, alternando-os, versos de Blok, de Maiakóvski, de Khliébnikov e os próprios; tinha o motejo triste; quem sabe por que, ficou-me na mente a sua divertida paródia de Ánienski: "Existem momentos em que não se tem piedade nem dos cordeiros. Assim escreveu no seu livro de culinária Elena Molochovets".[1] Morreu no curso dos anos trinta. Se então tivesse ouvido de Stenic que os meus versos agradavam a alguém, sem dúvida seria estúpido: a mim não agradavam. Numa anotação de meu caderno buscava persuadir a mim mesmo: "Precisa meter-se a escrever, entregar-se à jardinagem, ou, quando tudo estiver tranqüilo, comprar uma máquina fotográfica com tripé e ir trabalhar nas feiras".

"Feliz quem visitou êste mundo nos seus minutos fatais", escreveu um poeta de vinte e sete anos, segundo secretário da embaixada russa em Munique. O jovem Tiutchev havia lido, nos jornais, sôbre a revolução francesa de 1830 e, estirado na areia da plácida, sonolenta Riviera, invejava um testemunho daquela tempestade: "Êle, espectador de sublimes espetáculos..." Mas, na realidade, quando a história das páginas de um manual cai nas ruas, não há nada mais estúpido e humilhante do que a parte do espectador. Em vão o pretenso sábio se esforça por interpretar os acontecimentos: se te aproximas demasiado de um grande edifício, mesmo sendo esplêndido, o mais grandioso possível, só poderás discernir os particulares. Quem participa dos fatos compreende muito mais que o frio observador; é tomado pela obsessão, não que ama e odeia, mas que se esforça, sentado numa sala, de decifrar a rápida sucessão do enquadramento do filme.

Um dia encontrei Aleksiéi Ivanovich Okulov. Havia-o conhecido em Paris como um tipo taciturno, que bebia muito e não sabia bem o que fazer; anotava qualquer coisa em seu caderninho, depois dispunha sôbre a cama as folhinhas e assim costurava tôda uma história; certa vez lhe deram até um prêmio.

[1] Molochovets faz rima com "ovets", cordeiro.

Era considerado um escritor, mas, após haver bebido, punha-se a gritar: "Eu, escritor? Se de fato sei fazer alguma coisa, é atirar!" A sua biografia era movimentadíssima: esquadrões de combate, prisões, exílios, atividade clandestina, de nôvo prisões e novamente exílios.

Na Moscou revolucionária sentia-se a gôsto; disse-me que dentro de poucos dias partiria para o *front*. Esta alegria espiritual é privilégio de quem participa ativamente dos acontecimentos. A sorte dos espectadores é muitíssimo mais triste. Górki escrevia: "Em 1917-18 as minhas relações com Lênin não eram exatamente como as desejaria, mas não podiam ser diversas. Êle era um político. E possuía à perfeição aquela excepcional capacidade de orientar-se, que é tão necessária ao pilôto de uma nave imensa e pesada como a plúmbea Rússia camponesa. Eu, ao contrário, sinto uma repulsa orgânica pela política e creio pouco na razão das massas em geral, na das massas camponesas em particular". Górki sentiu-se na roupagem do espectador e treze anos mais tarde escrevia: "Que os leitores conheçam o meu êrro. Seria ótimo se servisse de lição aos que são levados a tirar conclusões apressadas das suas observações".

(Parece-me que Górki estava errado em apenas um ponto: os homens aprendem dos próprios enganos, não dos alheios; muito freqüentemente na história se repetem os mesmos erros).

Não posso dizer que me tenha mantido sempre afastado da política ou, para ser mais preciso, da ação: comecei com a atividade clandestina, depois, na idade madura, participei mais de uma vez dos eventos; na seqüência dêste livro os fatos políticos assumirão mais de uma vez o predomínio dos temas e dos quadros. Mas em 1917 eu era um simples observador e foram-me necessários dois anos para dar-me conta do significado da revolução de outubro. Para a história dois anos são o mesmo que nada, mas na vida dos homens se trata de muitas jornadas confusas, de complicadas meditações e, simplesmente, de dor humana.

Desde então quarenta e três anos são passados... Gostaria de recordar como se apresentava a França quarenta e três anos após a revolução de 1789. Para trás havia um caleidoscópio de acontecimentos: o Termidor, a senhora Tallien, um jovem corso, as guerras napoleônicas, os cossacos em Paris, de nôvo os Bourbons, o terror branco, uma pequena revolução e, finalmente,

Luís Felipe, cuja democracia consistia em andar de passeio com o chapéu na mão, respondendo às reverências de seus fiéis súditos. Para um parisiense de 1832 a revolução de 1789 integrava os feitos de uma época ultrapassada e misteriosa. De cem pessoas com quem falei ontem, sim e não, uma se recorda ainda da Rússia pré-revolucionária: para os de cinqüenta anos, sem falar dos mais jovens, a organização soviética não é uma idéia que se possa discutir, não é o programa de um partido, mas sim a forma natural da sociedade.

Certo, no Ocidente esta forma é ainda discutida, posta em dúvida, negada; mas em 1960 se podem fazer paralelos, pode-se argumentar baseado na complexa vida de um grande Estado. Em 1917-1918, a "intelligentsia" russa vivia uma situação muito mais difícil...

Eu não relembrava nem propriedade fundiária, nem fábricas, nem ações: era pobre e havia desprezado desde pequeno a riqueza. Havia alguma coisa mais para deixar-me perplexo. Crescera com aquela concepção da liberdade que herdáramos do século XIX; desde os anos escolares respeitava a falta de respeito, obedecia à voz dos desobedientes. Não havia compreendido que não só as estruturas mudam, mas também as concepções; o nôvo século muito trouxe consigo e muito levou, enquanto eu tratava de adaptar ao amanhã o metro de ontem.

Tampouco isto, aliás, é o que mais importa. Falando francamente, não sabia ainda o que era a vida, embora tendo já vinte e seis anos. O *lapsus linguae et calami,* os erros, impediam-me de apreender o sentido do texto. Observava muitas monstruosidades, notava o rancor, a ignorância, mas não via o elemento essencial: estavam-se realizando os meus sonhos da adolescência, cumpria-se aquilo que entrevira nas celas das prisões. A vida não se assemelha nunca aos sonhos. As quiromantes falam de uma "linha da vida"; esta linha existe efetivamente, não na palma da mão, mas no destino de um homem, e, quanto mais cedo a vê e dela se torna consciente, tanto mais fàcilmente saberá vencer as dúvidas. Esta linha é feita não só de grandes idéias, mas também de coisas reais, não só de atrações, mas também de repulsas, não só de fervorosos impulsos, mas também de hesitações. Com isto me acautelo de sustentar que, segundo expressão corrente, o fim justifica os meios; sei muito bem que os meios podem modificar qualquer fim. Penso, con-

tudo, na fidelidade à linha da vida: de um homem, de um povo, de um século.

Em seguida, a mim, como a todos os meus contemporâneos, tocou a sorte de passar por não poucas provas. Eu me achei preparado para enfrentá-las: aos quarenta e seis anos, a linha da vida me parecia muito mais nítida que aos vinte e seis... Sabia que se necessita aprender a viver rangendo os dentes, que não se podem arrumar os acontecimentos como um ditado do qual nos limitamos a sublinhar os disparates, que a via do futuro não é uma rota retilínea. Como disse o poeta Tvardovski, "não há nada a acrescentar, nada a tirar"; na história, como na vida de um homem, há muitas páginas amargas, nem tudo se passa como se desejaria... Agora todos compreendem a emprêsa levada a cabo pelo nosso povo num país miserável, ignorante, difamado, quando no outono de 1917 enveredou por uma estrada nova, nunca antes percorrida. Mas, então, não apenas eu, como também muitos escritores da velha geração, e mesmo os meus contemporâneos, não percebiam ainda o alcance dos acontecimentos. Pois bem, exatamente naqueles momentos, um jovem poeta de Petrogrado, considerado um vate clássico das salas de visitas, afastado da vida, um serzinho grácil e apreensivo, Óssip Emilevich Mandelshtam, escreveu estas linhas: "Pois bem, provemos: um cruel, desajeitado, rangente golpe de timão. A terra navega. Coragem, homens; ao fender o oceano, como com um arado, relembraremos, também na água do Letes, que a terra nos custou dez céus".

De resto, deverei ainda falar de tudo isso: de Mandelshtam, do rude golpe de timão e, sobretudo, da terra que nos custou dez céus.

5

Conheci B. L. Pasternak no verão de 1917, pouco depois de minha chegada a Moscou. Recordo que me levou à sua casa (morava então próximo ao bulevar Prietchístienski). No meu canhenho daquele tempo encontrei uma anotação sintética: "Pasternak. Versos. Esquisitices. Escada".

Num outro caderno, datado de 5 de julho de 1941, depois da nota: "Os alemães afirmam haver atravessado o Berezina" e antes da "hora 5, Lozóvski" está escrito: "Pasternak. Loucura".

1917-1941... Nesses vinte e quatro anos passei períodos em que via Pasternak quase diàriamente e outros em que o perdia de vista. Em tempo tão longo deveria acabar por conhecer mesmo um indivíduo complicado como Boris Leonidovich, mas muitas vêzes achava-o obscuro, inexplicável, misterioso como no dia em que nos encontramos pela primeira vez. Com isto se explica a anotação de 1941. Eu o estimava, gostava e gosto da sua poesia. Entre tantos poetas que conheci, era êle o que melhor que qualquer outro havia conservado certo balbucio tormentoso, o mais próximo possível do elemento primordial da música, era de todos o mais fascinante e o mais insuportável. Buscarei descrevê-lo como o vi, como o entendi eu. Será sobretudo o Pasternak do período 1917-1924, de quando os nossos colóquios eram intermináveis e mantivemos relações epistolares. Ainda em 1926, 32 e 34, nos encontramos muitas vêzes em Moscou, em 35 em Paris, depois novamente em Moscou às vésperas da guerra, e durante as primeiras semanas do conflito.

Não brigamos nunca, porém, em certo sentido cada um de nós seguiu seu rumo, em silêncio. Se por acaso nos encontrávamos, apertávamo-nos as mãos, proclamando que devíamos ver-nos e ficávamos assim, até ao sucessivo encontro ocasional. Não espero certamente dar um retrato completo de Pasternak, ainda que tão jovem: havia coisas que eu não compreendia e outras que eu não sabia, mas quanto escreverei a seu respeito não o colocará, como um ícone, num altar, nem o transformará numa espécie de caricatura. Será uma tentativa de esbôço de retrato.

Começarei precisamente pelo princípio. Conhecemo-nos quando Boris Leonidovich tinha 27 anos, no verão do ano em que Pasternak disse "viverem todos àridamente e na carestia; enfurecidos na luta, a ninguém importava que o milagre da vida durasse sòmente uma hora". Eu me sentia esmagado, tomado de profunda aflição, enquanto Pasternak estava contente, eufórico. Aquêle ano foi para o poeta, em verdade, um ano memorável: "É inesquecível ainda porque os enchia de pó, o vento debulhava sementes, salpicando as fôlhas de bardana com os invólucros e me guiava como um cego ao longo da desconhecida malva, como se devesse rogar por tôda sebe". Naquele ano Pasternak estava subjugado por um grande sentimento: nascia-lhe *Minha irmã a vida*. Já descrevi assim o nosso primeiro encontro: "Êle recitou-me versos, mas não sei que mais me tocou: se a poesia, o

semblante, a voz ou o que disse. Saí com a cabeça doendo, cheia de sons. O portão já estava fechado — havia-me demorado até depois das duas — e tentei encontrar a saída. Não consegui. Tornei a subir buscando o apartamento de Pasternak, mas a casa era um labirinto tão denso de corredores, galerias, sobrelojas, que percebi não poder fazê-lo. Sentei-me então tranqüilamente num degrau da escada de ferro, enquanto sob mim se mexiam as sombras noturnas. De repente se abriu uma porta. Pasternak não tinha podido conciliar o sono e estava saindo para dar uma voltinha. Ficara sentado por mais de uma hora junto à porta de Pasternak, mas quando o vi não experimentei nenhum espanto, como, de resto, tampouco ocorreu a êle quando me viu".

Para exprimir-se, Boris Leonidovich fazia freqüente uso de simples interiorizações. Uma sua poesia, *Urais pela primeira vez,* é uma espécie de bramido de entusiasmo. A fôrça da sua poesia juvenil é a pujança mesma da vida quando a vemos pela primeira vez. Naqueles tempos não posava de eremita, ao contrário, dava-se bem com tôda gente, era alegre, e os versos escritos naqueles anos estão permeados de júbilo. Para mim, a sua felicidade brotava de duas fontes: o dom, que lhe tocou em sorte, da poesia, e a sua faculdade de suscitar uma elevadíssima aura poética em tôrno aos particulares da vida quotidiana. Todos nós, então, sentíamos náusea pelas palavras altissonantes de que abusavam os simbolistas: "Eternidade", "infinito", "incomensurabilidade", "caído", "perituro", "limites", "sorte", "fado". E êle escrevia: "Grande deus do amor, grande deus dos particulares". Definiu a mulher que amava com estas palavras: "Que pena saber que não és uma vestal! Entraste com uma cadeira na mão, tomaste a minha vida, como se apanha qualquer coisa de uma estante e dela limpaste a poeira".

É significativo que tenha intitulado o seu livro *Minha irmã a vida,* porque, à diferença não só dos decanos da lírica simbolista mas também da maior parte dos contemporâneos, Pasternak vivia de acôrdo com a vida. O realismo dos seus versos não tem nexos de qualidade com um programa literário (declarou várias vêzes que as várias tendências e escolas lhe eram incompreensíveis), mas é fruto da própria natureza do poeta. Em 1922 Pasternak escrevia: "O mundo vivo, real, é um conceito da imaginação. Único. Bem sucedido uma vez, continua a ter êxito, nascido do êxito de um só instante. É sempre real, profundo, tão fascinante que não se pode dêle separar. Não ilude

na manhã seguinte. Serve ao poeta de exemplo mais que de modêlo e de natureza".

Recentemente um jovem me disse que Pasternak devia ser um tipo de misantropo, taciturno e profundamente infeliz. Ao invés disso, em 1921 eu escrevia a seu respeito: "Êle é saudável, vivo e moderno. Nêle não se encontra nada de outonal, de crepuscular e de outras afetações gentis mas pouco consoladoras". No ano seguinte, V. S. Schklóvski resumia assim as impressões de um encontro seu com Pasternak em Berlim: "Um homem feliz. Ninguém conseguirá mais irritá-lo. Deve viver a sua vida amado, viciado e grande".

Em 1923, Maiakóvski e Óssip Brik condensaram em fórmulas (na gíria da época) as aspirações de alguns artistas: "Maiakóvski: tentativa de ritmo polifônico num poema de amplo fôlego social... Pasternak: emprêgo de uma sintaxe dinâmica ao dever revolucionário".

Tudo isto pode deixar estupefato o leitor estrangeiro que, tendo ouvido mencionar Pasternak sòmente em 1958, imagina-o um homem infeliz vivendo em conflito com o Estado. Na realidade, Pasternak era feliz e vivia alheio à sociedade, não porque a sociedade lhe parecesse inaceitável, mas porque, sendo êle naturalmente sociável e alegre com todos, conhecia um só interlocutor: êle próprio.

Nos fins de 1918 extasiava-se com o Kremlin, isto é, com o Estado soviético: "Voa terrível, direto, com ímpeto irresistível, para o dezenove, através do ano ainda não transcorrido... Além do mar dessa procela prevejo que o ano ainda não chegado se preparará para educar de nôvo a mim, que estou em pedaços". (Pasternak não compreendia, então, que ninguém no mundo se prepararia nunca sèriamente para "educá-lo de nôvo").

Mais tarde, em 1930, após o suicídio de Maiakóvski, Pasternak escrevia: "...O nosso Estado, o nosso, prorrompendo nos séculos e entre êles para sempre acolhido, extraordinário, impossível Estado". Falava dos vínculos de sangue que uniam êsse Estado a Maiakóvski. Escrevia, além disso, palavras de exaltação ao Estado "prorrompendo nos séculos" também em 1944. Mas se entusiasmava pelo exterior. Todo poeta, mesmo o mais excelso, não tem sòmente um teto, mas também paredes: a sociedade estava além das paredes entre as quais vivia Pasternak.

Numa cousa enganava-se Schklóvski escrevendo: "Êste homem feliz e grande, quando estava no meio dos homens ves-

tidos com os seus capotes, dedicado a comer pãezinhos recheados no banco da Casa da Imprensa, ouvia o chamamento da história". Pasternak era sensível à natureza, ao amor, a Shakespeare, a Goethe, à música, à velha filosofia alemã, ao pitoresco de Veneza, compreendia bem a si próprio e, algumas vêzes, a alguma pessoa que dêle se aproximasse, mas em nenhum caso compreenderia a história. Ouvia sons inapreensíveis para outros, sentia pulsar o coração e crescer a erva, mas não conseguiu nunca surpreender o passo do tempo.

A palavra "egocêntrico", muito freqüentemente empregada, deturpou-se assumindo um significado pejorativo, mas não consigo encontrar-lhe outra. Boris Leonidovich não vivia sòmente para si; não foi nunca um egoísta, mas vivia dentro de si, consigo e de si. Voltam-me à mente os nossos remotos encontros: como dois trens paralelos, corriam ambos cada um sôbre seu próprio trilho: eu falava e sabia que Pasternak ouvia as minhas palavras mas não me dava atenção. Não conseguia arrancá-lo dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, das suas associações de idéias. Falando com êle, mesmo quando a alma nua está diante de outra alma, chegava-se sòmente a dois monólogos.

Recordo um episódio curioso. No verão de 1935, Pasternak encontrava-se em Paris, onde se realizava o congresso pela defesa da cultura. O grupo dos escritores soviéticos já havia chegado, pois ali estavam juntos Pasternak e Babel. O primeiro, franquíssimo, declarava ter vindo contra a vontade, não saber falar em público e, numa breve intervenção, sustentou que a poesia não é procurada no céu, mas é preciso saber-se inclinar para encontrá-la onde está: no meio da relva. Estas palavras, talvez, porém mais provàvelmente o aspecto de Pasternak, impressionaram o público de tal forma que lhe foi feita uma ovação.

Alguns dias mais tarde Pasternak manifestou-me o desejo de encontrar alguns escritores franceses e decidimos convidá-los a comer. Tomadas as providências, minha mulher telefonou a Boris Leonidovich: "Venha a tal restaurante a tal hora". Êle explodiu: "Por que tão cedo? Melhor às três". Minha mulher explicou-lhe que em Paris se almoça entre meio-dia e duas e se janta entre sete e nove. Às três todos os restaurantes estão fechados. Então Pasternak declarou: "Não. Eu, a uma hora, ainda não tenho fome..."

O seu egocentrismo (que foi sempre crescendo com os anos) não impediu nem podia impedir Pasternak de ser um

grande poeta. Mais por hábito exprimimos a opinião de que o artista deve ser um bom observador. Pois bem, nos diários de A. N. Afinogenov, publicados recentemente, encontra-se uma anotação curiosa: "Se a arte do escritor consiste sòmente na capacidade de observar a gente, as melhores penas seriam as dos médicos, dos juízes instrutores, dos mestres, dos conferentes das ferrovias, dos secretários dos comitês do partido e dos oficiais. No entanto, não é assim, porque a arte do escritor consiste na capacidade de observar a si próprio!"

Afinogenov faz muito bem em eliminar o velho conceito de "espírito de observação"; na criação dos personagens de um romance ou de uma tragédia têm um pêso enorme as experiências sofridas pelo autor; pelo menos aquelas de que teve consciência completa: em verdade, o mundo interior dos seus semelhantes se torna acessível ao escritor sòmente quando conhece e, por conseqüência, compreende certas paixões.

A arte, porém, não se exprime de uma única forma: numa poesia lírica o autor se mostra tal qual é. Por mais originalidade que haja nêle, quando se trata dos êxtases transmitidos por uma manhã de primavera ou pela inelutabilidade da morte, da alegria de amar, da amargura do desengano, os seus sentimentos são compreendidos por milhares, por milhões de outros homens. Para escrever: "Oh, no declinar dos anos como amamos mais ternamente e com maior superstição..." Tiutchev não teve certamente necessidade de dedicar a sua atenção a homens perpassados pela velhice e dominados pela paixão, mas bastou-lhe encontrar, no limiar da idade senil, a jovem E. A. Denisieva; enquanto ao jovem Tchekhov fôra necessário conhecer muito bem os homens, os seus sentimentos, os seus hábitos, os seus caracteres, até a maneira de exprimir-se e de vestir-se, quando quis descrever, em "Uma história fastidiosa", a amizade entre o velho professor e a jovem aluna. Boris Pasternak, um dos maiores poetas líricos do nosso tempo, era, como todo artista, limitado pela sua própria natureza. Quando tentou povoar um romance com dezenas de homens, de configurar tôda uma época, de reproduzir a atmosfera da guerra civil, de reproduzir as conversas dos passageiros de um bonde, fêz fiasco: em verdade via e ouvia sòmente a si próprio.

Particularmente nos últimos anos sentia-se atraído a fazer conjeturas sôbre destinos alheios, a buscar compreender, como fêz em uma de suas autobiografias, que sensação experimen-

taram, no momento de morrer, Maiakóvski, Marina Tzvietáieva, Fediéiev. Quando li as frases em que exprimia aquelas suposições, não me senti muito bem: Boris Leonidovich tinha um grande coração, mas jamais possuíra a chave para abrir o coração dos outros.

Não posso aventurar-me a supor o que tenha experimentado nos últimos anos da sua vida: não o encontrei e, talvez, mesmo que o tivesse encontrado, não teria sabido nada. A alma dos outros é sempre obscura. Não chego a compreender que motivo o tenha compelido, na sua autobiografia, a renegar a velha amizade com Maiakóvski. Estive próximo de ambos e desejo falar dessa amizade.

Habitualmente brusco de maneiras, Maiakóvski tinha, para dirigir-se às mulheres, uma voz diversa, que nós chamávamos, em zombaria, a voz de reserva. E essa segunda voz, terna, mórbida, convincente, êle a usava, quando estava eu, para falar sòmente de um homem: Pasternak. Em 1921, na Casa da Imprensa, houve uma reunião literária de Boris Leonidovich, recitando êle mesmo os seus versos, sendo outros recitados pela jovem atriz. V. V. Aleksiéva-Meschieva. No curso do debate que se seguiu, alguém teve a ousadia, como se diz entre nós, de "relevar os defeitos". Então, erguendo-se em tôda a sua estatura, Maiakóvski se pôs a exaltar, em alta voz, a poesia de Pasternak, defendendo-o com tôda a fúria do amor.

Em *Salvo-Conduto* (1930), Pasternak fala de suas relaçxes com Maiakóvski no período compreendido entre a véspera da guerra e os primeiros anos da revolução: "Tinha perdido a cabeça por Maiakóvski", "adorava-o", "Maiakóvski era o ápice do destino da poesia", "acolhi quase com alegria a ocasião de falar pela primeira vez ao meu preferido como a um estranho"; após uma das freqüentes desavenças, "sentia a presença de Maiakóvski com intensidade duplicada. A sua essência se revelava em tôda a fragrância de um primeiro encontro".

Os desentendimentos eram freqüentes e violentos. Algumas vêzes Boris Leonidovich me falava dêles. Ainda conservo a coleção do *Contemporâneo* (1922) com a dedicatória de Pasternak: "Ao amigo e companheiro de luta com reconhecimento e alegria por *Jurenito*. O acôrdo unânime no admirá-lo reuniu Maiakóvski, Asiéiev e outros amigos e companheiros de luta, que muito raramente se põem de acôrdo sôbre um mesmo argumento".

Após uma briga, Maiakóvski e Pasternak se encontraram em Berlim; a reconciliação foi impetuosa e ardente, tal como fôra a ruptura. Permaneci com êles por tôda a jornada: num café, após o jantar, depois em outro café. Boris Leonidovich lia os seus versos. À tarde, Maiakovski se exibiu na Casa das Artes, onde recitou *Flauta de vértebras*, dirigindo-se continuamente a Pasternak.

Depois os seus caminhos se afastaram, mas ainda em 1926 Maiakóvski, citando o quarteto de Pasternak "Aquêle dia todo, da cabeça aos pés", definiu-o "genial". Sôbre a morte de Maiakóvski, Pasternak escreveu: "Estourei a chorar como há muito tempo queria fazer".

Mas, por que nunca, ao voltar-se a contemplar o próprio passado, Pasternak imprimiu um traço sôbre tantas coisas? Deixava transparecer, talvez, com o gesto, a insatisfação de si mesmo? Não saberei dizê-lo. Para mim os seus últimos versos estão ìntimamente ligados a *Minha irmã, a vida*, enquanto êle, evidentemente, sentia-se dela afastado. Dizia-se que exprimia gestos de intolerância cada vez que se mencionavam seus livros precedentes e acrescentava-se que tudo quanto havia escrito anteriormente era sòmente tirocínio, preparação para a única obra de valor escrita recentemente: *Doutor Jivago*. (Nisto, como em muitas outras coisas, Pasternak incorreu no êrro em que estão incursos alguns artistas. Aludo a Gógol e à sua convicção de que, na primeira parte das *Almas Mortas*, houve sòmente tolices, enquanto se pusera no caminho justo ao começar a escrever os capítulos da segunda parte).

Quando li o manuscrito do *Doutor Jivago*, fiquei amargurado. Certa vez Pasternak escreveu: "A incapacidade de achar e de dizer a verdade é um defeito que nenhuma bravura no dizer o falso poderá jamais dissimular". No romance maravilhou-me o falso artístico. Estou convencido de que Boris Leonidovich escreveu o seu livro com sinceridade; há páginas soberbas, sôbre a natureza, sôbre o amor; mas são demasiadas as páginas ocupadas por coisas que Pasternak não viu, nem ouviu. E os versos estupendos anexados ao livro parecem sublinhar a imprecisão espiritual da prosa.

Por algum tempo me fatiguei, sem nenhum êxito, para convencer os entendedores de poesia dos países estrangeiros da grandeza de Pasternak como poeta. (Não digo isto, naturalmente, de alguns grandes poetas que conheciam o russo: já em 1926, Rilke falava em têrmos entusiásticos dos versos de Pas-

ternak). A glória entrou-lhe em casa passando por uma porta imprevista. Certa vez escrevera: "Mas tu, mensageiro, não sem razão me havias precitado lá, na aldeia onde nenhum bípede... Também eu sou assim... Perdi o caminho. Esta cidade não é a certa, nem esta meia-noite".

Estava em Estocolmo quando estourou a tempestade em tôrno do prêmio Nobel. Pelas ruas, nos cartazes dos jornais, campeava um único nome; buscava compreender alguma coisa, ligava o rádio e ouvia ùnicamente: "Pasternak". Tratava-se de uma aberta manobra anti-soviética, de um dos episódios da "guerra-fria". A cidade não era aquela, nem aquela a meia-noite. E muito menos aquela a glória que Pasternak merecia.

Estou convencido de que Pasternak não teve jamais a intenção de causar dano ao nosso país. Sua culpa é a de ter sido Pasternak, e, por isso, de saber compreender uma coisa de maneira estupenda, embora sendo fundamentalmente incapaz de compreendê-la de outra forma. Não suspeitou jamais que seu livro pudesse dar cabimento a uma interpretação política de baixa liga e ainda menos à eventualidade de um golpe de ricochête.

Mas voltemos à poeisa. Por algum tempo os compiladores de coleções poéticas usavam dividir as obras por assunto. Quem quisesse aproximar-se de Pasternak com esta intenção veria, em seguida, que a maior parte das suas poesias é dedicada à natureza e ao amor, mas eu sustento que o seu tema essencial e constante é a arte; o tema, aliás, que deu origem ao *Retrato,* de Gógol, à *Obra-prima desconhecida* de Balzac, à *Gaivota* de Tchekhov. "Oh, se quando me preparei para escrever tivesse sabido o que acontece! Se tivesse sabido que as palavras fazem morrer com golfadas de sangue, que chegam à garganta e matam". E firmou êstes versos sôbre poesia com uma confissão: "Aqui acaba a arte e aqui respiram a terra e o destino". Não desapareceu, não morreu jovem, mas conheceu o preço com que se paga a arte: o poder das palavras que lentamente, inexoràvelmente, matam.

Paul Eluard disse certa vez: "O poeta deve ser um menino, ainda que tenha os cabelos brancos e arteriosclerose". Em Pasternak havia qualquer coisa de criancice: algumas de suas definições, que podem parecer ingênuas, pueris, são as definições de um poeta. Disse de um autor: "Mas como pode ser um bom poeta se é um homem mau?" Quando viu Paris pela primeira vez, exclamou: "Esta não parece ser uma cidade: dir-se-ia uma paisagem". Dizia: "Descrever uma manhã de primavera é fácil,

mas ninguém sente necessidade disso. Contudo, ser simples, claro e repentino como uma manhã de primavera é diabòlicamente difícil..."

No período de que falo, no qual estava confuso e vagava como alma penada, Boris Leonidovich representou para mim a garantia da vitalidade da arte e a passarela lançada para alcançar a extremidde da vida real. Jovem, belo, alegre, com o aspecto de um árabe inspirado, assim permaneceu na minha recordação, embora o tenha visto velho e de cabelos brancos.

Há cinqüenta anos que inesperadamente começo a sussurrar dentro de mim os versos de Pasternak: não se pode mandá-los embora dêste mundo. Estão vivos.

6

Não recordo quem me fêz conhecer Maiakóvski; depois de estarmos sentados num café falando de cinema, levou-me onde morava: num quartinho de um pequeno albergue, o São Remo, no beco Saltikóvski, junto à Petrovka. Pouco antes, havia lido *Simples como um mugido* e o havia imaginado exatamente como o vi: um homenzarrão com a mandíbula pesada, os olhos ora tristes, ora severos, a voz retumbante, desajeitado, sempre pronto a meter-se numa briga; um misto de atleta e de sonhador, combinação de um prestidigitador medieval — daqueles que caminhavam de pernas para o ar — com um irredutível iconoclasta.

Enquanto nos dirigíamos para o seu albergue, continuava a repetir o epitáfio escrito por François Villon quando esperava que o enforcassem: "Eu sou François e me entristeço / a morte está à espera de um malvado / e em breve o pescoço saberá / quanto peso sentado".

Apenas havíamos entrado no quarto, disse-me: "Agora lerei..." Tomei assento numa cadeira, enquanto êle permanecia em pé. Leu-me o poema *Homem,* apenas terminado. O quarto era pequeno, não havia ninguém, exceto eu, mas êle recitava como se tivesse diante de si uma imensa multidão, na praça do Teatro. Eu olhava a horrível tapeçaria e sorria: as botas se desatavam efetivamente em harpa.[1]

[1] O autor se refere ao seguinte trecho de *Homem*: "Sôbre as botas/se necessitam/certas polainas./Dá uma olhada:/ e como harpa se desatam os cordões da bota".

Maiakóvski me assombrou: nêle coexistiam harmônicamente a poesia e a revolução, as vias ruidosas de Moscou e a arte nova que haviam sonhado os freqüentadores da Rotonde. Pareceu-me até que poderia ajudar-me a enveredar pelo caminho justo. Mas não foi assim: Maiakóvski permaneceu para mim como um fenômeno grandioso, tanto na poesia quanto na vida do século, mas não exerceu nenhuma influência direta sôbre minhas concepções; estêve junto de mim e, ao mesmo tempo, infinitamente distante.

Talvez seja esta a peculiaridade do gênio, talvez uma singularidade do caráter de Maiakóvski: dizia que os poetas devem ser "diversos"; foi o animador de "Lef", de "Nóvi Lef", de "Ref", queria atrair a todos, reuni-los, mas ao seu redor permaneciam sòmente os seus seguidores, às vêzes epígonos. Êle contava como em um palacete próximo a Moscou teria conversado com o sol; êle próprio era um sol, ao redor do qual giravam os satélites.

Encontrei-me com êle em Moscou, em 1918 e em 1920; em Berlim, em 1922; em Paris e novamente em Moscou; depois de nôvo em Paris (a última vez foi na primavera de 1929, um ano antes de sua morte). Às vêzes êsses encontros eram superficiais, às vêzes significativos. Gostaria de dar uma idéia de como entendo Maiakóvski; sei que minha versão será unilateral, subjetiva, mas como poderiam ser diferentes os testemunhos de um contemporâneo? Com um grande número de versões dissímeis, às vêzes contraditórias, é mais fácil reconstruir a imagem de um homem. O desastre é que Maiakóvski, sendo um veemente destruidor de mitos de todos os tipos, transformou-se, com incrível rapidez, num herói mítico. O seu destino parece o de ser diverso do que foi. Há recordações de testemunhas oculares que relembram sòmente alguns dos seus traços mais ferozes. Há também as páginas dos livros didáticos. Há, enfim, uma estátua. O adolescente aprende de memória trechos de *Bem*. A dona-de-casa indaga, preocupada, no trólei: "Desce a praça Maiakóvski?" É difícil falar de um homem nessas condições.

Até à metade dos anos trinta, Maiakóvski suscitava ardentes debates. Durante o primeiro congresso dos escritores soviéticos, assim que alguém mencionava o seu nome, uns se punham a aplaudir calorosamente, outros calavam; eu escrevia então na *Izvestia*: "Não aplaudimos porque alguém queira canonizar Maiakóvski: aplaudimos porque o nome de Maiakóvski significa a renúncia a todos os cânones literários". Menos que todos,

poderia eu imaginar que, transcorrido um ano, efetivamente teriam começado a canonizar Maiakóvski. Não assisti aos seus funerais. Os amigos contam que o caixão era demasiado curto. A mim parece que demasiada curta, e sobretudo acanhada, se tem revelado para Maiakóvski a sua glória póstuma.

Antes de tudo, o homem de quem desejo falar não era de fato um "monolito", mas grande, complicado, com uma vontade imensa e um tumulto de sentimentos às vêzes contraditórios.

Os mortos permanecem jovens é o título que Ana Seghers deu ao seu romance. Quase sempre as impressões ulteriores ofuscam as iniciais. Neste livro procuro falar do jovem A. N. Tolstói; foi um dos primeiros escritores que tive ocasião de encontrar. Mas muitas vêzes, pensando nêle, vejo-o ante mim corpulento, firme, com suas risadas fragorosas e com os olhos fatigados, exatamente como o vi nos últimos anos. Estou contemplando uma fotografia; junto de Maiakóvski, está A. A. Fediéiev, jovem de ar sonhador, olhos mansos. Mas o Aleksander Fediéiev que relembro é totalmente diferente: vejo olhos imperiosos, às vêzes frios... Ao contrário, na minha memória, Maiakóvski é sempre jovem.

Até o fim da vida conservou certos traços, direi melhor, certos hábitos da primeira juventude. Aos críticos não agrada delongar sôbre o chamado "período futurista" de Maiakóvski; contudo, sem os seus primeiros versos, seriam incompreensíveis os seus poemas. Mas aqui não pretendo falar da poesia, mas do homem. É certo, Maiakóvski não tardou em separar-se de seu colête amarelo e das palavras de ordem dos primeiros manifestos futuristas. Todavia subsistiu nêle o espírito que lhe impôs *Um bofetão ao gôsto do público*; subsistiu na maneira de comportar-se, nos gracejos, nas respostas aos bilhetinhos enviados da platéia.

Recordo o Café dos Poetas, no beco Nastasinski, durante o inverno 1917-1918. Era um lugarzinho bastante original. As paredes estavam cobertas de pinturas curiosas para os clientes habituais e de escritos não menos curiosos. "Adoro ver como morrem as crianças"; esta frase, extraída de uma das poesias pré-revolucionárias de Maiakóvski, campeava pelas paredes com o intuito de assombrar os fregueses. O Café dos Poetas não se parecia, de fato, com a Rotonde: aqui ninguém falava de arte,

ou discutia ou se atormentava; havia sòmente atôres e espectadores. Freqüentavam o café, segundo expressão daquele tempo, "burgueses ainda não esfolados", especuladores literários, burguesotes em busca de divertimento. Era difícil que Maiakóvski conseguisse diverti-los: contudo, conquanto nos seus versos muito houvesse para êles de incompreensível, sentiam que uma íntima relação corria entre as estranhas palavras e os marinheiros que passeavam ao longo da Tverskaia. Olho depois o dístico de Maiakóvski sôbre o burguês que, à chegada, come ananás, o que compreendiam todos; ananases no beco Nastasinki não se viam, mas o costumeiro pedaço de carne de porco entalava na garganta de muitos. A distração dos fregueses era outra. Por exemplo, surgia no palco David Burliuk, empoadíssimo, com monóculo na mão, e declamava *Agrada-me um homem grávido...* Outro que conseguia sacudir o público era Goltsmidt; seu cartaz o qualificava como "futurista da vida", versos não escrevia, salpicava dois anéis do cabelo com purpurina, era dotado de uma fôrça extraordinária, podia quebrar em duas as traves e botava para fora do café os beberrões. Um belo dia o "futurista da vida" resolveu erigir um monumento na praça do Teatro; a estátua era de gêsso, não muito grande e nada de nada futurista: Goltsmidt nu. Os passantes se indignavam, mas não tinham a coragem de apoderar-se daquele misterioso monumento. Seja como fôr, a estátua foi feita em pedaços. Tudo isto são coisas de um passado remoto. Há poucos anos chegaram a Moscou turistas americanos: David Burliuk e sua mulher. Na América, Burliuk desenha, ganha discretamente, tornou-se uma pessoa respeitável, de aspecto digno. Nada de monóculo, nada de "homem grávido". Hoje o futurismo me parece muito mais remoto que a Grécia antiga, mas para Maiakóvski, que morreu cedo, permaneceu, se não vivo, indubitàvelmente próximo.

Eu ia freqüentemente ao Café dos Poetas; também um dia declamei versos e recebi de Goltsmidt a compensação contratada.

Lembro-me da tarde em que veio ao café A. V. Lunatchárski. Sentou-se modestamente a uma mesinha ao fundo da sala e pôs-se a escutar. Maiakóvski propôs-lhe tomar a palavra. Anatóli Vassilevitch declinou. Maiakóvski mantinha-se irredutível: "Repita o que disse de meus versos". Lunatchárski foi forçado a exibir-se; falou do talento de Maiakóvski, mas criticou o futurismo e ressaltou a vaidade de supervalorizar-se a si próprio. Então Maiakóvski retrucou que breve lhe erigiriam um monumento, exatamente ali, no lugar do Café dos Poetas. Vladimir Vladimirovitch enganou-se em poucas centenas de metros: o seu monumento ergue-se pouco além do beco Nastasinski.

Falta de modéstia? Excessiva segurança de si mesmo? Muitos contemporâneos de Maiakóvski se perguntam, por exemplo, ao festejar-se o duodécimo aniversário de sua atividade poética. Mais de uma vez se autodefiniu como grande poeta. Exigia que o reconhecessem como tal em vida, e isto era devido à época, à destruição de "ídolos" contra a qual protestava Bálmont, ao desejo de orientar por todos os meios a atenção do público para a arte.

"Adoro ver como morrem as crianças": Maiakóvski não era capaz de ver açoitar um cavalo. Um dia, no café, um meu conhecido cortou um dedo. Vladímir Vladimirovitch virou-se imediatamente para outro lado. Seguro de si? Sim, certamente, respondia de forma brusca às observações críticas, ofendia os seus adversários na literatura. Recordo o seguinte diálogo. No bilhetinho estava escrito: "Os seus versos não esquentam, não agitam, não contagiam". Resposta: "Não sou nem uma estufa, nem o mar, nem a peste". Nos próprios livros escrevia em forma de dedicatória para os leitores: "Sòmente para uso interno". Isto o sabem todos, mas há algo mais, ignorado de muitos.

Recordo um sarau de Maiakóvski no café parisiense Voltaire. Estava presente também L. N. Seifullina. Era a primavera de 1927. Uma voz na sala gritou: "E agora recite os seus velhos versos". Como sempre, Maiakóvski tomou como uma brincadeira. Quando a reunião terminou, transferimo-nos para um café noturno perto do bulevar Saint-Michel: Maiakóvski, L. N. Seifullina, Elsa Triolet, outros mais. Soava a música, alguém bailava. Vladímir Vladimirovitch ora gracejava parodiando o poeta Georgi Ivanov, presente também, ora calava por longo tempo, sisudo, olhando em volta como um leão enjaulado. Combinamos que na manhã seguinte iria encontrá-lo o mais cedo possível no cômodo do albergue Istria, onde parava sempre. A cama estava ainda intacta; evidentemente, Maiakóvski não se havia deitado. Recebeu-me com ar taciturno e de repente, sem sequer saudar-me, perguntou: "Você também pensa que escrevia melhor antes?" Jamais estêve seguro de si;

iludir os outros era uma atitude assumida uma vez por tôdas e, pelo que creio, sugerida mais pela razão do que pelo caráter. Era um romântico, mas se envergonhava disso, forçava a si próprio: "Quem nunca fêz filosofia em tôrno do mar?" (isto depois de amargas meditações sôbre a própria vida) e de repente a irônica resposta: "a água".

No artigo *Como fazer versos* tudo parece lógico e simples. Na realidade, Maiakóvski bem conhecia os tormentos que a criação inevitàvelmente comporta. Falou com riqueza de pormenores de "provisões" de rimas, mas tinha também outras "provisões", das quais não gostava de falar: os tormentos espirituais. Na última poesia, composta pouco antes de morrer, escreveu: "A barca do amor despedaçou-se contra a vida quotidiana". Era, isto, um tributo ao romantismo tantas vêzes escarnecido por êle; em verdade, a sua vida se partiu contra a poesia. Dirigindo-se aos pósteros, disse o que não quisera dizer aos contemporâneos: "Mas eu me domava, pondo na garganta a minha canção".

Parecia extremamente sólido, são, vital, mas às vêzes era intoleràvelmente calado, mòrbidamente apreensivo, levava sempre no bôlso uma saboneteira e, quando devia apertar a mão de uma pessoa que, por um motivo qualquer, lhe era fisicamente desagradável, imediatamente se afastava para lavar-se. Nos locais parisienses tomava o café quente através de canudos que se usam para as bebidas geladas: tudo para não tocar com os lábios a borda do copo. Zombava de qualquer superstição, mas todo o tempo passava a adivinhar o andamento das coisas, era louco pelos jogos de azar: cara ou coroa, par ou ímpar. Nos cafés de Paris havia instaladas roletas automáticas; podia-se apostar cinco *sous* no vermelho, no verde ou no amarelo; o lucro consistia numa ficha que dava direito a uma xícara de café ou a um copo de cerveja. Maiakóvski passava horas e horas diante dessa máquina; no momento de partir, deixou a Elsa Triolet centenas de fichas; êle não sabia o que fazer das fichas, queria simplesmente adivinhar que côres sairiam. Também no tambor do revólver pôs uma única bala: par ou ímpar...

Já disse que, quando Vladímir Vladimirovitch falava com as mulheres, a sua voz se transformava, e, de sêca e desdenhosa como era sempre, tornava-se dulcíssima. Li no livro de Víctor Schklovski: "Vladímir Vladimirovitch partiu para o exterior. Lá havia uma mulher que poderia ter sido o amor. Disseram-

me que se pareciam tanto, que pareciam tão feitos um para o outro que suscitavam nos fregueses do café um sorriso de gratidão..." Recentemente foi publicada uma poesia de Maiakóvski, dedicada àquela T. A. Iakovleva de quem falava Schklóvski. Conservei o manuscrito de *Percevejo,* doado por Maiakóvski a Tata (T. A. Iakovleva) e jogado fora por ela porque não lhe interessava. (Não, ela não se parecia a Maiakóvski, mesmo sendo alta e bela). Não desejo falar daquilo que Maiakóvski definia justamente como "mexericos"; recordei êste episódio — que de fato não é o mais significativo na vida do poeta — só para mostrar, uma vez mais, quanto Maiakóvski vivo não se assemelhava à sua estátua de bronze, ou ao herói das lendas Vladímir Krasnoe Solnisko.

Quando tinha dezoito anos, Maiakóvski se inscreveu numa academia de belas-artes, queria tornar-se pintor, e de fato conservou uma visão pictórica do mundo também na poesia; suas imagens não são inventadas, mas vistas. Amava a pintura, sentia-a; amava também o ambiente dos pintores. Via mais o mundo, mais do que o ouvia. (Dizia por gracejo que um elefante lhe havia machucado o ouvido).

Já falei de um sarau dos Zetlin, no qual Maiakóvski recitou o seu *Homem.* Viatcheslàv Ivánov às vêzes anuía com ar benevolente, Bálmont se irritava visìvelmente, Baltrusaitis, como sempre, era impenetrável, Marina Tzviétaieva sorria, enquanto Pasternak lançava olhares furtivos a Vladímir Vladimirovitch. Andriéi Biéli escutava, não como escutavam todos, mas com ânsia, frenèticamente, e quando Maiakóvski terminou a leitura, pôs-se em pé tão agitado que quase não podia falar. A maioria dos presentes compartilhava do seu entusiasmo. No entanto Maiakóvski zangou-se por causa de uma crítica fria, cortês, partida de alguém. Sucedia-lhe sempre assim; parecia não se aperceber das rosas, ia buscar os espinhos. Nos seus versos há uma busca de combates sem trégua, contra adversários reais ou imaginários da nova poesia. Que escondiam êsses ataques? Discutia, talvez, consigo mesmo? Num artigo sôbre Maiakóvski, que me foi dado ler nos jornais estrangeiros, grimpa-se-nos com caco de vidro para demonstrar que a revolução foi a ruína do poeta. É difícil imaginar uma asneira mais grosseira; sem a revolução não haveria jamais um Maiakóvski. Em 1918, êle me definiu justamente "um Intelectual assustado"; foram-me necessários dois anos para entender o que estava acontecendo. No entanto,

Maiakóski compreendeu e aceitou imediatamente a revolução. Não foi só seduzido pela construção de uma sociedade nova, mas dela participou conscientemente. Não tinha o mínimo espírito de adaptação, e, se alguém metia na cabeça domesticá-lo, mostrava os dentes: "Para a luta! Eis a ordem. Sôpro nas trompas, amigos poetas! Deveis entender: eu tenho uma cara só, uma cara, não uma bandeirola. Não se pode temperar uma idéia na água: na água a idéia se desmancha. Um poeta não pode viver jamais sem idéias. Sou por acaso um papagaio ou um peru?" Maiakóvski nunca estêve em conflito com a revolução; esta é uma bobagem inventada por gente que luta contra o comunismo sem exclusão de golpes. O drama de Maiakóvski não consistiu num contraste entre a revolução e a poesia, mas na atitude do "Lef" nos confrontos da arte: "Que protestem todavia os poetas, esguichando saliva, com lábios viperinos em ricto de desprêzo, mas eu, sepulta a alma, brado por coisas indispensáveis sob o socialismo". (O jornal alterou em seu tempo algumas palavras: "Eu, sem haver aviltado a alma", em vez de "eu, sepulta a alma"; Maiakóvski restabeleceu o texto original, nêle está a explicação de sua divisa de poeta e de homem).

Maiakóvski amava Léger; há qualquer coisa de comum na sua maneira de entender a função da arte na sociedade moderna. Léger tinha a paixão das máquinas, do urbanismo, queria a arte na vida quotidiana, jamais entrava num museu. Pintava os seus quadros e soube criar uma boa pintura, a meu ver decorativa, que não embota em verdade o nosso amor por van Gogh ou Picasso, mas indiscutìvelmente ligada aos tempos novos. Maiakóvski lutou por muitos anos contra a poesia, não sòmente nos seus manifestos ou nos seus artigos: queria destruir os versos com outros versos. Em "Lef" apareceu a condenação à morte da arte dos "pretensos poetas", dos "pretensos pintores", dos "pretensos diretores". Aos pintores aconselhava que se dedicassem, ao invés da pintura de cavalete, à estética das máquinas, aos tecidos, aos objetos de uso doméstico; aos diretores, que organizassem festivais populares, manifestações, e que dessem adeus à ribalta; aos poetas, que abandonassem a lírica, que escrevessem para os jornais, que firmassem manifestos, que excogitassem fórmulas publicitárias.

Renunciar à poesia foi um negócio sério. Maiakóvski era um homem forte e corajoso. Não obstante, também êle às vêzes

transigia com o seu programa. Em 1923, quando "Lef" negava ainda a lírica, Maiakóvski escreveu o poema *Disto*. Não o compreenderam, contudo, os que lhe eram mais próximos, atacaram-no os próprios amigos de Maiakóvski e os seus adversários na literatura, mas com êste poema êle enriqueceu a poesia russa.

Com o passar dos anos a sua negação da arte do passado ia-se moderando. No fim de 1928, a *Novi Lef* comunicava que Maiakóvski havia declarado pùblicamente: "Concedo anistia a Rembrandt". Repito-o: êle morreu jovem. Vivia, pensava, sentia e até escrevia não segundo um plano: antes de mais nada era um poeta. Recordo com quanto entusiasmo falava da nova beleza industrial da América nos anos não muito remotos em que a eletrificação do nosso país ainda estava em projeto; em que, na praça do Teatro, sombria, coberta de neve, bruxuleavam débeis lamparinas: "As crianças são as flores da vida". Encontrei-o no seu retôrno da América. Sim, sem dúvida, a ponte de Brooklyn é bela, sim, lá em baixo há muitas máquinas. Mas quanta crueldade, que falta de humanidade! Blasfemava, falava da alegria experimentada à vista dos minúsculos jardins da Normandia. Do programa do *Lef* derivava também a negação de Paris, onde cada casa é uma ruína de outros tempos, e a exaltação de uma América fundamentalmente nova, industrializada. Contudo, Maiakóvski maldizia a América e não temia passar por um sentimental, declarando o seu amor a Paris. De que depende esta contradição? A revista *Lef* saiu por alguns anos, quando Maiakóvski era um grande poeta. Nos seus versos êle declarava escarnecer os admiradores de Púshkin, os visitantes do Louvre, mas depois se entusiasmava tanto pelas estrofes de *Onegin* como pela pintura antiga.

Compreendeu logo que a revolução de outubro havia mudado o curso da história, mas os particulares do futuro êle os via em um plano convencional, não como num quadro, mas sôbre um cartaz. Hoje é difícil ficar fascinado pelo higiênico idílio do último ato da *Percevejo*. A arte do passado parecia a Maiakóvski não tanto estranha quanto condenada. A sua iconoclastia era um voto, um emblema. Combatia não só contra certos críticos e os autores de romances sentimentais, mas também contra si próprio. Escreveu: "Quero ser compreendido pelo meu país, mas se não o fôr, paciência! Deixarei de lado o país natal, como tortuosamente se esquiva a chuva". Depois

cancelou essas linhas, considerando-as demasiado sentimentais. Mas o país natal o compreendeu, e compreendeu também os esplêndidos versos por êle atirados à cesta!

Recordo-o no outono de 1928; passara em Paris mais de um mês. Nós nos encontrávamos freqüentemente. Vejo-o, com aquêle seu ar truculento, no pequeno bar da *Coupole*. Ordenava uísque marca "White Horse"; bebia pouco, mas compôs uma cançãozinha em verso: "Belo cavalo o white horse, crina branca e branco o freio'. Um dia disse: "Pensa que é fácil? Poderei escrever versos melhor que todos êles!" Manteve-se fiel à sua idéia até o fim.

Muito se tem dito sôbre os motivos que o levaram ao suicídio: o malôgro da mostra das suas obras literárias, os ataques da Rapp, problemas do coração. Não me agrada meter-me a adivinhar, não me sinto aproximar da vida de um homem que conheci, como se se tratasse do projeto de um romance... Quero dizer uma só coisa: a gente mente freqüentemente que um poeta é dotado de uma sensibilidade superior ao normal e que exatamente por isto é um poeta. Vladímir Vladimirovitch se autodefinia "estúpido", até "muito estúpido", dos próprios versos dizia que eram "hipopótamos", numa reunião disse que a sua era "pele de elefante", impenetrável a qualquer bala. Na realidade, era até desprovido da normal epiderme humana. Segundo as lendas cristãs, o pagão Saul, transformando-se no apóstolo Paulo, entregou-se a derrubar as estátuas dos deuses. As estátuas eram perfeitas, mas Paulo soube sufocar dentro de si o senso estético. Maiakóvski demolia não só a beleza do passado, mas também a si próprio; aqui está a beleza do seu empreendimento, nisto está a chave da sua tragédia.

Vivia em Petrogrado um literato, chamado Andriei Levinson, considerado um tesouro de sabedoria em empreendimentos coreográficos. Em 1918, publicou, na revista *A vida da arte*, um libelo contra Maiakóvski. Responderam-lhe então inúmeros escritores e mesmo Lunatchársk. Levinson partiu para Paris. Quando chegou a notícia da trágica morte de Maiakóvski, fêz publicar pelo jornal *Les Nouvelles Littéraires* uma desagradável nota cheia de calúnias. Junto com outros escritores franceses, enviei uma carta à redação daquele jornal, uma carta na qual exprimíamos a nossa indignação. A carta foi subscrita por todos os escritores franceses dignos dêsse nome, pertencentes às mais variadas tendências. Não recordo que alguém se tenha recusado

a assiná-la. Levei-a a Maurice Martin du Gard (um literato de escassa fama, que não tinha nada em comum com o grande escritor francês Roger Martin du Gard). O diretor leu com grande calma o texto de conteúdo extremamente vivaz e disse: "Pedir-lhes-ia para modificar alguma coisa". Respondi que o texto não podia ser atenuado. "Não pretendo tanto. Mas talvez quisessem acrescentar à frase "Estamos indignados que um jornal literário" uma palavra de esclarecimento: "Que o *máximo* jornal literário". Estava disposto a fazer-se esbofetear, mas pedia que fôsse bem posta em relêvo a largueza da sua maçã-do-rosto. Sem dúvida, Maiakivski teria escrito a propósito alguma coisa de interessante...

Extraordinária foi a sorte de Maiakóvski no mundo. Bem recentemente falaram-me dêle alguns escritores da África negra: chegou até lá. Está fazendo a volta ao mundo. Certamente, é difícil traduzir versos, e muitas coisas, na forma em que Maiakóvski reconhecia a forma do futuro, são hoje forma do passado. Mas o homem e o poeta permanecem jovens como antes. Nem Aragón, nem Pablo Neruda, nem Eluard, nem Tuwin, nem Nezval escreveram nunca "à Maiakóvski"; mas todos êsses poetas lhe devem muito: se não lhes ensinou novas formas de versificação, incutiu-lhes a coragem da escolha.

É preciso saber-se distinguir o sentido da modernidade do da atualidade, o espírito da inovação do das simples novidades, que um quarto de século depois aparecem superadas. Há alguns meses um poeta me disse que após as complicadas rimas de Maiakóvski não é possível empregar as rimas. Claro, isto é ingênuo. Pode-se escrever com as rimas e sem rima. Em 1940, nove décimos dos poetas principiantes compunham versos "em escadinha", enquanto hoje imitam outros modelos: as modas mudam. Para dar na cabeça de Maiakóvski, comparam os seus livros aos de Púshkin, Niekrassov, Blok. Vale, porém, a pena dar na cabeça dos jovens, pondo-os diante dos volumes de Maiakóvski?

Já disse que Maiakóvski poderia ajudar-me a ver claro em muita coisa. Recordo uma nossa conversa noturna; teve lugar em fevereiro ou março de 1918. Havíamos saído juntos do Café dos Poetas. Maiakóvski me perguntava sôbre Paris, Picasso, Apollinaire. Depois disse que lhe haviam agradado os meus versas sôbre a execução de Pugatchóv. "Devias estar contente, e, no entanto, choramingas... Assim não vai!" Concordei de boa

vontade: "Certo, não vai". Polìticamente êle tinha razão, dei-me conta disso bem cedo (mas nunca pensávamos, nunca sentíamos do mesmo modo). Em 1922, disse-me que *Jurenito* lhe agradara: "Compreendeste muitas coisas melhor que os outros". Estourei a rir: "Para mim, ao contrário, não compreendo ainda nada". Nós nos encontrávamos freqüentemente, mas em realidade não nos encontramos nunca.

Pensei e penso muitas vêzes em Maiakóvski; às vêzes não estou de acôrdo com êle, mas intacta é a minha admiração pela sua obra poética. Não contemplo a sua estátua, esteja onde estiver; enquanto Maiakovski caminha, seja através dos novos quarteirões de Moscou, seja na velha Paris, em todo o nosso planêta, caminha com "provisões" não de novas rimas, mas de novos pensamentos e sentimentos...

7

Cada manhã os cidadãos examinavam escrupulosamente os decretos afixados nos muros, ainda úmidos, ainda enrugados; queriam saber que coisas eram permitidas, que coisas vetadas. Um dia percebi uma pequena multidão em tôrno de um folheto intitulado "Decreto n.º 1, sôbre a democratização das artes". Alguém lia em voz alta: "A partir de hoje, juntamente com a destruição da ordem czarista, fica abolida a permanência das artes nos magazines, nos depósitos do gênio humano: palácios, galerias, salões, bibliotecas, teatros". Uma senhora do povo se pôs a estrilar: "Santo Deus, levam os magazines..." O sujeito de óculos que lia em alta voz o "decreto" se apressou a explicar: "Não é dos magazines que se trata, mas das bibliotecas, que naturalmente fecharão, e também os teatros". O "decreto" era uma invenção dos futuristas e abaixo figuravam as seguintes firmas: Maiakóvski, Kámenski, Burliuk. Enquanto os nomes não diziam nada aos passantes, todos conheciam perfeitamente o significado da mágica palavra "decreto".

Lembro-me do 1.º de maio de 1918. Moscou estava adornada de cartazes futuristas e suprematistas. Nas fachadas fendidas de casas, de palecetes estilo imperial, com rijas colunas, quadrados talhados se chocavam com os losangos; nos rostos

variegados os triângulos substituíam os olhos. (A arte, que hoje se chama "abstrata", e suscita não poucos debates tanto entre nós como no Ocidente, naqueles tempos era preparada em doses ilimitadas para todos os cidadãos soviéticos). Naquele ano o primeiro de maio caía numa sexta-feira santa. Próximo à capela da Virgem de Iversk aglomeravam-se os fiéis em prece. Perto passavam caminhões (da firma Stapin), drapejados de telas abstratas; sôbre caminhões, atôres representavam cenas como *A obra de Stepan Chalturin* ou *A Comuna de Paris*. Uma velhinha, segurando uma tela cubista que representava um enorme ôlho de peixe, resmungava: "Querem nos obrigar a adorar o diabo..."

Eu ria, mas de um riso pouco alegre.

Agora releio o meu artigo, publicado on verão de 1918 no jornal *Segunda-feira* e intitulado *Entre os cubistas*; falava de Picasso, Léger, Rivera. Dizia que as obras dêsses pintores podiam ser consideradas como "loucos ornamentos de ruínas a ponto de cair, ou como os alicerces de um edifício de todo nôvo, nunca visto nem mesmo em sonho".

Certamente, não foi por acaso que Picasso, Léger, Rivera se tornaram comunistas, como não foi um acaso que em 1918, na Praça Vermelha, estivessem não os pintores de tendência acadêmica, mas os futuristas, os cubistas, os suprematistas.

Que coisa me deixava perplexo, ao assistir ao triunfo daqueles pintores e poetas que me recordavam os melhores amigos da minha primeira juventude?

Antes de tudo a atitude nos confrontos da arte do passado. Todos sabem que Maiakóvski progredia, mudava, mas ao mesmo tempo era um ardente iconoclasta: "Se encontrares um guarda branco mete-o no paredão. E Rafael, esqueceste-o? Esqueceste Rastrelli? É tempo de as balas crepitarem contra as paredes dos museus. Fuzila a velharia com as peças de cem polegadas de garganta. Enfileiraste os canhões ao longo da clareira, surdos às lisonjas dos guardas brancos. Mas, por que não foi atacado Púshkin?" Isto não chego a compreender. Muitas vêzes, vagando pelos becos de Moscou, repetia os versos de Púshkin; recordava com ternura as telas dos velhos mestres italianos. Chegado a Moscou, corri quase imediatamente ao Kremlin. Diante das pinturas dos quatrocentos fiquei pasmado: até então não tinha sabido o que era o Renascimento russo.

Bem cedo as discussões sôbre valôres do passado se aplacaram. Maiakóvski escreveu versos sôbre Púshkin, e tudo quanto concerne a Maiakóvski aparece hoje nas edições da academia, no *Herança Literária.* Em 1922 fiz sair, com a cooperação do pintor Lisitski, a revista *O Objeto;* entre os seus colaboradores figuravam numerosos expoentes da nossa "arte de esquerda": Maiakóvski, Malevich, Meierchold, Tatlin, Rodtchenko.

Em um artigo dedicado às finalidades a que se propunha a revista, escrevi: "Hoje é ridículo e ingênuo lançar ao mar Pushkin. No processo evolutivo das formas existe um liame de continuidade, e os modelos clássicos não incutem mêdo aos artistas contemporâneos. Pode-se aprender com Púshkin e com Poussin... *O Objeto* não renega o passado no passado, convida a fazer o moderno no moderno..."

Não é fácil compreender Maiakóvski: os seus versos eram acolhidos com fragorosas risadas. No período pré-revolucionário zombava-se dos quadros dos pintores que se haviam tornado futuristas (Malevitch, Tatlin, Rodtchenko, Puni, Udaltsova, Popova, Altman). Após a revolução, os epígonos da poesia clássica começaram a partir. Bunin e Riépin partiram para o estrangeiro. Ficaram os futuristas, os cubistas, os suprematistas. Como seus adeptos ocidentais, os freqüentadores da Rotonde da anteguerra, êles odiavam a sociedade burguesa e viam na revolução uma válvula de escape.

Os fururistas julgavam que modificar os gostos da gente pudesse ser uma tarefa tão rápida quanto mudar a estrutura econômica da sociedade. A revista *A Arte da Comuna* escrevia: "Pretendemos realmente fazê-lo e talvez não disséssemos que não se se consentisse utilizar o poder do Estado para efetivar as nossas idéias artísticas". É claro, tratava-se mais de um sonho do que de uma ameaça. Nas ruas de Moscou não se viam mais que telas suprematistas e cubistas, antes de mais nada porque os pintores de tipo acadêmico estavam na oposição (não nas telas, mas em política). Todavia, os resultados foram miseráveis. Não só pelo episódio da mulher que havia tomado a tela cubista pelo diabo, mas também pela reação artística, que se seguiu à breve aparição em cada caminho da "arte de esquerda".

As descobertas no campo das ciências exatas são sempre demonstráveis; foram os matemáticos a decidir a questão se

Einstein tinha razão ou não, e não milhões de homens capazes de conhecer ou não a tábua pitagórica. As novas formas de arte penetraram sempre lentamente nas consciências, por vias travessas, e a princípio sòmente poucos as compreenderam e aceitaram. De resto, em geral não é possível estabelecer que certos gostos tomem pé, ou impô-los. Os numes da antiga Hélade libavam o néctar, que os poetas chamavam a bebida dos deuses, mas se o néctar tivesse sido introduzido nas entranhas dos atenienses mediante uma sonda, tudo acabaria certamente em um vômito geral.

Aliás, hoje, tudo isto (não sòmente as polêmicas sôbre o que deverá embelezar as praças de Moscou, mas também a "arte de esquerda") é água passada. Ainda uma vez infringirei a regra que prescreve ao memorialista ater-se à ordem cronológica dos fatos. Desejo compreender o que me aconteceu, a mim e a muitos poetas e pintores da minha geração. Não sei quem emaranhou os fios, se os nossos adversários no campo da arte ou nós próprios; de qualquer forma buscarei desfazer a meada.

Antes de mais nada, falarei de mim mesmo. Bem cedo me apaixonei pelo que então chamávamos "construtivismo"; todavia, reconheço-o, a idéia da diluição da arte na vida me atraía e, ao mesmo tempo, me repelia. Em 1921, escrevi um livro, *Todavia, Gira,* barulhento e ingênuo, que retornava à declaração dos seguidores de *Lef* (a revista *Lef* observava que "o grupo de I. Ehrenburg chega, por muitos aspectos, às nossas conclusões"). Eu sustentava que "a nova arte deixa de ser arte". Ao mesmo tempo levava na brincadeira as minhas próprias idéias; ainda em 1921 escrevi *Júlio Jurenito;* o meu personagem leva até o absurdo as teses do livro *Todavia, Gira*. Jurenito declara: "A arte é o foco da anarquia, os artistas são uns heréticos, sectários, perigosos subversivos. Portanto, sem nenhuma hesitação, é preciso proibir a arte, assim como é proibida a destilação dos alcoóis e a fabricação do ópio. Os quadros dos suprematistas são suscetíveis de utilizações várias: para ornar os quiosques ao longo das ruas, para decorar tecidos, para novos modelos de calçados, e assim por diante. A poesia se iguala à linguagem dos jornais, dos telegramas, das conversas sôbre negócios..." Não era simulação a minha, já que ela é sempre sugerida pelo temor ou por um cálculo. Simplesmente fazia as minhas reservas sôbre a morte da arte, alardeada por tanta gente, a começar por mim.

O futurismo nasceu no início dêste século numa Itália provincial, tècnicamente atrasada; a cada passo se pregava a admiração pelos estupendos monumentos do passado, enquanto nos bazares comerciavam facas alemãs, caçarolas francesas, tecidos ingleses. As chaminés das fábricas não tratavam ainda de penetrar na refinada sociedade das tôrres antigas. (Hoje, a Itália setentrional pode fazer concorrência aos países mais industrializados, mas hoje, na Itália, não se consegue encontrar um futurista que se bata por fazer incendiar todos os museus, e além disso os ex-futuristas Carrá ou Severini se inspiram nos afrescos de Giotto ou nos mosaicos de Ravenna). O entusiasmo de Maiakóvski, de Tatlin, dos outros expoentes da "arte de esquerda" russa pela estética industrial, nos primeiros anos da revolução, é bem compreensível: naquela ocasião, na Sucharevka, se vendiam a pêso, não só o açúcar, mas até os fósforos. No seu *Mistério Burlesco,* Maiakóvski sonhava assim o futuro: "Erguem-se para o céu as construções abertas de fábricas e casas transparentes. Numa auréola de arco-íris se alinham, imóveis, trens, bondes, automóveis". (Quando um artista representa a natureza ou os sentimentos humanos, as suas obras não envelhecem. Ninguém poderá jamais afirmar que uma mulher do século XX seja mais bela, mais perfeita do que a Vitória da Acrópole, criada há vinte e cinco séculos; ninguém ri diante do tormento de Hamlet e do amor de Julieta e Romeu. Mas basta que um artista se enamore da técnica para que as suas utopias sejam superadas ou desmentidas pelo tempo. Wells era um homem prodigiosamente culto; parecia-lhe poder ver o futuro, mas as descobertas da física moderna ridicularizaram os seus romances utópicos. Como poderia Maiakóvski prever que o bonde elétrico seguiria bem cedo a sorte do bonde de burros, enquanto os trens começariam a parecer um meio de locomoção arcaico?)

As telas cubistas de Picasso nasceram não da nostalgia pelas máquinas, mas da aspiração do pintor a representar o homem, a natureza, o mundo, livres dos particulares fortuitos. Hoje os livros de Metzinger, Gleizes e dos outros teóricos do cubismo interessam a bem poucos, enquanto as telas de Picasso, Braque, Léger estão vivas, nos alegram, nos entristecem, nos comovem. Picasso considera-se herdeiro de Velásquez, Poussin, Delacroix, Cézanne, e não reconheceu nunca num trem elétrico ou num avião a jato os herdeiros da pintura.

Como é natural, a arte inseriu-se sempre gradualmente na vida cotidiana, modificando edifícios, vestuários, léxico, gestos, objetos de uso doméstico. A poesia medieval, com seu culto da mulher amada, ajudou os homens a encontrar as formas para exprimir os próprios sentimentos. As telas de Watteau e de Fragonnard, transferindo-se para a existência cotidiana, modificaram o esquema arquitetônico dos parques, os costumes, as danças, influenciando o estilo dos divãs ou dos tamboretes. É mérito do cubismo se os urbanistas modernos decidiram botar de lado os edifícios sufocados pelas ornamentações supérfluas, influindo tambem sôbre as formas dos móveis, até sôbre a das carteiras de cigarros. O emprêgo utilitário da arte, a sua aplicação em tarefas decorativas não pode constituir o fim do artista, mas brota naturalmente do seu impulso criador. O processo inverso atesta um empobrecimento criador. O motivo ornamental abstrato figura muito bem nos tecidos e na cerâmica, mas quando pretende tornar-se pintura de cavalete, não se trata mais de um impulso para o alto mas de um autêntico tombo.

Recentemente visitei, em Bruxelas, uma mostra retrospectiva de Malevich. As suas primeiras obras (do período Fante de quadros) são extremamente pitorescas. Em 1913, êle pintou um quadrado negro sôbre um fundo branco. Nasceu assim a arte abstrata, que quarenta anos depois deveria fascinar milhares de pintores ocidentais. Hoje ela me parece antes de mais nada decorativa. As telas de Picasso são um mundo de tal modo rico de pensamento e sentimento que suscitam entusiasmo ou verdadeiro ódio; no entanto, as telas dos abstracionistas não são mais que motivos ornamentais para tecidos ou tapeçarias. Uma mulher pode usar uma *écharpe* com um enfeite abstrato, esta *écharpe* pode ser bonita ou feia, pode adaptar-se ao semblante da mulher ou não, mas não fará ninguém meditar sôbre a natureza, sôbre o homem, sôbre a vida.

O desenvolvimento vertiginoso da técnica exige do artista uma compreensão ainda mais profunda do mundo interior do homem. Disto se aperceberam bem cedo os fautores da "arte de esquerda", que defendiam a estética industrial. Após ter visitado a América, Maiakóvski afirmou a necessidade de refrear a técnica. Certamente, ao dizer isto êle pensava na função do artista, sem negar a necessidade do progresso técnico (então, em Moscou — falamos de 1925 — de técnica havia bem pouco); Maiakóvski compreendia que, se não se impõe à técnica

a mordaça do humanismo, ela acabará por morder o homem. Meierchold, quando a "biomecânica" foi esquecida, entusiasmou-se pela *Floresta,* pelo *Inspetor Geral,* sonhava levar à cena o Hamlet. Tatlin dedicou-se à pintura de cavalete; Altman pintou retratos; Puni tornou-se um especialista em paisagens de pequeno formato. Quanto à sonda com néctar, passou a outras mãos, muito mais aptas para semelhantes operações.

Os nossos museus possuem esplêndidas coleções da "arte de esquerda" dos primeiros anos após a revolução. Pena que tais coleções não sejam abertas ao público. Não se pode abolir um elo da cadeia. Conheço jovens pintores soviéticos que estão descobrindo à América em 1960: fazem (para ser mais preciso, gostariam de fazer) o que a seu tempo fizeram Malevich, Tatlin, Popova, Rozanova. Se pudessem dar uma olhadela pela história da evolução dos supracitados pintores, antes de querer voltar a 1920, não se esforçariam talvez por encontrar algo de nôvo, aplicável à nossa época? Os jovens poetas conhecem os versos de Khliébnikov, apreciam-lhe o virtuosismo, porém não tratam de imitá-lo ao pé da letra. Tatlin é mais "perigoso" que Khliébnikov? Talvez porque a idéia do monopólio de uma única tendência se radicou particularmente no campo das artes figurativas?

Certamente, nos primeiros anos da revolução os expoentes da nossa "arte de esquerda" erraram em muitas coisas. Fala-se freqüentemente e à vontade dos erros nos quais incorrem pintores, escritores, compositores; mas dando por descontado que os únicos a se enganar tenham sido os artistas, a explicação parece demasiado simplista. Hoje, porém, olhando o passado, penso com certa gratidão até na pintura que aterrorizou a camponesa junto à capela da Virgem de Iversk. Naqueles anos, é certo que mais de uma vez se chegou a resultados essenciais, mas qualquer essência, para valorizar-se, precisa ser diluída.

Assim, os traços benéficos da "arte de esquerda" se podem descobrir nas obras de numerosos escritores, pintores, diretores de teatro e de cinema e compositores dos decênios subseqüentes.

Em minha vida jamais fui adepto inflamado de nenhuma escola artística. Comparei o primeiro Maiakóvski ao apóstolo Paulo, que abatia as estátuas dos falsos e falazes. Antes de converter-se à nova fé, Paulo se chamava Saul. Em 1922, quando defendia o construtivismo e publicava a revista *O Objeto,* Schklóvski, no seu livro *Zoo* me chamou Paulo Saullóvich, o que é perverso mas acertado. Por tôda a vida guiou-me o amor por muitas obras de arte do passado: pelo romance de Stendhal, pelos contos de Tchekhov, pelos versos de Tiutchev, de Baudelaire, de Blok. Isto não me impedia de odiar as imitações do antigo e de amar Picasso ou Meierchold. Em geral, Paulo deve ter uma pátria, e é melhor esculpir uma nova estátua que despedaçar, ainda que com as mais nobres intenções, uma estátua que é a expressão de seu tempo. Para o escultor, o artista que as esculpiu, as imagens dos deuses e deusas indus, Ellora, Brahma, Vishnu ou Siva eram deuses; para nós, são homens, criados pelo gênio humano, dotados de paixões idênticas às nossas, numa harmonia a nós acessível.

Os ídolos fizeram, marcaram o seu tempo, não só na religião mas também na arte. Juntamente com o culto dos ícones morreu também a iconoclastia, mas daí a eliminar a aspiração e dizer coisas novas de maneira nova há uma bela diferença. Li, há pouco, numa revista, as seguintes palavras: "Modestas inovações". Tais palavras primeiramente me fizeram rir, depois me contristaram. Um artista deve ser modesto no seu comportamento, mas nunca mesurado, frouxo, limitado nas suas audácias criadoras. Em verdade, é mais digno desenhar rabiscos próprios e ao jeito próprio do que recopiar, com minúcia caligráfica, os modelos do passado. Parece-me que os colcosianos pintados à maneira da escola acadêmica (bolonhesa) podem alegrar a bem poucos e que não será possível retomar o ritmo da segunda metade do século XX com o enxame de proposições subordinadas, que Liev Nicoláievitch Tolstoi sabia usar tão bem.

8

No comissariado da Prietchístienka devia preencher o meu primeiro questionário; era uma novidade para mim e devia refletir sôbre cada pergunta. Por exemplo, qual era a minha profissão? Jornalista? Tradutor? Poeta? Escrevi "poeta", inspirava dignidade e risos: menos que tudo me sentia escritor de profissão.

Além de maus versos escrevia artigos para os jornais; em colaboração com A. N. Tolstói havia escrito uma peça para o teatro "O Morcego": chamava-se *A Camisa Branca* e tinha como motivo um *fabliau* francês do século XIII que havia já traduzido em Paris. Escrevi o texto em versos e Aleksiéi Nicoláievitch, por sua parte, buscou animá-lo com compassos alegres.

Do ponto de vista prático, havia-me arrumado de qualquer maneira, tendo alugado um cômodo no beco Levsinski, no apartamento de um professor, por cem rublos mensais; às vêzes comia numa pensão para vegetarianos que, se não me engano, se chamava Resignação, mas não conseguia resignar-me a nada.

Às vêzes recordava a Rotonde, Picasso, Modigliani, as nossas discussões sôbre arte. Deus meu, quanto tempo havia passado!... Quis escrever a Chantal e logo me apressei a rasgar a carta: não se pode escrever num outro mundo. Ainda que a carta chegasse ao destino, ela não poderia nunca compreender o que me estava acontecendo...

Haviam nascido muitas palavras novas: *mandat, ceka, rabis, komfuty, domkom, uplotnenie, izlishki, psha, spetsy, proletkult, kubarshiny, likbez, rabkrin, razverstka.*[1] Continuava deixando a todos em mal-estar com perguntas ingênuas, às quais ninguém respondia.

Sem querê-lo, achei-me no ambiente dos escritores, tornando-me até um dos seus mais típicos representantes: os outros tinham famílias conhecidas, uma existência organizada, enquanto eu havia caído na Moscou do período da revolução com três peças de roupa branca, sem uma profissão, e depois de haver perdido de vista os amigos da adolescência.

Recordo o café Bom, na Tverskaia, freqüentado sobretudo por escritores; ali bebíamos e permutávamos as últimas notícias. Havia outros cafés, nos quais trabalhávamos: por trinta ou cinqüenta rublos líamos as nossas obras diante de um público numeroso, que nos escutava com escassa atenção, mas nos olhava com a curiosidade própria dos visitantes de um jardim zoológico quando contemplam os macacos. Êsses cafés eram efêmeros; os seus nomes mudavam contìnuamente: Café dos Poetas, Trevo, Carrilhão, Dominó, Pitoresco, A décima musa, Estalagem de Pégaso, O gato vermelho.

Os Zetlin comiam esplêndidamente como convinha aos últimos representantes da dinastia do chá. Freqüentemente nos reuníamos em Kara Murza; também ali nos agasalhávamos um pouco e reinava uma atmosfera muito mais simples, mais cordial. Às vêzes íamos a Tolstói; às vêzes nos encontrávamos em casa da atriz Liudmila Dzalalova, na travessa Afanasiev.

Depois havia as reuniões das "quartas-feiras", muito aborrecidas; os "veristas" liam contos e os literatos reivindicavam com exasperante monotonia certas liberdades; a princípio, nas "quartas-feiras" comparecia o irmão de Búnin, o simpaticíssimo Júli Aleksiéievitch.

O presidente da associação nacional dos escritores era Jurgis Kazimirovitch Baltrushaitis, um carrancudo cheio de bondade. Tinha um rosto esquálido, olhos baços, a bôca cerrada numa prega amarga. Quando Maiakóviski atacava Bálmont ou quando Tolstói contava piadas, Jurgis Kazimirovitch, com o casaco negro abotoado até ao pescoço, calava sempre. O seu quarto assemelhava-se à sua pessoa: paredes nuas e um crucifixo. Igualmente melancólicos, amargos, arrancados, eram os seus versos: "E a todos iguala com o signo da afinidade, com o símbolo do dedo de Deus, uma única imensa solicitude, uma única imensa vaidade..." Recordo que certa vez fomos a Kimry para uma reunião literária. Baltrushaitis recitou versos. Em seguida, Lídin leu um conto sôbre coudelaria e sôbre corridas a galope. Na sala havia uma grande algazarra, alguém foi expulso, pulou para o palco um jovenzinho e pôs-se a cantar: "Nasci desertor e desertor morrerei, fuzilem-me embora, mas comunista não serei..." Bebíamos vodka; meteram-nos num quarto vazio; o trem partia sòmente na manhã seguinte e dormimos sôbre o piso. Jurgis Kazimirovitch calado como sempre; sòmente quando chegamos a Moscou, disse de repente: 'Em geral foi estúpido... Todavia foi belo termos viajado". Parece-me que aquêles anos foram para Jurgis Kazimirovitch os melhores de sua

[1] *Rabis,* união dos trabalhadores da arte; *komfuty,* futuristas comunistas; *domkom,* comitê de edifício; *uplotnenie,* aumento forçado do número de inquilinos em um apartamento; *izlishki,* excedente de bens a seqüestrar-se aos burgueses; *psha,* angu de milho; *spetsy,* especialistas; *proletkult,* cultura proletária; *kubarshiny,* metros cúbicos de superfície habitável; *likbez,* liquidação do analfabetismo; *rabkrin,* inspeção operária e camponesa; *razverstka,* distribuição.

vida. Em 1921, tornou-se embaixador da Lituânia em Moscou. Gostaria de continuar encontrando-se com os escritores, mas oficialmente era um diplomata, e por isso era diplomàticamente evitado. Continuava a compor versos profundos; escrevia também em lituano. A sua vida tomara um rumo absurdo, mas não se maravilhava; desde a infância sabia o que queria dizer "deserto".

Recordo uma janela iluminada sôbre o bulevar Zubovski, onde habitava o poeta Viatcheslâv Ivanovitch Ivanov. Parecia-me um velho sábio (tinha então cinqüenta e dois anos); parecia um pastor ibseniano; vestia-se à velha moda; a armação de ouro dos óculos brilhava. Era um homem de cultura; escrevia de maneira complicada e patética; chamavam-no "Viatcheslâv, o magnífico". Escutava-o enquanto, comovido, quase improvisando, recitava sonetos bem burilados, e eu me sentia dominado por dois sentimentos contrastantes: a reverência e a compaixão; o tempo havia dado um salto avante, enquanto num edifício do bulevar Zubovski sobrevivia êsse tipo bizarro com a sua jaqueta austera, as Menades, Isota, as rosas do Suristã, os *te deum*. Nas casas surgiam as estufas chamadas *burzhuike,* nas quais se cozinhavam os bolos de milho, e Viatcheslâv Ivanovitch escrevia: "Bota em baixo uma braçada de lenha junto à chaminé, cozinha o milho: afugenta o tempo. Ah, profunda é a tumba da eternidade..." Exaltava-se ao falar da antiga Grécia, mas quando os acontecimentos se apresentavam à porta do seu estúdio, desanimava. Escreveu a G. I. Chulkov: "Sim, esta fogueira acendemo-la nós e a consciência afirma a verdade, embora os pressentimentos não tenham mentido afirmando que o nosso coração arderá". A mim me parece que naqueles anos o coração de Viatcheslâv Ivanov não ardia, mas gelava-se... Alguns anos mais tarde partiu para a Itália, ensinou cultura eslava numa universidade católica, continuou, como antes, escrevendo sonetos, e morreu em avançada idade.

Um dia estava voltando, após uma reunião literária com M. O. Gershenson, que morava numa das travessas da Arbát. Conhecia os seus livros sôbre os "decembristas",[1] sôbre Chaadaiev e julgava que para Mikhail Ossipovitch a coisa mais importante fôsse conservar os valôres espirituais de que falava Viatcheslâv Ivanov. Mas Gersherson de repente estourou em gargalhadas e, recostando-se a um monte de neve mais alto do que êle, começou a catequizar-me: o que mais conta é a liberdade interior; é inútil suspirar sôbre planêtas reduzidos a pó. Ria, mas os olhos tinham uma expressão terna e triste: "Por que te afliges? És jovem... Acaso não é uma felicidade sentir-se livre de tudo aquilo que te parecia eterno, inabalável? Eu estou contente". Mikhail Ossipovitch não tinha sequer feito os cinqüenta anos, mas a mim, naturalmente, parecia um velho. Então não compreendi de que estava contente, mas agora penso com admiração em suas palavras; se tinha um defeito de visão, à diferença de muitos escritores, também jovens, não era míope, mas presbita: via longe.

Mais adiante falarei de Andriéi Biéli, que tive ocasião de encontrar muitas vêzes em 1922, na Alemanha. Nos anos de que estou falando já me parecia um fantasma. Em vez de ficar sentado em sua cadeira, como todos, levantava-se; parecia que, de repente, por um instante, se transformava numa nuvem; não falava com o interlocutor, mas com o habitante imaginário de um imaginário planêta. A palavra "éter" tornou-se há muito um têrmo técnico largamente usado por quem trabalha em rádio, mesmo quando se trata de transmitir uma conversação sôbre como prevenir uma infecção intestinal. Mas naquele tempo a palavra "éter" encerrava ainda um sentido misterioso: "Eu, livre filho do éter, levar-te-ei comigo pelos espaços estelares..." E, assim, me parecia que Andriéi Biéli falasse exclusivamente voltado para o éter de Lermontov: "Rússia — messias — destruição — reação — abismo — impulso para o alto...". Embora admirando-o, pensava: "Para ti vai bem, tu não consegues sequer ficar sentado numa cadeira, foges para o alto, enquanto eu não sou capaz nem de desencarnar-me, nem de volatilizar-me, nem de vaticinar..."

Bálmont se enfurecia por qualquer coisa. Um dia devíamos ir da porta Pokrovskaia à Arbát. Tomar um bonde não era emprêsa fácil; pulando ao estribo, buscava abrir caminho, enquanto Constantin Dmítrievitch se limitava a gritar: "Saia da frente, canalha! Está chegando o filho do sol!" Estas palavras não causavam impressão alguma, e Bálmont declarou que, não dispondo nós dois do dinheiro necessário para tomar um carro

[1] *Decembristas* (de "dekabr", dezembro, em russo). Membros da conspiração que se organizou em São Petersburgo no reino de Nicolau I. (N. do T.)

de aluguél, iríamos a pé: "Não posso roçar com o meu corpo êsses insensíveis anfíbios".

A. I. Búnin sustentava que era tudo culpa dos "decadentes": tanto o saque da sua herdade, como o desaparecimento do açúcar do mercado. Um dia, em casa de Tolstói, recitei os versos sôbre a execução de Pugatchóv, escritos em Paris em 1915; dizia: "Não restarão da nossa pátria mais que ova de esturjão e a cabeça de Pugatchóv espetada na ponta de um mastro..." Búnin levantou-se, disse a Natália Vassilievna: "Desculpe-me, mas não posso ouvir semelhantes coisas", e foi embora. Alguém havia composto, para a ocasião, versos que encontrei num de meus canhenhos: "Sê tu meu amigo, diabo e bandido, esnobe parisiense com a cartola mais alta que murundu de neve. Meteste mêdo a I. Búnin sem revólver; só com os teus versos tão límpidos... Auguro-te de agora em diante: esturjões sem caviar, e todos para ti".

Junto dos Tolstói, não obstante a inquietude que devorava Aleksiéi Nicoláievitch, passava-se bem: Tolstói não só era capaz de alegrar-se, mas também de entristecer-se com tôda a alma. Contava sempre histórias divertidas e era sempre o primeiro a rir delas. Um dia, retornando do ensaio de uma sua obra teatral, contou que, durante os primeiros dias da revolução, soldados tinham encontrado no teatro Pequeno a cabeça de São João, com a qual Salomé aparece na obra de Oscar Wilde; aquela cabeça caíra-lhes no goto e começaram a jogar futebol. Uma outra vez Tolstói contou como, durante as eleições à Assembléia constituinte, num vilarejo perto de Moscou, uma camponesa tomou da mesa uma ficha eleitoral diversa da que queria. Um propagandista lhe disse: "Olha que não é o teu número", e ela: "Tenho mêdo de deixar pistas pela terra, assim tomei a primeira que me apareceu; mas com a ajuda de Deus, irá bem mesmo esta..." "Ah, ah, ah!" troava na sua gargalhada homérica Aleksiéi Nicolaievitch, mas, como já disse, por dentro não se sentia de fato alegre.

Dos escritores da velha geração encontrava B. C. Zaitzev, doente, perplexo; recordava de boa vontade a Itália, e de quanto acontecia a seu redor dizia francamente: "Não compreendo nada...". Às vêzes íamos à casa do poeta G. I. Kulkov, que morava no bulevar Smolensk. Na juventude Georgi Ivánovitch

havia participado do movimento revolucionário, havia estado na prisão e no exílio. Por volta de 1907-1908 encontrava-se no centro da vida literária, tendo Blok discutido a seu respeito com Andriéi Biéli. Encontrei-o envelhecido e triste; parecia um passarinho enfêrmo, não pregava mais nem o "universalismo" nem o "anarquismo místico"; às vêzes, após uma pausa de silêncio, recitava alguns versos de Tiutchev. Ivan Alekseievitch Novikov preferia citar Púshkin; era um anfitrião bonachão, não ofendia ninguém jamais; tinha os olhos ternos, calmos, e em sua casa os velhos costumes não indicavam desaparecimento: na Páscoa, levavam ao forno os panetones, pintavam-se os ovos. Em casa de Kara-Murza se reuniam sobretudo os jovens: Aleksiéi Nicoláievitch ali era considerado um clássico. O poeta Lipskerov recitava cantarolando versos sôbre belezas do Oriente. Algumas vêzes comparecia V. M. Inber. Eu o havia conhecido em Paris; devia partir para um sanatório, na montanha, na Suíça, e me pedira para cuidar da edição do seu primeiro livro, *Vinho triste*. As ilustrações eram obra de um amigo meu, o escultor Zádkin. Vera Mikhailovna recitava versos divertidos: "Sem pensar, incontinenti, responde. Willy adorado: já amaste?" Naquele período fiz amizade com V G. Lidin. Na mocidade fôra um ingênuo: ávido de romantismo. Liudmila Dzalalova o havia apelidado "Maraburosa" e a alcunha tinha agradado.

Numa das cartas de Maiakóvski a Lilia Brik encontrei as seguintes linhas: "Aquêle café acabou por me aborrecer. Uma espécie de pequeno viveiro de percevejos. Ehrenburg e Vera Ínber ainda se parecem um pouco a poetas, mas da sua atividade disse bem Koiranski: "Ulula absurdamente Ehrenburg, e Ínber aprova os seus absurdos". Maiakóviski odiava o anti-semitismo e não citou o fecho do epigrama (embora a rima deva ter-lhe agradado): "Nem Moscou, nem Petrogrado poderão fazer as vêzes de Berdichev".[1] Os versos foram compostos pelo crítico A. A. Koiranski no decorrer de uma reunião em casa de Kara-Murza. Muitas coisas então eu não previa ainda e não as tomei em demasia.

Divertíamo-nos a valer. A Esfinge incitava os homens a resolver os enigmas, e, não os resolvendo, a Esfinge devora-

[1] Onde viviam muitos judeus.

va-os. Édipo sabia que, se não tivesse resolvido os enigmas, seria o seu fim; todavia, recordo que, quando a Esfinge o deixava em paz por alguns instantes, Édipo se distraía...

Só Andriéi Mikailovitch Sobol ria raramente e o seu riso era triste. Na primeira juventude havia tido contato com o movimento clandestino dos sociais-revolucionários, aos dezoito anos fôra condenado a trabalhos forçados, exilado na gélida prisão de Zerentui, de onde fugira para o exterior. Conheci-o no pequeno centro italiano de Cavi di Lavagna, onde se haviam estabelecido, ou melhor, matavam a fome, muitos emigrados russos. Durante a guerra, Sobol regressou à Rússia com um passaporte falso. Não sei por que era tão triste, talvez porque tivesse suportado tantos reveses na vida, talvez porque a realidade não se parecesse, de fato, aos sonhos da adolescência: nas fazendas patronais os camponeses tocavam fogo nas bibliotecas, os marinheiros se deleitavam com linchamentos, e pela Miasnítzkaia, ao invés dos personagens de Stepniak-Kravchinski, caminhavam, com ar indiferente, os contrabandistas. Em 1933, foi publicada no *Pravda* uma *Carta aberta* de Andriéi Sobol: "Durante os tormentosos anos, transcorridos diante de nós, sôbre nós e através de nós, enganou, tropeçou, caiu a Rússia inteira. Sim, sei onde, quando e em quê me enganei, mas os meus erros são de caráter orgânico, devidos à tremenda complexidade da vida. Perfeitos podiam considerar-se sòmente os imbecis incuráveis ou os gangrenados canalhas. Não sendo um canalha, não vejo motivo de penitenciar-me. Alguns reconhecem os próprios erros antes, outros depois. Talvez não tenha reconhecido os meus mais tarde que muitos outros, porque sempre fui e permaneci um socialista e sempre acreditei na idade em que o homem do riquixá de Calcutá, apagando mares e oceanos não só de água mas também de lágrimas e de sangue, estenderia a mão a Fedka Bespali de Nedoelovka..."[1] Andriéi Mikhailovitch era um homem de sensibilidade mórbida, dotado de uma consciência delicadíssima, de índole boa, doce. Suicidou-se em 1926.

Os jornais comunicavam notícias de enorme importância: o avanço dos alemães, a paz de Brest-Litovsk, a transferência do

[1] Personagem de uma obra de Niekrassov.

govêrno para Moscou, a sublevação dos socialistas-revolucionários de esquerda, o início da guerra civil no Don. Em Moscou, era uma sucessão de tiroteios. Na Povarskaia, quase todo palacete era um covil de anarquistas. Nos cafés eu via freqüentemente, sôbre as mesas, junto às pastas, um revólver. À noite os transeuntes eram assaltados por bandidos. Nas reuniões não se fazia mais que repetir: "A pátria socialista está em perigo!" Surgiu um comunicado em que se dizia que havia sido organizada a "Comissão extraordinária para o combate à contra-revolução e à sabotagem", a Tcheca. A vida continuava o seu rumo... Encontrei o poeta Mikhail Guerássimov, que me levou consigo a uma reunião dos adeptos do proletkult; ali se escarnecia dos futuristas. Maiakóvski dizia que os versos dos *proletkulstsy* eram coisa roubada. Tolstói dizia que devíamos partir para Paris. Búnin chamava Tolstói de "meio bolchevista".

A Esfinge exigia uma resposta, e, no entanto, nós outros íamos a casa de Kara-Murza, bancávamos idiotas, compúnhamos paródias, comprávamos tabaco na Sucharevka, brigávamos entre nós, ou nos enamorávamos. Fui a uma mostra do Fante de quadros, onde, juntamente com as telas dos seguidores daquele grupo havia outras, tanto de suprematistas quanto de pintores do salão; era a etiquêta da mostra levando ao engano. A pintura dos seguidores do grupo agradou-me. Quiçá porque impedia (e comigo muitos) que imitassem supinamente os franceses. Sem dúvida, amavam Cézanne, conheciam Matisse, mas à experiência dos mestres franceses haviam acrescentado algo próprio. E as primeiras telas de Lentulov, Maskov, Kontchalóvski, Larionóv, Chagall e ainda de Malevitch (antes do suprematismo) conservam o estilo das insígnias dos cabeleireiros, dos vendedores de frutas ou dos charuteiros, que no período pré-revolucionário constituíam, nas cidades das províncias, autênticos modelos de arte popular.

Também os teatros me fascinavam; a julgar pelo meu canhenho, num só mês vi, no Teatro de Arte, *As três irmãs* e *O vilarejo de Stepantchikovo;* no Teatro de Câmera, *Tamira Citaredo,* de Innokenti Ánienski; no Teatro do Drama, *Pavel,* de Merezhkovsky. Na filial do Teatro de Arte assisti a *Torrente*. No palco havia um café, os clientes ordenavam conhaque, chamavam o garção. Sentava-se perto de mim o crítico de arte Ja. A Tugendehold, pouco antes chegado de Paris. Quando caiu o pano de bôca, Jakov Aleksandrovitch revistou os bolsos em busca

de trocado: parecia-lhe encontrar-se num café e ter de pagar o garção. Eu sorria, embora o texto fôsse bastante tétrico: fazia-me rir o naturalismo do teatro. Os atôres bebiam realmente alguma coisa, tudo era como "na realidade". Em 1909, em Paris, me havia parecido inverossímil o ator trágico Mounet-Sully, no papel de rei Édipo, enquanto agora me fazia rir a rara verossimilhança do que era demasiado semelhante ao verdadeiro...

A arte me tentava, mas eu continuava a pensar nas perguntas revoltadas da Esfinge. Do ponto de vista prático, as dificuldades da vida aumentavam cada vez mais: todos passavam fome. Não se falava mais que de tiroteios, de racionamentos, de tifo. Eu suportava as privações melhor que muitos de meus amigos: eu já havia cursado a escola da fome em Paris.

Certa vez, trazida por um conhecido, recebi uma carta de Chantal: esperava sempre que voltasse. Por um instante me revi em Paris. O Sena, as hipocatanáceas, os amigos e a pequena rua Cour de Rohan, na qual morava Chantal. Levei um tempão respondendo: queria explicar que a guerra não havia terminado, que não ganhava tostão e, sobretudo, que não podia deixar a Rússia, sem ter antes compreendido o que me estava acontecendo... Era uma carta estúpida e rasguei-a.

9

Minha mãe morreu em Poltava no outono de 1918. Sabendo-a gravemente enferma, não via a hora de chegar. Quando cheguei finalmente à casa de meu tio, vi meu pai: sentado na sala de visita, todo curvo, voltava naquele momento do cemitério. Eu havia chegado com dois dias de atraso e não pudera dar adeus à minha mãe. Na vida interior de todo homem a morte da mãe traz modificações profundas. Desde a idade de dezessete anos tinha vivido longe dos pais e contudo me senti de repente órfão. Caía uma chuva fria e as geadas prematuras tinham feito enegrecer ràpidamente as flôres sôbre os túmulos. Não sabia o que dizer a meu pai; ambos calávamos. Passei com êle duas semanas; poderia falar longamente dêsse período, mas também se pode omitir...

Um dia encontrei na rua V. G. Korolenko. Caminhava recurvado; o seu vulto nos deixava pasmados pela bondade e pela tristeza que nêle se estampavam. Parecia o último representante dos intelectuais do século XIX. (O dicionário de Ushakov dá a seguinte definição da palavra "intelectual": "um homem, cujo comportamento social é caracterizado pela falta de vontade, hesitação, dúvidas". Mas a "intelligentsia" russa do século passado não era abúlica; sabia pagar pelas próprias idéias, tanto com as adversidades de uma vida difícil quanto com a prisão e os trabalhos forçados. As suas dúvidas se podiam freqüentemente atribuir não ao temor, mas a um extremo escrúpulo de consciência. E consciencioso em sumo grau era também Korolenko). Recordava o empenho com que havia ajudado, no exterior, um poeta principiante. Um estudante, que lhe freqüentava a casa, me disse: "Se quer, apresento-o..." Sabia que Vladímir Galaktiónovitch não estava bem, que sentia o pêso dos acontecimentos em curso e a preocupação pela sorte de seu genro, prêso pelos alemães. Não teria a coragem de pedir-lhe nada. E não ousei aproximar-me simplesmente dêle, agradecer-lhe pelo fato de viver neste mundo...

Cheguei a Kiev em um mau momento. Direi como vivi nessa cidade e o que vi; mas antes de tudo desejaria falar da própria Kiev. Em môço fui muitas vêzes àquela cidade, hóspede de meu avô; fui a Kiev mesmo após haver saído da prisão, sem residência, sem um teto. A minha vida transcorrera em duas cidades: Moscou e Paris, mas nunca pude esquecer que Kiev era a minha pátria. A quanto chega o poder da palavra, a fôrça da imaginação! Não sei quando os meus antepassados foram dar com os costados na Ucrânia e de onde os empurraram os ventos da história: talvez de Córdoba ou de Granada. Meu avô chegou a Kiev vindo de Novgorod-Seversk, antiga cidadezinha do govêrno de Tchernigov, e isto, naturalmente, não nos tempos do príncipe Ígor, mas em época mais recente, no reino de Alexandre II. Onde o seu senhor o terá arrastado para trás, puxando-o pelos longos bigodes? Em Novgorod-Seversk, em Kiev ou, talvez, naquela mesma Berdichev, sôbre que se contam centenas de anedotas e que inspirou Koiranski a compor os tais versos ruins? Não o sei. Não desejo certamente demonstrar que sou, para Kiev, um velho cidadão "hereditário". Mas o coração tem as suas leis e eu penso sempre em Kiev como em meu bêrço natal. No outono de 1941, perdíamos uma cidade

após outra, mas eu não esquecerei jamais a jornada de 20 de setembro: quando me disseram, na redação do *Estrêla Vermelha*, que as divisões alemãs desfilavam ao longo da Krieschtchátik. "Kiev, Kiev! — repetiam os fios do telégrafo — Aqui fala a dor. Fala a desgraça. Kiev, Kiev, pátria minha!..."

E recordo quando, jovem, o trem ia se aproximando de Kiev. Parava-se em tôdas as estações, não havia pressa (quem tinha pressa era eu) e as estações tinham nomes estranhos: Bobrik, Bobrovitsa, Brovary. Depois começavam as areias; pareciam-me um Saara. Debruçava-me na janela. Kiev surgia de repente: as cúpulas do convento da Lavra, os jardins, o larguíssimo Dniéper com as suas ilhotas, verdejantes de árvores. O trem desenganchava-se ao longo da ponte...

Em Kiev havia jardins enormes, onde cresciam castanheiros; aos olhos de um rapaz de Moscou pareciam exóticos como palmeiras. Na primavera, as árvores cintilavam como candelabros de muitos círios, enquanto no outono colhia castanhas, lustrosas, como morenas. Por tôda parte viam-se jardins: pela Institútskaia, pelas Marinsko-Blagovershcenskaia, Zitomirskaia e Aleksandrovskaia; quanto à Lukoianovka, onde morava tia Masa com as suas pêras e os seus frangos, era para mim o paraíso terrestre. No Krieschtchátik havia uma papelaria, a de Tchernucha, e ali adquiria os cadernos escolares de brilhantes capas coloridas; num dêsses cadernos, até um dever sôbre percentagem assumia um ar mais alegre. Depois havia a confeitaria de Balabucha, onde se vendia certa marmelada sêca (chamavam-na "Balabucha"); numa caixa havia um doce, parecido a uma rosa, perfumadíssimo. Em Kiev, comia pastéis de cereja, ázimo com alho. Nas ruas, os passantes sorriam. No verão, no Krieschtchátik, a gente se sentava nos cafés, mesmo nas calçadas, para tomar café ou sorvete. Olhava aquêles afortunados cheio de inveja e de admiração.

Seguidamente, tôdas as vêzes que ia a Kiev, me encantavam a alegria, a cordialidade, a vivacidade dos seus cidadãos. Evidentemente, cada país possui um sul próprio e um norte próprio. Os italianos consideram os habitantes de Turim setentrionais: são mais secos e reservados, práticos. Gascões e turinenses vivem no mesmo meridiano, mas a Gasconha representa o sul da França e em francês "gascões" significa burlões, fanfarrões, sonhadores. Para os espanhóis, os habitantes de Barcelona são setentrionais, mas partindo de Barcelona e indo para

o norte, cruzando-se a fronteira, pode-se chegar a Tarascon, onde vivia Tartarin.

No norte, alguém ri de quando em quando: perpassou-lhe alguma lembrança agradável. E o meridional, por que sorri? Provàvelmente porque se habituou a sorrir. A fantasia ucraniana, o humorismo ucraniano serviam para embelezar o aspecto austero da velha Rússia. Gógol era um homem de sensibilidade mórbida, de caráter muito difícil, mas quantas pessoas conseguiu recuperar com os seus livros! Bem sei que Gógol é um "grande realista", lê-se em qualquer manual, e na escola aprendi de cor: "Maravilhoso é o Dniéper quando faz bom tempo". Diz-se ali: "Raro é o pássaro que alcança, voando, a metade do Dniéper". Os pássaros transpõem o oceano, mas Gógol tem razão: vasto é o Dniéper, como vasta é a arte.

Após a revolução, ingressaram na literatura os meridionais, vivos, arrebatados, irônicos e românticos; deslumbraram-nos, fizeram-nos rir, inspiraram-nos: Bábel, Bagritski, Paustóvski, Kataiev, Svetlov, Zoshchenko, Ilf, Petrov, Oliecha...

Rapaz, havia sido hóspede de tia Masa; ela havia alugado um sítio próximo a Borispol; lá, nas feiras, ouvia os cegos cantar antigas canções. Muitos anos depois tive ocasião de ouvir M. F. Rilski recitar os próprios versos e então ouvi alguma coisa de bem conhecida: a música terna e maliciosa do dialeto ucraniano.

Em Santa Sofia, em Kiev, passei muitas horas. Freqüentemente a arte bizantina vem contraposta à da Grécia antiga; certamente, Cristo-pantocrata, exigente e austero, ligado não sòmente ao céu azul da Grécia, mas também à ordem fanàticamente policialesca do antigo império, não chega a fazer parte de um mundo habitado de ninfas e centauros. Contudo, Bizâncio conservou a harmonia da Hélade; os seus reflexos alcançaram a antiga Kiev. Em Santa Sofia sentia não sòmente o pêso dos séculos, mas também a leveza, as asas da arte.

Eu amo o barroco de Kiev; seu amaneiramento é atenuado por uma certa bonomia natural; não se trata de uma mímica, mas de um sorriso. Sofro pelo convento Mikhailóvski, era belo, tinha um pàtiozinho simpático. Certo, a igreja de Santa Andréia é mais bela, mas fizeram mal em destruí-lo... (Os futuristas eram acusados de não respeitar a arte do passado; mas os futuristas estavam armados de penas, não de picaretas. Durante os anos trinta devastava-se a floresta de tal forma

que por tôda parte ao redor voavam, não lascas de madeira mas pedaços de pedra. Em 1934, estava em Arkhangel quando fizeram ir pelos ares o edifício da alfândega, contemporâneo de Pedro o Grande. Perguntei o motivo e foi-me respondido que "impedia o trânsito", mas em Arkangel os automobilistas podiam ser contados, não digo na ponta dos dedos, mas quase).

A guerra feriu furiosamente Kiev em muitas partes. Os alemães fizeram saltar a catedral da Lavra. O Krieschtchátik, pràticamente, não mais existia. Depois se construíram as calçadas, foram colocados aqui e ali vasos com flôres e vigilantes urbanos. Depois se contruíram as casas. O velho Krieschtchátik, onde não existiam monumentos antigos, me era caro sòmente pelas recordações. Em Moscou, ao contrário, moro na rua Górki e me familiarizei com a arquitetura, que hoje é chamada "ornamental", embora não constitua, de fato, um ornamento. Em compensação, fui tomado de entusiasmo à vista da nova avenida ao longo do Dniéper; hoje tôda Kiev pode sentar-se num banco de jardim (naturalmente quando faz bom tempo) e verificar até que ponto é maravilhoso o Dniéper... Tornou-se mais belo o verde bairro de Lípki. O de Podólia libertou-se do seu estigma de pária.

Não, Kiev não me é estranha! As minhas primeiras recordações são um grande quintal, frangos, um gato metade branco metade fulvo, e defronte da casa, na Aleksandrovskaia, ficava o café concêrto no descampado Castelo das Flôres, com belos balõezinhos.

A Kiev estão ligados não poucos acontecimentos de minha vida. Em 1918-1919 ali se achava a academia de arte de Aleksandra Aleksandrovna Ekster, uma pintora de "esquerda", que expunha os seus quadros em Moscou juntamente com o grupo Fante de quadros e às vêzes dirigia peças no Teatro de Câmera. Na academia estudavam uma dúzia de meninas e alguns rapazotes. Falarei a respeito em um dos capítulos subseqüentes: aqui não falo de pintura mas de mim próprio. Entre as discípulas de Ekster havia uma jovem de dezoito anos, Liuba Kozintsova. Demonstrou algum interêsse por mim, quando soube que eu conhecia Picasso. Quanto a mim, demonstrei interêsse por ela, ainda que conhecesse sòmente a Ekster. Comecei a freqüentar a casa da rua Marinsko-Blagoveshcenskaia, onde morava o doutor Kozintsov. Certo, não gozava de uma reputação "estável", mas naquele tempo tudo era instável. O *getman*[1] foi substituído por Petliúra, êste foi rechaçado pelo Exército Vermelho. Liuba e os seus companheiros pintavam a fresco um barco destinado à propaganda. O porteiro da Associação Lítero-Artística sentenciava: "Muda o vento, muda o destino, amanhã os agarraremos pelo colarinho". Eu continuava a escrever poesias, mas nos numerosos questionários que devia preencher, à pergunta sôbre profissão, não respondia mais "poeta", mas "empregado": trabalhava em várias emprêsas soviéticas. Mas não é êste o momento de falar disso. Liuba vinha encontrar-me ocultamente: eu havia alugado um quarto na Reitorskaia. Alguns meses depois, sem avisar ninguém, nos dirigimos ao cartório do registro civil, passando sôbre os corpos dos soldados adormecidos e os pacotes de produtos requisitados do Comitê da Alimentação.

Em outubro de 1943, juntamente com outros correspondentes do *Estrêla Vermelha,* morava nas ruínas da cidade de Letki, no Desna. Esperávamos o momento em que Kiev seria libertada. Ao redor sussurrava um viçoso canavial. Às vêzes nos dirigíamos a Darnitsa, de onde era possível contemplar a cidade. Às vêzes cruzávamos para a margem direita do Dniéper. Era duro ser obrigado a esperar assim. Em seguida o poeta Semen Gudzenko escreveu: "Mas tanto entre os montes de neve da região de Moscou como nos pântanos dos rios bielorrussos, Kiev foi o primeiro amor, o que não se esquece jamais".

Vi as areias do Babi Iar; ali os alemães liquidaram setenta mil judeus. Mostraram-me um cartaz: "Aos judeus da cidade de Kiev e cercanias. Segunda-feira, 29 de setembro, às sete da manhã, devem apresentar-se com os seus pertences, documentos e roupas na rua Dorogozhitskaia, próximo ao cemitério hebraico. Quem não se apresentar será condenado à morte". Pela longa Lvovskaia se arrastou a procissão de condenados; as mães levavam consigo os lactantes, os velhos paralíticos vinham transportados em carrinhos de mão. Depois foram todos desnudados e assassinados. Entre os mortos não havia nenhum parente meu, mas creio não ter jamais suportado em tôda a vida tamanha tristeza, nunca me senti tão órfão como nas areias do Babi Iar. Por tôda parte havia um negrume de cinzas, de ossos carbonizados (pouco antes de se retirarem, os alemães ordenaram aos prisioeiros de guerra desenterrar os corpos das vítimas e quei-

[1] Chefe das tropas cossacas e supremo dirigente da região.

má-los). Parecia-me — quem sabe por quê — que ali tinham encontrado seu fim parentes meus, amigos meus, contemporâneos meus, que eu havia visto quarenta anos antes, voltados para os seus brinquedos infantis nas melancólicas ruas do Podólia ou da Demievka.

Em Kiev a população judaica era numerosa. Quando era ainda jovem, meu primo, um estudante, indicou-me no Krieschtchátik um homem de óculos, cabelos longos, e me explicou em tom cheio de respeito: "É Shalom Aleichem". Não tinha ainda ouvido falar dêsse escritor e me pareceu um dêsses tipos eruditos e extravagantes que gostam de se sentar diante de um livro, suspirando em tom significativo. Mais tarde li os seus livros e me tocou a mim suspirar e rir, enquanto experimentava o desejo de recordar o semblante daquele bizarro erudito que eu havia entrevisto na Krieschtchátik. Shalom Aleichem dava a Kiev o nome de Egupets e os habitantes da cidade popularizaram os seus livros. Seus filhos e seus netos se despediram para smpre de Egupets no Babi Iar...

Achava-me em Kiev por ocasião de um *pogrom*. A narrativa do escritor ucraniano Kotsiubinski é-me duplamente cara, já porque compreendo o tormento de Esterka [1], já porque o autor da narrativa não é o carniceiro Abraão, mas Mikhail Mikhailovitch, filho de Mikhail Matveevitch e de Glikeria Maksimovna[2].

Tive muitas experiências tristes em Kiev, mas não é êste o ponto. Dizem que se pode nascer em qualquer lugar: em qualquer parada ou num país distante, ao qual a sorte tenha levado os genitores por um mês ou por um ano. É verdade, mas a partir daquele momento a parada não é mais um simples ponto na carta geográfica, e o país distante se torna próximo.

"Kiev, Kiev, pátria minha..."

Tôda vez que chego a Kiev, sempre subo sòzinho ao longo de alguma rua íngreme; quando jovem, vencia as ladeiras de carreira, mas envelheci e me vem o cansaço. Subo lentamente e me parece que sòmente de Lípki e de Petchierski posso contemplar os anos, os decênios, o tempo que vivi.

Tudo isto, a bem dizer, não é mais que o preâmbulo de uma fábula popular. Vivi em Kiev, do outono de 1918 até novembro de 1919: um ano. Durante êste período, por bem quatro vêzes a cidade mudou de govêrno, de regime, de bandeira e até de placa. Não mudaram sòmente os muros, contra os quais se fuzilava a gente. Esta é a fábula triste que me toca narrar. Se adotei o princípio de uma digressão lírica é sòmente porque quase todos os provérbios mentem (ou, mais precisamente, dizem a verdade ao reverso), compreendidas as clássicas sentenças da sabedoria romana, que afirmavam: *Ubi bene, ibi patria.* Na realidade, a pátria pode estar também onde se vive muito mal...

[1] Protagonista do conto.
[2] Nomes típicos de camponeses russos e não hebreus.

10

Em Paris repetiam tristemente: "Os alemães se encontram em Noyon". E eis, diante de mim, os alemães na Krieschtchátik. Vinha-me ao encontro um oficial alto, com os bigodes à Guilherme. Junto à Duma os sentinelas alemães, de botas altas, pareciam dançar um "ponta e salto" com as solas de madeira. Numa das estações da linha que conduz a Kiev notei que metade do restaurante estava muito bem conservado e exibia o seguinte aviso: "Reservado aos senhores oficias alemães".

Os jornais asseveravam que o governador da Ucrânia era o *getman* Skoropadski.[1] Tinha um cognome de mau agouro: também os governos, naquele período, caíam demasiado ràpidamente. Não tive nunca oportunidade de vê-lo, talvez tivesse *le physique du rôle*. Quando os homens de Petliúra se aproximaram da cidade, o *getman* partiu para a Alemanha; todavia, diante da sua casa, permaneceram, como antes, facções de jovens voluntários, convictos de continuar defendendo o chefe do Estado. Os habitantes de Kiev diziam, rindo, que o *getman* tivera muita pressa. Certo é que não tinha pressa de morrer. Viveu como emigrado quase trinta anos, ostentou o seu entusiasmo por Hitler e assistiu à segunda derrota da Alemanha. Um alemão me contou que Skoropadski se fêz chamar, até o dia da morte, "senhor *getman*"; certamente com os anos deve ter-se habituado ao apelativo, mas em 1918 representou a sua

[1] Em russo *skoropadski* significa: que cai depressa.

parte bem mal, como um principiante. Fôra-lhe confiada a tarefa de defender a independência da Ucrânia, mas na sua qualidade de oficial do exército czarista preferia abertamente os soldados da guarda de Petrogrado aos *gajdamak*[1] de Kiev. Os alemães o tinham nomeado *getman* e é natural que os amasse; mas na França os aliados desfecharam uma grande contra-ofensiva e Skoropadski enviou um hômem de sua confiança a Odessa, onde se encontrava o representante dos aliados, o cônsul francês, *monsieur* Hennaut.

No mercado de ferro-velho, soldados desmoralizados, com os uniformes rasgados, vendiam lampadários de cristal e fuzis. Cantavam: "Ucrânia minha, terra rica, dei aos alemães todo o pão e eis que agora tenho fome".

Aos alemães não faltava certamente o apetite; comiam por tôda parte, nos restaurantes, nos cafés, no mercado. Comiam *schnitzel* vienense e frituras, pedaços de carneiro no espêto e "à smetana".

Os alemães estavam alegres e felizes da vida; nas confeitarias de Kiev se estava muito melhor que no "Chemin des Dames" ou em Verdun. Pareciam aquelas figuras que se viam na Alemanha, sôbre monumentos erigidos em homenagem às vitórias militares. Estavam convencidos de poder subjugar o mundo. (Vinte anos depois vi os filhos dos alemães, que na época haviam passeado pelo Krieschtchátik, caminhando pelos bulevares de Paris; os filhos pareciam-se aos pais: comiam muito e estavam matemàticamente seguros da sua superioridade).

Kiev tinha o ar de um local de passeio fervilhante de forasteiros. Os habitantes de Kiev se perdiam entre a multidão de fugitivos chegados do norte. O Krieschtchátik foi a primeira etapa da jornada dos emigrados russos: depois vieram a beira-mar de Odessa, as ilhas turcas, as pensões de Berlim e as águas-furtadas de Paris. Quantos futuros motoristas de táxis parisienses passeavam, então, pelo Krieschtchátik! E havia de tudo. Ilustríssimos funcionários de Petrogrado, astutos jornalistas, atrizes de variedades, proprietários de pensões suspeitas e comuns pequeno-burgueses: o vento do norte os impelia como fôlhas de outono.

1 Soldados da seção de cavalaria do exército nacional ucraniano do período descrito pelo autor.

Todo dia se abriam novos restaurantes, novas churrascarias; a gente chegava do norte, após uma vida de fome e de misérias, e engordava a olhos vistos. Abriam-se casas de jôgo, teatrinhos de revista, clubes noturnos. Um dêsses últimos chamava-se Jimmy, o torto; Agnivtsev escrevia as estrofes; os atôres, saltando mecânicamente, cantavam: "Dez governos nos foram doados, mas ainda não nos têm enforcados".

Surgira um grande número de lojas, que vendiam tôda sorte de objetos a preços de ocasião; era uma novidade assombrosa; podiam-se comprar peles, crucifixos com correntes, ícones e pianolas, prataria de mesa, brincos, mantas escocesas, rendas, tôdas as coisas que a gente conseguia trazer consigo de Moscou e de Petrogrado. Circulavam moedas de tôda espécie; do czar, do govêrno de Kerenski, do ucraniano; ninguém sabia dizer qual seria a pior. Junto à Duma, especuladores ofereciam marcos alemães, coroas austríacas, esterlinos, dólares. Quando se tinha notícia de qualquer desgraça alemã na França, os marcos desciam e as libras esterlinas subiam.

Mais que todos seduziam os dólares, e os especuladores os dividiam em várias espécies: os mais caros estavama "com os touros".

Também os oficiais se dividiam em várias categorias: havia os sequazes de Denikin, de Krasnov, os cossacos "brancos" do Kuban e até os representantes do "exército de Astrakhan". Se não me engano, passaram todos a fazer parte de um "corpo especial russo", mas brigavam entre si. Não obstante, todos brigavam de morte com os bolcheviques, com os fautores da autonomia e com os judeus. Foi no Krieschtchátik que ouvi pela primeira vez o grito de guerra: "Morte aos judeus, viva a Rússia!" Quanto a judeus, mataram muitos dêles, mas nem por isso conseguiram salvar a sua Rússia, aquela de seu tempo.

Começaram a circular os boatos mais contraditórios: que os aliados haviam derrotado os alemães, que na Alemanha reinava a confusão; que o nôvo govêrno na Alemanha era chefiado por uma espécie de Kerenski, chamado "Max de Baden". Os oficiais brancos não sabiam se se alegravam ou entristeciam; de um lado, haviam jurado fidelidade aos aliados e condenavam a paz de Brest-Litovsk; de outro, compreendiam perfeitamente que, se os alemães fôssem embora, a cidade seria ocupada por aquêles que definiam como "bandidos", isto é, os homens de Petliúra.

Os alemães arrumavam as malas com calma, em ordem. O Kaiser fugira de Berlim para a Holanda. No Ocidente as operações militares haviam cessado. Os jornais informavam que em Kiev havia sido constituído um "soviete dos deputados dos soldados" alemão. Não sei exatamente de que coisa se ocupava. No que concerne aos oficiais e soldados alemães, tratavam de levar para a pátria o mais rico produto de saque possível e, naturalmente, gêneros alimentícios.

Os socialistas-revolucionários e os cadetes, reunidos na Duma municipal, estavam por declarar a disposição de tomar todo o govêrno em suas mãos, como representantes da população, democràticamente eleitos; mas de Odessa chegou um emissário de *monsieur* Hennaut e anunciou que os aliados ordenavam às "fôrças democráticas de Kiev" apoiar Skoropadski.

Pieter Pilski, que antes da revolução era conhecido por ter escarnecido os poetas simbolistas, publicava em Kiev uma revista humorística *A pimenteira do diabo*. Havia em verdade de que rir-se: o *getman,* levado ao poder pelos alemães, estudava às pressas e furiosamente a Marselhesa; *monsieur* Hennaut dizia ser favorável ao *getman* e convidava o diretório a fornecer-lhe armas. O govêrno da nova república alemã se dizia socialista e se pusera de acôrdo com os generais franceses sôbre uma expedição militar contra a Rússia soviética. De tudo isto, em *A pimenteira do diabo* não se dizia palavra: a moer a pimenta não estava o diabo, mas um literato de Petrogrado que se dava conta, muitíssimo bem, que breve deveria pedir o visto: o francês ou o alemão.

Os trens para Odessa eram tomados de assalto: todos diziam que lá desembarcariam as tropas aliadas; desembarcariam demasiado tarde para defender Kiev dos homens de Petliúra ou dos bolcheviques, enquanto Odessa era um paraíso, uma fortaleza, onde a vida era tranqüila. Os céticos acrescentavam que, mesmo se de Marselha não chegassem os *poilus* franceses, de Odessa os prófugos poderiam chegar a Marselha: para que, afinal, serviria o mar?

Como já disse, nunca se contam tantas mentiras como na fase inicial de uma guerra. A guerra civil durava havia muito, mas os adversários do poder soviético mudavam contìnuamente e todos davam livre curso às próprias fantasias, como se faz sòmente no princípio de tôda guerra. Várias pessoas "bem informadas" juravam e prejuravam que os aliados dispunham já de

certos raios ultravioleta, mediante os quais podiam exterminar em poucas horas tanto os "vermelhos" quanto os autonomistas.

Falava-se muito de "bandos". Existiam numerosos grupos de revoltosos; aparentemente se assemelhavam todos, mas entre os revoltosos havia os que pensavam de um modo e os que pensavam de outro: alguns confiavam no diretório; para outros era chegada a hora de acabar com os burgueses, mas, entrementes, espoliavam os camponeses; havia também os que se divertiam com saques, como os Opanas,[1] que roubavam com os *pogroms* contra os judeus. Não recordo em que momento tenha entrado em cena êste ou aquêle chefe cossaco, em 1918 ou em 1919, mas sei que num só ano ouvi dêles incontáveis histórias sôbre Striuk, Tiutiunik, Angel, Zeleni, Zabolotni, e, naturalmente, sôbre o mais famoso de todos: Machno.

As tropas do diretório se aproximaram da cidade. No último instante os oficiais brancos esvaziaram as cantinas, puseram-se a embebedar-se, a cantar, a xingar, a chorar e a fuzilar os "tipos suspeitos".

Quando os soldados ocupam uma cidade, estão de bom humor, quando, ao contrário, devem abandoná-la, estão tomados de ódio e o melhor é não ser visto por êles. Naquele ano pude ouvir muitas vêzes três expresseõs: "No quartel general de Duchonin"[2], "excessos" e "bater a porta".

Os homens de Petliúra caminhavam pelo Krieschtchátik todos alegres, não puxavam o cabelo a ninguém. Os senhores de Moscou, que não tiveram tempo de viajar para Odessa, exclamavam cheios de admiração: "Como são simpáticos!" Os oficiais brancos ficavam reunidos e encerrados no Museu de Pedagogia (evidentemente por causa das dimensões do edifício e não por motivos didáticos). Recordo-me do espanto generalizado: ouviu-se um grande estrondo, em muitas casas romperam-se os vidros das janelas. A gente começou a encher de água a banheira, a tôda pressa — talvez viesse a faltar, quem sabe por quanto tempo — e a queimar os jornais de Petliúra. Depois se soube que alguém havia lançado uma bomba no Museu de Pedagogia.

As manchetes dos jornais mudavam. Em volta tremulavam bandeiras auri-azuis. No papel-moeda figurava um tridente.

1 Protagonista de um conhecido poema de E. Bagritski.
2 De *duch,* espírito. Significa: ao fuzilamento.

Foi dada ordem de modificar as insígnias das lojas e por tôda parte se viam escadas com gente empoleirada substituindo o "i" normal pelo do tipo antigo.

Em dois edifícios, no quarteirão do Lípki, apareceram emblemas: o inglês e o francês. Os jornais comunicavam que *monsieur* Hennaut havia prometido defender a independência da Ucrânia contra os "vermelhos" e os "brancos".

Às vêzes me parecia assistir a um filme sem poder compreender quem seria o perseguido e quem o persguidor; os episódios se sucediam tão ràpidamente que faltava tempo não só para pensarmos a respeito, mas até para distingui-los. Os homens de Petliúra conduziam negociações tanto com os bolcheviques como com os seguidores de Denikin, tanto com os alemães como com *monsieur* Hennaut As tropas do diretório entraram em Kiev em dezembro e não permaneceram muito tempo: seis semanas ao todo.

Ninguém sabia quem, no dia seguinte, se poria a prender e quem seria prêso, ninguém sabia que retratos exibir nas vitrinas e quais esconder, que dinheiro aceitar e que outro tratar de impingir a qualquer boboca. Entrementes, a vida seguia o seu curso. Fiquei por longo tempo privado de um quarto e dormia sôbre um divã, no apartamento de um primo médico, especialista em doenças venéreas. Às vêzes, de manhã, pipocavam tiroteios nas ruas, mas na ante-sala já se sentavam clientes de semblante carrancudo; não queriam que eu os olhasse de frente e alguns tentavam até ocultar o rosto com jornal. As manchetes dos jornais mudavam, nêles se escrevendo coisas completamente diversas das que se podiam ler um dia antes, mas isto não parecia perturbar de fato os pacientes.

No quarteirão do Lípki encontrava-se um edifício, no qual tinham lugar, habitualmente, os interrogatórios dos presos; quando se estava por abandonar a cidade, queimavam-se os documentos, quebravam-se os vidros. As novas autoridades recolocavam os vidros, traziam consigo enormes pacotes de documentos novos e recomeçavam a interrogar os presos.

Recordei a Associação Lítero-Artística; tinha sede na Nikolaievskaia e se chamava cacofônicamente Klak (Clube Litero-Artístico de Kiev). Durante os meses do poder soviético

o nome foi transformado para Chlam[1], não por desprêzo da arte, mas simplesmente porque todos os nomes deviam ser mudados; Chlam significava: "Pintores, literatos, atôres, musicistas". Ia por ali freqüentemente. Depois de cada reviravolta, alguns freqüentadores assíduos desapareciam, iam-se embora com as tropas que abandonavam a cidade, ou, segundo a definição do porteiro, "haviam sido *pegos* pelo colarinho". Os remanescentes cantavam ou ouviam os outros cantar, recitavam versos, comiam almôndegas.

Quando em fevereiro chegaram da margem esquerda os soldados do Exército Vermelho, quase todos ficaram contentes. Recordo um dos freqüentadores do Chlam, um advogado de Moscou, calvo; gritava, todo excitado: "Não partilho das idéias dêles, mas pelo menos têm idéia, enquanto nós aqui fomos vencidos e sabe o diabo como!..."

Naturalmente, havia também os irredutíveis; êstes acreditavam que dali a um mês o *Parque da Cidade* tornar-se-ia novamente o *Parque dos Mercadores* e que voltaria a circular o *Cidadão de Kiev,* caro ao seu coração. *Monsieur* Hennaut havia de fato prometido que os aliados desembarcariam em Odessa, em Sebastopol, em Novorossiski, para libertar imediatamente dos bolcheviques a "mãe das cidades russas". Com quem não se punha de acôrdo êsse *monsieur* Hennaut! Em tôrno de Kiev vagueavam os "*kuren* da morte" e os bandos dos vários *ataman*[2]. As casas ardiam; esvoaçavam as penas dos acolchoados. Todo dia se ouvia falar de algum nôvo *pogrom,* de crianças violentadas, de velhos destripados. Os aliados se reuniam em Paris; inspirando-se na Veneza dos doges, haviam organizado o Conselho dos Dez; êste Conselho estava em negociações com Denikin. *Monsieur* Hennaut havia prometido fuzis a Zeleni. A gente morria de frio, de alguma bala errante, de *pogrom,* de tifo.

Durante a ocupação de Petliúra alguém levou ao Klak o jornal francês *Matin.* Soube que em Paris florescera uma moda nova: os homens usavam paletós muito estreitos na cintura. Os vencedores do Kaiser pareciam elegantes senhores. Pouco mais abaixo havia um artigo em que se explicava que, na Rús-

1 *Chlam* em russo significa velharia, farrapos, mas, como explica o autor mais adiante, tratava-se de uma sigla.

2 *Kuren* se chamavam algumas seções especiais cossacas; o *ataman* era um chefe cossaco tanto no plano administrativo como no militar.

sia, os aliados estavam defendendo a liberdade, os direitos civis e outros excelsos valôres humanos.

Como já disse, Skoropadski viveu até avançada idade, nutrido pelos alemães. Petliúra foi assassinado em Paris pelo relojoeiro Schwarz-Bart. Não sei que fim terá levado *monsieur* Hennaut, não valia grande coisa e os historiadores o ignoraram. Mas muitas vêzes, após ter lido o jornal com as notícias sôbre o que ocorre na Guatemala, no Congo, no Irã ou em Cuba, rememoro o ano 1919, o martírio de Kiev e a sombra do misterioso *monsieur* Hennaut.

11

As tropas vermelhas chegaram em fevereiro de 1919; em agôsto, a cidade foi ocupada pelos brancos. Transcorreram seis meses brilhantes e ruidosos. Foi para Kiev um contínuo aproximar-se de esperanças, de excessos, de avanços, de confusões; um suceder de aguaceiros primaveris.

Começarei por mim. Já disse que no entretempo me tornara empregado soviético. Em Paris, servira de guia, depois descarregara vagões de mercadorias no cais, escrevi artigos publicados pelas *Notícias da Bôlsa*. Tudo isto, inclusive a atividade jornalística, não exigia uma qualificação profissional superior. Mas a página subseqüente da minha caderneta de trabalho é, em verdade, um título: fui nomeado diretor da seção estética para a educação das crianças deficientes da Previdência Social de Kiev. O leitor certamente sorrirá, e sorrio também eu. Não soubera jamais o que fôssem "crianças deficientes". Certamente não o saberá tampouco o leitor. Desde os primeiros anos da revolução começara a circular uma terminologia sibilina. "Deficiente" equivalia a moralmente deficiente; o conceito abarcava, juntamente com os criminosos de menor idade, os meninos difíceis de educar. (Quando isto me foi explicado por uma assistente social muito magra, seguidora de Froebel, compreendi ter sido, na minha infância, o mais "deficiente" dos rapazes. Por que teriam confiado exatamente a mim o setor da educação estética das crianças e, além do mais, deficientes? Não o sei. Não tinha nada a partilhar com a pedagogia, e quando em Paris minha filha começava a fazer caprichos,

acalmava-a recorrendo a um método em nada pedagógico: por sòmente dois vinténs comprava-lhe um sorvete verde ou vermelho).

Aliás, naquela fase havia muitos fazendo trabalhos diversos dos seus. Shaginian havia deixado de dar as suas lições de estética para ensinar aos cidadãos como praticar a ovinocultura e revelar aos artesãos os segredos da tecelagem; enquanto I. L. Selvínski, laureado em jurisprudência e docente habilitado de marxismo-leninismo para uso dos professôres, tornara-se instrutor de curtimento de peles.

Junto à minha seção trabalhou, por dois ou três meses, um rapaz que tivera a fortuna de não ter sido descoberto pela polícia: comerciava em dólares, aspirina e açúcar. Além disso, escrevia versos sem gramática. Advertia: "Peço desculpa, mas são espantosamente eróticos". Muitos traços do protagonista do romance *Rapace,* por mim escrito em 1924, foram tomados da biografia dêsse meu jovem colega. Em verdade, de pedagogia sabia ainda menos que eu, mas estava seguro de si, desenvolto, intervinha nas conversas entre médicos e pedagogos. Recordo-me que, durante uma reunião, falava-se da influência que exercem sôbre o sistema nervoso da criança as albuminas, as gorduras, os carbo-hidratos. O jovem autor dos versos (espantosamente eróticos) cortou a palavra a um encanecido professor, com a seguinte declaração: "Basta com êsses gracejos! Também eu cresci nervoso. Se quisermos pesquisar minuciosamente, até as gorduras são úteis, e sobretudo as albuminas..."

Declarei a pedagogos e psiquiatras que eu era de fato leigo na matéria, mas me responderam que trabalhava bem. Havia conquistado uma reputação: Ehrenburg, especialista em educação estética das crianças; e no outono de 1920, quando regressei a Moscou, Meierchold me propôs dirigir os teatros para a infância da república.

Em Kiev elaboramos longamente um projeto de colônia experimental modêlo, na qual os transgressores da lei, de menor idade, poderiam ser educados no espírito do "trabalho criador" e de um "desenvolvimento integral". Era a época dos projetos. Creio que em tôdas as emprêsas de Kiev, tipos originais com cabelos brancos e jovens entusiastas estiveram elaborando projetos para uma vida paradisíaca sôbre a terra. Discutíamos a influência das côres demasiado vivas sôbre crianças excessivamente nervosas, indagávamo-nos se a declamação a várias vo-

zes influiria sôbre a consciência coletiva e que resultados poderia dar a ginástica ritmica na luta contra a prostituição infantil.

Entre as nossas discussões e a realidade circundante havia um abismo. Comecei a inspecionar os reformatórios e os albergues noturnos onde buscavam asilo as crianças abandonadas, sem teto. Devia ampliar as relações: não se tratava mais de ginástica rítmica, mas de pão e de tecidos para roupa. Os rapazes escapavam para atingir os chefes cossacos, enquanto as môças convidavam os prisioneiros de guerra que regressavam da Alemanha.

Trabalhava comigo o jovem pintor Pania Pastuchov, um tipo extremamente tímido. Um dia mandei-o inspecionar um refúgio para rapazes prófugos, organizado em 1915. Voltou dali desconcertado. As môças, no entretempo, haviam crescido e abandonadas ao próprio destino, à medida que se sucediam os vários governos, começaram a ganhar para viver; algumas tinham já bebês ao colo. Quando Pastuchov começara a dizer-lhes que a instrução era luz e a ignorância trevas, uma das raparigas o interrompeu pìcaramente: "Benzinho, dá-me antes um cigarro..."

O nosso escritório estava situado num palacete no quarteirão de Lípki. Recordo uma escrivaninha estilo império, no salão, com vistoso cartaz colado durante o confisco. Uma bela manhã encontrei sôbre essa escrivaninha um lactante: fôra deixado ali durante a noite. No palacete junto ao nosso estava sediada a Tcheka provincial; em frente era um contínuo vaivém de máquinas. Bem cedo o jardim ficou todo verdejante; ouvia as discussões sôbre método eurrítmico de Jacques-Dalcroze e olhava pela janela: lá fora florescia a acácia.

Naquele tempo a gente trabalhava, freqüentemente, em mais de um lugar. Além do trabalho junto à "seção para os deficientes", desenvolvia outras atividades: por exemplo, participava das reuniões da "seção de artes aplicadas". Não se diria uma época propícia à arte: nas ruas era um suceder de tiroteios. *Monsieur* Hennaut não perdia tempo e Kiev estava circundada de bandos de tôda classe; os "estrategistas" discutiam sôbre quem irromperia primeiro na cidade: se os homens de Petliúra ou de Denikin. Mas a seção de artes aplicadas deu muito que fazer. Não falo de mim, dado que, em todo êste negócio, senão profano, era, pelo menos, diletante, mas no seio da seção operavam bons especialistas, os pintores de Kiev V. Meller,

Pribylskaia, Margarida Ganke, Spasskaia. Preparavam mostras de arte popular e *ateliers* de bordados e de cerâmica. Conheci uma camponesa de grande talento, Gapa Sobachka; era dotada de um extraordinário senso da côr. No Krieschtchátik apareceram enormes painéis decorativos com motivos ornamentais ucranianos.

Pude ver os animais de argila fabricados por Gonchar. Ivan Tarasovitch era um dos últimos representantes da arte popular tradicional. Naqueles anos, os seus animais não eram nem carneiros, nem cães, nem leões: pertenciam a uma raça desconhecida dos estudiosos de zoologia, cada um dêles era inimitável. (A criação popular se inspira na natureza, mas não a copia nunca; e se as bordadeiras de Vologda se inspiravam numa janela coberta de geada, faziam-no porque os arabescos da geada pareciam uma selva, um céu estrelado, as letras de um alfabeto imaginário).

Em Kiev conheci a escritora S. Z. Fedorchenko, autora do interessante livro *Um povo em guerra*: tinha trabalhado como enfermeira num hospital de campo e tinha anotado as conversações que se travavam entre os soldados. Transcrevi então as reflexões de um soldado sôbre arte: "Olhe, aqui entre nós há um voluntário que desenha e parece tudo tão bem como é na realidade, tanto que aborrece..." Os vários manifestos literários, os "ismos" artísticos de tôda espécie envelheceram; contudo, as palavras pronunciadas por aquêle soldado no longínquo 1915 me parecem hoje não sòmente vivas, mas atuais.

Trabalhei também num "estúdio literário": ensinava versificação aos jovens. (Conquanto então escrevesse desengonçados "versos livres", conseguia pelo menos distinguir um iambo de um coreu). Briussov havia procurado por muito tempo me demonstrar que qualquer pessoa mìnimamente dotada pode aprender a escrever bons versos; Gumilióv, que partilhava da mesma opinião, afirmava ter conseguido fazer um poeta até de Nikolai Otsup. Eu, ao contrário, não acreditei nunca nem creio que se possa ensinar a se tornar poeta: na escola — ou que nome se lhe queira dar: "estúdio", curso, instituto ou academia — se pode sòmente ensinar a recitar versos, isto é, a melhorar a cultura estética dos estudantes.

Entre os freqüentadores do estúdio havia o cortês e tímido jovem N. N. Ushakov. Estou contente de que o meu breve parêntese didático junto ao "estúdio" de Kiev não o tenha impe-

dido de se tornar poeta. Tive ocasião de encontrá-lo em seguida, e estou convencido de que não era meu aluno.

No edifício da Nikolaievskaia tinham sede a União dos Escritores, o *rabis,* o estúdio literário e muitas outras entidades; ali se discutia futurismo, conferia-se a determinados pintores a tarefa de ornamentar certas ruas, proferiam-se conferências sôbre marxismo, outorgavam-se salvo-condutos e atestados de tôda espécie.

Em baixo da cantina ficava o Chlam, ex-Klak. Ali me encontrava com o poeta de Kiev, Vladímir Makkaveiski, que pouco antes havia publicado uma coleção de sonetos sob o título *O junhal de Alexandria.* Conhecia a fundo a mitologia grega, citava Luciano e Asclepíades, Mallarmé e Rilk; numa palavra, era o Viatcheslàv Ivanov local. Recentemente dei uma olhadela em seu livro e nêle encontrei apenas duas linhas compreensíveis sôbre o fato de "que a Hélade reclinou-se como uma múmia no sarcófago alexandrino". Makkaveiski gostaria muito de ser um habitante de Alexandria, embora a época não fôsse a mais indicada.

Um outro poeta de Kiev, na verdade pouco sedentário, era Benedikt Lifshits. Recordava os seus frenéticos escritos nas coleções dos primeiros futuristas. Com grande espanto encontrei-me diante de um tipo plácido e cultíssimo; não insultava ninguém e, tanto quanto parece, havia renunciado às fatuidades dos verdes anos. Amava a pintura, compreendia-a, e as nossas conversações eram particularmente dedicadas à arte. Escrevia pouco, pensava muito: é provável que, como eu e muitos outros, quisesse apreender o significado do que estava acontecendo.

Entre os "setentrionais" do Chlam destacava-se O. E. Mandelshtam, já conhecido pelo seu livro *A Pedra.* Dêle falarei mais adiante: conheci-o particularmente bem em 1920, em Koktébel. Recordo quando na sede do Chlam Óssip Emilievitch recitou os esplêndidos versos "Aprendi a ciência dos adeuses".

Por ali passou ràpidamente como um meteoro V. S. Schklóvski; proferiu uma conferência, brilhante e desordenada, no "estúdio" de Ekster; ria maliciosamente e insultava suavemente todos, sem poupar ninguém.

No Chlam conheci L. V. Nikulin, empedernido sonhador; certa vez recitou versos, impregnados de melancolia, sôbre um féretro.

Natan Vengrov escrevia versos para os jovens. Organizou uma jornada do livro para a infância; no Krieschtchátik foram colocados enormes painéis e a rua foi adornada por uma multidão de ursos, elefantes, crocodilos. Vengrov queria demonstrar-me que eu era um poeta para a infância e que sòmente por acaso desempenhava um trabalho que não era o meu (em honra da verdade, nunca em minha vida fiz tantos trabalhos, mas não escrevi uma linha sequer para a infância).

Às vêzes aparecia pelo Chlam a conhecida atriz Vera Jureneva; muitas vêzes a acompanhava um jovem, quase adolescente, estampada no semblante uma expressão perpètuamente sardônica; quando nos apresentaram, murmurou entre os dentes: "Misha Koltsov".

Entre os poetas ucranianos o mais rumoroso era o futurista Semenko; era baixinho, mas falava forte, afrontava qualquer autoridade e respeitava sòmente Maiakóvski. Encontrei P. G. Tychina taciturno, de ar sonhador. Parecia oferecer contìnuamente o ouvido a alguma coisa; sentia-se nêle uma doçura interior, que se traduzia num persistente acanhamento. Mas não lhe dei uma olhadela apenas; pensei logo, sem qualquer razão, que aquêle era um verdadeiro poeta.

No seio da seção dos escritores hebreus estava em curso uma atividade febril: no breve intervalo entre a ocupação de Petliúra e a de Denikin devia-se achar tempo para refletir, escrever e publicar. Na ocasião estavam em Kiev Bergelson, Kvitko, Dobrushin, Markish. Se me fôr possível escrever as outras partes dêste livro, tentarei reconstruir a figura de Perets Markish, com quem me encontrei também seguidamente, tanto em Paris como em Moscou. Na época, em Kiev, tinha o aspecto de um belo jovem, sempre despenteado, com os olhos irônicos e sufocados de melancolia. Todos o definiam como um "rebelde", diziam que queria arrasar os clássicos, destruir os ídolos, mas a mim, apenas o vi, pareceu mais um violinista hebreu vagabundo, dêsses que executam canções melancólicas nas festas de casamento.

Em Kiev conheci muitos artistas. Aleksandra Aleksandrovna Ekster havia passado muito tempo em Paris, estava ligada por amizade a Léger, e a consideravam uma cubista. Todavia, as suas obras estavam infinitamente longe das visões urbanísticas de Léger. Acima de tudo, Ekster gostava do teatro (trabalhou no Teatro de Câmera de Moscou e nos teatros de

Kiev). Não sei como acontecia, mas tanto os discípulos de Aleksandra Aleksandrovna quanto os jovens pintores com quem se encontrava tinham, em comum, a paixão pelo teatro, pelo espetáculo. Quase todos os pintores que encontrei naquele período em Kiev se tornaram cenógrafos: Tyshler, Rabinovitch, Shifrin, Meller, Petritski.

'A paixão pelo teatro": escrevi essas palavras e pensei sem o querer em um dos discípulos de Ekster: o jovem Sasha Tyshle, de vinte anos. O seu destino representa a mais válida confirmação da paixão pelo teatro, que foi característica dos pintores de Kiev. Certo, não se trata simplesmente de ver se Tizio ou Caio trabalharam pelo teatro: fizeram-no quase todos os pintores soviéticos, se não por outra razão, porque há períodos em que a pintura, a fantasia, a habilidade se afirmam em cena mais fàcilmente do que no salão de uma exposição. Os moscovitas conhecem Tyshler exatamente pelas suas cenografias. As idealizadas para *Rei Lear* são convencionais e reais como o verso de Shakespeare. Mas o que estarrece é outra coisa: Tyshler conserva uma percepção teatral do mundo até na pintura de cavalete. Lembro-me de um quadro seu com soldados tentando abater um pombo-correio; pintou-o vinte anos antes da pomba de Picasso. Sòmente um pintor capaz de entender o banquete dos deuses, descrito por Tiutchev, como uma tragédia fantástica, podia enfrentar semelhante tema durante os anos trinta.

Os primeiros anos da revolução não foram sòmente de desenvolvimento da arte cênica, mas também de entusiasmo coletivo pelo teatro. Nas pequenas cidades da Ucrânia, atôres ambulantes, impelidos pela miragem de poder finalmente comer à vontade desencadeando o entusiasmo do público, constrangiam-no a esquecer a malograda entrega das rações alimentares, os apartamentos sem aquecimento, os tiroteios noturnos. Kiev teve sorte: recebeu de presente Constantin Aleksandrovitch Mardzhanov. Era um homem sensível, um vulcão de projetos audazes, sereno e, ao mesmo tempo, inflexível. Recordo como se excitava (estávamos sentados à mesa, tomávamos um chá infame e eu lhe falava da Espanha: êle devia representar uma obra de Lope de Vega): "Teatro é teatro! Disse ao comitê executivo citadino que um comitê é um comitê. Êles queriam que os atôres bebessem em cena um chá autêntico. Mas que diriam, se a gente que toma o chá no bar do comitê começasse a recitar monólogos, a erguer os braços para o céu e a falar em

hexâmetros do renascimento da economia urbana?" Kiev pôde assistir a *Fuente ovejuna* e uma rajada de vento penetrou no velho teatro de Solovtsov. Permanecemos longo tempo na sala, aplaudindo sem cessar.

A Mardzanov agradou a *Camisa de Blanca,* que eu havia escrito em cooperação com A. N. Tolstói, e resolveu representá-la. A cenografia foi confiada a N. A. Shifron. Após o primeiro ou o segundo ensaio, irromperam na cidade as tropas de Denikin.

Tinha freqüentes oportunidades de encontrar dois admiradores de Mardzhanov, dois amigos inseparáveis, os dois irmãos de menor idade (mas não "deficientes") de Liuba, Grisha Kozintsov e Serezha Iutkevitch.

Convidaram-me ao seu local, onde antes havia Jimmy, o torto: haviam organizado "atrações populares", vale dizer, um daqueles espetáculos excêntricos que nos anos de frio e fome conseguiram alegrar os espectadores.

Na rua de Santa Sofia, perto da praça da Duma, havia um pequeno, sujo café; dirigia-o um grego pálido, com um daqueles rostos alongados e apaixonados que têm certos modelos de El Greco. Na vitrina havia o seguinte anúncio: "Autêntico e fresco leite coalhado". O proprietário sabia preparar ótimo e perfumado café turco e nós — poetas, pintores, atôres — o visitávamos com freqüência. Êste café está ligado a fases ulteriores do meu destino. Às vêzes me encontrava ali com Liuba, com a jovem estudante do instituto de pedagogia Jadviga, com Nadia Chazina, que se tornaria depois mulher de O. E. Mandelshtam. Buscava imaginar como se comportaria um bravo burguês francês ou um popular de Roma, que aparecesse na Rússia revolucionária. Assim nasciam os personagens do romance *Júlio Jurenito,* que escrevi dois anos mais tarde.

Continuava a escrever versos: não eram melhores, mas o tom estava mudado. Não compreendia ainda tôda a importância dos acontecimentos, mas, não obstante os nossos ais! de tôda espécie, me sentia alegre: "Os nossos netos se maravilharão, manuseando as páginas de compêndio escolar: Mil novecentos e quatorze... dezesete... dezenove... Como faziam para viver? Pobrezinhos... pobrezinhos..." Os filhos do nôvo século leriam sôbre batalhas, aprenderiam nomes de chefes e de tribunos, o número dos mortos e as datas. Ignorariam quanto foi fragrante o perfume das rosas no campo de batalha, o chil-

reio das andarinhas em meio às vozes dos mortais; quanto foi esplêndida, naqueles anos, a vida!

Quando se medita sôbre o passado longínquo, consegue-se compreender muita coisa. Tudo parecia estranho. Em tôrno das cidades agiam os "bandos" armados; todo dia se falava de *pogrom*, de homicídios. As buzinas dos automóveis pareciam tomadas de pânico. As tropas de Denikin e de Petliúra disputavam a entrada em Kiev. Mais de um vez havia ouvido sussurrar astuciosamente: "Não demorarão muito..." E no entanto nós preparávamos projetos, discutíamos sôbre o momento oportuno para editar o terceiro volume das obras completas de Tchekhov ou de Kotsiubinski, sôbre o local mais indicado onde erigir um monumento à revolução... Líamos versos, contemplávamos quadros, e aquela alegria interior de que já falei não fulgia sòmente no semblante da então menina de quatorze anos, Grisha Kozintsov, mas também de Constantin Aleksandrovitch Mardzhanov, já próximo dos cinqüenta. Não se tratava de idade, ou talvez se tratasse da idade da revolução que, pelo calendário de Moscou, tinha ao todo dois anos, segundo o de Kiev sòmente poucos meses...

12

Há recordações agradáveis, que evocam ímpetos interiores, exemplos de bondade e de coragem. Mas há também outros... É errado supor que o tempo cura tudo; certo, as feridas se cicatrizam, mas depois, de repente, estas feridas começam a doer. Na realidade, desaparecem apenas com a morte do indivíduo.

Muitas vêzes me vejo obrigado a mexer em assuntos desagradáveis. Discutíamos freqüentemente sôbre a moral de uma sociedade fundada no interêsse individual, na luta por uma fatia de bôlo: "O homem é o lôbo do homem". Dois séculos antes da nossa era, Plauto deleitava os romanos com as suas comédias, das quais ficaram na memória três palavras: *Homo homini lupus*. Plauto fêz mal em trazer à baila os lôbos. L. A. Manteifel, que estudou a vida dêsses animais, me disse que os lôbos raramente brigam entre si e atacam o homem sòmente se açulados por incoercível fome. Mas na minha vida tenho visto, mais de uma vez, o homem perseguir, atormentar, matar, sem qualquer necessidade de fazê-lo. Se os lôbos pudessem raciocinar

e inventar aforismas, certamente algum lôbo branco de antigo pêlo, a quem um semelhante tivesse arrancado um topete, ulularia: "O lôbo é o homem do lôbo".

Que posso dizer do *pogrom* de Kiev? Hoje em dia ninguém se maravilha de nada. Nas casas negras foi, por tôda uma interminável noite, um gritar contínuo de mulheres, de velhos, de crianças: parecia que a gritar estavam as casas, as ruas, a cidade.

Perets Markish escreveu naqueles anos um poema sôbre o *pogrom* de Gorodishche: ali ficaram, assassinadas, cinqüenta pessoas. No Babi Iar foram mortos setenta mil e na Europa seis milhões... Uma associação de idéias. Recentemente me foi dado ouvir uma máquina que compõe música. Parece-me que no lugar do coração, a bater certas fibras, esteja um maquinismo pensante. Certo, em 1919, os verdugos não tinham ainda inventado as câmaras de gás; trabalhava-se na artesania, quanto às atrocidades: gravar na testa uma estrêla de cinco pontas, violentar uma criança, lançar pela janela um lactante.

No pátio jazia deitado de costas um velho e contemplava o vazio céu de outono com olhos fugidios. Talvez fôsse o leiteiro Tevié, ou talvez seu genro, ancião habitante da agora condenada Egupets? Junto dêle, uma pequena poça: não de leite, de sangue. O vento, irrequieto, agitava a barba do morto.

Como em qualquer tragédia, às vêzes se assistia a cenas de farsa. No apartamento de meu sogro, doutor. M. I. Kozintsov, irrompe um rapazola em uniforme de oficial gritando: "Crucificaram Cristo, venderam a Rússia!..." Depois, percebendo uma cigarreira sôbre a mesinha, perguntou em tom prático: "É de prata?" Decidi ir-me a casa de Koktébel, de Volóchin; sua casa parecia-me um refúgio. Dali se precisava de uma semana para chegar a Kharkov. Na estação, irrompiam nos vagões oficiais ou cossacos berrando: "Judeus, comunistas, comissários, dêem o fora já!" E numa estação, exatamente no nosso vagão, foi lançado fora o pintor I. Rabinovitch.

Kharkov, depois Rostóv, Mariupol, Kech, Feodosia... Passamos um bom mês (aliás, bem mais que bom), durante o qual devíamos nos esconder nos recantos sombrios dos carros alugados, deitar na estiva de qualquer barco, no meio de doentes de tifo, que deliravam e morriam; deitávamos cobertos de piolhos. Sùbitamente ecoava o monótono grito: "Há aqui dentro algum porco judeu?..." Sangue e piolhos, piolhos e sangue...

Nas cêrcas faziam belas demonstrações de si os retratos de Denikin, Koltchak, Kutepov, Mai-Maievski, Shkuro. Nas ruas, cossacos do Kuban, quase sempre bêbedos, controlavam os documentos. Às vêzes ouvia-se um berro: "Entregue-o ao Comissário!" No Hotel Palace de Kharkov encontrava-se a sede da contra-espionagem; os pedestres passavam ao largo daquele edifício. No café, em tôrno de uma mesinha, oficiais franceses, em tôrno a uma outra, alguns espectadores; bebiam café com nata, segundo a moda de Varsóvia. Por tôda parte se viam os variegados manifestos da Agência de Informações: "Marchemos sôbre Moscou!" O cavalo de São Jorge esmagava sob os cascos um judeu narigudo.

Mudavam-se frenèticamente de uma cidade a outra advogados de Moscou, literatos e senhores aristocratas de Petrogrado travestidos de camponeses, que usavam a chapeleira para carregar a comida, atôres, educadoras, rapazes sem teto. Um tipo declamava num albergue devastado e sujo: "Fugir? Para onde? Se é por pouco não vale a pena, e não se pode fugir sempre..." Uma velha louca, que vestia um uniforme de soldado, na cabeça um chapéu enfeitado de penas roxas, murmurava: "Não, Clemenceau não nos abandonará ao nosso triste destino...". De um clube noturno saíam, aos grupos, oficiais embriagados, cantando: "O nosso general é Shkuro, nós o expulsaremos da Europa e lhe meteremos uma pena no..." O resto é impublicável.

(Em 1925 li nos muros de Paris o seguinte anúncio: o circo Búfalo apresentava ao público uma novidade: exercícios acrobáticos a cavalo de cossacos cob a direção do "famoso general Shkuro". A carreira do ex-organizador de *pogrom* terminava, assim, num circo.)

Saindo de manhã para ir ao mercado, a gente esticava os ouvidos para o fragor de um eventual tiroteio. Já ninguém acreditava mais em nada. A guerra civil temperava os indivíduos corajosos, que sabiam por que lutavam, e fazia nascer nêles um ímpeto de ódio. Nas habitações fétidas era um fervilhar de gente aterrorizada; a êstes não interessava salvar nem a revolução nem a velha Rússia; pensavam sòmente em salvar a pele. Por mêdo denunciavam, ou aos homens da Tcheka ou aos agentes da contra-espionagem branca, o sobrinho da vizinha de casa ligado a uma seção dedicada à requisição de gêneros alimentícios ou o vizinho que fizera a própria filha casar-se com um oficial branco. Temiam-se quaisquer rumôres de passos nas escadas, qualquer rangido de saída, até um sussurro na sombra do portão. Os mais engenhosos escondiam, sob uma tábua do soalho, os *piatakovki*[1] e os retratos de Marx, prontos a esconder sob a mesma tábua, dali a uma semana ou a um mês, o retrato de Mai-Maievski, dinheiro czarista e até a imagem de São Nicolau Taumaturgo.

Nas estações era um contínuo arriar corpos estendidos no chão: doentes de tifo, prófugos, contrabandistas.

Ali estava aquêle rapaz resoluto que apenas ontem cantava "Ardentes combateremos pelo poder dos sovietes"; agora se esgota cantando "Combateremos pela santa Rússia, botaremos para fora todos os judeus". Jamais quis nem quer combater, vende botas de feltro, roubadas de um depósito.

Os cossacos eram cruéis, já por se conformarem com a tradição, já por desafogarem o rancor sôbre os que haviam desnorteado e destruído as suas vidas, já por estarem amedrontados.

No exército dos brancos militavam ex-membros da *ochrana*,[1] guardas-civis, enforcadores de profissão. Ocupavam postos de responsabilidade na administração, na contra-espionagem, na Agência de Informações. Asseguravam (e talvez acreditassem também êles) que o povo russo havia sido enganado pelos comunistas, pelos judeus, pelos letões; que se lhe devia aplicar uma boa repreensão e depois reconduzi-lo aos grilhões.

Muitos anos depois, adquiri em Paris uma coleção de versos de um certo Posazhni, que se autodefinia "hussardo negro". Trabalhava na Renault, maldizia os "franco-comilões" e lamuriava o passado magnificente, recordando o seu cavalo de batalha: "Na sala de jantar Pégaso entro ue de Borgonha um trago tomou. De brancas rosas um feixe mastigou, e, solene, na bandeja defecou. Chegado ainda não era o tempo da desonra. Soavam as fanfarras, o povo aclamava. Melhor não recordar".

Eis em que têrmos expunha os seus ideais: "Ainda as copas dos "junker" espumarão. Os vermelhos de hoje morrerão e pro meio do inferno todos irão".

Êstes vaticínios, lidos em 1929, naturalmente me faziam rir, mas em 1919 êste Posazhni irrompia nos vagões, distribuía bofetões, e fuzilava ali mesmo.

1 Cédulas assim chamadas por causa do comissário do povo Piatakov.
2 *Ochrana* — polícia secreta do regime czarista.

Mas na maior parte os brancos eram gente que havia perdido a cabeça, com o corpo todo arranhado por causa dos piolhos, e o coração dilacerado por ofensas verdadeiras ou supostas, por massacres, fuzilamentos, lamentos de tôda a cidade, homens que aos poucos se habituavam à idéia de acabar contra aquêles mesmos sujos muros para os quais estavam arrastando um nôvo grupo de "suspeitos".

Leonhard Frank intitulou um dos seus livros *O homem é bom*. Mas o homem não é bom nem mau; pode ser bom, mas também muito mau. Certo, entre os brancos não havia sòmente sádicos, mas também muitos sêres normais, bonachões por natureza, e que não haviam jamais ofendido ninguém; mas a sua bondade deve ter ficado em casa juntamente com as comodidades e as ninharias domésticas. O ódio nascia do desespêro. Ainda no outono de 1919, quando os brancos ocuparam Orel, êles não se sentiam vencedores e avançaram como em país estrangeiro, vendo inimigos por tôda parte. Nas tabernas, os oficiais brancos exigiam que o cantor local executasse para êles a canção da moda: "Serei o primeiro. Não ficarei de fora! Quanto mais rijos os nervos, tanto mais rápido o fim". Freqüentemente as bebedeiras terminavam em tiroteios contra os outros clientes, ou nos espelhos, ou para o ar: os oficiais pareciam ver por tôda parte guerrilheiros, bolchevistas, propagandistas clandestinos. Quanto mais ostentavam a rijeza dos seus nervos, tanto mais se podia estar certo de que os nervos estavam cedendo: o fim se perdia numa névoa de álcool, ódio, mêdo, sangue.

Havia entre os "voluntários", também, indivíduos pescados ali por acaso, ingênuos românticos ou abúlicos que se tinham deixado convencer por companheiros, hipnotizados por discursos sôbre "fidelidade", sôbre "honra", sôbre "juramento prestado". Um dêsses era Serezha Efron, marido de Marina Tzvietáieva.

Também a mim me tocou encontrar um tipo dêsse gênero: um subtenente, que amava os versos de Blok. Só Deus sabe como foi acabar entre os brancos. Salvou-me a vida e me dói ter que admitir que esqueci o seu nome. Isto aconteceu entre Mariupol e Feodosia. A viagem de barco havia sido longa. antes havia ocorrido um incêndio a bordo, depois a pequena embarcação, no mar de Azov, ficara bloqueada pelo gêlo. Não havia pão a bordo. Os doentes de tifo se arrastavam pela neve. Durante uma daquelas noites, um rapaz, com um gorro de pêlo na cabeça, arrastou-me pela ponte, que era tôda uma crosta

gelada. Dormiam todos. O oficial era muito mais forte que eu, mas havia bebido demais. Começamos a lutar. Êle repetia estùpidamente: "Agora te batizo eu...". E me empurrava para a amurada. Lembro-me que pensei: por sorte cairemos os dois na água...

Jadviga, que estava a bordo conosco, ouvindo gritar, precipitou-se e alcançou na coberta de carga exatamente aquêle subtenente cujo nome havia esquecido. Êste saiu à coberta "Pare ou atiro!" À vista do revólver, o meu "padrinho" me deixou em paz.

Em Feodosia estavam pendurados os costumeiros retratos dos quais o general Shkuro ria confiadamente. Aqui encontrei, limpos e bem barbeados, os inglêses. Ao redor de suas cozinhas de campo se aglomeravam crianças famintas: os brancos tinham obrigado os ferroviários a partir (não me lembro se de Orel ou de Kursk). Os fugitivos moravam em míseros barracos no subúrbio de Kartinaia. Os inglêses observavam, com certa melancolia, aquêles indivíduos maltrapilhos e esfomeados: êles, inglêses, estavam fora do jôgo, estavam ali porque os haviam mandado, como poderiam estar em Nairobi ou em Karachi; simplesmente cumpriam ordens. Certo, não sabiam nada nem das ações petrolíferas, nem das pessoas destripadas, nem da sorte daquelas crianças empenhadas em cheirar àvidamente o ar: havia cheiro de carne...

Volóchin me recebeu afetuosamente; fiz-lhe um relato desconexo de minhas peripécias. Como sempre, os olhos de Max estavam amistosos e distantes. Desatou a falar do destino da Rússia, das profecias do profeta Ezequiel. Entrou a mãe de Volóchin, por todos chamada Pra, e o interrompeu: "Max, deixa pra lá! Têm fome, não lhes importam nada as tuas histórias". Trouxe-nos uma frigideira cheia de batatas fritas.

13

Às vêzes minha filha passa uma temporada em Koktébel, bronzeia-se nas praias com aquelas pedrinhas tão graciosas, toma banho, sobe aos montes. Quando me fala disso, recordo aquêles tempos agora longínquos: não consigo imaginar como em Koktébel se possa repousar. Também eu passeava à

beira-mar, mas não eram pedrinhas o que eu recolhia, eram pedaços de madeira, lançados à praia pelas ondas e com os quais acendia o braseiro. Uma vez encontrei na praia uma gaivota morta, destripei-a e a fiz cozinhar; tinha o gôsto de peixe podre, mas a comemos.

Pouco depois de nossa chegada, troquei o meu casaco parisiense por um pouco de lenha; o inverno era rígido, soprava ininterrupto um vento de nordeste. Acendia a estufa, e assim não tínhamos tanto frio em nosso quarto. Jamais, porém, conheci fome tão implacável como em Koktébel. Muitas vêzes cozia uma sopa de vagens de pimenta.

Passamos ali nove meses, mas hoje tenho a impressão de que foram muitos anos. Primeiramente fêz um grande frio, depois um calor infernal. A mãe de Liuba lhe havia dado muitos dos seus anéis, de seus alfinêtes. Vendemo-los. Depois não nos restava mais nada a vender. Pensar em qualquer forma de trabalho literário era absurdo. Na primavera, ocorreu-me a idéia de organizar um espaço para ali fazer brincar os filhos dos camponeses: sinal de que os assistentes sociais de Kiev deviam me haver persuadido das minhas habilitações pedagógicas.

O lugarejo era habitado por búlgaros, predominando os kulak. Não viam com muito bons olhos os brancos, que requisitavam os gêneros alimentícios e, às vêzes, levavam sem sequer deixar um recibo, um porco ou um barril de vinho, porém, mais que qualquer outra coisa, temiam a chegada dos bolcheviques. A dizer verdade encontrei também uma família búlgara que ajudava os políticos clandestinos e odiava os brancos: tratava-se dos Stamov. Eram respeitados pelos outros camponeses, considerados honestos e bons trabalhadores, mas quando se começava a falar de política, ninguém lhes dava ouvido. No vilarejo vivia também um alfaiate, um russo, que esperava a chegada do Exército Vermelho e comentava irônicamente os boletins de guerra dos brancos: "Recuaram para posições mais favoráveis perto de Uman: isto significa que deram no pé!" Mas o alfaiate era um estranho para o vilarejo e tinha um sacro pavor de ser denunciado.

Os camponeses queriam que ensinasse aos seus filhos as belas maneiras da cidade, enquanto eu lia aos guris *O crocodilo,* de Khulóvski. Chegados à casa repetiam: "E àquele boboca o guri fêz biló-biló". Aos pais isto não ia lá muito bem. Eu queria que os meninos se habituassem à arte, queria despertar-lhes a fantasia, falava-lhes do rouxinol de Andersen; decidimos organizar uma representação sôbre o tema. O rapaz a quem fôra confiada a parte do rouxinol devia inventar, êle próprio, aquilo que deveria entusiasmar o *bogdychan*.[1] No final da representação o velho *bogdychan* jazia no leito de morte, cercado de recordações: as ações boas e más por êle cometidas. Alguns rapazes repetiam o que tinham ouvido em casa: "Recordas quando roubaste o ganso daquela velha?", ou: "E tu recordas quando deste vinte rublos de ouro ao mandarim, por ocasião do casamento?" Outros meninos inventavam histórias ainda mais complicadas; algumas eu anotava; como aquela de uma menina que pedia em tom severo: "Dize-me, *bogdychan,* recordas como fizeste vir para a China aquela atriz? Cantava bem, quase como um rouxinol, tu lhe presenteaste uma medalha e lhe davas de comer peixinhos vermelhos. Depois ela cantou aquela cançãozinha e tu te iraste tanto! E por que, *bogdychan?* Porque se enamorou de um soldado. Que mal havia? A casa do soldado foi devassada, ali encontraram um certo livrinho, e tu disseste que o livrinho era mau. Após o que a encerraram no galpão, interrogaram-na da manhã à noite, não lhe davam nada de comer, espancaram-na com as bengalas chinesas e ela acabou por morrer, jovem como era. E agora queres que o rouxinol regresse a ti? Não, *bogdychan,* não voltará jamais porque tem asas, não poderás fazê-lo encerrar no galpão, uma vez em pleno vôo não o agarrarás mais..." Os ensaios duraram bastante tempo; finalmente foi marcado o dia do espetáculo e se convidaram os pais. Após a representação, na vila correu voz de que eu era "vermelho". Alguns camponeses proibiram seus filhos de freqüentar-nos.

Mas malôgro verdadeiro foi a escultura. Também neste campo eu não queria refrear as fantasia das crianças; êles regressaram à casa com misteriosos animais, homens de cabeças enormes, e um dêles esculpiu um diabo corcunda. Neste ponto interveio o padre; começou a visitar casa por casa, dizendo: "É um judeu e um bolchevique, quer converter as crianças à religião do diabo". Tivemos que fechar a nossa "organização" após três ou quatro meses de vida. Não posso dizer que se tenha dado alguma coisa às crianças, mas às vêzes voltava para casa com uma garrafa de leite ou alguns ovos. Nós nos havíamos pôsto de acôrdo, de fato, por uma compensação "in natura", sem todavia especificar a quantidade e a qualidade. Certos pais não

[1] Dignitário chinês.

davam nada. As crianças traziam a comida de casa e era para mim um verdadeiro suplício encará-las enquanto engoliam o alimento: tinha mêdo de deixar transparecer que tinha fome. Um guri, enquanto devorava quatro enormes pães, toucinho e tortas recheadas de requeijão, me informou: "O papai disse que eu não devo te dar nada."

Já fazia calor. Dava as minhas voltas com um pijama que havia trazido de Paris, e descalço. Uma vez fui ao povoado para comprar leite ou pão. Entrei no quintal de um kulak. Soltaram o cão, que me mordeu a barriga-da-perna. Não sentia tanto pela mordida quanto pela calça reduzida a frangalhos. Remediou-se cortando também a outra. Talvez o fato de andar de calças curtas me rejuvenescesse, não o sei (a julgar pela fotografia, tinha um aspecto espantoso, era muito magro). Saltitava com os meus rapazinhos numa disputa de fazer inveja a Raymond Duncan, grande animador dos antigos. Aliás, a que não se adapta um homem, sobretudo nas épocas definidamente históricas!

Às vêzes me refugiava por uma hora ou duas nos montes. As cercanias de Koktébel são belas, de uma beleza profunda: lembram Aragão ou a Velha Castela: ladeiras íngremes, ora violáceas, ora avermelhadas, nem uma casa, nada de árvores, um mundo cruel como o que serviu outrora para inspirar El Greco. Aliás, talvez Koktébel me parecesse assim por fôrça do que acontecia ao redor.

Quando entrei pela primeira vez no estúdio de Volóchin, reencontrei Paris: a mesma rainha Tayah, estantes cheias de livros, sobretudo franceses. Max tinha uma aparência taciturna, não subsistira nêle nada da antiga despreocupação; contudo, freqüentemente ainda se fazia de bufão, divertindo-se em mistificar o próximo; era sempre cômico, mas eu não ria. Às vêzes tínhamos longas conversas, que pareciam prosseguimento de colóquios iniciados no *atelier* da Riviera ou na Rotonde; mas não porque os argumentos que nos havia interessado anos antes me parecessem ainda vivos: discorríamos sòmente porque queríamos nos refugiar por algumas horas no passado.

Em casa de Volóchin morava Maia Kudasheva com sua mãe, que era francesa. O pai de Maia era russo, ela havia nascido na Rússia, mas pronunciava os *rr* à parisiense e escrevia versos em francês. Volóchin descreveu-lhe assim o aspecto: "A tua fronte é coberta de uma onda de cabelos compridos e estirados, em tua cabeça aninhou-se uma auréola. O teu olhar infantil está encrustado num sorriso, em uma não infantil melancolia está apertada a bôca, o suor goteja pérolas no arco da sobrancelha". Em Moscou, de onde havia chegado, Maia vivia no ambiente literário, conhecia V. Ivanov, Andriéi Biéli, era amiga de Tzvietáieva. Sua mãe se sentia completamente perdida diante dos acontecimentos que não se conciliavam, de fato, com as suas idéias sôbre honestidade, nem com as obras de Rostand. Maia, ao contrário, não obstante o frio, a fome e outros reveses, vivia a sua vida... Eis qual foi a sua sorte; após um breve intercâmbio epistolar com Romain Rolland, foi vê-lo na Suíça e tornou-se sua mulher. Há poucos anos nos encontramos em Paris. Marija Pavlovna estava organizando o museu de Romain Rolland e me pediu para ajudá-la com material russo. De Koktébel não falamos, embora houvesse muita coisa para recordar!

Dos anos passados em Koktébel Vieressáiev escreveu: "Durante aquêle período a Criméia mudou muitas vêzes de dono. Tempos duros aquêles: fui vítima de uns seis furtos; enfêrmo, com febre de quarenta, permaneci deitado meia hora com um soldado do Exército Vermelho que me havia espancado as costas a revólver e que dois dias depois foi passado pelas armas; fui prêso pelos brancos; adoeci de escorbuto". No início de 1920, Vikenti Vikentievitch sofria o diabo; ajudava-o a manter com firmeza a sua profissão de médico. Contou-me, rindo, que a princípio os camponeses não acreditavam que fôsse realmente médico, alguém lhes havia dito que era escritor. Nos povoados da região grassava o tifo. Um dia Vieriessáiev visitou um doente e calculou mentalmente quando lhe deveria sobrevir a crise; no momento previsto, a febre caiu e os camponeses compreenderam que Vieriessáiev era de fato um médico. Pagavam-lhe com ovos e toucinho. Possuía uma bicicleta, mas as suas vestes estavam em pedaços. Encontrei entre as minhas coisas um objeto estranho: a camisa de dormir do doutor Kozintsov, um presente que me havia feito em Kiev. Com ela homenageamos Vikenti Vikentievitch e êle visitava os seus pacientes com a tal camisa.

Quando Liuba adoeceu de tifo, Vieriessáiev ia freqüentemente vê-la e tivemos, por isso, longos bate-papos. Conhecia alguns dos seus livros e o julgava homem de bom senso, de grande equilíbrio; adorava a arte, traduzia os poetas da Grécia antiga e tôdas as manifestições de grosseria e da barbárie am-

bientes o faziam sofrer. Certo, na luta contra os bancos, tôdas as suas simpatias se voltavam para Moscou, mas muitas coisas êle não compreendia e não aceitava. Mais tarde li o seu romance *No beco sem saída*, no qual fala da vida dos intelectuais russos durante os primeiros anos da revolução. Ouvi certas idéias de Vikenti Vikentievitch da bôca de um cientista democrata e de sua filha bolchevique. Vieriessáiev tinha sete anos menos que Tchekhov, mas, naturalmente, é como se pertencessem à mesma geração; além disso, também por índole se aproximava bastante de Anton Pavlovitch: era tolerante com as debilidades alheias, tinha o culto do bem e não sabia separar-se de uma vaga, pacata, persistente melancolia, fruto não tanto das circunstâncias quanto de um profundo conhecimento dos homens. No romance de Vieriessáiev, Kátia diz com amargura a seu pai, um velho intelectual russo: "Meu caro... a tua honestidade, a tua nobreza, o teu amor pelo povo, coisas de que ninguém tem necessidade..." Assim raciocinavam, em 1920, muitos jovens. Em 1960, os seus filhos e netos compreenderam a imensa necessidade daquela honestidade, daquela nobreza de ânimo, daquele amor pelo povo, que outrora inspiraram Anton Pavlovitch e os seus amigos.

De Óssip Emilievith Mandelshtam falarei no capítulo seguinte. Chegou com êle o seu irmão, Aleksander Emilievitch, um homem bom, com a cabeça no pescoço, que mais de uma vez havia ajudado, indiferentemente, seu irmão e a nós. Em Koktébel viviam o estudioso de literatura D. D. Blagoi e sua mulher, uma doutora. Também a mulher do escritor Andriéi Sobol, Rachil Saulovna, era doutôra e cuidava do filhinho Mark, que tinha um mês de vida. (Em 1949, o poeta Mark Sobol me presenteou um livro meu em que havia a assinatura de Andriéi Sobol, e no qual escreveu versos que terminavam assim: "O filho, um quarto de século depois, acrescenta palavras de amor sob a assinatura do pai").

O tifo é, em geral, uma horrível doença, e, naquelas condições, curar uma doente era particularmente difícil. Foi Jadviga ajudar-me; mas ela mesma era uma débil garôta de vinte anos. A marcha da doença de Liuba me preocupava. O médico queria fazer uma injeção de cânfora, mas não havia seringas; Aleksander Emilievitch foi a cavalo a Feodosia, com grande dificuldade conseguiu encontrar uma seringa, mas, ao regressar, com a pressa, quebrou-a; não pôde fazer outra coisa senão voltar

à cidade. Depois quis álcool. Fiz um giro pelas casas, nas que moravam pais de meus alunos, pedindo um pouco de vodka, mas me respondiam que os brancos tinham tomado tôda. Numa casa se estava celebrando um casamento; vendo sôbre uma mesa grandes garrafas, encorajei-me, mas os anfitriões me disseram: "Se quer beber, sente-se, dar-lhe-emos um pouco. Mas fora daqui, nada!" Vieriessáiev me ordenou controlar incessantemente o pulso de Liuba. De noite o pulso desapareceu. Como se fôsse de propósito Vieriessáiev havia ido a outro povoado. Corri até Blagoi e Sobol; foram tomados de pânico, diziam que a situação era desesperada, que era inútil atormentar a doente; contudo, forcei-os a aplicar uma injeção de estricnina.

Quando caiu a febre, para Liuba foi a vez de uma singular compplicação: estava convencida de estar morta e que nós lhe estivéssemos — quem sabe para quê — arrumando uma vida após a morte. Consegui, com extrema dificuldade, obter gêneros alimentícios, dava-lhe de comer e me vinha água na bôca, enquanto ela se limitava a dizer: "Que necessidade tenho de comer? Se estou morta!" Pode-se imaginar o efeito que tais palavras produziam em mim, mas não podia deixar de ensinar às crianças.

Em seguida, encontramos um aparelho para tosquiar as ovelhas; serviu a Vieriessáiev para rapar a zero Liuba. Quis a fortuna que começasse a se fazer ver em nossa casa Volóchin, que andava maníaco pelas conversas fúnebres. Liuba afirmava poder ver através das paredes, e Max passava a caldo de anafegas. Para Óssip Emilievitch constituía passatempo refazer o verso dos discursos dos poetas simbolistas: "Ivan Ivanovitch, como vai?" "Não vou mal, Petr Petrovich, vivo pré-mortalmente". Não obstante o trágico da situação Max não podia livrar-se da sua atração pelo além. Divertia-se abertamente com os seus colóquios com Liuba, enquanto eu buscava fazer conjecturas sôbre o que me teria acontecido: teria ficado maluco, teria pegado o tifo ou, apesar de tudo, conseguiria sobreviver?

Jadviga, esbelta e bronzeada, parecia um personagem do neo-realismo italiano, lavava roupa branca da manhã à noite.

Como já disse, tinha amigos com quem conversar: Vieriessáiev, Volóchin, Mandelshtam. Mas em Koktébel me esperava, desde o dia da minha chegada, a principal interlocutora: aquela Esfinge que em Moscou me havia atacado com perguntas sem obter resposta. As noites hibernais eram longas, Liuba

dormia. Sob a janela rumorejava o mar embravecido. Sentei-me e me pus a refletir. Começava a compreender muitas coisas; não fôra fácil: atrás de mim eu tinha, de fato, a poesia, a fé e a incredulidade, devia conseguir fundir os reflexos róseos de Florença, os palavrórios frenéticos de Léon Bloy, as profecias de Modigliani com tudo o que tinha visto.

Tratava-se, em primeiro lugar, de dissecar o significado das paixões e dos sofrimentos humanos no quadro do que chamamos "a história", de me convencer de que tudo quanto estava acontecendo não era uma horrenda e cruenta sublevação, uma gigantesca revolta à Pugatchóv, mas o despertar de um mundo nôvo com uma nova interpretação dos valôres humanos; tratava-se, isto sim, de sair do século XIX, no qual, sem que disso me desse conta, continuava a viver, ao sombrio vestíbulo de uma época nova. Tinha compreendido que o velho mundo, aquêle que eu havia pôsto na berlinda nos meus *Versos da vigília,* não se podia mudar nem por meio de antigos exorcismos, nem com ajuda da arte ultramoderna. Certo, continuava aquêle que sempre fôra: horrorizavam-me os sacrifícios inúteis, a crueldade dos massacres e a simplificação do complexo mundo emotivo; mas havia compreendido que os meus juízos eram indiscutíveis: "Nascido ontem, dêste ontem amo a sabedoria..."

Escrevi o livro *Meditações* e quero transcrever aqui algumas estrofes de uma poesia, que traz a data de janeiro de 1920; os versos são fracos, mas exprimem os meus pensamentos não sòmente naquele inverno, mas também nos sucessivos:

"Túmida de fome, com o sangue a escorrer das feridas abertas, infeliz te comprimes em nossa terra. Rússia, trocaram em agonia o teu delirante puerpério. Bem nutridos e brunidos, enojaram-se de ti. Mas o seu regaço é estéril e o seio de pedra. Para quem a antiga herança? Quem reacenderá e conduzirá além o archote semi-consumido de Prometeu? Alta e tímida é a hora. Não das espumas do mar, não do azul do céu, mas de obscura sânie, dispersa em nosso sangue, nasce um outro século, um século memorável. Ainda por pouco se poderá impelir o povo a dessedentar os sulcos da terra. Sairão de ti os opressores beijando a neve, ó pátria minha, as pegadas manchadas de sangue".

Hoje sinto um certo desgôsto por aquêles têrmos (deliberadamente livrescos) como "sânie", "regaço", "sulcos". É estranho como depois de *Versos da vigília* e o enfatuamento pelo cubismo eu me tenha afundado, de golpe, no léxico dos simbo-

listas! Aliás, êste nôvo léxico não soava melhor que o outro; dêle tive de me servir para declarar que aceitava a nova plataforma soviética. Mas que "plataforma" podia ter? Talvez a plataforma, a esplanada onde brincavam os meninos, mas não durou muito e também desta não se falou mais...

A nossa vida em Koktébel não era realmente tranqüila: de Feodosia chegavam contìnuamente militares ou agentes da *Ochrana* em busca de guerrilheiros e "subversivos". Prenderam Mandelshtam. Logo o libertaram, mas por puro acaso. Poderiam também fuzilá-lo. Um dia, deram uma batida na casa de Volóchin, enquanto eu vigiava, prudentemente, a rua. Quantas vêzes em minha vida fui obrigado, sentindo-me como uma prêsa acuada, a esticar os ouvidos para passadas numa escada ou para ruídos num elevador: é uma sensação insuportável, humilhante; mas me senti consolado pensando que não tinha a natureza do caçador. Em verdade, jamais empreitei, jamais prendi ninguém.

Algumas vêzes, de noite, parecia-me ver os personagens de *Júlio Jurenito,* ouvi-los bater à porta de um livro ainda não escrito; mas não tinha em verdade a intenção de escrever um romance (entre outras coisas — hoje pode parecer brincadeira — faltava-me papel, e as minhas poesias eram rabiscadas no verso de algumas velhas faturas). Então tinha algo bem diferente em que pensar: como chegar até Moscou? Parecia que a guerra não acabaria nunca; Koltchak fôra derrotado, mas imediatamente se movimentaram os polacos. Um dia encontrei em Feodosia alguns exempalres de jornais parisienses. Soube que nas eleições francesas havia levado a melhor a direita, que os aliados não cederiam jamais as suas praças-fortes, que estavam defendendo o "mundo livre". (Como se vê, as fórmulas duram bem mais que os governos...)

Efetivamente, em Feodosia tinha visto muitos oficiais estrangeiros. No pôrto reinava uma grande animação: descarregavam artilharia e munições.

Raramente saía em Feodosia: não era fácil encontrar um camponês que aceitasse, por uma compensação extremamente modesta, levar consigo pela cidade um estrangeiro em seu próprio carro (quatro bancos ao todo, que ameaçavam sempre cair aos pedaços), e, além do mais, não valia a pena desafiar a sorte e correr o risco de dar de cara com os agentes da *ochrana.* A cidade era bela, me recordava a Itália, talvez pelos seus arcos ou pelas filas de casas escalonadas nos morros; mas na

cidade vivia-se mal. Ninguém, nas ruas, caminhava: havia os que alçavam demasiado a voz; outros tratavam de se encolher.

Óssip Emilievitch tinha muitos conhecidos em Feodosia: advogados liberais, negociantes judeus, apaixonados da literatura, poetas de primeiras armas, empregados e portuários. Fêz-me conhecer alguns; havia entre êles também alguns tipos simpáticos, mas eu tinha a impressão de que sentiam certo mêdo de se encontrar conosco.

Os Mandelshtam partiram: ajudou-os, se bem me lembro, o capitão do pôrto. Eu importunava Volóchin e os meus conhecidos de Feodosia para que nos ajudassem a partir. Finalmente Max disse: "Creio que resolvemos". Terminava, assim, um capítulo demasiado longo; não de um livro, mas da minha vida.

14

Disse que, quando os homens de Wrangel prenderam Óssip Emilievitch Mandelshtam, Volóchin se dirigiu imediatamente a Feodosia. Regressou de cara amarrada, contando que, para os brancos, Mandelshtam era um perigoso criminoso. Os brancos asseguravam que êle simulava loucura: uma vez recluso em cela de segregação, tinha começado a golpear contra a porta e a chamar o guarda, que lhe perguntava o que queria e êle respondia: "Deixem-me sair: eu não fui feito para a cadeia!" Durante o interrogatório. Óssig Emilievitch interpelou o juiz instrutor: "Diga-me antes: vai libertar os inocentes ou não?" Compreendo muito bem como, em 1919, para a contra-espionagem, uma linguagem dêste gênero deveria parecer fantástica e um oficial branco nela descobrisse a intenção de simular um desequilíbrio mental; mas, pensando bem, deixando por um instante de lado a tática e até a estratégia, por acaso não continha o comportamento de Mandelshtam uma verdade profundamente humana? Êle não tratava de demonstrar ao carcereiro a própria inocência, perguntava abertamente se em geral seria conveniente para êle esbanjar fôlego falando; disse ao carcereiro que "não fôra feito para a cadeia": isto era pueril e, ao mesmo tempo, sábio. "Palavras intempestivas", comentou melancòlicamente Pra. E era justo. Mandelshtam escreveu versos sôbre sua própria época: "Lança-me às costas êste século, feroz cão pastor. Mas eu não tenho sangue de lôbo. Estarei melhor se, como um gorro, me puser sôbre a camisa a quente peliça das estepes siberianas".

Conheci Óssip Emilievitch em Moscou; depois nos encontramos muitas vêzes em Kiev, no café grego de que falei; ali me leu os seus versos sôbre a revolução: "Tu te levantas em tempos surdos, ó povo-juiz". Vi-o no dia em que o Exército Vermelho estava abandonando Kiev. (Eis como escreveu a respeito, mais tarde: "As ciganas não lêem a mão das belas senhoras, os violinos não tocam no Parque dos Mercadores, cavalos prostrados jazem no Krieschtchátik, conhece a morte Lípki, onde estão os senhores. Saem diretamente da cidade com o último trem os soldados do Exército Vermelho e um úmido uniforme gritou: "Voltaremos ainda, estejam certos!") Passamos juntos a noite do *pogrom*. Juntos vimos barbaridades em Koktébel. Juntos fizemos o difícil trajeto de Tiflis a Moscou. No verão de 1934, procurei-o em Voronezh. ("Deixa-me ir, cede-me, Voronezh, me deixarás cair ou me deixarás escapar, fugirei de tuas mãos ou voltarei, Voronezh capricho, Voronezh corvo, cutelo"). Vi-o pela última vez em Moscou em 1938.

Eu e êle nascemos no mesmo ano, em 1891: Óssip Emilievitch duas semanas antes de mim. Muitas vêzes, ao ouvir seus versos, tinha a impressão de que fôsse mais velho e mais sábio que eu em muitos anos, enquanto na vida quotidiana me parecia um menino caprichoso, sestroso, irrequieto. Verdadeiramente insuportável, pensava eu às vêzes, para acrescentar logo: mas quão querido! Sob uma aparência inconstante, ocultavam-se tesouros de bondade, de humanidade, de inspiração.

Era pequeno, mirradinho, tinha a mania de jogar para trás a cabeça, com o seu topete. Agradava-lhe a imagem do galo que rasga com o seu canto a noite junto aos muros da Acrópole; e êle próprio, quando entoava com voz de baixo as suas odes solenes, fazia pensar num "galeto di primo canto".

Ei-lo sentado sôbre a borda de uma cadeira e ei-lo, instante após, fugindo quem sabe para onde; ei-lo a sonhar com um bom jantar, a perder-se atrás de fantásticos projetos, buscando encantar os editôres. Uma vez, em Feodosia, reuniu "ricos liberais", disse-lhes em tom severo: "No julgamento universal vos perguntarão se haveis compreendido o poeta Mandelshtam, e vós respondereis: "Não". Perguntarão se o haveis nutrido e, se responderdes: "Sim", muito vos será perdoado". Nos momentos

mais trágicos, conseguia fazer-nos rir com estrofes que se inspiravam na antiga poesia persa: "Rapaz, por que tocas tanto a trompa? Rapaz, estarias melhor na tumba".

A quem encontrava pela primeira vez Mandelshtam na sala de espera de um editor ou no café parecia ter diante dos olhos o mais folgazão dos homens, incapaz até de se mostrar preocupado. Porém, Mandelshtam sabia trabalhar. Êle compunha os seus versos não numa mesinha, mas nas ruas de Moscou ou de Leningrado, no meio da estepe, nos montes da Criméia, da Geórgia, da Armênia. Dizia a propósito de Dante: "Quantas solas de couro de boi, quantas sandálias consumiu Alighieri no curso do seu trabalho poético, arrastando-se ao longo das trilhas de cabras da Itália". Estas palavras se aplicam sobretudo a Mandelshtam. Os seus versos nasciam tomando por início uma linha ou uma palavra; mudava tudo centenas de vêzes, ocorria que uma poesia inicialmente clara ia aos poucos complicando-se até se tornar quase incompreensível, ou, ao contrário, acontecia que uma outra, obscura de início, tornava-se clara. A gestação de uma oitava durava longamente, às vêzes meses, e êle permanecia invariàvelmente tocado, maravilhado pelo nascimento de uma poesia.

Durante os primeiros anos da revolução, o seu léxico, o seu verso clássico, eram considerados por muitos como qualquer coisa de arcaico: "Pelas noites plangendo, cabeça nua, aprendi a ciência dos adeuses".

Hoje essas palavras me parecem delicadamente modernas, e os versos de Burliuk um tributo a uma moda ultrapassada há muito tempo. Mandelshtam dizia: "O ideal da perfeita coragem tem a sua matriz no estilo e nas exigências práticas da nossa época. Tudo se tornou mais grave e enorme". Não eram cânones, mas uma orientação: "Não vale a pena criar escolas. Não vale a pena inventar uma própria poética". Em seguida, o verso de Mandelshtam se libertou, tornou-se mais leve, mais transparente.

Em alguns poetas é congênita uma percepção auditiva do mundo, em outros uma percepção visual. Nesse sentido, Bloch ouvia. Maiakóvski via. Mandelshtam vivia em diversos elementos naturais. Recordando os anos da própria infância, escrevia: "Naquele período me enamorei de Tchaikóvski com uma doentia tensão dos nervos, um pouco como o desejo da Netochka Nezvanova de Dostoiévski de ouvir um concêrto de violino atrás

do tecido vermelho das cortinas de sêda. Absorvia os trechos longos, suaves, tìpicamente violinísticos de Tchaikóvski por trás de uma barreira eriçada de espinhos, e mais de uma vez rasguei a roupa e espetei as mãos, tentando abrir caminho até o pavilhão da orquestra". Uma idéia do seu sentido pictórico se pode ter, quando mais não fôsse, de algumas estrofes dedicadas à natureza morta (vem a propósito recordar as telas de Konchalovski): "O pintor representou para nós o profundo esmaecer dos lilases e dispôs sôbre tela, qual camadas, os sonoros matizes das côres... Adivinha-se um balouço, de véus tênuamente esboçados, e a êste ambiente esbatido estaria perfeitamente adequada a figura de um amante sedutor."

Falava muitas vêzes com êle sôbre pintura; durante os anos vinte êle se sentia particularmente atraído pelos velhos mestres venezianos: Tintoretto, Tiziano.

Conhecia bem a poesia francesa, italiana e alemã; sabia ver distantes países: "Ó França, te peço, concede-me a graça, dá-me um pouco da tua terra e da tua madressilva, um pouco da verdade que dizem as tuas rôlas, um pouco da mentira das tuas videiras anãs nas suas estalas de graça. Na leveza de dezembro o ar é podado e se cobre de orvalho opulento, ofendido". Passei muitos anos na França, não se pode dizer melhor.

Os raciocínios sôbre a magnífica ingenuidade da fonética italiana deixavam pasmados os italianos, aos quais traduzia algum trecho do *Discurso sôbre Dante*.

Todavia, a verdadeira paixão de Óssip Emilievitch era a língua russa: "Por todo um complexo de condições históricas, as fôrças vivas da cultura grega, uma vez cedido o Ocidente à influência latino e após um breve período de hospitalidade na órfã Bisâncio, voltaram-se para o seio da fala russa, transfundindo-se o original mistério da concepção helenística do mundo, o mistério da livre encarnação, e exatamente por isso a língua russa tornou-se carne sonora e ardente". Êle repelia o simbolismo como fenômeno estranho à poesia russa. "Bálmont, o menos russo entre os poetas, tradutor forasteiro... representante estrangeiro de uma potência fonética inexistente..." Andriéi Biéli, por exemplo, "representa um fenômeno mórbido e negativo na vida da língua russa".

(Mandelshtam admirava e amava Andriéi Biéli; após a sua morte êle escreveu algumas esplêndidas poesias: "Vestiam-te com a tiara e o capuz de guizos de bufão, ó mestre azul, tirano,

senhor, tolo... Como o neviscar sôbre Moscou, criavas uma embrulhada indecifrável, leve, decifrável, confusa, de patinhos. A braçadas recolhias o espaço, passarinhos promovidos nos exames, vendedores de fumo, pintassilgos escolares, estudantes, campainhas". Escrevia com ternura sôbre os poetas da plêiade de Púshkin, de Blók, dos seus contemporâneos, da Kama, da estepe, da Armênia árida e tórrida, da nativa Leningrado. Recordo muitos dos seus versos, recito-os de memória, como exorcismos, e, voltando-me a contemplar o passado, experimento uma sensação de alegria ao pensar que vivi junto dêle).

Apontei a contradição entre a irreflexão aflorante na vida de cada dia e a seriedade no plano da arte. Mas talvez não existam contradições. Quando Óssip Emilievitch tinha dezenove anos, escreveu um artigo sôbre François Villon; êle encontrava uma justificativa para a turbulenta biografia do poeta daquele século cruel: o "pobre erudito" defendia, a seu modo, a dignidade do poeta, Mandelshtam escrevia de Dante: "As aparências externas do capuz estilizado e do notório perfil de rapina eram interiormente os indícios de uma dificuldade laboriosamente superada, de uma luta tìpicamente púshkiniana, de *kamer-junker,* pela dignidade e pela posição social do poeta". Mais uma vez estas palavras se podem aplicar ao próprio Mandelshtam: muitas de suas ações absurdas, às vêzes ridículas, eram fruto de uma "dificuldade laboriosamente superada".

Alguns críticos o consideravam antiquado, uma peça de museu. Ouviam-se acusações também mais graves; tenho diante de mim um volume da *Enciclopédia literária,* publicado em 1932. Nêle se lê: "A criação de Mandelshtam representa uma expressão artística da consciência da grande burguesia da época entre duas revoluções... São típicos da concepção do mundo de Mandelshtam um fatalismo extremo e o gêlo da indiferença interior por tudo quanto ocorre em volta... Trata-se simplesmente de uma maneira ideológica de eternizar, com modos extremamente "sublimados" e cifrados, o capitalismo e a sua cultura". O artigo foi escrito por um jovem crítico, que mais de uma vez veio ofegante até mim para mostrar-me, todo vibrante de entusiasmo, poesias inéditas de Mandelshtam, cujos versos copiava, decalcava, mostrava como seus aos amigos. É difícil dizer sôbre versos de Mandelshtam uma asneira mais colossal que esta. Não havia ninguém que, menos do que êle, exprimisse a consciência da burguesia média ou pequena! Já disse como,

em 1918, êle me havia surpreendido pela profunda compreensão da grandiosidade dos acontecimentos, com os seus versos sôbre a nave do tempo que muda de rota. Não voltou jamais as costas a seu século, mesmo quando o tempo, cão pastor, o tomava por outrem: "É hora de que vô-lo diga: também sou um contemporâneo, um homem da idade do *Moskvoshvei.*[1] Vêde como se infla a minha jaqueta, como caminho e falo. Tentei arrancar-me dêste século! Vereis, torcerei o vosso pescoço!" E sôbre a essência da sua época: "Pela tonante coragem dos séculos futuros, pela nobre tribo dos homens". Sôbre Leningrado: "Na cidade que conheço até às lágrimas, até ao nervo mais pequeno, até às glândulas inchadas, de menino, eis-me de volta. Regressaste. Apressa-te, pois, a engulir o óleo de bacalhau dos lampiões à beira-rio de Leningrado. Petrogrado, não quero morrer ainda. Tu tens os numeros dos meus telefones. Petrogrado, eu tenho todos os endereços, com que poderei encontrar as vozes dos mortos". Esta poesia foi publicada na *Gazeta Literária,* em 1933. E em 1945 a ouvi repetida por uma mulher de Leningrado ao regressar à cidade natal...

Em Mandelshtam não se pode reprovar nada. Talvez uma única coisa: a convicção que tanto a debilidade quanto a fôrça de qualquer homem consistem no amor pela vida: "Pela vida renunciarei a tudo (tenho necessidade de afeto), até um fósforo poderá aquecer-me". "As sobrancelhas me pungem. Uma lágrima coagulou dentro do peito e queima. Não tenho mêdo. Sei que virá a tempestade. Alguém, um louco extravagante, me pede para esquecer alguma coisa. Não há ar, mas tenho um desejo mortal de viver".

A quem podia dar tédio êste poeta do grácil corpo e rico da música poética que povoa as noites? No início de 1952, veio ver-me um agrônomo de Briansk, V. Merkulov, e contou-me que em 1940 Óssip Emilievitch morrera a dez mil quilômetros de distância da cidade natal; doente, recitava sonetos de Petrarca junto a uma fogueira. Sim, Óssip Emilievitch tinha mêdo de beber um copo d'água não fervida, mas nêle pulsava uma verdadeira coragem, que o acompanhou durante tôda uma vida: até nos sonetos junto ao bivaque...

Em 1936 escrevia: "Não como mariposa de asas pulveráceas restituirei à terra o que tomei como empréstimo, os meus

1 Truste das confecções de Moscou.

restos. Desejo, ao contrário, que o meu corpo pensante se torne uma rua; se torne um país o meu esqueleto carbonizado que se dará conta da sua extensão". Os seus versos permaneceram, eu os ouço. Provàvelmente será isto a que nos momentos solenes chamamos "imortalidade".

Na minha recordação Óssip Emilievitch permanece vivo, um traficante irrequieto e muito querido. Abraçamo-nos três vêzes quando veio correndo até mim para dizer-me adeus: finalmente ia embora de Koktébel! Pensei comigo: "Quem pode saber, no momento em que dizemos adeus, que separação nos espera?"

15

Dos lagos salgados da Criméia setentrional se extrai o sal de cozinha; extraía-se também antes da revolução. Devo tê-lo certamente aprendido na terceira ou quarta série ginasial, mas o que se aprende na escola cedo se esquece. Além do mais, nunca mais me interessou saber donde vinha o sal que estivesse sôbre a mesa. Contudo, exatamente o sal, aquêle da Criméia, teve importante participação na minha vida.

Para ir de Feodosia a Moscou passava-se, então, através da Geórgia, que estava em mãos dos mencheviques, comerciava com a Criméia ocupada pelos brancos e dava hospitalidade a uma embaixada soviética. De Feodosia era enviada para a Geórgia uma mercadoria de grande valor: o sal de oczinha. Disse de grande valor e não procuro gracejar; naqueles tempos, o sal era vendido nos mercados em copos, como se fêz mais tarde com o açúcar.

Um negociante de Feodosia, rico de iniciativa, decidiu mandar o sal a Poti e fêz encher do produto uma grande barcaça velha. No rebocador deveria tomar lugar o proprietário do sal. Após longas e laboriosas negociações, durante as quais os meus protetores falaram tanto de poesia quanto de rublos, o capitão do rebocador e o proprietário do sal consentiram em receber, a bordo da barcaça, a mim, Liuba e Jadviga. Os brancos, naturalmente, inspecionavam os navios que partiam; nós devíamos nos encontrar a bordo da barcaça no dia anterior à partida e permanecer calados e imóveis na sentina sufocante, onde estava depositado o precioso sal. Não era um pôsto muito

simpático, mas nos tinham dado de comer pão e tomates, sal havia em abundância e não achamos nada para reclamar.

Passamos alguns minutos realmente desagradáveis: sentíamos retumbar sôbre nossas cabeças os passos dos oficiais, encarregados de verificar se na barcaça não havia passageiros. Recordei um verso de Volóchin: "Coalhado como sal", e creio que de fato me senti coagular. O ruído dos passos foi pouco a pouco se apagando, como um temporal que se afasta.

O rebocador fêz rota para o sul, como se a nossa meta fôsse a Turquia. Com efeito, em Novorossisk comandavam os vermelhos e o proprietário do sal temia que lhe seqüestrassem a mercadoria. Acontece que a barcaça estava equipada sòmente para a pequena cabotagem; além do mais, como já disse, tinha uma idade que se prestava muito pouco às aventuras.

Estávamos no fim de setembro, isto é, exatamente no momento em que, no Mar Negro, estouram freqüentes borrascas. Navegamos muitas horas em condições idílicas: brilhava o sol, continuávamos embalados por pequenas ondas bordadas de inocentes espumas e a barcaça bamboleava preguiçosamente. Estávamos felizes de ter conseguido partir da Criméia e de comer pão e sal. A tempestade se desencadeou de repente. Quando ainda não compreendíamos o que estava acontecendo, uma violenta onda se abateu sôbre a ponte. Deitamo-nos no lugar mais abrigado, cobrindo-nos com telas enceradas. O furacão aumentava de violência; sobreveio, rápida, a noite do sul.

Na barcaça havia três ou quatro marinheiros. Disseram-nos que as coisas se punham feias: estávamos longe da terra; além disso, a água, penetrando na estiva, havia sobrecarregado excessivamente o pêso. Insultavam o capitão do rebocador, o proprietário do sal, os brancos, os vermelhos, os georgianos. Era assim para todos, sem distinção.

Tentamos dormir, mas não era possível: não obstante a tela encerada, estávamos empapados. Conquanto, no entender dos marinheiros, a barcaça estivesse sobrecarregada, as ondas golpeavam à direita e à esquerda como um barquinho, enquanto se tornavam cada vez mais altas. Eu tratava de ressuscitar velhas histórias cômicas e assim conseguir que não perdêssemos o ânimo.

Mas o pior estava ainda por vir. O capitão do rebocador resolveu abandonar a barcaça à sua sorte: temia que pudesse danificar o rebocador, chocando-se conra ela. Isto nos gritaram

por um megafone e nos propuseram transbordar para a nave agarrando-nos a um cabo e à fôrça de braços. Fôssemos atletas, paciência, mas estávamos debilitados e magros de fazer mêdo, de tanto comer sopa de pepino (além disso, Liuba, pouco antes de começar a viagem, havia tido tifo). Vai daí que não nos animamos a passar para o rebocador entre a fúria das ondas, e assim decidimos permanecer na barcaça: acontecesse o que acontecesse.

Notei mais de uma vez na minha vida que o mêdo é um estado de ânimo bizarro e muitas vêzes separado da razão. Um amigo meu, o escritor O. G. Savich, na Espanha, conversava tranqüilamente de poesia em meio a um bombardeio infernal, mas recordo que, durante a viagem que nos levou da Bélgica à França, sentiu tremendo pânico durante a inspeção aduaneira, embora não tivesse consigo nenhum gênero de contrabando. Encontrei-me em Toledo com o pintor espanhol Fernando Gerassi, que então era oficial, e mais de uma vez deixou estupefatos os companheiros de armas pela coragem. No alcácer de Toledo se haviam entrincheirado os fascistas e, de vez em quando, disparavam nos anarquistas, displicentemente. Pois bem, Fernando me confessou que não queria subir comigo ao teto de uma casa porque tinha mêdo: o *front* era o *front,* mas a Toledo tinha vindo sòmente para fazer-me companhia e aqui tinha mêdo. Quanto a mim, experimentei o mêdo não em várias frentes, não na Espanha, não sob os bombardeios, mas em tempo de paz, à espera de um toque de campainha ou de uma batida à porta, mas são coisas das quais já falei. Nem eu nem as minhas jovens companheiras de viagem nos apavoramos com a idéia de ficar no meio do mar em borrasca, bloqueados sôbre uma barcaça arruinada e de afundar com aquela preciosa carga de sal. Conversávamos, gracejávamos, e se nos acontecia tremer não era pelo mêdo, mas pelo frio: estávamos empapados.

O capitão não abandonou a barcaça. Quando aproamos felizmente a Suchumi, êle disse a Liuba que o havia feito por pena dela. Para mim, foi uma gentileza à maneira oriental. No rebocador estava o proprietário do sal, que havia defendido furiosamente a própria mercadoria.

Suchumi nos pareceu incrìvelmente esplêndida; é de fato uma bela cidade, mas não nos entusiasmávamos tanto com o seu aspecto, senão por nos sentirmos tornar à vida naquela maravilhosa manhã de sol. Parecia-nos que agora tôdas as dificuldades, não só da nossa viagem a Moscou, mas da vida inteira, fôssem água passada. Um georgiano se ofereceu para trocar o nosso dinheiro e eis-nos sentados a um café bem na rua, a tomar café turco e a fazer festa. Tipos barulhentos e bigodudos nos prodigalizavam sorrisos. Alguns vendiam uvas douradas e mornas. Fazia calor como de verão e nós não pensávamos nem no preço do sal, nem no preço da vida humana. Aqui a gozávamos: os anos de nós três, somados, eram menos que quantos tenho hoje sòzinho.

Dormimos de nôvo em nossa barcaça, mas a noite foi normal, tranqüila: navegamos ao longo da margem, na direção de Poti. Dali alcançaríamos Tbilisi de trem. Agora, onde iríamos? Onde se encontrava a embaixada? Onde estava Moscou? Sentíamo-nos algo perdidos naquela cidade estranha, sem documentos, sem dinheiro.

Não obstante tudo, na vida ocorrem casos afortunados, como aquêles de que se valem os escritores, assegurando desfecho alegre a uma história aparentemente sem pista de saída. Na perspectiva Golovinski vinha ao nosso encontro Óssip Emilievitch Mandelshtam. A sua visão encheu-nos de alegria e o mesmo se deu com êle. Sentia-se já à vontade na cidade e nos disse em tom prático: "Agora iremos à casa de Tiziano Tabidze e êle nos levará a um maravilhoso *duchan*"[1].

16

Mandelshtam falou-nos das suas desventuras. Em Batum temiam uma epidemia de peste e o quarteirão onde Óssip Emilievitch e seu irmão haviam alugado um quarto, estava circundado por um cordão sanitário militar. Mandelshtam estava incerto sôbre o fim que o esperava: se um romântico ataque de peste ou a simples e vulgar morte por fome. As suas meditações foram interrompidas por agentes da *ochrana* menchevique, que levaram Óssip Emilievitch para a prisão. Em vão buscou ainda uma vez explicar que êle não era feito para viver no cárcere, as suas palavras ficaram sem efeito. Declarou ser Óssip Mandelshtam, autor do livro *O seixo,* mas lhe responderam que era,

[1] Pequeno restaurante em que se vende também vinho.

ao contrário, um agente do general Wrangel e dos bolcheviques. Bastava olhar Óssip Emilievitch para se perceber quão pouco parecia um agente secreto, não digo um "doblez", mas nem mesmo um agente de ligações normal. Entretanto, os agentes da *ochrana* não podiam refletir porque não tinham tempo para isso: obrigados como eram a levar a cabo um plano, podia acontecer algumas vêzes que variassem os limites (até o autor do mais absurdo romance de aventuras se preocupa de dar à narrativa uma certa verossimilhança, mas os tiras não estão para quebrar a própria cabeça, preferem quebrar a dos outros). Por acaso haviam chegado a Batum poetas georgianos e, tendo lido no jornal que "o duplo agente Óssig Mandelshtam" buscava fazer-se passar por poeta, conseguiram obter a sua libertação.

Após nos ter contado tudo isso, Mandelshtam não começou a filosofar sôbre caracteres da época, mas nos levou à casa de Tiziano Tabidze, o qual se pôs a soltar gritos de entusiasmo, a abraçar todos, a declamar versos, e em seguida correu em busca de seu amigo Paulo Jashvili. Ficamos pasmados, vendo sôbre a mesa do *duchan* várias iguarias de cuja existência há muito nos havíamos esquecido.

Eu tinha conhecido Paulo Jashvili em Paris, na Rotonde, em 1914. Naquele tempo Paulo era um rapaz magro e impetuoso (tinha apenas 20 anos). Perguntava-me: "Em que café costumava sentar-se Verlaine? Quando virá aqui Picasso? É verdade que vocês escrevem nos cafés? Eu não seria capaz disso... Veja como se beijam! É uma infâmia! Isto me inspira demais..." Reencontrar Paulo em Tiflis me encheu de alegria, era quase um companheiro de armas, embora o nosso encontro em Paris tivesse sido ocasional e sem seqüência.

Mal sentados à mesa, Paulo e Tiziano nos explicaram que eram os fundadores do sodalício poético *Os chifres azuis*. Pensei que não tivesse nada a ver com comida; de fato existe uma revista, *O cavaleiro azul*, existem mostras da *Rosa azul*. Mas o taverneiro chegou com enormes chifres (em verdade não azuis). No chifre que Paulo me ofereceu, o taverneiro entornou um litro de vinho. Um chifre não é um copo, não o podes colocar sôbre a mesa; tens que segurá-lo na mão alguns minutos e depois, em desespêro, tragas o conteúdo. Quando se recorda que em Koktébel eu estava terrìvelmente definhado, fàcilmente se poderá adivinhar o efeito da bebida. Os amigos georgianos me

arrastaram, quem sabe para quê, ao concêrto de um virtuose. Lembro-me vagamente de haver permanecido deitado no chão numa das salas do conservatório, em meio às harpas e às grinaldas comemorativas.

Na manhã seguinte fui com Mandelshtam à embaixada soviética. Receberam-nos afàvelmente, prometendo que nos mandariam à Rússia; todavia, necesitava esperar uma semana ou duas.

Paulo nos alojou num velho e sujo albergue. Na cidade não havia quartos livres e tivemos que nos contentar com o quarto único que acolheu os irmãos Mandelshtam, Liuba, Jadviga e eu. Óssip Emilievitch recusou-se a utilizar a cama, com mêdo dos percevejos e dos micróbios. Dormia sôbre a mesa. Quando clareava percebia seu perfil sôbre mim; dormia de costas e tinha um ar solene.

Vivemos em Tiflis duas semanas; me pareceram uma digressão lírica.

Comíamos todos os dias, e não é tudo: tôda tarde jantávamos. Paulo e Tiziano não tinham dinheiro, mas nos tratavam com uma magnificência de senhores medievais, escolhiam as melhores tavernas, e nos ofereciam as comidas mais gostosas. Às vêzes passávamos de uma taverna para outra: do almôço se passava ao jantar. Os nomes das iguarias georgianas pareciam versos de uma poesia: *sulgumi, sozhali, savizi, lobi.* Comíamos trutas, sopas apimentadas, queijo quente, môlho de nozes, fígados de galinha e tripas de porco no espêto, sem falar das infinitas variedades de carneiro assado. Nas tavernas persas nos serviam *pilaf* e carne de carneiro assada em pequenas tijelas de barro. Buscávamos resolver que vinho seria o melhor, se o *telni* ou o *kvareli.*

Não conhecia o Oriente e a velha Tiflis me apareceu como uma cidade das *Mil e uma noites*. Andávamos a esmo na limitada Maidan; vendiam-se turquesas cravadas em betume e sonhos quentes, jaquetas inglêsas e punhais, narguilés e gramofones, ervas perfumadas e fuzis, retratos da rainha Tamara e dólares, antigos manuscritos e ceroulas. Os mercadores convidavam em altas vozes os fregueses, defendiam ruidosamente os preços, aprofundavam-se em pitorescas reverências, juravam e rejuravam pela vida de seus numerosos parentes.

Entramos em um banho público de águas sulfurosas; um enorme banhista lançou-me de costas e me cobriu de uma lama

prodigiosa que destruía qualquer pelugem; Paulo garantia com o ar mais sério dêste mundo que eu me parecia a Narciso.

Bebíamos vinho no parque de Verrieski; o impaciente Kura brincava com fogos vermelhos e amarelos, enquanto na mesa exaltavam-se as fragrâncias do *turcham* de caracóis e do *kindza*.

Nos antigos templos admirávamos as rainhas de pedra contra as quais se encostavam e se esfregavam as panteras. Nas tavernas nos extasiávamos com os quadros de Pirosmanishvili, dêste Rousseau georgiano, um pintor autodidata, que em troca de um pouco de carne de carneiro e de vinho pintava as paredes das cantinas. Era simples, patético, impunha-se pela habilidade na composição e pela riqueza das côres.

Tiflis era uma estaçãozinha em que o trem parava por acaso. O chefe do govêrno menchevique, Noi Zhordanija, no passado colaborador de várias revistas marxistas, citava ora Kautsky, ora a rainha Tamara. Kautsky escrevia que a Geórgia menchevique era um Estado com um futuro brilhante diante de si, enquanto os petroburgueses e os moscovitas, chegados por acaso àquela estaçãozinha, se apressavam a arrumar as malas: uns não viam a hora de procurar o norte, outros de arrumar-se no exterior. Tive ocasião de me encontrar com alguns dêles. O ator N. N. Chodotov estava na iminência de voltar para casa em Petrogrado. Os poetas Ognivtsev e Rafalovitch estavam à espera do visto francês. Os habitantes de Tiflis diziam o diabo dos mencheviques, afirmavam que seus dias estavam contados.

Nesta extraordinária cidade, vários séculos coexistiam. Pude assistir à festa dos muçulmanos. Sôbre liteiras, adornadas de tapêtes policrômicos, vinham conduzidas mulheres persas com o rosto coberto. Ao redor corriam os garotos; cavaleiros em trajes típicos os barravam, sem piedade, com longos chicotes. Seguiam em procissão centenas de homens seminus, que flagelavam o dorso com correntes de ferro. A música soava à distância. Os atôres principais eram indivíduos que vestiam brancos albornozes; bamboleando, gritavam "shachsej vachsej" e golpeavam o rosto com seus sabres. Sob o sol fulgurante o sangue parecia um verniz. Esta autoflagelação servia para honrar a memória do filho do califa Hussein, perito em batalhas mil e quatrocentos anos antes...

Na rua adjacente, os artesãos liam as palavras de um manifesto: "A bandeira vermelha do poder soviético flutua sôbre Baku. De um dia para outro será içada também em Tiflis..."

Doaram-me uma *Coleção da corporação dos poetas de Tiflis*. Por acaso conservei êste livro. Entre os autores figuram muitas poetisas de poéticos nomes: Nina Gratsianskaia, Bel-Kon-Liubomirskaia, Magdalina De-Kaprelevich. Os poetas da corporação de Tiflis compunham sonetos sôbre Svaroga, Eros, Sulamita, Sanavallata, Monfort e outros personagens igualmente modernos.

Aliás, o tempo que poderia dedicar a ler a coleção eu o passava todo com meus novos amigos, com os quais imediatamente me identifiquei: Paulo Jashvili e Ticiano Tabidze.

Estavam ligados entre si não sòmente por idênticas concepções próticas, mas também por vínculos de fraterna amizade: a amizade durou além das escolas literárias, e êles pereceram juntos: e como eram diferentes! Paulo era alto, impetuoso, extremamente enérgico, sabia organizar tudo: quer um anúncio do Chifre Azul, quer um jantar na taverna. Os seus versos eram vivos, inteligentes, sólidos. Ticiano, no entanto, chamava a atenção pela sua sonhadora beleza. Era belo, levava sempre na botoeira um cravo vermelho; recitava os versos como uma espécie de nênia e tinha os olhos celestes como lagos de montanha. É difícil compreender a poesia uma vez traduzida. Eu entendia versos também em georgiano. Recordo o dia em que Ticiano me disse que a poesia era uma avalanche. Muitos anos depois li, traduzida, uma sua poesia, na qual havia os seguintes versos: "Não escrevo eu os versos. São êles que, na narração, me escrevem, e o curso da vida os acompanha. Um verso. Que é? Uma avalanche de neve. Um sôpro que te arrasta e vivo te sepulta. Isto é o verso".

Creio que estas palavras definem todo Ticiano, a sua pureza, os seus ideais elevados; êle era antes de tudo um poeta.

Jashvili e Tabidze conheciam muito bem e amavam tanto a poesia russa como a francesa: Púshkin e Baudelaire, Blok e Verlaine, Niekrassov e Rimbaud, Maiakóvski e Apollinaire. Êles romperam as velhas formas da versificação georgiana, mas creio ser difícil encontrar poetas que amassem tanto a sua pátria. Bastava, para transbordá-los de alegria, dizer-lhes que uma determinada palavra georgiana era particularmente expressiva, admirar uma florzinha de montanha e o sorriso de uma menina na perspectiva Rustaveli. Que fôssem magníficos poetas é coisa que agora se pode ler em qualquer compêndio, mas desejo acrescentar que foram verdadeiros homens. Fui de nôvo a

Tiflis em 1926. Fui à casa de Ticiano e Paulo. Depois me encontrei com êles em Moscou: a amizade havia superado a prova do tempo.

Em fins de 1937, viajei da Espanha, exatamente de Teruel, a Tiflis, para as celebrações do aniversário de Rustaveli. Paulo e Ticiano não foram. Do que lhes aconteceu, direi com as palavras de Guram Asatiani, autor de um livro sôbre Ticiano Tabidze: "Tabidze, como os seus esplêndidos contemporâneos, os conhecidos escritores soviéticos P. Jashvili, M. Dzhavachishvili, N. Mitsishvili e outros, caíram vítima da mão criminosa dos piores inimigos do povo". Em Tiflis encontrei sòmente o poeta G. Leonidze, que conheci em 1926. Êle me convidou à sua casa para o "réveillon". De repente os brindes se interromperam: erguemos as taças sem nada dizer: diante de nós estavam Ticiano e Paulo... Penso muitas vêzes nos versos de Jashvili escritos muitos anos antes do tágico fim: "A calúnia não deve amedrontar-te. Bem pior é o silêncio que se arrasta silencioso pelos caminhos e tu o temes como a guerra iminente ou como a bala que te é destinada, já próxima".

Muitos poetas amaram Ticiano e Paulo: Iessiênin, Pasternak, Tichonov, Zabolotski, Antokolski, mas nós somos os primeiros poetas soviéticos que encontramos em Tiflis não sòmente um repouso para o espírito, mas também o romantismo, o sentido da altitude, um bocado de oxigênio. Refiro-me tanto aos montes quanto aos homens, visto que não é possível separar Paulo e Ticiano da paisagem que os circundava. Escrevi após a minha viagem à Geórgia em 1926: "Ponhamo-nos de acôrdo; os montes não são sòmente a coqueluche do alpinista, as interiorizações estupefatas de quem adora a beleza canicular. São também as agitações da natureza, as suas exigências que correspondem à natureza humana... Os animais e as videiras do mosteiro retouçam, amadurecem, vivem. Os pastôres e as estrêlas os protegem com amor. Nos jardins de Veriesk a *zurna*[1] chora como uma mulher amada, cuja voz se reconhece ainda depois de milhares de anos. Que os poetas do "Chifre Azul" amem Rimbaud e Lautréamont; almas ingênuas repetem os seus versos para crianças confiantes junto à tumba de Griboiedov, quando se fundem num todo único as constelações dos astrônomos, as luzes de Sololak[2] e as comovidas pupilas. Nas paredes das tavernas sangram as melancias pintadas por Niko Pirosmanishvili..."

1 Instrumento oriental de sôpro.
2 Central elétrica.

Na França os Alpes significam desporto, turismo, sanatórios, esqui, albergues, mochilas, cartões-postais. Mas sem o Cáucaso é bem difícil conceber a poesia russa: o Cáucaso era para ela um repouso da alma e um ponto de partida.

Mas voltemos ao nosso argumento, às duas breves semanas do outono de 1920, durante as quais os amigos georgianos nos acolheram, nos abrigaram. Êstes amigos não estão mais entre os vivos, só nos resta inclinarmo-nos diante dos montes da Geórgia. Jashvili e Tabidze nos acompanharam ao longo da estrada militar da Geórgia até o primeiro ponto de parada, onde ainda hoje ressoa em meus ouvidos a voz alta, estridente, de Ticiano: "A treva noturna se estende sôbre as colinas da Geórgia; estrondeia diante de mim o Aragva. Sinto-me triste e excitado; límpida é a minha melancolia; a minha melancolia está impregnada de ti..."

17

Já disse ter experimentado na minha vida não poucas profissões, variadas e imprevistas; agora desejo falar da mais inverossímil de tôdas. Não durou muito, mas foi agitada. O embaixador me disse que partiria de Tiflis para Moscou na qualidade de correio diplomático. Não se tratava nem de uma sinecura honorária nem de um mascaramento para justificar a passagem da fronteira. Não, devia levar comigo um pacote cheio de correspondência e três enormes fardos, e mais um grande número de timbres e carimbos.

Muitas vêzes tive e ainda tenho ocasião de dirigir-me ao exterior; se viajam comigo outros companheiros, há sempre entre êles um "chefe de delegação". No entanto, de Tiflis parti com 7 pessoas; algumas delas figuravam no documento como "acompanhantes" (Liuba, Jadviga, os irmãos Mandelshtam e um companheiro de ar muito sério, que, se não me engano, regressava da Inglaterra); os outros dois, que passavam por minha escolta, eram um marinhenro e um jovem ator do Teatro de Arte. Dessa forma, na minha nova profissão, fiz carreira sùbitamente.

Sucede-me freqüentemente encontrar, nos aviões, correios diplomáticos; são indivíduos sérios e graves, afeitos àquele gênero de trabalho. Partem sempre em dupla e, enquanto um dorme, o outro não tira o ôlho das malas. Vendo-os, recordo o remoto passado; se pudessem saber que também eu levei comigo daqueles fardos, mas não em avião, onde as aeromoças oferecem caramelos aos passageiros, mas em vagão arruinado, ligado a uma locomotiva blindada...

No outono de 1920, os diplomatas soviéticos eram novatos. Então existiam relações diplomáticas com o Afeganistão, com os Estados, apenas formados, do Báltico, e com a Geórgia menchevique. Tudo era nôvo, tudo ainda por verificar. Os bolcheviques não tinham esquecido as candentes polêmicas com os mencheviques, durante as reuniões clandestinas; às vêzes irrompia a polícia e carregava todos. Agora o quadro era diferente: o publicista menchevique A. Kostrov, isto é, Noi Zhordanija, tornara-se chefe do govêrno georgiano e a sua polícia tinha começado a recolher ao xadrez de Metechsk os opositores de ontem. Certo, um correio diplomático goza de imunidade, ninguém tem direito de controlar a bagagem que êle leva consigo. O embaixador o sabia muito bem, mas não sabia se o saberiam os mencheviques e me ordenou não permitir, em nenhum caso, que na fronteira viessem abrir o pacote, envolvido em papel marrom e fechado com uma dezena de sinetes. Tinha o pacote na mão e em oito dias de viagem não o deixei um só instante, enquanto não o entreguei ao comissariado do exterior, em Moscou.

Em primeiro lugar, a viagem se desenrolou em condições ideais. Ceamos num *duchan* e passamos a noite num pequeno albergue; todos os meus companheiros de viagem, tanto os "acompanhantes" como a "escolta", dormiam plàcidamente, enquanto eu velava, comprimindo ao peito o precioso pacote. De manhã prosseguimos a viagem entre um fulgor de neve, enquanto no vale rumorejavam as torrentes montanhosas e em tôrno pastavam os rebanhos.

Aproximamo-nos da fronteira e eu comecei a meditar sôbre a atitude a assumir no caso de os guardas fronteiriços georgianos manifestarem a intenção de abrir o pacote. O marinheiro tinha uma pistola, mas quando lhe falei da ameaça que pairava sôbre a nossa cabeça, respondeu-me com indiferença que o pacote o levava eu, enquanto êle tinha consigo apenas

frutas. O companheiro que voltava da Inglaterra estava bem barbeado, emanava um leve aroma de lavanda e observava com binóculo as neves eternas. Óssip Emilievitch recitava versos às suas companheiras de viagem.

O oficial georgiano que comandava o pôsto de fronteira revelou-se uma pessoa simpaticíssima. Tendo sabido que minha mulher era uma pintora, começou a perguntar-lhe que estavam fazendo, naquela fase, os pintores russos. Tinha desejo de se transferir para Moscou e de freqüentar o Instituto de Belas Artes. Quem sabe, talvez Liuba pudesse dar-lhe uma recomendação?...

Necessitamos tempo para transportar os nossos fardos através da "faixa neutra". Os guardas de fronteira soviéticos tinham algo mais a fazer. Prometeram-nos transporte para a tarde. Eu começava a protestar: "Trata-se de correio urgente, não se pode perder uma hora sequer..." (Era, ao pé da letra, quanto me havia dito o embaixador).

À noite, chegamos a Vladikavkaz; levaram-nos para um albergue onde seis meses antes se alojaram os homens de Denikin; estava tudo sujo, em pedaços; faltavam os vidros das janelas e rajadas de vento nos atingiam em cheio. A cidade parecia o *front*. Os habitantes iam trabalhar com o semblante carregado, preocupado; não compreendiam que a guerra civil estava chegando ao fim; tratavam ainda de adivinhar quem irromperia na cidade no dia seguinte.

Comecei a discutir com os representantes do soviete citadino e com o comando militar como chegar às Águas Minerais: os trens estavam retidos, ao longo da ferrovia estavam em curso escaramuças com pequenos grupos de guardas brancos. Comemos uma sopa de couve na mesa dos dirigentes e nos deram até três pães grandes. Pela tarde, se decidiu fazer partir, no rumo das Águas Minerais, um trem blindado. Todavia não foi possível encontrar um comboio totalmente encouraçado e à locomotiva blindada foram engatados dois carros normais. Desta vez a escolta era mais séria: soldados armados de metralhadoras.

No vagão encontrei um nôvo passageiro, que dizia a todos, sorrindo, ser um diplomata georgiano. Um dos "tchequistas"[1] me explicou que na valise daquele diplomata haviam sido

[1] De *Tchequia*, nome dado durante algum tempo à Boêmia e à Morávia. (N. do T.)

encontrado alfinêtes, braceletes, anéis com brilhantes e outras pedras preciosas. Moscou havia dado ordem de prendê-lo e remetê-lo ao comissariado do exterior. O georgiano era tratado muito bem, como um verdadeiro diplomata, e eu me senti um diletante. Mas não perdia de ôlho os fardos.

Após haver percorrido quarenta ou cinqüinta quilômetros o trem parou. Ouviram-se disparos, entrou em ação uma metralhadora. Os militares nos disseram que os brancos haviam arrancado os trilhos e estavam por atacar o trem: devíamos agarrar os fuzis e meter-nos a atirar. Isto ordenou com tôdas as fôrças Óssip Emilievitch, que experimentava um irresistível horror por qualquer tipo de arma. Na sua mente nasceu um projeto fantástico: êle e Liuba se esconderiam nos montes... Liuba não seguiu as suas exortações e os brancos foram logo rechaçados.

Na estação Águas Minerais havia gente que esperava, há semanas, a possibilidade de viajar em trem. Os soldados me ajudaram a dar o fora do vagão. Alguém gritou: "Abram passo ao correio diplomático!", mas sem qualquer resultado. Poderia muito bem haver gritado: "Passagem para o Papa de Roma" ou "Passagem para Chaliápin"... Não me lembro mais como foi, mas acabamos por nos encontrar, todos, no vagão abarrotado. Neste ponto começaram as tristes notas: os fardos ocupavam muito lugar e todos queriam sentar-se em cima dêles, mas eu compreendia que os sinetes de lacre ficariam em pedaços e eu gritava a tôda voz: "Fora da mala diplomática..." Mais que as palavras, causava impressão o tom da minha voz, tomada de desespêro.

A princípio, o marinheiro me ajudou a rechaçar os ataques, mas depois aconteceu uma desgraça: em certa estação êle adquiriu dois enormes sacos de sal. De nôvo aquêle sal maldito me tornava dura a vida. Agora, o marinheiro, em vez de custodiar a mala diplomática, preocupava-se com o sal e afastava cìnicamente todos dos seus sacos: "Fora! É mala diplomática". E eu fazia figura de impostor.

Após quatro ou cinco dias de viagem esperava-nos uma bruta surprêsa: entre Rostov e Kharkov se aproximaram do trem os homens de Machno. Sabia já por experiência o que queria dizer, mas agora estava de permeio a mala, o precioso fardo... Que fazer? O companheiro que voltava da Inglaterra, que tinha

chá quente na garrafa térmica e conhaque numa frasqueira de viagem, me disse: "Tome um trago e tudo se arranjará..."

E efetivamente tudo correu mansamente. Chegamos a Moscou. Eu comprimia o pacote ao peito, como se fôsse uma criança. Os passageiros lentamente saíram um após outro, mas eu fiquei de guarda aos fardos do correio. Pela tarde, Aleksandr Emilievitch e o marinheiro saíram para alugar um carro, no qual pudesse carregar a bagagem. O pacote com a correspondência eu o retinha entre as mãos. Seguíamos o carro a pé: parecia um funeral de povoado.

Óssip Emilievitch havia já saído para falar com alguém pelo telefone, tinha encontrado onde pernoitar com o seu irmão e nos informou que, à tarde, deverlamos nos encontrar na Casa da Imprensa, no bulevar Nikitski, onde distribuiriam pãezinhos recheados.

O Comissariado do Exterior estava sediado no edifício do Metrópole, onde se entrava pela parte posterior que dava para uma pequena praça.

Entreguei o correio ao encarregado de plantão. O respeito demonstrado pelo meu embrulho aumentou a estima que já nutria por mim mesmo; os fardos, no entanto, êle os arrastou com desprêzo para dentro de um cubículo. Tentei explicar-lhe que uma fulana antipática, não obstante a minha vigilância, havia manuseado um dos muitos sinêtes, mas me respondeu com ar indiferente: "Não importa, são jornais..."

Ocorreu um prodígio. Eram os primeiros anos da revolução, reinava uma atmosfera romântica... Quando soube que eu não tinha alojamento, o encarregado de turno teve pena de mim, deu notícia, por telefone, a alguém que havia chegado o correio diplomático de Tiflis e começou a telefonar aos vários "hotéis". Deram-me um folheto no qual estava anotado que o Terceiro Hotel do comissariado do exterior deveria acolher Ehrenburg e sua mulher. O Terceiro Hotel era o ex-albergue Côrte dos Príncipes, onde em outra ocasião me havia alojado com meu pai. Ali se estava abrigado e pareceu-me estar no paraíso...

À tarde, fomos à Casa da Imprensa, onde encontrei muitos conhecidos. À mesa distribuíam efetivamente microscópicas fatias de pão negro com caviar vermelho e "vobla"; também se podia tomar chá, que cheirava não sei se a mel ou menta, naturalmente sem açúcar. Tudo isso era esplêndido e eu me vi

logo empenhado num debate literário: quem estava mais próximo da realidade, os futuristas ou os imaginistas?

Entristeceu-me, um pouco, um incidente com Mandelshtam. Êle sentava-se no ângulo oposto da sala. De repente Bliumkin caiu-lhe em cima e começou a bradar: "Agora te atiro!", e apontou o revólver para Mandelshtam. Óssip Emilievitch deu um grito. O revólver foi arrebatado da mão de Bliumkin e tudo terminou pelo melhor.

Caminhava-se na praça Arbát, próximo à igreja de Boris e Gleb. Havia escuridão fechada, mas fracos revérberos se agitavam atrás dos vidros das janelas. Eis Moscou, a cidade que todo o mundo está observando! Não tem pão, nem carvão, a gente vive de privações, mas é uma cidade obstinada: venceu a guerra, abriu uma brecha na história...

Assim pensava ao encaminhar-me para o Terceiro Hotel. Queria fazer qualquer coisa, escrever, mas, sobretudo, destruir, com tôdas as fôrças da minha alma, o que se chama de passado: agora sabia que cheiro tinha.

18

O gerente do Terceiro Hotel do comissariado dos estrangeiros se chamava companheiro Adão; mas, para ser sincero, era eu quem me sentia Adão, hóspede de um paraíso do qual poderiam expulsar-me de um momento para outro. Devia apresentar um certificado de serviço, mas o haver levado a destino, sem incidente, o correio, não me autorizava a pretender a carreira diplomática. O companheiro Adão nos havia acomodado num quarto não aquecido, mas a Côrte dos Príncipes era, ainda assim, um paraíso. De manhã nos era entregue a ração "alimentar": duzentas gramas de pão, um minúsculo pedaço de manteiga e dois torrõezinhos de açúcar. De dia recebíamos angu de milho ou cevada. Que os antigos príncipes comessem melhor é fora de dúvida, mas na Moscou de 1920 essa ração era deveras principesca.

Encontrei alguns velhos amigos, conheci jovens poetas, escrevi algumas poesias. Liuba conseguiu encontrar A. A. Ekster e se inscreveu no Instituto de Belas Artes. Depois, inesperadamente me veio a comunicação de que V. E. Meierchold me procurava para confiar-me um trabalho interessante. Não sabia de que trabalho se tratava, mas senti que me despontavam as asas.

Na Casa da Imprensa se decidiu preparar uma reunião literária a mim dedicada. Recitei versos, os escritos em Koktébel e em Moscou. Estava vestido de maneira indecente, mas então não se reparava, e os versos eram patéticos. Por exemplo, imaginando que um homem do futuro encontrasse por acaso numa biblioteca um livro meu, exprimia-me assim: "Entre passados ouropéis e mesquinhas palavras, entre crônicas de remotas discórdias, verá um homem, que morreu no limiar, com o rosto voltado para êle". Apenas terminei, todos se precipitaram para o bufê. Ali se aproximou de mim o membro de turno da direção, o poeta Vengrov, e me sussurrou que eu era reclamado por dois homens da Tcheka; esperavam-me em baixo, próximo ao guarda-roupa. "Não deves preocupar-te — acrescentou em tom amigável — evidentemente se trata de um equívoco".

Junto ao guarda-roupa me esperavam dois jovens, que exibiram um mandato de prisão. Saímos à praça, onde estacionava um veículo que nos levou à Lubianka, no edifício da que fôra a Sociedade de seguros Rússia e onde agora funcionava a Tcheka: êsse edifício entrou para a história. Poucos se lembram hoje de que a rua Kirov se chamava Miasnítskaia; a Kropótkinskaia, Prietcístienka; rua Górki, Tverskaia, enquanto a palavra Lubianka ficou impressa na mente de todos.

Inquiriram-me, tiraram fotografias de Liuba e de seus quadros. Os jovens começaram a me perguntar o que queria dizer cubismo. Mas o meu cérebro formulava tôda uma outra pergunta: que queria dizer a minha prisão? Não consegui proferir uma conferência sôbre pintura. Os jovens disseram que advertiram minha mulher (efetivamente, foram até ela, tentaram tranqüilizá-la — "Esteja certa de que o farão sair dentro de pouco" — e lhe pediram sua explicação sôbre pintura moderna).

Na cela em que fui detido havia já oito pessoas: oficiais de marinha, tipos corajosos e simpáticos; deram-me um lugar e me pus a dormir. Na manhã seguinte me explicaram que, via de regra, na cela, não se falava das próprias desgraças. Cada um falava da sua especitlidade. Primeiramente, houve um relato sôbre o submersível construído por Naletov, depois um sôbre navegação no Oceano Índico. Eu falei de Paris, dos versos de

François Villon, da pintura italiana. (Alguns meses depois reencontrei os companheiros daquela breve detenção no Teatro de Câmera, na estréia de *Princesa Brambilla.* Ficamos satisfeitos de rever-nos e logo começamos a discutir se o teatro de Tairov era melhor do que o de Meierchold).

À tarde, para acompanhar-me no interrogatório, me fizeram percorrer longos e intrincados corredores. O juiz me saudou amigàvelmente, disse que me havia encontrado na Rotonde. Eu não o recordava, mas falamos um pouco de Paris; depois êle me disse: "Veja, recebemos uma informação em que se diz que você é um agente de Wrangel. Prove-me o contrário". O desastre é que em tôda a minha vida não consegui livrar-me de algumas conclusões de Descartes; sei bem que não é possível viver de lógica e, no entanto, me surpreendo a cada instante exigindo do meu próximo exatamente e sòmente a lógica. Respondi que correspondia ao autor da denúncia demonstrar que eu era um agente de Wrangel; se me tivessem dito sôbre quê se baseava a sua afirmação, poderia refutá-la. O juiz instrutor me pediu que lhe contasse como havia conseguido alcançar Moscou, animou-se à narrativa de nossas peripécias, insultou, irritado, a qualidade do sal, e finalmente disse: "Teremos ainda ocasião de conversar, nós dois..." Aos companheiros de cela proferi uma palestra sôbre poesia espanhola e ouvi uma lição dedicada à influência do progresso aeronáutico sôbre operações da frota. Dois dias depois, o juiz instrutor me convocou novamente. "Diga-me, por que lhe foi confiada a tarefa de trazer a Moscou a mala do correio diplomático?" Respondi que a pergunta devia ser feita ao nosso embaixador em Tiflis; quanto a mim, tinha simplesmente pedido à embaixada que me mandasse a Moscou... Falamos ainda de Paris, após o que fui reconduzido à cela. Fiz um relato sôbre a arquitetura de Versalhes e ouvi a análise da guerra submarina dos anos 1917-1918.

O terceiro interrogatório se abriu com as já conhecidas palavras: "Demonstre que não é um agente de Wrangel..." O juiz instrutor estava de mau humor e me disse que eu era cabeçudo, o que poderia levar-me à ruína; a contra-revolução não parecia amainar, mas o proletariado não repetiria os erros da Comuna.

Estava já convencido de que me esperava o fuzilamento; mas na manhã seguinte proferi uma conferência sôbre a pintura

de Picasso e me apaixonei a ponto de esquecer as veladas ameaças do juiz instrutor.

Transcorreu mais um dia e imprevistamente fui pôsto em liberdade.

Eram tempos maravilhosos! Combatia-se ainda contra os homens de Wrangel, perseveravam ainda os bandos de tôda laia, ainda aqui e acolá atuavam os terroristas. A luta se desenrolava não se sabe bem onde, sob a terra, em tenebrosas entranhas. A quem era prêso podia acontecer que o fuzilassem; quem não era fuzilado era pôsto em liberdade.

Fui sôlto de tarde. Fui à Côrte dos Príncipes, mas não me permitiram entrar: o companheiro Adão, onipotente como senhor-deus, havia expulsado do paraíso Eva, isto é, Liuba. Não sabia onde estaria; não sabia onde ir. Fora fazia muito frio e de repente pensei, com nostalgia, na minha apertada cela: pelo menos ali se estava aquecido...

Fui à Casa da Imprensa. Era tarde e ali só encontrei o administrador de turno. Alongou-se explicando-me que ninguém tinha o direito de pernoitar no edifício, mas depois de me ter encarado atentamente, a sua firme decisão vacilou. "Está bem! Vamos para cima..." No alto ficavam os aposentos dos vários grupos literários. Êle me alojou no cômodo dos escritores proletários, provido de um amplo divã. O aquecimento não chegava ao andar superior. Após três anos borrascosos, o meu capote parisiense parecia o capote podre de Akaki Akakievitch. Deitei-me e me sentia pouco a pouco congelar. No escuro arranquei da parede um pedaço de tela e me enrolei; não me esquentou, mas por sorte adormeci.

Acordei ouvindo rir sonoramente: estava circundado pelos escritores proletários, entre os quais vi o meu amigo parisiense Micha Guerássimov. Olhavam-me e riam... De noite, havia arrancado da parede um pedaço de tela que tinha escrita a seguinte palavra de ordem: "Tôda a cultura ao proletariado!" Também eu caí na gargalhada.

Reli quanto escrevi até aqui e me pus a pensar: como já nesta parte do livro há tantas páginas alegres, quase despreocupadas? Os acontecimentos de que falo não eram realmente idílicos: a barcaça com o sal poderia ir a pique fàcilmente; e seria até natural que os bandidos assassinassem o ingênuo correio diplomático; de resto, até as conversações com o juiz instrutor teriam podido acabar de modo bem diferente. Certo, é

assim; mas é também verdadeiro que um homem pode manter intacta a sua alegria ante as provas mais difíceis, enquanto pode sentir-se triste e até desesperado quando nada o ameaça. Com efeito, não liberto de uma certa amargur,a, escrevi da minha primeira juventude; e também nas outras partes do meu livro deverei falar de muitas coisas que não se pode realmente considerar alegres. Não é o perigo que avilta o homem, são as ofensas espirituais, as desilusões, a sensação da própria impotência.

Hashek e Kafka nasceram em Praga em 1883; mas falavam duas linguagens diversas e não se podem inserir num romance de Kafka as idéias do bravo soldado Shveik: veria nisso exteriormente um atroz disparate. Mas a vida não é literatura e não se preocupa da unidade estilística; um capítulo é escrito com sorriso nos lábios, num outro se agita a alma do protagonista.

Mas voltemos à nossa história. Guerássimov conseguiu encontrar um pedaço de pão, chá e fizemos refeição. Nos corredores da Casa da Imprensa os jovens poetas estavam já acalorados a discutir sôbre o futuro da arte, enquanto eu ia em busca de Liuba.

19

Quando rapaz, vi algumas vêzes V. E. Meierchold em cena no Teatro de Arte Para Todos; recordo como fazia o velho louco, encarnando Ivan o Terrível, ou o jovem agitado e candente de ira do *Gaivota*.

Sentado na Rotonde, recordei mais de uma vez as palavras do protagonista de Tchekhov: "Quando se levanta o pano de bôca e num aposento com três paredes, iluminado à tarde, êsses talentos, êsses sacerdotes da arte nos fazem ver como a gente come, ama, caminha, veste o próprio casaco; quando de imagens e discursos comuns se tenta extrair exteriormente uma moral, uma moral infantil, fácil de compreender, útil na vida de cada dia; quando em mil môlhos me preparam sempre as mesmas iguarias, as mesmas e sempre as mesmas, eu me ponho a fugir como Maupassant fugia para longe da tôrre Eiffel, que lhe oprimia a mente com a sua vulgaridade... Ocorrem formas novas. Queremos formas novas, e se não, é melhor nada". (Tchekhov escreveu *Gaivota* em 1896, Maupassant morreu

em 1893, a tôrre Eiffel foi erigida em 1889. Em 1913 aceitávamos a tôrre e repudiávamos Maupassant; mas as palavras sôbre "formas novas" me pareciam mais que nunca vivas e próximas).

Perdi a ocasião de conhecer Meierchold em 1913: fôra a Paris convidado por Ida Rubinstein, para colocar em cena, juntamente com Fokin, a *Pisanella* de D'Annunzio. Então não sabia grande coisa dos espetáculos de Meierchold; sabia, em compensação, que D'Annunzio era um palrador e Ida Rubinstein uma aica senhora, ávida de sucessos teatrais; em 1911 tinha visto o *San Sebastiano*, uma obra daquele mesmo D'Annunzio escrita para aquela mesma Ida Rubinstein. O enrêdo de suntuosidade decadente e de sensualidade de cabeleireiro me havia dado um grande enfado. (V. E. Meierchold tinha feito amizade em Paris com Guillaume Apollinaire, o qual, tanto quanto parece, compreendeu logo que não se tratava nem de D'Annunzio nem de Ida Rubinstein, e nem da ecnografia de Bakst, mas de extravio do jovem diretor de Petersburgo).

No outono de 1920, quando conheci Meierchold, êle estava com 46 anos; já encanecido; os traços estavam já aguçados, as sobrancelas cerradas sobressaíam junto ao nariz extremamente longo e recurvo, parecido a um bico de pessarinho.

A seção teatral do Comissariado da Instrução (abreviada como Teo) tinha sede num palacete defronte ao parque Alexandre. Meierchold não fazia mais que passar no amplo aposento, talvez porque tivesse frio, talvez porque não fôsse capaz de permanecer sentado numa poltrona de chefia atrás da tradicional escrivaninha com papéis "para assinar". No seu modo de falar alguma coisa lembrava o grito da águia; dizia que lhe tinham agradado os meus *Versos da Vigília;* depois, de repente, aproximou-se de mim quase correndo e, projetando para trás a sua cabeça de cegonha ou de condor, disse: "O teu pôsto é aqui. O outubro na arte! Dirigirás todos os teatros para crianças da república..." Busquei objetar que não era um pedagogo, que me havia bastado as crianças "deficientes" de Kiev e o campo de jogos de Koktébel; além do mais, não me atraía de fato a arte cênica. Vsevolod Emilievitch me interrompeu: "És um poeta e os jovens precisam de poesia. Poesia e revolução!... Ao diabo a arte cênica!... Teremos ainda ocasião de falar a respeito... Entrementes, já assinei o ato de tua nomeação. Amanhã virás pontualmente trabalhar".

Naquela fase Meierchold (como Maiakóvski) tinha a febre da iconoclastia. Não dirigia a seção, mas lutava contra a estética e a moral demasiado fácil de compreender, de que falava o protagonista do *Gaivota*.

Recentemente fui apresentado, em Genebra, na televisão. Uma jovem me barrou o caminho e me disse que era seu dever maquilar-me. Protestei: devia falar da fome nos países econômicamente atrasados, a beleza não me atraía completamente e, além do mais, não era o caso de que começasse a embelezar-me já velho. A jovem rebateu que as regras eram aquelas e todos deviam submeter-se; esfregou-me no rosto uma leve camada de creme amarelado. Faz pouco eu pensava que a luz da memória é crua como a que inunda os estúdios de televisão e que, falando neste livro de alguns homens, estendo involuntàriaemnte sôbre suas figuras um véu de côr que lhes atenua as excessivas crudezas. Mas com Vsevolod Emilievitch não quero fazê-lo; esforça-me-ei por apresentá-lo sem matizar nenhum particular, deixando-lhe inalterada tôda a crueza.

Tinha um temperamento difícil: a bondade não excluía a irascibilidade, a complexidade do mundo espiritual transpunha os limites do fanatismo. Como alguns grandes homens com os quais tive algo a ver em minha vida, sofria de uma desconfiança mórbida, ciumava, sem fundamento, de quem trabalhava com êle, descobria muitas vêzes intrigas onde elas não existiam.

O nosso primeiro atrito foi violento, mas de breve duração. Um marinheiro da frota de guerra me trouxe uma obra teatral, para crianças; todos os personagens eram peixes (os mencheviques, gordas carpas); e o último ato mostrava o triunfo do "soviete dos peixes comissários do povo". A peça não me pareceu grande coisa e eu a respeitei. De repente, eis que Meierchold me faz chamar; sôbre sua mesa vejo um manuscrito. Todo emburrado, quis saber por que rejeitara aquela obra e, sem sequer ouvir as minhas razões, começou a berrar que eu era contra a propaganda revolucionária, contra o outubro no teatro. Também me aborreci e disse que era "demagogia". Vsevolod Emilievitch perdeu completamente o contrôle de si, chamou um militar: "Prenda Ehrenburg por sabotagem!" O outro se recusou a cumprir a ordem e aconselhou Meierchold a dirigir-se à Tcheka. Indignado, fui-me embora, decidido a não cruzar jamais a soleira da Teo.

Na manhã seguinte Vsevolod Emilievtich me telefonou: queria trocar idéias comigo a respeito do teatro de fantoches. Fui vê-lo: da cena do dia anterior não havia mais sequer a sombra...

Vsevolod Emilievitch adoeceu. Muitas vêzes fui visitá-lo no hospital. Jazia com a cabeça enfaixada. Falou-me dos seus futuros projetos, perguntou-me que me acontecera na Teo e se havia assistido a novos espetáculos. Provàvelmente das minhas respostas e das minhas palavras devia transparecer ironia, pois Meierchold me acusava de escassa fé e até de cinismo. Todavia, quando falei da discordância entre numerosos projetos e a realidade das coisas, ergueu-se para sentar e começou a rir: "Você no papel de diretor de todos os teatros para jovens da República... Não, nem mesmo Dickens teria jamais inventado nada melhor!..." As vendas em tôrno da cabeça faziam pensar num turbante, e Vsevolod Emilievitch, magro e narigudo, parecia um mago oriental. Também eu ri e disse que meu ato de nomeação não o havia assinado Dickens, mas êle, Meierchold.

Assisti muitas vêzes à *Albe,* de Verhaeren. Trata-se de uma peça um tanto fraca e mesmo na *mise-en-scène* recorria-se a muitos elementos casuais. Meierchold lutava contra a cenografia. Queria aproximar o palco do espectador. O local era de mau gôsto, o famoso café-cantante Aumont, onde os moscovitas apareciam para admirar as "divas" seminuas; aliás, tal era o estado da sala que a bagunça dos móveis não feria demasiado o olhar. O teatro não era aquecido, todos conservavam às costas os sobretudos, os casacos de pele, as peliças de peles de carneiro. Da bôca dos atôres saíam freqüentemente baforadas de fogo e delicadíssimas nuvens de vapor. Alguns atôres, que se acomodavam na platéia, de repente irrompiam no palco, onde colocavam cubos cinzentos e, quem sabe para quê, balançavam-se em cordas. Às vêzes surgiam no palco também espectadores: soldados com uma banda de instrumento de sôpro, operários. (Meierchold queria trazer certos atôres ao palco; deveriam encarnar socialistas-revocionários e mencheviques, pronunciando compassos consoante as respectivas partes. Vsevolod Emilievitch me contava, em tom magoado, que teve de renunciar a essa idéia: o público poderia pensar que se tratasse de autênticos contra-revolucionários e não se poderia prever as conseqüências disso). Tocou-me assistir a um espetáculo no qual um dos atôres leu solenemente o boletim

que acabava de chegar: havíamos prendido Perekop. É difícil descrever o que aconteceu na sala...

Durante um debate público o espetáculo foi criticado àsperamente; Maiakóvski tomou o partido de Meierchold. Não sei que dizer do espetáculo em si: é difícil dissociá-lo da sua época, estava estreitamente ligado às obras propagandísticas de Maiakóvski, aos cortejos carnavalescos, organizados por pintores "da esquerda", ao clima daqueles anos. Outra expressão da época me pareceu, durante os ensaios, *Mistério burlesco*. Era difícil amar tais espetáculos; tinha-se, porém, um grande empenho de defendê-los a todo custo, até mesmo de exaltá-los. Em 1921, eu escrevia: "Os espetáculos de Meierchold são infelizes na execução, mas esplêndidos na intuição; não se trata sòmente de extrair a essência da teatralidade, mas ocorre também diluí-la imediatamente, abolir a ribalta, misturar atôres e espectadores". Eis como Maiakóvski terminou o seu discurso durante o debate em tôrno de *Albe*: "E viva o teatro de Meierchold, ainda que no início nos tenha oferecido uma péssima encenação". O jovem Bagritski escrevia: "...Hoje, no lugar de Molière e de sua cabeça luxuriante, temos Meierchold. Êle busca novos caminhos, os seus movimentos são rudes... Treme, velho teatro de barbante: êle te torturará no cavalete!"

No verão de 1923 eu vivia em Berlim e para ali se dirigiu também Meierchold. Encontramo-nos. Vsevolod Emilievitch me propôs adaptar o meu romance *Truste D. E.* para o seu teatro, dizia que a obra deveria conseguir um misto entre o espetáculo de circo e a apoteose propagandística. Não me seduzia refazer o meu romance; embora os espetáculos "de circo" e o construtivismo já começassem a me deixar frio, me havia metido a ler Dickens e escrevia um romance sentimental com um enrêdo complicado, *O amor de Jeanne Ney*. Todavia, sabia quanto seria difícil dizer não a Meierchold e respondi que iria pensar.

Bem cedo, na revista teatral, publicada pelos seguidores de Meierchold, apareceu um artigo em forma de conto fantástico: nêle se narrava como eu havia sido raptado por Tairov, a cujo sôldo me havia empenhado em fazer do meu romance uma obra teatral contra-revolucionária.

(Meierchold chegou várias vêzes a suspeitar no boníssimo e honestíssimo Aleksander Iakovlevitch Tairov o desejo de destruí-lo, sem medir golpes. Êste é um aspecto da desconfiança de que falei anteriormente. Tairov jamais teve a intenção de levar à cena *Truste D. E.*).

Chegando à União Soviética, li que Meierchold estava preparando um *Truste D.E.*, escrito por um certo Podgoretski "com base nos romance de Ehrenburg e Kellermann". Compreendi que o único argumento capaz de deter Meierchold era o de dizer que eu mesmo tinha a intenção de encenar o romance para o teatro ou para o cinema. Em março de 1925 escrevi-lhe, saudando-o com um "caro Vsevolod Emilievitch", para terminar com "uma cordial saudação". Escrevia: "O nosso encontro no verão passado, que se resume nas conversas acêrca da possibilidade de eu refazer o meu *Truste*, me induz a crer numa sua atitude amigável e atenciosa pela minha obra. Por isso julgo poder dirigir-lhe um pedido, se a notícia do jornal corresponde à verdade, de renunciar a êsse espetáculo... De fato, não sendo eu um clássico, mas um homem ainda vivo..."

A resposta foi terrível; nela transbordava todo o furor de Meierchold, e não teria nunca falado dêste episódio se não amasse Vsevolod Emilievitch com tôdas as suas intemperanças. "Cidadão I. Ehrenburg! Não compreendo por que motivo te diriges a mim, pedindo-me "renunciar à representação" da obra do camarada Podgoretski! À base de nossa conversa de Berlim? Mas aquela conversa serviu para deixar bem claro que, mesmo que estivesses preparado para refazer o teu romance, dêle tirarias uma obra que pudesse ser representada em qualquer cidade da Entente."

Não assisti ao espetáculo: a julgar pelos comentários dos amigos e dos artigos dos críticos bem dispostos nos confrontos de Meierchold, Podgoretski havia escrito uma obra fraca. Vsevolod Emilievitch não tinha montado um espetáculo interessante: a Europa se desintegrava fragorosamente, as cenas mudavam de um fôlego, os atôres se disfarçavam e se pintavam com pressa e fúria, estrepitava o jazz. Inesperadamente Maiakóvski se enfileirou de meu lado; durante o debate sôbre o espetáculo *Truste D.E.*, disse êle da adaptação teatral: "*Truste D.E.* é um fiasco completo... Pode adaptar para as cenas um romance sòmente quem é melhor do que o autor: no nosso caso, Ehrenburg e Kellermann". Contudo o espetáculo teve sucesso, e a fábrica de cigarros "Java" lançou no mercado o cigarro *D.E.* Eu, no entanto, por causa dêsse tolo negócio, não vi mais Vsevolod Emilievitch por bem sete anos...

Em Moscou, para assistir aos espetáculos de Meierchold (*O cornudo magnífico, A morte de Tarelkin, A floresta*) adquiria o bilhete na lojinha e me sentava com um mêdo louco de que Vsevolod Emilievitch me pudesse ver.

Meierchold não avançou jamais ao longo de um caminho que tendesse ao plano, diretamente! Seguia em ladeira e o seu caminho era todo voltas. Enquanto seus discípulos iam deblaterando, em cada esquina, que o teatro devia ser destruído, Vsevolod Emilievitch preparava já a representação de *Floresta*. Muitos não compreenderam o que estava acontecendo ao furibundo iconoclasta: como nunca o seduziram Ostrovski, a tragédia da arte, o amor? Da mesma forma, os prosélitos de Maiakóvski não compreenderam como nunca, em 1923, logo após ter estigmatizado a poesia lírica, êle tivesse escrito *Disso*. Vale a pena notar que *A floresta* foi à cena pouco depois de haver escrito o poema *Disso*. Maiakóvski-poeta estava já voltando à poesia, enquanto Maiakóvski-discípulo de "Lef" julgou severamente Vsevolod Emilievitch pelo seu retôrno ao teatro: "Para mim o espetáculo de *A floresta* é verdadeiramente chato..."

Os quadros são dependurados nos museus, os livros se acham nas bibliotecas, enquanto os espetáculos, aos quais não tenhamos assistido, permanecem para nós como nada além de áridas críticas. É fácil estabelcer um vínculo entre *Disso* e os primeiros versos de Maiakóvski, entre *Guernica* de Picasso e as suas telas da "fase azul". Mas para mim é muito menos simples julgar quantos dos espetáculos pré-revolucionários de Meierchold tenham passado na sua *Floresta* e no seu *Inspetor geral*. Sem mais paralelo: voltas, sim, disso não se escapa, mas são sempre curvas ao longo da mesma estrada...

A floresta teve uma esplêndida encenação e o espetáculo arrebatou o público. Meierchold conseguiu introduzir-lhe muitos elementos novos; conseguiu apresentar, de forma nova, a tragédia da arte. Contudo, havia, naquele espetáculo, um particular que deixava com cara de bêsta (ou, talvez, babando-se todos) os adversários de Meierchold: a cabeleira verde de um dos atôres. A peça conseguir manter-se em cartaz por muitos anos. Uma vez, após um de tantos espetáculos, em Leningrado, teve lugar um debate. Vsevolod Emilievitch ficou literalmente submerso pelos bilhetes enviados pelo público: uns se alegravam, outros se zangavam, praguejavam. "Quer dizer-nos o que significa peruca verde?" Meierchold virou-se para os atôres e indagou

em tom perplexo: "Efetivamente, que significa? Quem a inventou?..." Desde aquela noite a peruca verde desapareceu. Não sei se teria sido sincero: se se havia esquecido de um particular evidentemente inventado por êle próprio. (Na vida me tem tocado, amiúde, ouvir alguém perguntar-se, perplexo: "Mas, deveras, quem o inventou?", e, às vêzes, quem perguntava era responsável por absurdo bem mais relevante do que aquela famigerada peruca).

Meierchold era um espantalho para os intolerantes do nôvo; o seu nome tornara-se um símbolo execrável; alguns críticos não viam (ou não queriam ver) que Meierchold continuava a avançar; caíam-lhe em cima por um trecho do caminho de que se esquecera, enfim, por algum tempo.

Vsevolod Emilievitch não temia renegar concepções estéticas que no dia anterior ainda professava. Em 1920, quando se ocupava da *Albe* queimava as pestanas com *Irmã Beatriz* e com o *Teatro dos Saltimbancos*. Mais tarde fêz chacota da "biomecânica" por êle mesmo inventada.

No primeiro ato, Treplev diz que, o que conta, são as novas formas, enquanto no último, antes do desfecho, admite: "Sim, convenço-me cada vez mais de que não se trata de velhas ou novas formas, mas do fato de que o homem escreve sem pensar em uma forma qualquer, escreve porque isso brota livremente da sua alma". Em 1938, Vsevolod Emilievitch me disse que o alvo das discussões não eram as velhas ou novas formas no campo da arte, mas, sim, a arte e a pseudo-arte.

Êle não renegou nunca o que considerava essencial, repelia os "ismos", os métodos, os cânones estéticos, mas não a sua concepção da arte. A sua era uma contínua revolta, uma contínua inspiração, uma febre ininterrupta.

Que coisa havia de terrível nas farsas de Tchekov? Naquele período tinham já tido tempo de esquecer a "arte de esquerda", e o reconhecimento do gênio poético de Maiakóvski era um fato consumado. Contudo, atiraram-nos em cima o espetáculo de Meierchold. Podia dizer as coisas mais batidas, mas havia qualquer coisa na sua voz, nos seus olhos, no seu sorriso, que deixava bestificados os que não se deixavam arrebatar pelo ardor criador do artista.

Na primavera de 1930, em Paris, assisti ao *Inspetor geral*, de Meierchold, num pequeno teatro da rua Goethe, especializado em oferecer aos habitantes da periferia farsas absurdas ou melo-

dramas lacrimosos num palco apertado e incômodo, sem "foyer" (durante os intervalos os espectadores saíam à rua): para simplificar, num ambiente bem miserável. *O Inspetor geral* me deixou desconcertado. Já de há muito o entusiasmo estético da minha juventude me deixava frio e fui ao espetáculo com alguma apreensão: demasiado grande era o meu amor por Gógol. E eis que surge em cena tudo com que Gógol me atraía: a aflitiva melancolia do artista e o espetáculo de uma irredutível, cruel mesquinhez.

Sei que Meierchold era de fato culpado de ter alterado o texto de Gógol, de se ter maculado pelo sacrilégio nos cotejos com êste último. Certo, entre o seu *Inspetor geral* e os espetáculos que tinha visto na infância e na juventude, havia um abismo; parecia que o texto tinha sido ampliado, mas não havia interpolações arbitrárias; tudo vinha de Gógol. Como se pode crer, por um só instante, que desmascarar os funcionários de província da época de Nicolau I fôsse o único intento da obra teatral de Gógol? Naturalmente, para os contemporâneos de Gógol, *O Inspetor geral* constituía, antes de tudo, uma feroz sátira da ordem social, dos costumes; porém, como qualquer obra genial, êle transcende a fase da atualidade, e em verdade comove a gente cem anos após o desaparecimento da face da terra dos personagens do tempo de Nicolau I descritos por Gógol. Meierchold ampliou o conteúdo de *O inspetor geral*. É isto sacrilégfo? Numerosas adaptações teatrais dos romances de Tolstoi e Dostoievski são consideradas uma ótima coisa, mesmo se reduzem o conteúdo da obra...

Andriéi Biéli não só amava Gógol, mas estava contagiado por êle e, talvez, muitos insucessos artísticos do autor de *Pombo de prata* e de *Petersburgo* se devam ao fato de que êle não conseguiu livrar-se da influência de Gógol. E eis que Andriéi Biéli, após ter visto no teatro de Meierchold *O inspetor geral,* defendia de unhas e dentes o espetáculo.

Em Paris, então, grande parte dos espectadores eram franceses: diretores, atôres apaixonados pelo teatro, escritores, pintores; parecia a grande parada da celebridade. Eis Louis Jouvet e, próximo dêle, Picasso; Dullen junto a Cocteau, Derain, Bati... E quando o espetáculo terminou, êsses homens, que já deviam ter tomado indigestão de arte e estavam habituados a dosar o seu consenso, puseram-se de pé e prorromperam numa ovação como jamais havia visto em Paris.

Consegui abrir caminho até os bastidores. Num apertado camarim encontrei, em pé, Vsevolod Emilievitch todo comovido. Os cabelos estavam de fato mais encanecidos, e mais longo se lhe pusera o nariz. Sete anos se haviam passado... Disse-lhe que não podia fazer por menos, viera para agradecer-lhe. Êle me apertou entre os braços.

Desde então não houve mais entre nós desavenças ou friezas. Evitávamos falar de nosso absurdo litígio. Encontramo-nos em Paris ou em Moscou, conversávamos longamente, às vêzes também nos calávamos, como se pode calar quando se está verdadeiramente próximo.

Quando Meierchold se decidiu a levar à cena *O inspetor geral,* disse aos atôres: "Vocês vêem diante de vocês um aquário, no qual há muito tempo não se muda a água, uma água esverdeada, os peixes giram ao redor e expelem borbulhas". A mim disse que, montando *O inspetor geral,* muitas vêzes recordava a cidade de Penza, a dos anos de liceu.

(Em 1948 eu passeava ao longo de uma das ruas de Penza com A. A. Fediéiev. De repente Fediéiev parou: "Esta é a casa de Meierchold..." Ficamos por alguns instantes extáticos em silêncio; depois Aleksander Aleksandrovitch, cheio de tristeza, disse "eh!", teve um gesto de despeito e se encaminhou para a hospedaria).

Meierchold odiava a água estagnada, a gente que boceja, o vazio; muitas vêzes recorria às máscaras exatamente porque o amedrontavam: não do mêdo místico de uma fossilizada mesquinhez da existência quotidiana. A cena final de *O inspetor geral,* a longa mesa de *Que desgraça o engenho!,* os personagens de *Mandat,* até as farsas de Tchekhov, tudo isto não passa de um duelo do artista com a mesquinhez.

E quando Meierchold se tornou comunista não foi por mero acaso: êle sabia perfeitamente que o mundo mudara. Não se baseava em conclusões alheias, mas na sua própria experiência. Em nosso meio êle era um velho. Maiakóvski havia nascido com a revolução, enquanto Meierchold tinha atrás de si o emaranhamento dos caminhos percorridos: Stanislávski, a Komissarievskaia, os simbolistas de Petersburgo, o *Teatro de Saltimbancos,* Blok, açoitado pelas tempestades de neve, *O amor das três laranjas* e muitas outras coisas. Já nos tempos em que nos sentávamos na Rotonde, tratávamos de imaginar qual seria o as-

pecto físico do misterioso doutor Ubiqüidade (pseudônimo literário de Meierchold).

Entre todos os homens a quem me sinto no direito de chamar meus amigos, Vsevolod Emilievitch era o mais velho. Eu apenas nasci no século XIX, enquanto êle viveu nêle; era hospedado por Tchekhov, trabalhava com V. F. Komissarievskaia; conhecia Skriabin, a Ermolova... E, o que é mais extraordinário, se conservava imutàvelmente jovem; inventava sempre alguma coisa, enfurecia-se como um temporal de maio.

Foi atacado por tôda a vida. Em 1911, um dos *Tempos novos,* Menshikov, se indignava com a maneira pela qual fôra pôsto em cena *Boris Godunov*: "Eu acho que o senhor Meierchold tomou os seus comissários de polícia da sua alma hebréia, não de Púshkin, o qual não tem nem comissários de polícia nem azorragues..." Alguns artigos escritos muito tempo depois não foram certamente nem mais polidos, nem mais justos que as supracitadas palavras.

Êle não era o tipo do mártir; amava visceralmente a vida: as ciranças e os congressos rumorosos, os barracões dos saltimbancos e a pintura de Renoir, a poesia e os andaimes dos edifícios em construção. Êle amava o seu trabalho. Tive muitas vêzes ocasião de assistir aos seus ensaios: Vsevolod Emilievitch não se limitava às explicações, preferia recitar. Recordo os ensaios das farsas de Tchekhov. Meierchold tinha ultrapassado os sessenta anos, mas impressionava os jovens atôres pela sua infatigabilidade, pelas suas brilhantes invenções, pela sua imensa alegria espiritual.

Já disse que os espetáculos morrem e não se podem ressuscitar. Sabemos que André Chenier era um magnífico poeta, mas podemos apenas crer que o seu contemporâneo Talma tenha sido um magnífico ator. Todavia o trabalho criador não morre; por um certo período pode permanecer invisível como um rio que corre subterrâneo. Ocorre-me, assistindo a algum espetáculo em Paris, ouvir gente que exclama: "Esta, sim, é uma novidade!", e então me vêm à mente os espetáculos de Meierchold. Revejo-me, em muitos teatros de Moscou, sentado na platéia. Vachtangov escrevia: "Meierchold plantou as raízes dos teatros do futuro; o futuro lhe dará mérito". Diante de Meierchold se inclinavam não só Vachtangov, mas também Craig, Jouvet e muitos outros grandíssimos diretores. Eisenstein me disse ceta vez que êle não teria sido nunca Eisenstein sem Meierchold.

Já em agôsto de 1930, êle me escrevia: "...O teatro pode perecer. Os inimigos não dormem. Em Moscou há muita gente para a qual o teatro de Meierchold é como um sôco no estômago. Oh, é uma história longa e fastidiosa!"

Os nossos últimos encontros foram pouco alegres. Voltei da Espanha em 1937. O teatro de Meierchold já estava fechado. As adversidades por que tinham passado e os sofrimentos tinham feito cair gravemente enferma sua mulher, Zinaida Nicolaevna Raich. Cuidando de Meierchold estava Stanislávski, que lhe telefonava freqüentemente, esforçando-se por reanimá-lo.

Nessa fase, P. P. Kontchalóvski pintou um magnífico retrato de Meierchold. Muitos retratos de Kontchalóvski são convencionais, mas Petr Petrovitch queria muitíssimo bem a Meierchold e no seu retrato soube transfundir-lhe a inspiração, a ânsia, a beleza espiritual.

Vsevolod Emilievitch ficava longamente sentado em casa, a ler, a examinar monografias de arte. O seu ardor estava intacto: sonhava representar o *Hamlet;* dizia: "Creio que agora poderei fazê-lo. Antes não conseguia decidir-me. Se desaparecessem tôdas as obras teatrais do mundo, mas permanecesse o *Hamlet,* permaneceria vivo o teatro..."

Desejaria ainda recordar um outro sustentáculo de Meierchold nesse período para êle tão difícil: Zinaida Nicolaevna. Tenho diante de mim uma cópia da carta de Vsevolod Emilievitch à mulher, escrita em outubro de 1938, de uma localidade de veraneio, Gorenki: "...Cheguei a Gorenki no dia 13, e quando vi as bétulas não pude conter uma exclamação de extasiada maravilha... Olha essas fôlhas esparsas no ar. Esparsas e imóveis, como enregeladas... Enregeladas, esperam alguma coisa. Com que ânsia ficam à espera da passagem! Contei os últimos segundos da sua existência, como o pulso de um moribundo. Quiçá as reencontre em vida quando voltar de nôvo a Gorenki, dentro de um dia, dentro de uma hora. Quando no dia 13 eu contemplava o mundo fabuoso do outono dourado, tôda esta maravilha, balbulciava em meu coração: Zina, Zinotchka, olha êstes prodígios e não me abandones, que te amo, amo-te a ti, mulher, irmã, mãe, amiga, enamorada, tôda de ouro como esta natureza verdadeiramente prodigiosa!... Zina, não me abandones! No mundo não há nada de mais terrível do que a solidão!"

Separamo-nos na primavera de 1938: eu partia para a Espanha. Abraçamo-nos. Foi uma separação penosa. Não o revi nunca mais.

Em 1955, um jovem procurador, que antes não tinha sequer ouvido mencionar Meierchold, contou-me as calúnias que estavam sendo lançadas contra Vsevolod Emilievitch, depois me leu a sua declaração: "Tenho sessenta e seis anos. Quero que minha filha e os meus amigos saibam, um dia, que permaneci até o mais fundo um comunista honesto". Ao ler estas palavras, o procurador se pôs de pé. Levantei-me também eu.

20

Bem cedo retornei ao meu paraíso perdido: o companheiro Adão, depois de receber um bilhete do vicecomissário do povo L. Karachan, redigido de forma lapidar e incisiva sobriedade: "Ehrenburg fica para morar", pôs à nossa disposição um aposento. Recebi a minha ração alimentar, e a partir de fevereiro me foi outorgada uma caderneta para comer no Metrópole, onde nos era servida uma sopa de verdura, angu de cevada ou batata congelada. Saindo, precisava restituir a colher e o garfo, senão nos mandavam embora. Uma vez por mês trocava o meu pão por fumo.

Alguém me disse que eu havia nascido com a camisa. Embora não tivesse nascido com a camisa, ia a tôda parte com uma única camisa, numa Moscou que, no inverno, não é certamente como o Brasil...

Já escrevi, há muito tempo, na revista *Prodzektor,* de que modo, nos fins de 1920, consegui obter roupas. Não é uma história de grande importância, mas ajuda a reconstituir alguns aspectos da vida daqueles anos e, acima de tudo, demonstra que as dificuldades quotidianas não eram de encorajar-nos.

Já falei do meu capote de Paris, transformado com os anos numa espécie de samarra cheio de buracos. Não falei do ponto mais delicado, isto é, do costume; o paletó ainda ia, mas as calças não davam para mais.

Então compreendi que importância têm as calças para um homem de trinta anos, obrigado a viver numa sociedade civil: sem calças, viver é deveras impossível. No trabalho, permanecia

todo o tempo com o capote às costas, temendo desabotoá-lo com algum movimento incomum: o diabo é que comigo trabalhavam a poetisa Ada Tchiumatchenko e os jovens discípulos de Froebel.

Um dramaturgo da frota vermelha me convidou à sua casa; morava no hotel Loskutnaia, e ali passei momentos deveras terríveis; êle me ofereceu magníficos filhós, preparados por uma jovem senhora. Na sala fazia calor, os meus anfitriões tratavam de me persuadir a tirar o capote, mas eu resistia e não podia certamente explicar o porquê da minha recusa.

Um dia não me deixaram entrar no Teatro de Câmera; mostrei o convite recebido, as minhas "credenciais", vários atestados, mas o encarregado do contrôle das bilheterias foi inflexível: "Companheiro, é proibido entrar com o capote..."

Embora fôsse o diretor de todos os teatros para jovens da repúbica, e recebesse agora uma ração alimentar e meia, me sentia um homem incompleto: não tinha calças.

Sobreveio um inverno rigoroso. O meu capote não me abrigava mais que um cachecol de rendas. Peguei um solene resfriado, espirrava e tossia. Certamente tinha febre, mas então ninguém se preocupava demasiado com essas coisas. Por acaso encontrei um meu companheiro de organização clandestina pré-revolucionária; me deu uma olhadela e montou em tôdas as fúrias: "Por que não me disseste antes?" Escreveu um bilhetinho ao presidente do soviete de Moscou e acrescentou brincando: "O *lord mayor* te vestirá".

Não era fácil ser recebido pelo *lord mayor;* na sala de espera, postulantes de todo tipo faziam pressão. Finalmente consegui penetrar numa ampla sala, onde atrás de uma escrivaninha se sentava um homem de aspecto respeitável, de barbicha bem tratada, que eu havia conhecido em Paris. Êle foi extremamente cortês, falou de literatura, perguntando-me quais eram os meus projetos artísticos. Como podia eu entrar no assunto das calças? Em certo ponto, tomado de coragem e valendo-me de uma pausa em nossa conversa, prorrompi, num tom de desespêro: "A propósito, tenho absoluta necessidade de um par de calças..."

O *lord mayor* tomou um ar de quem se sentia incomodado; observou-me atentamente e disse: "Tens necessidade não só de um terno, mas também de um capote..." Deu-me um bilhete

para o diretor de uma das seções da Mpo; no bilhetinho se lia: "Vestir o c. Ehrenburg".

Na manhã seguinte, levantando-me cedo, fui à Mpo (esta sigla não tem nada a ver com a defesa antiaérea e significava "sociedade moscovita de consumo". Era a repartição encarregada de fornecer à população gêneros alimentícios e vestuário). Com a despreocupação de um privilegiado da sorte, perguntei: "Onde entregam as boas roupas?" Um fulano me indicou uma enorme fila sôbre a Miasnítzkaia.

Fazia muito frio; e, em meio daquela fila esqueci, pusilânimemente, as calças: sonhava sòmente com um bom capote de lã. Pela tarde, me aproximei da tão desejada porta. Mas aí se verificou um fato imprevisto. Aproximou-se de mim uma jovem mulher, com a cabeça envolta num chale, e começou a berrar indignada: "Que descarado! Eu estou aqui desde cinco da manhã, êste tipo chega agora e me toma o lugar..." Caiu-me em cima e pesava muito; tentei resistir mas inùtilmente, e ela acabou por me botar fora da fila. Dirigi-me às pessoas que se achavam atrás de mim: "Companheiros, vocês viram muito bem que passei aqui todo o dia..." A gente estava esfomeada, cansada, indiferente; ninguém me deu bola. Compreendi que era inútil esperar pela justiça, recuei alguns passos, tomei impulso e com forte empurrão lancei fora da fila a prepotente. A gente continuava calada, apática: evidentemente todos preferiam ficar neutros. Quanto à mulher, foi-se embora sem o mínimo protesto e foi buscar outro ponto vulnerável na enorme fila.

Finalmente entrei no escritério do diretor, o qual, após ter recebido o bilhete, me disse: "Nós outros, companheiro, temos pouca roupa. Você deve escolher: ou o capote, ou o terno". Escolher era uma palavra: hirto de frio, já me preparava para optar pelo capote, quando de repente me lembrei das humilhações dos últimos meses e comecei a gritar: "Calças! Um costume!..." Foi-me dado um bônus.

Fui ao centro de distribuição indicado no bônus; costumes masculinos não havia e me propuseram, em troca, um vestido feminino ou um impermeável. Naturalmente, recusei e me mandaram a um outro centro de distribuição, onde me foi mostrado um costume evidentemente cosido para um anão, e por tal motivo ficara ali desde os tempos do czar. Finalmente, num centro de distribuição, na esquina da rua Pertovka e do Kuzniétski, encontrei um terno para meu talhe, vesti as calças e me senti um

verdadeiro homem. E no escritório elaborei a toque de caixa pelo menos dez projetos.

Todavia, fazia um frio verdadeiramente do diabo e eu continuava a tossir desesperadamente. A consciência de possuir calças contribuía para me manter de pé, levando-me a orientar as minhas providências por um capote.

Inveterado fumador que era, uma vez por mês trocava, na Sucharevka, o meu pão por tabaco. Na Sucharevka se vendia um pouco de tudo: vasos chineses, torrõezinhos de açúcar, cigarros avulsos, pedrinhas para isqueiros, tapetes de Buchara, chocolate bolorento, pré-revolucionário, romances de Bourget com encadernação de marroquim. Na Sucharevka se podia também comprar uma pele em péssimas condições, mas vinha a custar nada menos de cinqüenta mil rublos. Ora, eu, dinheiro não tinha. Os bolsos da minha nova jaqueta estavam cheios, apinhados de mandatos, projetos, poesias; havia o meu velho cachimbo, agora todo queimado, migalhas de tabaco e, às vêzes, um torrão de açúcar, que eu trazia da hospitaleira casa do diretor da seção de artes figurativas (abreviada em Izo), D. P. Shterenberg.

Recentemente me caiu nas mãos um catálogo de "manuscritos" que se vendia próximo à Livraria dos Escritores; entre os autores figuravam os nomes de Andriéi Biéli, V. Lídin, M. Guerássimov, Shershenevitch, Marina Tzvietáieva, I. Novikóv, e muitos outros. Há também um livreto meu: *Cantos espanhóis*, preço 3.000 rublos. O livreto, copiado a mão por Shershenevitch, traz a seguinte anotação: "Preço de 4 torrões de açúcar, 2.000 rublos; de meio litro de leite, 1.800; de 50 cigarros, 6.000". O dinheiro estava desvalorizado a tal ponto que era o último dos nossos pensamentos; vivíamos de racionamentos e esperanças.

Não obstante tudo, decidi amealhar o dinheiro necessário para o capote e me preparei para uma leitura de versos no café Dominó. Fazia um frio insuportável; aos fregueses era servido chá com sacarina ou *yoghurt* mortalmente pálido-azulado. Não consigo entender que atrativo compelia a gente para ali. Na penumbra gélida se ouvia o sinistro ulular de Shershenevitch, da Poplavskaia ou de Dir Tumanni. O Dominó era freqüentado por especuladores, por agentes de quadrilhas homicidas, por provincianos curiosos de sensações novas, por tipos originais e melancólicos.

Levei comigo o capote à Akaki Akakievitch, espirrei e comecei a gritar: naqueles tempos todos os poetas gritavam, até

quando recitavam alguma coisa alegre. Um ecpectador assoou o nariz, quase a demonstrar-me a sua simpatia, outros dois não souberam manter-se firmes e deram no pé. Eu recebi os meus três mil rublos.

A fortuna me sorriu: poucos dias mais tarde encontrei-me com um tipo muito suspeito, que se empenhou em comprar para mim uma peliça por 7.000 rublos. Era quase de graça. Vendi a minha ração de pão por duas semanas e levei a peliça à Côrte dos Príncipes.

A peliça era demasiado estreita e cheirava a sebo, mas a mim parecia um manto de arminho digno de um Velásquez. Vesti-a e já estava para ir-me à Casa da Imprensa, quando retornou do Instituto Liuba, que me constrangeu a envergar a nova aquisição: o fato é que sôbre o peito se destacava um enorme timbre. Não era à toa que aquêle tipo tinha um aspecto suspeito: me havia vendido uma peliça roubada.

Invadiu-me uma grande resignação: melhor espirrar, tossir do que me envolver numa sujeira. Mas, para sorte minha, Liuba era uma construtivista, havia estudado com Rodtchenko e falava todo o dia de elaboração artística, de objetividade, de estética industrial. Coube-lhe encontrar uma solução.

Em Moscou existiam naqueles tempos "lojas de produtos não racionados"; vendiam-se maçãs congeladas, sucedâneos de chá *Shamo,* sacarina, estôpas, peneiras. Vendi duas libras de milho da ração e adquiri, numa "loja de produtos não racionados", um preparado para tingir as peliças. Liuba empunhou com mão firme os pincéis. De minuto a minuto a peliça adquiria beleza: transformava-se numa manta negra de motorista. Mas o couro bebia a tintura; uma manga ficou como era antes e agora não havia mais nem tintura, nem rublos, nem milho.

Naturalmente, mesmo que tivesse saído metido dentro de uma peliça negra de manga amarelada ninguém se voltaria para me olhar. Todos andavam vestidos de maneira bastante estranha. Os senhores da moda usavam capotes desbotados de soldados e chapéus verdes, cosidos com pano de alguma mesa de jôgo. Como ternos se usavam fazendas côr de vinho, reavivadas com quadrados ou triângulos "suprematistas", retalhados no tecido de alguma velha poltrona. O pintor I. M. Rabinovitch andava com uma manta de pele côr esmeralda. Iessiênin metia de vez em quando na cabeça uma polida cartola. Mas eu

tinha mêdo de que a manga amarelada fôsse considerada uma excentricidade, não imposta pela indigência mas ostentada como um verdadeiro e próprio programa estético.

Por ocasião do fim do ano, a Teo distribuiu, em homenagem a todos os colaboradores, um pote de graxa para calçados. Todos o consideraram uma desventura, tanto mais que no dia anterior à seção musical haviam distribuído frangos. Mas Liuba achou maneira de se utilizar da graxa para sapatos: serviu-se dela para tingir a manga amarelada.

Esperamos o ano nôvo em casa do pintor Rabinovitch. Dizia-se que nos ofereceriam um jantar, com muita vodka, mas ninguém conseguiu encontrar nada. Comemos angu e brindamos com chá, mas nos divertimos como se tivéssemos bebido champagne.

Todavia, a maldita graxa de sapato não queria saber de secar; bastava que nevasse um pouco e logo a manga começava a desbotar. Emporcalhei alguns capotes de conhecidos; a gente começou a ter um certo temor de mim e eu me apressava a advertir: "Por favor, caminhe à minha esquerda... À direita, emporcalho..."

Agora, porém, estava livre para vagabundar de noite pelas ruas de Moscou, sem morrer de frio. Naqueles tempos todos caminhavam no meio da rua: não se viam veículos em volta, nem cavalos, e as calçadas pareciam pistas de patinação. De dia muitos puxavam trenós com lenha, petróleo, milho. A gente "se inscrevia nas" ou "se cancelava das" listas de mantimentos. (Recordo os seguintes versos: "E agora, cidadãos, que comereis? Tendes inscrição ou não?")

De noite as ruas estavam povoadas de sonhadores vagabundos. Não esquecerei jamais aquêles passeios! Caminhávamos lentamente entre os montes de neve, às vêzes caminhando em fila indiana, um no calcanhar do outro. Assim procedem no deserto as caravanas. Falávamos de poesia, da revolução, do nôvo século; éramos caravanas em marcha para o futuro. Talvez exatamente por isso suportávamos com tanta resignação a fome, o frio, e muitas outras coisas. O movimento dessas caravanas se estendia a tôdas as cidades russas, e N. S. Tichonov, de vinte e cinco anos, que então não conhecia, provàvelmente recitava a alguém os seus versos: "Com êstes homens deveriam fazer pregos: não haveria no mundo pregos mais duros".

Caminhávamos em fila indiana, sôbre nós brilhavam as estrêlas: as ruas eram sombrias, ninguém impedia as estrêlas de brilhar. No dia de meu aniversário, Jadviga disse tristemente que não havia conseguido encontrar um presente para mim, nem flôres, nem doces. Acrescentou, gracejando, enquanto fixava o céu estrelado: "Presenteio-te Cassiopéia.." Não teremos jamais pensado viver numa época em que se viesse a discutir no seio da ONU o modo de proteger os astros de uma invasão terrestre, e tôdas as jovens pudessem presentear aos seus amigos elegantes gravatas de fibras sintéticas.

21

Trabalhava sempre na seção para meninos da Teo. Pode-se também ser cético ao julgar o nosso trabalho: além de esboçar a jato contínuos projetos de teatro para a infância, tratávamos de recolher as rações alimentares reservadas aos atôres. Eram tempos duros; como um exemplo aproximado, em fevereiro de 1921 escreveu Lênin a propósito da atividade do Comissariado do Povo para a Instrução: "Estamos esfarrapados. Não há papel. Os operários padecem frio e fome, não têm sapatos nem roupas. As máquinas estão estragadas. Os edifícios caem aos pedaços". Nós nos esforçávamos por estender a mão às mais variadas iniciativas: ao teatro para jovens, dirigido pela atriz Paskar, ao escultor Efimov e à sua mulher, que se interessavam havia muito tempo pelo teatro de fantoches. Havia começado a desenvolver a sua atividade a jovem Natacha Sats, que muito viria a fazer pela educação artística das crianças. Nos diversos círculos operários se preparavam espetáculos para jovens. Enfim, o célebre palhaço e domador V. L. Durov achou por bem mostrar aos pequeninos os seus atôres de quatro patas.

Então se projetava mais do que se realizava: fantasia não faltava, mas os meios eram inadequados. Contudo, me parece que o nosso trabalho, à primeira vista absurdo, tenha dado seus frutos, e não poucos: propiciamos aos futuros dramaturgos, diretores e atôres, criar, cinco ou dez anos mais tarde, interessantes teatros para jovens.

Trabalhava-se muito, mas havia também com que divertir-se, Junto à nossa, havia a seção de circos, dirigida pela atriz Rukavichnikova, espôsa de um poeta. Às vêzes ela regressava à casa em trenó. Tomadas as rédeas, o cavalo se erguia de golpe sôbre as patas posteriores, como um cão peludo, ou começava a dançar a valsa, assustando os pedestres: tratava-se de um cavalo de alta classe, que mesmo obrigado pelas circunstâncias a trabalhar como burro de carga, não conseguia sufocar de todo a paixão pela arte. De resto, a nossa seção para jovens não tinha nada a invejar à dos circos; às vêzes se detinha diante de nossa sede um camelo magríssimo, de aspecto ascético, atrelado a um trenó: era V. L. Durov que me mandava buscar.

Em casa de Rukavichnikova marcavam encontro os visitantes mais pitorescos. Os levantadores de pêso exigiam rações alimentares iguais às dos acadêmicos. Os acrobatas estrangeiros protestavam contra a coabitação obrigatória. Um palhaço gritava a tôda voz: "Como entra em tudo isto a interpretação marxista da história? Não posso admitir que os meus gracejos venham a ser tomados a sério! Não foi para isso que fizemos a revolução!..." Bem mais monótonos eram, entretanto, os visitantes que vinham até mim: dramaturgos falidos. Em um jornal apareceu um artigo que dizia que estávamos encarregados dos textos teatrais para jovens; eis chovendo sôbre Moscou, de Tambov, Tcheliabinsk, Tver, indivíduos das mais variadas profissões, que acabaram por encher o meu pequeno quarto de pilhas de manuscritos. As obras de teatro eram escritas com tinta no reverso de contratos notariais, em fôlhas arrancadas de cadernos e até em papel de embrulho. Um autor descrevia as aventuras heróicas do jovem Lassalle, um outro demonstrava que as sereias são um produto da consciência burguesa, um têrço se agarrava com as intrigas da Entente (quem sabe por que não esqueci certos versos: "E não esqueçais, não, o que significamos para Clemenceau"). Alguns começavam, sem mais nem menos, a ler os seus originais no exato momento da entrega. Um se plantou na seção e ali permaneceu por muitos dias: exigia um bônus para um quarto mobiliado e uma ração alimentar de acadêmico.

Fui a um clube situado junto à praça Taganskaia; uma companhia mista representava para os jovens a peça de um dramaturgo desconhecido, intitulada *A sorte de Pasha*. Em cena os atôres se comportavam da maneira mais natural, bebiam chá e não faziam mais que sublinhar a utilidade do estudo. A parte da jovem era representada por uma atriz bem anciã, que repetia, fazendo pausas psicológicas: "E assim, uma vez firmado o nôvo rítmo da vida, fechados os livros..."

O teatro de Paskar havia levado à cena *A jângal,* de Kipling. No palco uma pantera se espojava sensualmente e fazia dengos como se, ao invés de uma fera, fôsse Salomé na tragédia de Oscar Wilde. Isto me pareceu decadente e me enfureci. (Então reinava uma grande confusão de conceitos. A *Grande Enciclopédia soviética* incluíra, entre os decadentes, Cézanne, Gauguin, Rimbaud, Hamsun, Debussy, Ravel: numa palavra, quase todos os maiores escritores e pintores dos fins do século XIX e do início do século XX. E o decadentismo realmente existiu: basta recordar exatamente a *Salomé,* os romances de Pshibishevski ou os quadros de Stuck). Ouvidas as minhas críticas, Paskar me respondeu, com a maior calma, que podia fazer representar outras obras onde mais me parecesse oportuno e que, por sinal, eu também podia me dedicar a qualquer outro trabalho. Depois de haver pensado a respeito, decidi que ela tinha razão e comecei a dedicar meu tempo livre a Durov: os seus animais não eram nem naturalistas nem decadentes.

Eu tinha também um outro trabalho. Na Prietchístienka, num edifício que me havia interessado muito nos tempos de liceu (então funcionava ali o instituto para jovens da nobreza), havia agora a Academia de Química Militar e os alunos me pediram que lhes desse lições de métrica. Queriam poder escrever iambos, coreus e até versos livres. Contavam diligentemnte as sílabas e buscavam as rimas. Dificilmente chegariam a ser poetas, mas estou certo de que recordaram por tôda a vida o seu xodó pela poesia, assim como os homens guardam tenazmente a recordação do primeiro amor.

Naqueles tempos, para fazer prosa havia pouco tempo e não havia bastante papel; além do mais, a prosa requer uma experiência espiritual, multiplicidade de observações, uma atitude crítica, a capacidade de dar um sentido aos acontecimentos; a prosa nasceu alguns anos mais tarde. Aquêle era o momento de máxima liberdade para a poesia. Presentemente se organiza a "jornada" da poesia; os poetas se exibem nas livrarias e seduzem os leitores concedendo autógrafos. Naquela época, entretanto, não havia lugar em que não se recitassem versos: nos parques, nas estações, nas gélidas seções das fábricas, e não era uma jornada, mas uma época inteira de poesia.

Recordo quando a União dos Poetas recebeu, pelo correio, o seguinte pedido: uma seção do Exército Vermelho, prestes a partir rumc ao sul para eliminar os sequazes de Wrangel, pedia

que fôssem enviados à caserna Maiakóvski, Iessiênin ou qualquer outro poeta, a fim de que os combatentes pudessem ouvir versos antes de empreender viagem.

Houve depois um processo à poesia moderna, seguido de um processo aos imaginistas e muitos debates poéticos. Havia uma inflação de escolas literárias: comunistas futuristas, imaginistas, expressionistas, passadistas, abstracionistas, presentistas, acidentistas e até os nadistas. Naturalmente alguns teóricos, entre os que tomavam a palavra no café Dominó ou na Casa da Imprensa, diziam um cúmulo de idiotices: após o amontoar-se de palavras insólitas, às vêzes havia sòmente o vazio; mas a sêde de glória era devoradora como o desejo de fazer barulho. Contudo, eu gostaria de quebrar uma lança em favor daqueles tempos já longínquos. Se abrirmos hoje os livros de poetas conhecidos além dos confins do nosso país, podemos ter a noção exata de quantas esplêndidas poesias foram escritas durante os anos do comunismo de guerra. Mas os homens viviam pior então, e nunca, talvez, se tenham sentido prêsa de tão poderoso anelo criador.

Fazia frio nas casas, havia pouca luz, tudo era mau e à tarde a gente tomava de assalto os teatros. Em cena se movimentavam os personagens de Hoffmann, Gozzi, Calderón, Shakespeare. Os pintores Vesnin, Jakulov, Ekster abalavam os espectadores com a magnificência dos trajes e das cenografias.

O romantismo foi uma tendência literária da primeira metade do século XIX; quanto ao espírito romântico, êle está sempre presente na arte: o artista vê o que não está mais ou não está ainda na realidade. Meierchold representava no Teatro da Revolução o *Lago de Liul,* Tairov *O homem que se chamava quinta-feira,* e em cena partiam para o céu os ascensores, enquanto em Moscou, naquele tempo, os ascensores não funcionavam na verdade. Os alunos do Instituto de Belas Artes trabalhavam em tôrno de uma nova forma de aparelhos telefônicos; na cidade, a maior parte dos números da rêde urbana não respondia. Recordo quando, durante um dos ensaios de *Mistério Burlesco* no Teatro Principal da RSFSR, Maiakóvski me disse, sorrindo: "Espere um pouco; no último quadro você verá o mundo do futuro: arranha-céus, tratores elétricos e grandes pães de açúcar..."

Liuba estudava com A. M. Rodtchenko. Êle desenhava projetos cubistas de quiosques para jornais. Quarenta anos mais tarde, vi em vários países quiosques, pavilhões de exposições e

até casas de moradia que recordavam — embora em forma atenuada, apagada — os velhos projetos de Rodtchenko. Lisitski antecipava, com os seus modelos, a arte livreira do futuro. Mas a impressão mais forte me foi dada por Tatlin. Na Casa dos Sindicatos estava exposto o seu projeto de monumento à Terceira Internacional. Dois cilindros e uma pirâmide giravam; os salões de vidro eram cingidos por uma espiral de aço. Os construtivistas gostavam de falar da lógica, da função utilitária da arte. Segundo o projeto de Tatlin, o salão, onde deveriam ter assento os membros do Conselho dos Comissários do Povo, girava sôbre si mesmo. Do ponto de vista utilitário, era um absurdo, e nem se estava diante de uma criação inspirada no romantismo da época. Fiquei longo tempo parado diante daquele modêlo monumental e saí para a rua verdadeiramente abalado: parecia-me haver encostado num respiradouro e contemplado o século XXI. Agora penso diversamente: eu me havia deixado tocar pela beleza original do projeto, pela sua arte, fazendo abstração das questões urbanísticas do futuro ou da superioridade da arquitetura industrializada.

As vias da arte são muito intrincadas. Cervantes, querendo mofar dos romances de cavalaria, criou a imagem de um cavaleiro que sobreviveu, sòzinho, à própria época, chegando a galope até os nossos dias montado no mesquinho Rocinante. Balzac pensava exaltar a aristocracia, enquanto a estava sepultando.

Naturalmente, como todos os amigos com os quais me encontrava, também eu lançava àvidamente o olhar para o futuro. Não havia em tôrno de nós quiosques de jornais, nem cubistas, nem ordinários, e os jornais os líamos não durante o café da manhã, mas pelos caminhos, colados aos muros. Wrangel havia sido derrotado, a guerra civil estava vencida. Durante os "sábados comunistas", a gente se esforçava com grande espírito de abnegação, por derrotar a fome, o caos econômico, a miséria. O mundo era um premente suceder de acontecimentos às vêzes contraditórios. A reação triunfava, porém estourava um tumulto na Saxônia, ou começava a greve dos mineiros inglêses, a Índia exigia a independência. A revolução mundial não era para nós uma miragem nebulosa, mas uma emprêsa concreta, do amanhã. Todavia, às vêzes me sentia invadido pelas dúvidas: não conseguia compreender como na França que eu conhecia tão bem,

após os tremendos anos de guerra, após as primeiras sublevações de soldados, não acontecesse nada, decididamente nada...

Às vêzes se diz de um homem: "Não consegue ficar sentado no mesmo lugar"; isto se refere ao espaço. Eu, no entanto, falo do tempo: não via a hora de transpor o limiar do nôvo século. Todos os conceitos estavam subvertidos: um dos países mais atrasados da Europa havia passado à frente de todos os outros. Êle vivia das idéias, das concepções literárias e artísticas que alguns decênios mais tarde abalaram o Ocidente. Mas o teôr da vida era pré-histórico, para não dizer troglodítico.

Todos queriam saber tudo. Existem muitos livros, que descrevem o assalto a bastiões, casamatas e fortalezas. Aquêle, no entanto, era um período em que o povo se movia compacto ao assalto da cultura. Velhas mulheres soletravam o á-bê-cê, os compêndios escolares se tornaram tão raros quanto incunábulos. As universidades estavam repletas de jovens entusiastas. Era impossível encontrar lugar nos salões de conferências: para entrar na aula do Museu Politécnico, abria-se caminho a empurrões, exatamente como para se subir a um bonde meio destruído. Os conferencistas eram bombardeados de interpelações: a gente queria ser informada sôbre as coisas mais disparatadas: sôbre greves na Westfalia, sôbre reflexos de Pavlov, sôbre suprematismo, sôbre a luta pelo petróleo, sôbre eugenia, sôbre rimas de Maiakóvski, sôbre teoria da relatividade, sôbre fábrica de Ford, sôbre maneira de vencer a morte e sôbre tantos outros argumentos.

O companheiro Adão conseguiu encontrar carvão e começou a instalar o aquecimento na Côrte dos Príncipes. À tarde, muitas vêzes, os amigos nos vinham procurar. Quase tôda tarde vinha Pasternak, que morava na casa vizinha. Discutíamos sôbre tudo o que se passava no mundo: sôbre o duelo entre futuristas e imaginistas, sôbre pintura de Rozanova e de Altman, sôbre os espetáculos de Meierchold: queríamos virar uma página da história.

Freqüentemente eu perdia o fio do pensamento e me contradizia a mim próprio. Entusiasmavam-me as cidades do futuro, semelhantes aos projetos de Tatlin, mas, estando Pavel Saulovitch, eu escrevia: "Prevejo uma terrível cidade: uma colméia, vidro e aço de cubículos uniformes; e o carnaval ressoando nas ruas, como uma parada militar. Sôbre terrenos abandonados,

descem as sombras das espirais dos tempos futuros, o jôgo das equações e o cimento armado de um nôvo paraíso".

Em meio aos montes de neve dos becos de Moscou, na minha peliça parcialmente tingida com graxa de sapatos, não duvidava um só instante de que os vários projetos se tornariam realidade e que, no lugar dos tortuosos casebres de madeira, que eu recordava desde a infância, surgiria uma cidade nova, extraordinária. Se eu fôsse dez anos mais jovem, sorriria com entusiasmo, mas, normal representante da intelectualidade russa pré-revolucionária, nascido em 1891 e lembrado desde a infância das palavras com que Korolenko afirmava que o homem é criado para a felicidade como o pássaro é criado para o vôo, muitas vêzes me surpreendia a meditar e a me atormentar por ter uma idéia do que seria a vida do homem nessa cidade do futuro.

Em mim o *pathos* lutava com a ironia, a fé com a lógica. No Terceiro Hotel do Comissariado do Povo para o Exterior encontrei, um dia, um belga. Êle falava da desoladora situação de nossas vias de comunicações, e das vantagens que oferecem as garantias constitucionais. Eu protestava vivamente: o mundo burguês estava condenado, um batismo gerando a fome é há muito tempo mais simpático do que o funeral mais suntuoso. Êle me definiu como "fanático". Mas a dizer verdade não parecia, de fato, o rapaz de dezesseis anos que zombava de Nádia Lvova por causa de seu amor pelos versos de Blok. Muitas coisas me deixavam perplexo, até me indignavam: o simplismo, a intolerância, o desprêzo pela cultura do passado, e certas palavras que me era dado ouvir freqüentemente: "Inútil confundir as idéias das pessoas, quando tudo está claro..." Mas agora eu sabia que a história não se faz como se quer, que não surge como por encanto, e nem segue os traços dos magníficos romances do século XIX. Eu sabia que a minha sorte estava intimamente ligada à da nova Rússia.

Naquele verão completei trinta anos. Três decênios na minha vida haviam transcorrido, e a idéia de não ter ainda realizado nada me enchia de tristeza: não tinha a meu crédito mais que tentativas incertas, tímidas provas. Era extraordinário: o ritmo da vida fizera-se mais célere, haviam aparecido a aviação e o cinematógrafo, os acontecimentos históricos se sucediam com vertiginosa rapidez, enquanto os meus contemporâneos mudavam bem mais lentamente do que os homens que haviam vivido no

tardio e plácido século XIX. Bábel começou a escrever sèriamente aos trinta anos, Seifullina aos trinta e dois, Paustóvski aos trinta e quatro. E pensar que Gógol, quando escreveu *O inspetor geral*, tinha apenas vinte e sete anos! Uma das obras mais extraordinárias da literatura russa, *Um herói do nosso tempo*, foi escrita por um jovem de vinte e seis anos. Não sei, talvez o ritmo alucinante, febril, dos acontecimentos não nos consentia meditar, adquirir a consciência do que se passava, compreender-nos a nós mesmos e aos outros.

Não é o caso de lamentar os anos. Embora fôssemos simples achas lançadas nas fogueiras, isto não deve desagradar: a fogueira acendeu-se bem, a chama durou muito mais longamente do que uma vida humana.

Muitas eram as coisas do meu passado que gostaria de descrever: a Paris pré-bélica, as trincheiras do Somme, a revolução, a guerra civil, modelos e projetos, os montes de neve; mas, sobretudo, desejava lançar um rápido olhar sôbre o futuro. Compreendia não poder fazer versos. O esqueleto do romance começava a tomar corpo. Um dia, recordando as narrativas de Diego Rivera, decidi que o protagonista de meu romance satírico seria um mexicano.

Abandonando os projetos para os teatros de fantoches, começaram a se esboçar dentro de mim, quando menos o podia esperar, os capítulos de *Júlio Jurenito*.

22

Conquanto V. L. Durov não pudesse tragar os futuristas, era também êle um excêntrico, e era excêntrico o título dado ao espetáculo inaugural de seu teatro para jovens: *Lebres de todos os países, uni-vos!* Recordo bem a trama. No início, uma lebre levantava a capa de madeira de um grosso livro, no qual estava escrito *Capital;* folheava algumas páginas, depois chamava para junto de si outras lebres; eram pelo menos vinte. No quadro seguinte a cena representava um palácio em miniatura, ao qual montavam guarda coelhos armados de fuzis. Detrás, nos bastidores, apareciam lebres empurrando um minúsculo canhão; as lebres abriam fogo sôbre os coelhos e, obtida a vitória, içavam no palácio a bandeira vermelha.

O pano de bôca era levantado e baixado por um pequeno urso, que vestia um camisolão celeste.

O entusiasmo dos meninos foi indescritível; pálidos e magros, riam até às lágrimas. Depois, uma vez descido o pano de bôca, lebres e coelhos se apresentavam correndo à ribalta e se fazia o contacto entre público e atôres, com que tanto sonhara o diretor da *Albe*. Aos pequenos espectadores eram distribuídos, além disso, no momento de entrar na sala, pedacinhos de cenoura, que lhes permitiam conquistar a simpatia dos artistas.

O espetáculo durava meia hora, mas a preparação foi longa e laboriosa. Vladímir Leonidovitch Durov me havia explicado, desde o início, que era sua intenção dar um solene desmentido às idéias errôneas sôbre contos dos animais. Por exemplo, a crença generalizada de que a lebre é covarde, que a lebre é estrábica: devia-se, portanto, demonstrar como uma lebre sabe atirar canhonaços.

Vladímir Leonidovitch havia feito, pouco antes, cinqüenta anos; era o mais famoso palhaço da Rússia. Rapaz, eu o havia visto no circo e o recordava como um homem bufão, com uma roupa gritante salpicada de inúmeras e fantásticas medalhas. E mesmo muito antes de eu nascer, os irmãos Durov eram os benjamins de tôda a Rússia. Tchekhov havia rido assistindo às proezas do cachorrinho de V. Durov chamado Zapiataika. Talvez, na minha infância, não tivesse visto Vladímir Leonidovitch, mas seu irmão Anatoli, que por um certo período fôra o mais popular dos dois. A princípio os dois irmãos trabalhavam juntos, mas depois acabaram por brigar. Vladímir Leonidovitch começou a escrever nos seus anúncios "Durov, sênior"; Anatoli Leonidovitch se definia como "Durov, o autêntico". (Êle morreu antes da revolução, deixando escrito que sôbre seu túmulo gravassem exatamente estas palavras: "Durov, o autêntico").

De qualquer maneira, quando conheci Vladímir Leonidovitch, êle era "Durov, o único". Os colaboradores da seção de circos da Teo tratavam de conquistá-lo à sua causa, mas êle estava totalmente dedicado aos seus animais. Recordo quando me foi procurar pela primeira vez: precisava ajudá-lo a montar um teatro para crianças no seu palacete na rua Bodzedomka. Êle falava das pesquisas de Pavlov, dos reflexos condicionados e incondicionados. Parecia não um célebre palhaço, mas um respeitável professor.

Fui convidado a um dos primeiros ensaios. Vladímir Leonidovitch buscava vencer, nas lebres, o instinto do mêdo; não era uma emprêsa fácil. Embora os animais, segundo Durov, se limitassem a obedecer a determinados reflexos — enquanto o homem, se Descartes não se enganou, pensa e, em conseqüência, existe — entre o comportamento dos homens e o dos animais há muitos pontos em comum; por outro lado, é muito mais fácil meter mêdo a um homem corajoso do que fazer de um covarde um herói. Durov dizia que, quando uma minhoca busca escapar diante de um pintinho, o pintinho a come, enquanto que, quando uma minhoca desliza para um pintinho, êste último se apressa a bater em retirada. (A propósito existe o seguinte provérbio: "Leão com as ovelhas, mas ovelha frente a um leão", que não foi inventado nem pelos pintinhos nem pelas lebres). Os ensaios se faziam de noite. Vladímir Leonidovitch nutria pacientemente com cenouras o primeiro ator da companhia, uma lebre simpaticíssima, e, assim fazendo, retraía cautelosamente a mão. Quanto ao canhão, êle fugia, digo fugia diante da lebre. Após duas ou três semanas, as lebres perceberam que eram mais fortes do que qualquer outro. Durov chamava a êste método de amestramento "desamedrontar".

As cenouras tinham uma importância decisiva para a condução do espetáculo: podiam ser encontradas entre as páginas do livro, e para comer uma a lebre devia puxar o cordel que fazia funcionar o canhão.

Durante o trabalho, notamos que, enquanto os coelhos não experimentavam a mínima antipatia pelas carapuças, bastava colocar um gorrinho na cabeça das lebres para que as lançassem por terra. Vladímir Leonidovitch foi obrigado a render-se à evidência e concedeu às lebres movimentar o assalto ao palácio sem o elmo.

Enquanto havia sempre alguém que pensava em fornecer a Durov as cenouras, quem passava verdadeiramente mal era o ursinho. Eu me dirigi à Mpo com o pedido de concessão de uma ração suplementar ao plantígrado, como membro regular da companhia. Embora a ração destinada a êle fôsse bem mais modesta, o ursinho cresceu a tal ponto que não conseguia mais entrar no camisolão. Durov insistia em que eu obtivesse na Mpo o algodão para um camisolão nôvo. Esforcei-me em vão por desencorajá-lo, mostrando-lhe as dificuldades da emprêsa, recordando-lhe que eu próprio havia perdido um tempão para con-

seguir calças e acrescentando que o ursinho podia entrar em cena também sem camisolão. Por fim providenciamos o pano necessário.

Durov sofreu muitíssimo com a morte do jovem elefante "Baby", que êle havia acomodado provisòriamente no jardim zoológico. Vladímir Leonidovitch continuava a repetir com ar triste: "Você não o viu... Era dotado de grande capacidade..." Cinco anos depois êle escreveu: "Morreu o meu melhor companheiro, o mais honesto e o mais fiel, morreu o meu Baby, esta criança que eu havia educado, na qual eu havia pôsto uma parte da minha alma".

O segundo espetáculo era constituído de uma cenazinha que Durov havia já mostrado no início do século sob o título: *A conferência da paz de Haia*. Agora o nome estava mudado. Viam-se sentados à mesa, lado a lado, inimigos como lôbos e cabras, gatos e ratos, rapôsas e galinhas, ursos e porcos.

Vladímir Leonidovitch me havia explicado, em cada particular, como havia amestrado os animais para a cena. Uma gaiola, em que estava colocado um rato, montada sôbre rodas e tôda circundada de chocalhos, descia, ao longo de um trilho, da mesa até uma cesta que hospedava o gato. O rumor dos chocalhos assustava o felino e pouco a pouco êle começava a ter mêdo do rato. No entanto, êste último, à medida que passavam as horas, se tornava mais ousado. Durov havia adestrado da mesma maneira os outros atôres. Nos fortes ocorria menos a convicção da própria invulnerabilidade, enquanto os débeis se curavam do mêdo; eis as bases sôbre as quais se fundava esta espécie de "coexistência pacífica".

No inverno de que estou falando, tive muitas vêzes ocasião de ver Vladímir Leonidovitch, buscava ajudá-lo e acabei sentindo por êle uma profunda simpatia. Depois nos encontramos raramente, mas sempre me divertia, me entusiasmava, me inspirava. Era um dos personagens mais fantásticos de quantos encontrei na minha vida. Na areia do circo Durov queria pregar, ensinar. Dava ao público explicações de caráter científico, falava de reflexos condicionados e, ao mesmo tempo, entrava na arena, vestindo o seu traje sarapintado e coruscante, sôbre um carrinho puxado por seis cães ou escarranchado sôbre um porco. Em sua casa, na rua Bodzedomka, freqüentada por vários estudiosos, como Tchelpanov e Bechterev, êle interrompia sùbitamente suas explicações sérias com algum truque de palhaço. A sua verdadeira natureza era a de um poeta, havia encontrado a poesia no mundo dos seus atôres de quatro patas.

Muitas vêzes, falando com a gente, se embaralhava. Confundia o materialismo com o tolstoísmo, o marxismo com o cristianismo. Assinava as suas obras científicas como "Durov, autodidata". Sentia-se verdadeiramente bem e à vontade sòmente com os animais. Êle se dirigia às pessoas pedindo-lhes que "vissem no animal uma personalidade consciente, pensante, capaz de gozar e de sofrer".

Na mente de Vladímir Leonidovitch nasciam projetos fantásticos.

Num dos livros de Durov aparece o texto de uma carta por êle recebida em agôsto de 1917: "O estado-maior da frota examinou a proposta do senhor Durov acêrca do adestramento dos leões marinhos e focas para fins militares, e acha a sua proposta muito interessante". A carta estava assinada pelo chefe do estado-maior, um contra-almirante. É fácil perceber a confusão mental que devia reinar entre os altos escalões da Marinha, se podiam pensar sèriamente em empregar focas amestradas contra os submarinos alemães.

Em seguida, tudo se arranjou e a idéia de mobilizar as focas não interessou mais a ninguém. Em 1923, Vladímir Leonidovitch foi enviado em missão à Alemanha e ali adquiriu leões marinhos. Apreciava-os muitíssimo, considerava-os até superiores aos cães. O fato é que, quando me levou junto ao tanque dêsses animais e me apresentou: "Ilia Grigóriev, poeta e amigo dos animais", os leões marinhos saíram do tanque e começaram a aplaudir com as suas cômicas patas, lançando-me borrifos gelados, enquanto Durov me dizia: "Se se pudessem ver as suas circunvoluções cerebrais..."

Durov estava convencido de que os homens não compreendem os animais. Por que se diz "cego como uma galinha"? Uma galinha é capaz de perceber um falcão muito antes de que um homem possa fazê-lo. O asno é obstinado? Nem por sonho: o asno foi explorado sem piedade, por isso às vêzes é obrigado a refugiar-se na resistência passiva. O porco é o ser mais limpo da terra e se espoja na lama sòmente para livrar-se dos parasitas; dê-se-lhe uma ceva limpa e o veremos encarar muitos homens com uma expressão de nojo.

Como, então, não foi finalmente aceita a proposta de Durov de empregar os leões marinhos na guerra subaquática? Por que

ninguém tomou em consideração o projeto de botar fogo nos aviões de bombardeio mediante impactos de águias amestradas? Sim, era difícil ter negócios com os homens!

Muitos anos antes, adoecendo, Durov deixou escrito em testamento que, se morresse, os únicos admitidos a acompanhá-lo ao cemitério deveriam ser os seus animais. O clero viu em tal desejo os extremos de um verdadeiro e autêntico sacrilégio. Sim, os homens não compreendem que os animais têm alma! Transcorreram dez ou quinze anos, também a palavra "alma" desapareceu da circulação e o lugar da alma foi tomado por "reflexos". Mas os homens continuavam a sorrir cèticamente. Os fisiologistas, por exemplo, afirmavam que os cães não conseguem distinguir a côr de um objeto. Vladímir Leonidovitch se indignava: "Todos os meus cães sabem distinguir uma bola verde de uma vermelha, até os cachorrinhos..."

A mulher de Durov, Ana Ignatievna, amava os animais, mas Vladímir Leonidovitch me contou, um dia, com ar aflito, que no seu quarto de dormir tinham livre acesso sòmente as macacas, os cães, os gatos, os papagaios e basta. Um texugo ou um ganso não podiam entrar. "Está errado... é injusto..."

Um dia Durov se dirigiu a Lunatchárski com um de seus habituais pedidos, e lhe solicitou que assinasse um certo papel. Anatoli Vasilievitch respondeu que precisava pensar a respeito. Então do bôlso de Durov saltou o seu benjamim, o rato Fiuka, que se pôs de pé sôbre as patinhas posteriores diante do comissário do povo. Lunatchárski tinha mêdo dos ratos e logo gritou: "Leve-o daqui!" Durov respondeu com um suspiro: "Anatoli Vasilievitch, está pedindo pelos seus companheiros. Que quer? É a solidariedade!"

Dez anos depois, em Paris, dirigiu-se ao café Coupole, Também desta vez com um rato, e se espantou muitíssimo quando as senhoras começaram a lançar gritos histéricos. Êle tratou de explicar que se tratava de um rato-ator, mas ninguém lhe deu ouvido.

Quando era convidado à casa dos outros, falava de trabalhos científicos, de progresso; depois, de repente, tirava do bôlso, juntamente com um lenço, um peixe morto ou um pedaço de carne: os seus bolsos estavam sempre repletos de alimento para os animais.

Olhando os homens, pensava nos animais. Após haver descrito como os seus toy-terrier, quando estavam alegres, sorriam

meneando o traseiro, acrescentava: "A maneira de exprimir os sentimentos é em muitos casos idêntica. Até no menear o traseiro. Tenho notado freqüentemente, especialmente nas festas de dança, que os rapazotes se aproximam das damas balançando de modo evidente o traseiro..."

Quando Durov e Ana Ignatievna chegaram a Paris, nós os levamos a um salão de baile na rua Blomais, freqüentado por negros, estudantes, pintores, modelos. Vladímir Leonidovitch observava atentamente as parelhas que dançavam e de repente gritou, todo alegre: "Tesouro, olha: esfregam-se com as panças... Exatamente o mesmo reflexo dos papagaios..."

Ana Ignatievna contou à minha mulher: "Eu pensava fazer alguns vestidos em Paris, mas Volódia comprou uma girafa. As girafas são muito caras e, além do mais, devem ser transportadas em vagão especial..."

Vladímir Leonidovitch adorava o seu chipanzé Mimus, e me falava detalhadamente dos seus progressos: "Mimus aprendeu a pronunciar as sílabas, consegue dizer algumas palavras. Começa a escrever; já se assenhoreou de todo sòmente da letra "o", agora lhe mostrei o "s".

Mas aconteceu uma desgraça. Durov devia ir a Minsk para uma série de recitais. Tinha Mimus em observação, poupava-o, não o mostrava ainda ao público; todavia, levou-o consigo, para evitar que lhe acontecesse alguma coisa em sua ausência. O símio, que não estava em sua primeira enfermidade, desta vez pegou um resfriado, que degenerou em pneumonia. Vladímir falou de sua morte nestes têrmos: "No albergue, dormia em minha cama. A coisa mais difícil é ensinar um macaco a ser limpo no leito. Um gatinho sabe comportar-se decentemente, mas um macaco é distraído. Sabe por onde sair, para fazer certas coisas, mas em seguida se perde atrás de algum alegre barulhinho e de repente se suja... No entanto, Mimus se havia sempre comportado bem... De repente o vejo levantar-se, agarrar o rôlo de papel higiênico e se encaminhar para o urinol. Não o alcançou, morreu..." E os olhos de Durov se encheram de lágrimas.

Já disse que às vêzes era difícil compreender a concepção do mundo de Durov, mas é certo que odiava ferozmente a guerra e o dizia claro e bom som, tanto na arena do circo como no curso das reuniões científicas. Em 1924 Durov escrevia: "A seu tempo, a Rússia soviética foi a primeira a tomar audacio-

samente a iniciativa do desarmamento e ainda hoje insiste, a fim de que seja seguido seu exemplo. . ." (É penoso pensar que desde então transcorreram trinta e seis anos, que houve uma guerra como jamais se havia visto na história e que as palavras de Durov parecem extraídas do último número de um jornal de hoje. . .)

Em tôda a vida de Vladímir Leonidovitch, excentricidade e poesia andaram sempre pari passu. Na terceira série da Academia Militar de Moscou, durante o exame de catecismo, Vladímir Durov, filho de um nobre, entrou na sala caminhando sôbre as mãos. Os examinadores não tinham jamais ouvido falar dos místicos prestidigitadores da Idade Média e, em conseqüência, expulsaram o insolente moleque. Na velhice, Durov vivia cercado de cientistas; o prefácio a seu livro deveu-se à pena dos professôres Kodzevnikov e Leontovitch. Que podia ter de comum Vladímir Leonidovitch com os habituais palhaços de circo? Contràriamente, permaneceu ator até o fim da vida, maldizendo a arena e não podendo viver sem ela.

Quando, no verão de 1934, Vladímir Leonidovitch morreu, o cortejo fúnebre movimentou-se da rua Bodzedomka para chegar ao circo. Sôbre o féretro sentou-se o benjamim de Durov, o cão pastor escocês Rydzka. Milhares de pessoas foram levar o último adeus ao clown que havia feito rir tantas gerações. Entrementes, os cães ficavam à escuta, farejavam o ar. . . Esperavam os leões marinhos; esperava o corvo, repetindo inùtilmente o próprio nome: "Voronok. . . Voronucha[1]". Durov não voltava. Não haverá jamais outro como êle. . .

No início de 1921, um dia fui com êle da Teo à rua Bodzedomka. O nosso carro era puxado por um camelo, magro mas ainda afoito. De repente Durov me disse: "Por que a cada coisa que digo, respondem: um clown. . . um clown. . .? Sabe, vou dizer-lhe em segrêdo uma coisa: os clowns são as pessoas mais sérias que existem no mundo. . ."

23

Durante um inverno muito frio encontrei, na Tverskaia, S.A. Iessiênin; êle me propôs ir tomar um autêntico chá num lugar misterioso, de nome Kislovka.

1 Em russo *voron* significa corvo.

A mulher que nos abriu a porta começou a tagarelar alegremente: "Ah, Sierguiéi Aleksandrovitch! Como te fizeste esperar. . ." A julgar pelos bibelôs dispostos sôbre a cômoda, pelas velhas estampas inglêsas, no passado aquela mulher não havia ido mal, enquanto agora dirigia uma mesa "clandestina" para atôres, escritores e especuladores. Iessiênin sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido, logo apareceram sôbre a mesa uma cafeteira, um açucareiro, massas e até uma pequena garrafa de licor. Eu vivia mais ou menos como um monge e não teria nunca suspeitado que lugares de delícias como aquêle existissem realmente. Diante de minha patente estupefação, Iessiênin alegrou-se como uma criança: "Não é verdade que se parece a um café de Paris?. . ."

A proprietária elogiou a sua gravata e êle novamente se alegrou. Vestia um paletó claro e calçava sapatos negros de verniz. Pavoneava como um galã de província e sorria comprazido quando os passantes o reconheciam.

Não se bebeu muito, a garrafa era deveras minúscula, mas não nos ocorria sair daquela sala tão quente e acolhedora. Iessiênin me surpreendeu: começou a falar de pintura. Apenas havia visto a coleção de Schtchúkin e o havia interessado Picasso. Vim a saber que havia lido, em tradução russa, Verlaine e até Rimbauld. Depois começou a declamar Púshkin: "Queixo-me amargamente, e amargamente verto lágrimas, mas não consigo cancelar estas tristes linhas". De repente agarrou-se com Maiakóvski "Tit e Vlas. . . Mas êle que entende disso? E depois, mesmo se entende alguma coisa disso, que raça de poesia é esta?" As suas palavras não me maravilharam: pouco tempo antes tinha ouvido Maiakóvski e Iessiênin, no Museu Politécnico, dizerem-se nuas e cruas. Contudo, perguntei a Iessiênin por que Maiakóvski o indignava tanto. "Êle se fêz poeta por alguma coisa, enquanto eu tenho sido poeta de alguma coisa. Não sei eu mesmo de que coisa. . . Êle viverá até aos oitenta anos e lhe erigirão um monumento. . . (Iessiênin desejou sempre, ardentemente, a glória, e para êle os monumentos não eram simples estátuas de bronze, mas a expressão tangível da imortalidade). Eu, no entanto, morrerei sob um muro no qual serão gravados os seus versos. Todavia, não trocarei o meu destino pelo seu". Tratei de rebater. Iessiênin estava de bom humor e admitiu a contragosto que Maiakóvski era um poeta, mas "não interessante". Começou a agarrar-se com os futuristas. A arte inspira

a vida, não pode dissolver-se na vida. Certo, êle, Iessiênin, havia escrito versos obscenos nas paredes do Mosteiro Strastnoi, mas aquilo era uma criancice, não um programa. O povo? Que teria havido de mais popular do que Shakespeare? Êle não havia desdenhado o teatro dos saltimbancos, mas havia criado Hamlet. Quem são Tit e Vlas (êle citava um poemeto propagandístico de Maiakóvski, no qual eram recordados Tit e Vlas)? Pôs-se de nôvo a declamar Púshkin, depois disse: "Se pudesse escrever uma quadra como esta, depois não teria mêdo de morrer... E eu sem dúvida morrerei cedo..."

No caminho, no momento de se despedir, Iessiênin disse: "A poesia não é como as massas, não se adquire com os rublos..." Não esqueci jamais essas palavras: surpreenderam-me. Sòmente naquele dia compreendi deveras como era Iessiênin. Nós nos havíamos conhecido já, antes, e havia muito tempo amava os seus versos.

No outono de 1917, em Petrogrado, me convidou à sua casa a jovem poetisa M.M. Shkapskaia, que eu havia conhecido em Paris. À mesa sentava-se E. A. Kliuev, em camisa de camponês, dedicado a tomar rumorosamente o chá no pires. Deu-me logo a impressão de um ator ocupado em recitar pela milésima vez a mesma parte. A conversa languidescia quando entrou um nôvo hóspede, um rapaz de bela presença, parecido a um personagem de ópera; sorrindo, apresentou-se: "Iessiênin, Serguiéi. Seretza..." Tinha os olhos límpidos e ingênuos. Maria Mikhailovna pediu-lhe que recitasse versos. Compreendi ter diante de mim um grande poeta; quis trocar com êle algumas palavras, mas depois de haver distribuído alguns sorrisos Iessiênin foi-se embora.

Depois nos encontramos muitas vêzes em Moscou; falávamos de poesia e dos acontecimentos em curso. Ao contrário de Kliuev, êle sustentava os temas mais diversos. Ora falava de não se sabe bem qual "indoclava", ora da dinamicuidade das imagens, ora do citismo[1]; mas não podia (ou não queria) recitar. Muitas vêzes o ouvi dizer com leve ironia ao seu interlocutor, encarando-o com olhos celestiais: "Não sei como será entre vocês, mas entre nós, no campo, do partido de Riazan..."

[1] *Citismo* — movimento de interpretação místico-messiânica iniciado pelo crítico Ivanov-Razumnik e identificado aos ideais do bolchevismo nascente. (N. do T.)

Em maio de 1918 chegou a dizer-me que se devia derrubar tudo, mudar a face do universo, que os camponeses despertariam e o mundo pegaria fogo. Presenteou-me um livro seu com a seguinte dedicatória: "A um caro adversário no conceber a Rus e a tempestade, I. Ehrenburg, com sincero afeto de S. Iessiênin".

Mas sòmente após a nossa longa conversa na Kislovka me achei diante do verdadeiro Iessiênin. Quantas pessoas havia embrulhado! Ivanov-Razumnik, depois de ter ouvido a sua *Inonija,* exclamou: "Eis o autêntico subjetivismo revolucionário..." Vários adeptos do citismo saudaram em Iessiênin o porta-voz da sua ideologia, e revejo, como se fôsse ontem, em Berlim, A. A. Schreider empenhar-se em demonstrar que a súplica de Iessiênin — "Senhor, encarna-te" — abalaria a Europa burguesa. Os jovens poetas viam, pois, em Iessiênin, o criador de uma nova poesia; o "imaginismo" não vinha proposto, como tantas outras correntes literárias, mas imposto como as tábuas da lei.

Seria um engano crer que Iessiênin enganasse ou, se se quer, mistificasse o próximo; freqüentemente embrulhava a si próprio; os vários sentimentos que o tumultuavam ìntimamente exigiam uma forma e então êle fazia concessões: da tristeza fazia um programa, do desânimo uma escola literária.

Era extraordinàriamente afortunado. Maiakóvski sujeitava os seus humores a uma idéia. Iessiênin podia (como certa vez chegou a confessar-me) "fazer-se de bôbo" no Dominó ou na Estrebaria de Pégaso, mas escrevia, sem pensar a respeito, o que lhe passava pela cabeça no momento.

Tendo, finalmente, reconhecido a própria tarefa espiritual, escrevia: "Aceito tudo. Aceito tudo, tal como é. Estou pronto a pisar as pegadas já marcadas. Cederei tôda a alma ao outubro e ao maio, mas não cederei a minha doce lira".

Maiakóvski foi obrigado a lutar contra a incompreensão, o escárnio de alguns, a frieza espiritual de outros, enquanto Iessiênin foi compreendido e amado já em vida. A franqueza que animava os seus versos extraordinàriamente sonoros conquistava até as pessoas malévolas nos seus confrontos, por terem ouvido falar das suas absurdas aventuras de taverna. Êle sonhava com a glória e a teve até a saciedade. Quando tinha vinte e cinco anos, dirigia-se em versos aos seus genitores com estas palavras: "Oh, se compreendêsseis que vosso filho, na

Rússia, é o melhor poeta!" Enamorou-se dêle a célebre atriz Isadora Duncan, cujas danças eu admirava nos tempos de liceu. Usufruiu da ternura que ela lhe demonstrava, como de um reconhecimento universal. Desejava dar uma olhada ao mundo e foi um dos primeiros a atravessar a Europa tôda, a visitar a América. As mulheres se enamoravam dêle. Os velhos negros e os pirralhos parisienses o tratavam com simpatia. Górki chorava quando Iessiênin lhe recitava os seus versos. Fazia tudo o que lhe ocorria fazer, e até os severos censores dos costumes soviéticos não hesitavam em fechar os olhos às suas turbulentas extravagâncias.

Contudo, é difícil imaginar um homem mais infeliz do que êle. Não se sentia à vontade em lugar algum; cansava-se do amor, suspeitava os amigos de tramarem a sua ruína; era hipocondríaco, pensava sempre dever morrer cedo. Eu sei muito bem, afinal, o que muita gente diz "Era um bêbado". Mas não é justo permutar o efeito pela causa. Por que deu para beber? Por que perdeu as estribeiras exatamente no início do seu caminho humano e poético? Por que tanta sincera amargura até nos seus primeiros versos, quando ainda não bebia e não brigava? *Môsca de botequim* — dizem — nasceu sob a Nep, quando escapou pelas fendas a bôrra da sociedade; mas a *Confissão de um malfeitor* foi escrita antes da Nep, no inverno em que Moscou parecia um falanstério[1] ou um mosteiro de rígida observância. Por que Iessiênin se enforcou aos trinta anos, no apogeu da glória, quando não podia ouvir os passos, ainda demasiado distantes, da velhice?

Tive ocasião de ler que o drama de Iessiênin consistiu na dissensão com a sua época. Para mim, no entanto, a época está fora de questão. Certamente, Iessiênin viveu em anos muito difíceis e algumas vêzes rangeu os dentes contra o seu tempo, mas também, mais de uma vez, fêz declarações de amor a êsse seu tempo. Acolheu a revolução à sua maneira: em 1921 sentia-se ainda atraído pelo romantismo, sonhava escrever um poema *Guliai-pole*. Encontramo-nos pouco antes de minha partida para Paris. Êle me fêz presente do seu livro *Treriadnitsa,* com a seguinte dedicatória: "Tu conheces o perfume de nossa terra e o pitoresco de nosso clima. Dize a Paris que eu

[1] *Falanstério*: comuna societária ideada, realizada e regida de acôrdo com as doutrinas de Fourier. (N. do T.)

não a temo. Sôbre as neves de nossa pátria saberemos desencadear de nôvo uma tormenta, igualmente espantosa para êles e para os nossos". Era a primavera de 1921; parecia que todos, naquela época, tivessem conseguido esquecer o "citismo", mas Iessiênin acreditava ainda vislumbrar uma anárquica liberdade lançada a-cavaleiro de esbeltos ginetes sôbre todo o nosso planêta.

Passaram-se quarenta anos. Entre nós se lê, ama-se Iessiênin e não passa pela cabeça de ninguém meditar sèriamente sôbre a confusa embrulhada das suas idéias políticas. Em 1920 escrevia: "Quero ser uma vela amarela sôbre a nave em rota para o país para o qual navegamos". E após cinco anos, pouco antes de sua morte, admitia não ter sido uma vela sôbre a nave, mas tão-sòmente um dos seus passageiros: "Bem, quem de nós não escorregou sôbre a coberta, não teve náusea e não blasfemou? São poucos os que, de alma encouraçada, defrontaram a pé firme o balanceio... Já se passaram os anos. Encontro-me em outra idade. E sinto e penso de outra maneira. E digo diante do vinho da festa: louvor e glória ao pilôto!"

Cruzou a vôo de pássaro a Europa, percorreu a América e não viu nada. Escrevia em suas cartas: "...A minha cartola e o capote talhado por um alfaiate berlinense deixaram todo mundo bestificado... Um nojo, uma monotonia, tanta miséria espiritual que dá vontade de vomitar..." "Exceto o foxtrote, aqui não há quase nada, aqui enchem a pança e bebem, depois o foxtrote..." Não há dúvida de que, então, no Ocidente, não havia sòmente o foxtrote; havia também cruentas demonstrações, a fome, Picasso, Romain Rolland, Chaplin e muitas outras coisas. Mas eu compreendo o estado de ânimo de Iessiênin. Há qualquer coisa além do amor pelas bétulas, de que tanto escreveu; há também o fato de que de longe êle conseguiu perceber, em tôda a sua estatura, um povo projetado para o futuro.

Regressando à Rússia, tratou de tirar as conclusões: "O nosso ainda viçoso nomadismo não me satisfaz; a mim satisfaz a civilização. Mas não exatamente ao estilo América. A América é um mau cheiro que sufoca, juntamente com a arte e os ímpetos mais generosos da humanidade". E um artigo, ingênuo e fraco, surgido num jornal, lhe ofereceu o motivo para dar, da América, uma definição extraordinàriamente exata: "Mirgorod

de ferro"[1]. Não será inútil recordar que isto acontecia em 1923, quando "Lef" exaltava a beleza dos arranha-céus de Nova Iorque, quando estava na moda a Organização científica do trabalho, dois anos antes da viagem de Maiakóvski à América.

Antes de tudo, Iessiênin era poeta; os acontecimentos históricos, o amor, a amizade, nada valia como os versos. Era dotado de um precioso dom canoro. Para um ornitólogo o rouxinal é um passarinho, mas nenhuma descrição anatômica da úvula dos passarinhos poderá jamais explicar por que o canto do rouxinol sempre fascinou os homens de tôdas as partes do mundo. Do mesmo modo, ninguém pode explicar por que nos comovem muitos versos de Iessiênin. Existem poetas, transbordantes de pensamentos excelsos, providos de extraordinária faculdade de observação, de sentimentos apaixonados, que estudam por decênios a arte de tornar acessível ao próximo os tesouros do seu espírito. Iessiênin, no entanto, escrevia versos sòmente porque havia nascido poeta. "Nem todos sabem cantar, nem a todos é dado cair, como uma maçã, aos pés dos outros. Esta é a máxima confissão de um malfeitor".

Na voz poética de Iessiênin era conatural uma profunda tristeza; não se pode atribuí-la à época, embora a ela, à época, se tenha imputado muitas coisas: "Têm vontade de ficar a olhar, pintar sôbre as bôcas beijos de fôlha-de-flandres! Só a mim toca, como se fôsse um sacristão, cantar a aleluia sôbre o meu país natal". Êle sabia que ninguém tinha culpa da sua tristeza, da sua solidão. "A quem devo chamar? Com quem devo dividir a triste alegria de ter ficado vivo? Aqui até o moinho — pássaro de traves com uma única asa — pode ficar de olhos fechados. Ninguém me conhece aqui, e quem me recordava já de há muito me esqueceu..." Sentimentos como êstes podem surgir em qualquer época.

Talvez por isso os versos de Iessiênin não envelheçam. "Ah, murchou a moita de minha mente, aprisinou-me o cativeiro das canções. Estou condenado aos trabalhos forçados dos sentimentos, a girar a moenda dos poemas". Ou: "E já não digo mais à mamãe, mas a uma ralé estranha que ri: não foi nada! Tropecei numa pedra, já amanhã estará tudo passado". Quando foram escritos êsses versos? Há quarenta anos? Há cem anos? Ontem? Não o sei. Não tem importância.

[1] Mirgorod: cidade da Ucrânia. (N. do T.)

Durante os anos de guerra ouvi muitas vêzes de jovens tenentes, lançados à primeira linha diretamente dos bancos escolares, e ainda hoje ouço repetido por jovens: "Amo Iessiênin". Compreendo-os. Os jovens, se não são poetas ou entendedores de poesia particularmente sutis, quando querem se divertir, é raro que tomem da estante um livro de versos; preferem ir a uma partida de futebol, dançar, andar de passeio com as garôtas, sonhar em alta voz ou discutir apaixonadamente. Dos versos têm necessidade nas horas sombrias, e então vem em sua ajuda Iessiênin, já morto há muito tempo e de quem nada sabem, exceto o que mais conta: que escrevia versos maravilhosos.

Êle não revelava como se fazem os versos, não equiparou nunca o trabalho do poeta ao trabalho produtivo, mas é ridículo afirmar que foi uma espécie de ingênuo cantor. E acaso não existiram nunca? Cinco séculos durou a lenda do "cândido poeta" François Villon, beberrão e malfeitor, que escrevia o que os deuses lhe punham no íntimo. Recentemente Tristan Tzara fêz uma descoberta: as últimas linhas das baladas em que Villon diz a verdade, tanto sôbre suas desilusões amorosas quanto sôbre seus delitos, estão marcadas com tanta mestria e singeleza que ninguém consegue imaginar tôdas as dificuldades necessàriamente encontradas pelo autor, para inserir uma chave na quinta e na sétima letra de cada verso. Iessiênin me confessou, mais de uma vez, que trabalhava longamente um verso, cancelando e riscando. Maiakóvski disse dêle: "Sonante beberrão aprendiz". Iessiênin escreveu: "Fiquei qual mestre austero..." (Tinha razão Iessiênin: tornara-se "beberrão" pela tristeza, "sonante" não fôra nunca, e, quanto à alternativa "mestre" ou "aprendiz", resolveu-a o tempo). Iessiênin autodefiniu-se mais de uma vez como "malfeitor". Mas havia uma coisa, uma única que êle respeitava em sumo grau: a mestria. Conquanto lhe pudesse ser alheio Briussov, quando soube da morte de Valiéri Iácovlevitch, Iessiênin escreveu: "Esta notícia é grave e dolorosa, sobretudo para os poetas. Todos nós aprendemos dêle. Todos sabemos que função desempenhou na evolução do verso russo..."

A poesia de Iessiênin é suave, rica de humanidade, isenta de impulsos cruéis ou frieza espiritual. Seus versos sôbre a cadela da qual afogaram os cachorrinhos foram escritos durante os anos da guerra, quando os homens se haviam já habituado à indiferença. Pouco antes do suicídio escreveu a poesia *O ho-*

mem negro. Evidentemente, a imagem deve tê-la sugerido Púshkin: o "homem negro" perseguia Mozart. Mas o "homem negro" de Mozart é a morte. Iessiênin conheceu também os remorsos; o "homem negro" é cruel e recorda: "Êle era elegante, além de tudo poeta, não dotado de grandíssima fôrça, mas ágil, e uma mulher de quarenta anos e mais o chamava rapazola e amor meu... Escuta, escuta! — me diz com voz rouca, fixando-me o rosto, enquanto se inclina mais sôbre mim. — Jamais vi qualquer canalha sofrer de insônia de maneira tão estúpida e inútil".

No curso da sua vida êle chegava a ser terno, comovente e insuportável, no furor da inquietação espiritual. Eu o vi afável, plácido, solícito: vi-o também num estado de espírito próximo à demência. Não desejo falar daquilo que pertence mais ao domínio da patologia do que da psicologia de um poeta.

Em Berlim o encontrei muitas vêzes com Isadora Duncan. Ela compreendia que Iessiênin estava mal, que algo lhe pesava na alma, queria ajudá-lo e não podia. Tinha quase o dôbro da idade de Iessiênin, era dotada não só de um grande talento, mas de humanidade, ternura, sensibilidade; mas êle era um cigano vagabundo; a simples idéia de dar um arranjo estável ao seu coração o deixava apavorado.

Junto dêle estavam sempre os seus companheiros de viagem: os imaginistas. Kusikov, com a sua guitarra, ou os "poetas camponeses", que pareciam saídos das caixas envernizadas de Palech. O lugar dos poetas foi tomado pelos beberrões e basta, satisfeitos de serem admitidos à mesa de uma pessoa célebre.

Se o futurismo, não obstante o colête amarelo e o monóculo de Burliuk, foi um grande fenômeno artístico e social, o imaginismo me deu sempre a idéia de uma etiquêta postiça fabricada com pressa e fúria por um grupo de literatos. Iessiênin gostava de brigas e, como na escola os "gregos" se pegavam com os "persas", êle se uniu voluntàriamente aos imaginistas, para poder brigar com os futuristas. Tudo isto não é sequer uma página da sua biografia; não são mais que poucas notas marginais, capazes de interessar exclusivamente um estudioso da literatura.

Mais que tudo, desagradava encontrar junto a Iessiênin gente inteiramente ocasional, como aquêle bando de pseudoliteratos que gostava (e ainda hoje gosta) de filar a vodka alheia, de se aquecer na glória alheia e de se esconder atrás da autoridade alheia. Mas o fato de que ao seu redor rodopiasse êste sombrio enxame de mosquitos não bastou para matar Iessiênin, porque era êle próprio quem o atraía. Êle conhecia os seus frangos; mas em seu estado de ânimo se encontrava mais à vontade fazendo-se cercar de gente que desprezava.

Em 1924 vi, pela última vez, Iessiênin junto aos conhecidos habituais. Tinha um mau aspecto, queria ir-se embora, tinha uma vontade louca de fazer algum escândalo. Por algumas horas tentei persuadi-lo, entretê-lo; êle não fazia mais que repetir tristemente: "Ora, deixa-me ir...! Nada tenho contigo... É assim, em geral..."

Numa das últimas poesias de Iessiênin há êstes versos: "Como poderia não te amar, flor? Quereria beber contigo e entregar-me a ti. Sussurrai, violetas e resedás. A desgraça abateu-se sôbre minha alma. Sôbre a minha alma abateu-se a desgraça, sussurrai, violetas e resedás". Ninguém ignora que a violeta não é um carvalho nem a resedá uma tília, e que não podem ciciar. Todavia, êstes versos são belos, e porque são belos ninguém poderia explicá-lo: assim é feita a poesia. E, recordando Iessiênin, me surpreendo a pensar; viveu um poeta...

24

Quando recordo Aleksandr Iakovlevitch Tairov, retornam à minha mente os versos de Púshkin: "Viveu neste mundo um pobre cavalheiro, taciturno e simples, sombrio e pálido no aspecto, audaz de espírito e pleno de retidão". A vida de Tairov tem a simplicidade de uma parábola. Ainda jovem enamorou-se do teatro, começou fazendo o avarento numa companhia de província. Giras e giras, acabou em Petersburgo, conheceu poetas e pintores de vanguarda. Meierchold estava levando à cena *O Teatro dos Saltimbancos*, de Blok; Tairov desempenhava o papel do Máscara Azul. Mas Tairov não era ainda êle mesmo.

Em 1914 êle organizou o Teatro de Câmera, que se tornou o escopo, a substância, a paixão da sua vida. Recitava com êle a magnífica atriz Alisa Georgievna Koonen. Tairov tinha, então, quase trinta anos. Lutava por um teatro que lhe parecia o "non plus ultra" da vanguarda.

Ao invés de insensível à grandiosidade das transformações sobrevindas na Rússia, êle repudiva, sem hesitação, os seus erros; lutava infatigàvelmente, trabalhava da manhã até tarde da noite. O Teatro de Câmera contava com muitos amigos, e também muitos inimigos; nada melhor do que uma poesia de Púshkin poderia dizer-nos o que por dezenas de anos andaram repetindo os seus inimigos: "Não orava a Deus, não observava o jejum. . ."

Em 1949 os seus inimigos levaram a melhor: o Teatro de Câmera desapareceu. Aleksandr Iakovlevitch tinha sessenta e quatro anos. Um ano depois morreu.

No inverno de que estou falando, Tairov pôs em cena *A princesa Brambilla* e obteve um grande sucesso. Começou a trabalhar *Fedra;* deu ao prelo *Notas de um diretor,* com que defendia as suas posições, tanto dos ataques dos fautores do teatro naturalista quanto dos de Meierchold. Era entusiasta. E os tristes encontros com êle ao fim dos anos quarenta não podem cancelar da minha memória o Tairov alegre e feliz dos primeiros anos da revolução.

Moscou andava louca pela alegria carnavalesca que se lhe mostrava em cena. A cenografia de Iakulov era deslumbrante, fantasmagórica. Os atôres não faziam mais que saltar, imitar os bufões, dançar, brincar. Moscou, porém, sabia também compreender os tormentos de Adriana Lecouvreur. Tairov havia transformado o melodrama sentimental de Scribe em tragédia. A recitação de Alisa Koonen comovia o público. Pode parecer estranho: naquela fase não era fácil comover a gente, já que todos então se haviam habituado à morte. Provàvelmente, o fim de Adriana comovia porque não era natural, como na obra de Scribe, mas transfigurado pela arte: não era a morte na clínica de Sklifosovski, mas a de Eurídice ou de Ofélia.

Tairov compreendia bem as duas formas do espetáculo teatral: a arlequinada e a tragédia. Nos anos de que falo, a gente não passava de um estado de ânimo para outro por etapas, havia alegria e desespêro, uma vida digna da idade da pedra e dos plásticos arquitetônicos do século XXI.

Tairov não era modesto sòmente no modo de viver, mas também no campo da arte impunha aos seus sonhos a mais severa disciplina. Diz-se que o senso da medida apara as asas a qualquer romantismo; é verdade quando vêm à baila os cálculos mesquinhos da vida quotidiana, do bom senso pequeno-burguês. Devemos recordar que até os artistas do período mais desenfreado do romantismo sabiam perfeitamente o que era o senso da medida: quando êle falta, a arte degenera em ênfase, em falso pathos, em histerismo.

Aleksandr Iakovlevitch me falou mais de uma vez do seu modo de entender o teatro. Êle se havia afastado do naturalismo, do querer mostrar em cena como os atôres sabem beber com naturalidade o chá ou bocejar com arte. Gostava de citar um episódio contado pelo famoso ator francês do século passado, Coquelin. Um ator vagabundo imitava, numa feira, os grunhidos de um leitão. Todos se entusiasmavam e aplaudiam. Mas um camponês normando apostou que conseguiria fazê-lo bem melhor que o ator. O astuto normando ocultou sob o paletó um leitão vivo e começou a dar-lhe beliscões. O leitão estrilava, mas os presentes protestavam, achando a imitação forçada e medíocre. Tairov sabia o que era a arte e não admitia um teatro que tivesse sòmente o escopo de imitar a vida. Dizia freqüentemente: "O teatro deve tornar-se teatro"; à primeira vista isto é absurdo, como dizer que a àgua deve ser líquida. Mas ao redor dêle havia teatros que tinham renunciado ao conceito de "espetáculo". Ora, Tairov não ecreditava nem na poesia descritiva, nem na pintura literária, nem num teatro similar a uma sala à qual, quem sabe para quê, tivessem extraído a quarta parede.

Tairov não negava nem a importância do autor, nem a função do cenógrafo, mas queria que todos os elementos cênicos estivessem subordinados a uma única coisa: ao teatro.

Em primeiro lugar, pagou o seu tributo ao decadentismo: pôs em cena *Salomé.* Foi o único a deixar-se atrair por essa obra. Tairov representou-a em 1917, Mardzhanov em 1919. Ninguém recordou depois a Mardzhanov os seus pecados, enquanto a Tairov não se quer perdoar a *Salomé.* Contudo, em seu tempo, muitos foram contagiados pelo decadentismo. Ouvi, em 1909, Lunatchárski declamar com entusiasmo os versos mais decadentes de Bálmont. Briussov não só escreveu, na juventude, poesias de tipo erótico-decadente, não só dependurou na parede o retrato de Rops, mas se entusiasmou pelas poesias de Ígor Sievieriánin, o qual, embora autodefinindo-se "egofuturista", era um poeta decadente de cabeleireiros e galãs de poucas pretensões. No palco do Teatro de Arte se via um personagem decadente, *Alguém de cinzento,* que como um ventríloquo na feira

anunciava: "Nasceu um homem". No pequeno se representava a famigerada *Salomé*. Tudo isto foi bem cedo esquecido. Mas existem homens que, evidentemente, nascem sob uma má estrêla. Tairov cumpriu um longo e complicado caminho criador, mas até quando jazia no ataúde, nos seus funerais civis, alguém lhe exprobava ainda, lendo o discurso fúnebre, os erros de uma época...

Quando lhe pediam para contar ou escrever algo sôbre sua vida, êle começava a fazer o elenco dos seus espetáculos: êste homem tinha uma única paixão. Não se pode falar dêle sem falar do Teatro de Câmera. Era um teatro magnífico, mas também êle nascido sob uma má estrêla. Antes de mais nada o haviam batizado mal. (Tive ocasião de encontrar muitas pessoas destinadas a sofrer porque os pais lhes haviam impôsto um nome pretensioso ou cacofônico: o terno menino Tito, o esperto engenheiro Caim, a graciosa menina Constituição). Em 1914 a expressão "de câmera" soava como "estúdio", quase a querer indicar que um jovem teatro, pleno de sonhos ambiciosos, não pretendia absolutamente alcançar um sucesso de caráter comercial. O nome ficou para sempre, e por trinta anos os seus inimigos tinham probabilidade de êxito ao dizer: "De câmera significa íntimo, caseiro, um teatro para iniciados, de bom gôsto". (Muitos não chegavam a compreender o motivo daquele nome. Aleksandr Iakovlevitch contava que, numa cidade em que o teatro estava dando representações, lhe perguntaram antes do início do espetáculo: "Tens sòmente *kamerniki*[1] ou também atôres normais?", supondo que tivesse a representar um elenco de encarcerados).

Tairov era, no entanto, estimado e defendido por muitos: por Lunatchárski, por velhos atôres do Pequeno, por M. Koltsov no *Pravda* e por muitos espectadores normais. Lunatchárski, entusiasta de *Fedra,* escrevia que sob muitos aspectos o Teatro de Câmera se aproximava do velho teatro da metade do século XIX, o "magnífico Karatygin". Já contei quanto me havia feito rir o velho ator francês Mounet-Sully, que sem dúvida recitava como o russo Karatygin. Quando eu zombava das recitações de Mounet-Sully, era ainda um rapaz que não sabia o que era a arte. Passaram-se vários anos e tive ocasião de ver Alisa Koonen em *Fedra*. Desta vez não ri. Havia reconhecido

* Isto é, reclusos, de *kamera,* que significa também cela carcerária.

a plenitude da arte que nos dá um senso de leveza e, também, de mêdo. (Talvez experimentem algo de semelhante os homens que subirem, pela primeira vez, além da esfera da gravidade terrestre).

Pude assistir aos espetáculos do Teatro de Câmera em Paris e Berlim e fui testemunha do entusiasmo do público. Tairov ousou representar na França a *Fedra* de Racine e venceu. Antoine e Picasso, Léger e Gémier, Cocteau e Jean Richard Bloch se exprimiam em têrmos entusiásticos sôbre os espetáculos do teatro de Tairov. No Japão, os atôres do Teatro Kabuki recordam ainda hoje Tairov. Dir-se-ia que poucos artistas tenham dado uma contribuição tão importante ao que hoje os jornais definem como "o desenvolvimento das relações culturais".

É impossível imaginar o Teatro de Câmera sem Alisa Koonen. Esta mulher boa, cordial, em cena dilacerava o coração dos espectadores; quem a viu uma vez recorda-se de seus olhos, das mãos, da voz. Quase tinha vindo de outra época para o teatro, não conhecia passado nem futuro. Grandes eram os homens, grandes eram os fatos, mas quando em milhares de teatros se elevava o pano de bôca, em cena se afanavam, agitando-se, sòmente ingênuos, amadores, caricatos, cômicos, argumentadores. Mas depois, de repente, apareceu uma atriz trágica numa época a que ninguém poderia chamar de comédia dos costumes ou de drama familiar.

Na vida, Aleksandr Iakovlevitch não parecia verdadeiramente um ator, falava de maneira simples, reservada, não perdia nunca o domínio de si. E mesmo nos dias de uma grande dor o vi aparecer, como sempre, no palco; diante dos atôres era o habitual Tairov calmo, bem barbeado, impassível.

Admito não ser um homem de teatro, mas não consigo esquecer muitos espetáculos do Teatro de Câmera, desde a longínqua *Princesa Brambilla* até a *Madame Bovary,* representada em 1940. Por êsses espetáculos sou reconhecido a Tairov e a Koonen: foram muitas vêzes, para mim, esteio moral com a sua arte. Muitas vêzes também me ajudaram com a sua amizade; eu conhecia a entrada de serviço do Teatro de Câmera, o apartamento em que viviam. Qualquer ofensa era mitigada pela sua solidariedade e pela sua compreensão.

Em 1949, Tairov foi mandado trabalhar em outro teatro. Era um homem disciplinadíssimo, esperava que lhe dessem trabalho, mas não teve um só encargo.

Em um livro, escrito muito tempo antes, recordando o início da sua própria atividade teatral, Tairov havia dito: "Quando, finalmente, nas ruas de Moscou apareceram os primeiros anúncios com dizeres *Teatro de Câmera,* pedimos aos transeuntes que lessem em voz alta, para poder-nos convencer de que aquilo não era uma simples miragem". Durante as últimas semanas de vida, Aleksandr Iakovlevitch, já enfêrmo da mente, saía às escondidas de casa. Preocupados com êle, os seus familiares o seguiam, para verem aonde ia. Chegava até um certo muro, sôbre o qual estivessem colados anúncios teatrais, e começava a examiná-los atentamente. Mas anúncios do Teatro de Câmera não havia...

25

Uma vez, no inverno, tendo saído para arranjar algumas fôlhas de papel, experimentei escrever um romance, com que sonhava havia muito tempo; mas, escritas algumas linhas, rasguei a fôlha. O tempo não era favorável aos romances. Não se tratava simplesmente do frio e da fome, embora, confesso-o, muitas vêzes sonhasse com um pedaço de carne. Não se tratava tampouco das várias reuniões, que duravam jornadas inteiras. O romancista não é uma estenógrafa, tem necessidade de recompor-se, de meditar, de afastar-se alguns passos (ou alguns anos) daquilo que deseja escrever.

Creio que, nos anos 1920-1921, na Rússia, não tenha sido escrito nem um romance. Aquêles eram anos de versos e manifestos literários. Estou pensando na história da minha geração, em Seifullina, em Furmanov, Lavrenev, Paustovski, Malishkin, Fedin, Bábel, Tinianov, Pilniak. Tinham sido desmobilizados, receberam encargos de várias espécies, transferiram-se de um lugar para outro, corrigiam artigos alheios, participavam de reuniões, faziam conferências. Quase todos sòmente mais tarde se prepararam para escrever obras de fôlego.

Um romance, sofrido, pensado mas não escrito, pode fazer enlouquecer. Parecia-me bastante sentar-me num café qualquer de Paris, ordenar um café a um garção qualquer, pãozinho recheado, papel, e o meu livro estaria já escrito.

Eu queria escrever um romance satírico, mostrar os anos pré-bélicos, a guerra, a revolução; mas o último capítulo estava ainda envôlto na neblina. Por mais que me esforçasse não conseguia imaginar o que teria feito a gente do Ocidente, enquanto os russos reprimiam, queimavam, projetavam, combatiam em dez frentes, passavam fome, contraíam tifo e deliravam pelas coisas futuras. Dizia-me que era necessário fechar o círculo e depois dar uma olhada na Paris de após-guerra.

(Pensava muito no livro, mas não sòmente nêle. A minha juventude havia transcorrido em Paris; eu havia aprendido a amar aquela cidade, ali tinha deixado muitos amigos e, às vêzes, confesso, sentia nostalgia).

Uma vez falei de tudo isto com um velho amigo dos tempos da organização bolchevista clandestina, falei-lhe, não como de um real desejo, mas antes como de um sonho, e me maravilhei muito quando me convocaram ao comissariado das relações exteriores e me convidaram para encher um formulário.

Embora vivesse no Terceiro Hotel do Comissariado do Exterior, não havia jamais pôsto pé no edifício ao qual tinha levado, no outono, aquêles pacotes cobertos de sinetes. Não sei de que se ocupavam os numerosos colaboradores daquele comissariado (alguns eu encontrava pelos corredores do hotel). Mantinham certamente reuniões. Naquela fase, em verdade, quase não existiam relações diplomáticas com outros países. Uma vez empenhados nas suas tentativas de abater o poder soviético, os governos das potências ocidentais buscavam convencer, senão a si próprias, pelo menos os outros, de que a Rússia não existia. (A república alemã reconheceu a União Soviética sòmente em 1922, a Inglaterra e a França em 1924, os Estados Unidos em 1933).

Na sala de espera do Comissariado do Exterior agitava-se uma mulher, não mais jovem, porém plena de temperamento. Depois de ter metido em apêrto o secretário do Comissário do Povo, quem sabe por que se agarrou comigo: "Não têm o direito! Pode perguntar a qualquer advogado. Eu tenho o passaporte suíço, não permito que me tratem dessa maneira!... Não sou uma burguesa, tenho trabalhado como governanta e por isso peço ser protegida. Certo, tenho economias em ouro, não sou louca de guardar pedaços de papel, que cada dia que passa valem sempre menos. Escreverei a Berna, não deixarei as coisas

neste ponto..." Livrei-me dela com dificuldade e comecei a preencher o meu formulário.

À pergunta sôbre qual o motivo da minha viagem ao exterior, respondi: "Quero escrever um romance". O secretário sorriu e me compeliu a escrever tudo desde o início; ditou-me a seguinte resposta: "Missão artística".

Passaram-se algumas semanas, após o que o comandante do hotel, companheiro Adão, me disse que eu estava convocado à Tcheka: ante a minha compreensível emoção, apressou-se a acrescentar: "Pela entrada principal, pelo companheiro Mendzinski".

V. R. Mendzinski, doente, estava deitado sôbre um catre demasiado curto. Julguei que me perguntaria se eu tinha algo a ver com os homens de Wrangel; no entanto, me disse ter-me visto em Paris e quis saber se ainda escrevia poesias. Respondi que tinha a intenção de escrever um romance satírico. Visto que se falava de literatura, manifestei-lhe algumas de minhas dúvidas: publicavam-se demasiadas poesias banais, enquanto não se ouvia mais a voz de Blok... Mendzinski ora sorria anuindo, ora se zangava. Pensei: êste homem tem muito que fazer, além do mais sente-se mal e estou aqui a discutir como se nos encontrássemos na Casa da Imprensa... Mendzinski me disse: "Quanto a nós, pode muito bem sair, mas não sei o que pensarão disso os franceses..."

Foi-me dado um passaporte para o estrangeiro com o visto letão; um outro passaporte do mesmo tipo foi outorgado à minha mulher.

Era uma límpida manhã primaveril. Os montes de neve diminuíam a olhos vistos, derretiam-se. A água gotejava dos tetos. Em tôrno ressoava a gritaria dos pirralhos.

A primavera de Moscou é deveras extraordinária. Os habitantes do bem-aventurado sul não conhecem nada semelhante; não se trata de uma mudança normal de estação, mas de um fato excepcional na vida de cada homem; e embora a Moscou de hoje se pareça muito pouco à por mim vista em 1921, as primaveras são sempre aquelas, semelhantes uma à outra, e cada uma delas não se parecendo a nada, nem a ninguém. É preciso viver um longuíssimo inverno, acender a luz quando se desperta, em dezembro padecer um grande frio, ver a terra continuamente envolta em um sudário branco, sentir-se cegar em março pelas tormentas, para poder apreciar realmente

o degêlo, o rompimento da crosta gelada, esta espécie de festa da mutação celebrada pela vida.

Exatamente num dêsses retumbantes dias, plenos de sol, retornando à Côrte dos Príncipes com o passaporte para o exterior, comecei a pensar que estava para partir...

Era difícil separar-se da vida de Moscou; talvez porque esta vida fôsse muito difícil. Depois que Meierchold foi-se embora da Teo, as reuniões no seio da seção de teatro para a infância, durante as quais continuávamos a elaborar, por fôrça da inércia, os mais variados projetos, tinham começado a parecer-me absurdas. Era muito mais inteligente tentar escrever um romance. Todavia, eu sentia quanto era difícil partir: compreendia que a vida estava ali, em Moscou...

Naquele mesmo dia, ou alguns dias depois, não me lembro bem, mas de qualquer maneira pouco antes da partida, tratei longa e insistentemente de convencer a mim mesmo: era tempo de tirar tudo a limpo!

"Tirar tudo a limpo", eis uma das últimas ingenuidades da mocidade que se dissipa. Não sabia ainda que não me seriam bastante nem uma hora nem duas horas para perceber a importância daqueles anos, durante os quais eu havia corrido pra cima e pra baixo pelas pouco acolhedoras ruas de Moscou, através da Rússia estraçalhada e desmembrada, durante os quais eu havia educado crianças "deficientes", havia discutido sôbre a "arte de esquerda", me havia desesperado, gracejado, passado fome, esforçado de todos os modos para conseguir um pouco de pão ou de tabaco. Então todos nós falávamos, em verso ou em prosa, de uma "época histórica". Mas vivendo o dia-a-dia, não se chega a perceber a época: as árvores escondem a vista do bosque, e o bosque não permite observar uma árvore isoladamente.

Agora gostaria de volver atrás, meditar um pouco sôbre o enrêdo de dúvidas e de esperanças.

Já disse que a história não se faz sôbre ordenações; e nem se faz segundo a perfeita lógica que representa a fôrça da ciência. Quando jovem, tinha ouvido dizer, mais de uma vez, no círculo de P. G. Smidóvitch, que a via para o socialismo será aberta pelo proletariado dos países industrializados mais avançados.

Em 1946, um operário que vivia na "Mirgorod de ferro" ou, para ser mais preciiso, em Detroit, me disse: "Por que não

fazes mais do que falar de capitalistas, de monopólios americanos, de exploração? Pensas acaso que não o sabemos? Sim, nós o sabemos, mas nós, com os nossos capitalistas, vivemos melhor do que vivem os teus sem capitalistas..." Falta de consciência de classe? Certamente. Mas não é tudo: aqui se nota uma atitude diversa nos confrontos da vida, o culto do bem-estar, o mêdo à iniciativa, aos sacrifícios, ao ignoto.

Seja como fôr, o primeiro Estado em que a revolução socialista conseguia triunfar era a Rússia com a sua indústria atrasada. Dois de cada três cidadãos da jovem república soviética, no lugar da assinatura, traçavam uma cruz. Em 1918, tive ocasião de passar certo período em alguns povoados na província de Moscou e de Tula. Nas isbas não era difícil encontrar poltronas acolchoadas, gramofones, até pianos, levados das casas senhoriais ou adquiridos pelos cidadãos em troca de um saco de batatas. Mas os homens viviam ainda a vida do campo pré-revolucionário, descrita por Tchekhov e por Búnin. Havia muita crueldade, muita ignorância. Queimavam-se bibliotecas, odiavam-se os cidadãos ("êsses vagabundos"), alguns se compraziam com o fato de que as cidades morriam de fome. Talvez isto explique, em parte, a confusão que reinava na cabeça de certos intelectuais e que encontrava desabafo nos artigos de Górki.

A juventude, chegada à cidade no vórtice dos acontecimentos, assimilava fàcilmente as idéias simplistas dos extremistas do Proletkult, dos futuros *napostovtsy*[1]. Mais de uma vez me tocou ouvir dizer: "Por que fazê-la tão longa?... Os intelectuais estão todos podres... Leste os jornais? Então, que mais querem?... Os porquês e os como são tôdas conversas burguesas... Inútil quebrar a cabeça..."

No outono de 1920, Lênin dirigiu aos jovens comunistas as seguintes palavras: "Se um comunista vangloriar-se do comunismo à base de conclusões preestabelecidas, sem um longo, difícil e seríssimo trabalho preparatório, sem ser orientado dentro dos acontecimentos, que êle tem o dever de considerar crìticamente, êste comunista não seria certamente grande coisa. E a sua presunção seria decididamente ruinosa".

Falei da sêde de conhecimento da qual se sentiam então tomados milhões de rapazes e môças. O povo havia aberto a cartilha. É mister, pois, dizer algo também daqueles que ensinavam o alfabeto, que proferiam palestras sôbre história e geologia, que salvavam os livros das chamas, tutelavam os edifícios dos museus e, talvez passando mais fome que qualquer outro, defendiam a cultura: é preciso dizer alguma coisa também da 'intelligentsia" russa. Não aludo, certamente, à fração que havia encontrado refúgio no estrangeiro, buscando, depois, daqueles asilos seguros enlamear o seu povo, mas da intelligentsia" que, embora aceitando a revolução de outubro, sentia-se ao mesmo tempo cheia de dúvidas. Relendo os primeiros contos de Vsevolod Ivanov, Malishkin, Pilniak, N. Ogniev, os primeiros versos de Tichonov, vê-se claramente como tais dúvidas derivavam daquele desejo de enfrentar crìticamente os acontecimentos, de que falava Lênin.

Na praça Strastnaia estava colado um cartaz: "Viva a eletrificação!" Sob êste cartaz um dia Iessiênin me recitou o monólogo de Pugatchóv: "Oh Ásia, Ásia! Paisagem azul coberta de sal, de areia e cal. A lua no céu se arrasta, com um ranger de roda, lenta como a carrêta de um quirguizo[1], mas se alguém soubesse como se precipitam, tumultuosos e altivos, os rios montanhosos de lã amarela! Será por isso, talvez, que se ouve o silvar das hordas mongóis, pleno de tudo quanto de perverso e de selvagem há no homem? Já de há muito, oh sim, de há muito vivo ocultando o meu desejo de me transferir lá para baixo, para os campos dos nômades, para emboscar, com as hordas de pômulos reluzentes, prontas a golpear, na soleira da Rússia, como a sombra de Tamerlão". Os versos eram belos. Mas agora não penso nos versos. Bandos armados perambulavam pelo país; nos vilarejos se disparava contra as repartições dedicadas às requisições; os campos não eram semeados; junto às estações vagava a infância abandonada. As cidades eram prêsas da fome, a mortalidade crescia ràpidamente.

Ora, tudo isto parece já sepulto em um remoto passado. A "Ásia azul" está se industrializando a olhos vistos, com a ajuda da União Soviética. Se no fim dos anos trinta alguns políticos do Ocidente definiam o nosso Estado como um "colosso de pés de barro", bem cedo tiveram de convencer-se de que os pés do "colosso" eram de boa qualidade.

1 Da revista *Na postu* (De sentinela).

1 Natural de Quirguiza, república federada da U.R.S.S. (N. do T.)

Recentemente me foi contada uma historieta que circula em Nova Iorque. Um americano diz a um seu amigo: "Que horror! Dizem que os russos roubaram os segredos da nossa indústria atômica". E o amigo responde: "Mas é magnífico! Agora ficarão atrasados cinco anos".

Neste verão, no meu jardim, floresceram magníficas rubiáceas, grandes e vívidas como as estrêlas dos antigos mosaicos; eu havia adquirido as sementes em Paris, do célebre Vilmorin, e traziam um nome russo: "Sputnik".

Quando vejo Moscou, custa-me acreditar que esta seja a mesma cidade na qual passei a minha infância. Quando vou de carro na direção de Vnukovo, tôda vez fico surpreendido: já não surgem mais casas, mas imensas avenidas, quarteirões inteiros.

Certo, entre nós sabem fabricar um avião a jato melhor do que uma panela comum; mas apreenderão também a fazer as panelas. O fato é que, hoje, os homens políticos do Ocidente não fazem mais que falar dos pés "balísticos" do colosso de barro.

Por natureza pertenço àquela espécie de homens definidos como "o incrédulo Tomé". (O adjetivo poderia engendrar uma confusão de idéias: Tomé era muito crente e, segundo a lenda cristã, padeceu com firmeza o martírio, mas não acreditava em simples palavras, queria verificar diretamente o que lhe era narrado, vale dizer, enfrentar crìticamente os fatos). Nos anos de que estou falando (1920-1921), nutria muitas dúvidas, que, todavia, eram bem diversas dos falatórios daqueles para os quais a Rússia estava a ponto de desmoronar-se, à espera da chegada dos *variagi*,[2] portadores da ordem, e que tudo desembocaria num regime liberal-burguês moderado. De uma única coisa eu estava certo: do triunfo do nôvo sistema social.

O teor da vida era horrível: ou polenta de milho ou peixe sêco, o encanamento d'água em pedaços, frio, epidemias várias. Mas eu (como todos os meus amigos) sabia que um povo, capaz de levar a melhor sob a intervenção estrangeira, também seria capaz de levar a melhor sôbre o caos econômico. Alguns meses depois comecei, decididamente, o meu primeiro romance. Júlio Jurenito, ao falar da extraordinária cidade do futuro, tôda

2 Tribo normanda da qual, segundo as antigas crônicas, descenderiam os primeiros príncipes russos.

em vidro e aço, dotada de uma organização perfeita, exclama: "Será exatamente assim! Aqui, nesta Rússia miserável, esfacelada, posso falar a respeito, já que a construir não estão aquêles que têm muita pedra, mas quem decidiu cimentar com o próprio sangue estas gigantescas pedras..."

As minhas dúvidas nada tinham com o edifício, mas com os homens que nesse edifício deveriam morar. Numa obra teatral de Iúri Oliecha, a protagonista prepara dois elencos: num registra as "boas ações" da revolução, no outro os seus "delitos". Depois reconhece o próprio êrro e a obra toma o título: *O elenco das boas ações*. Não compilei elencos, nem no papel, nem mentalmente: a vida é mais complicada que a simples lógica, muitos delitos podem conduzir a algo de bom, e existem boas ações grávidas de delitos.

Quando se fala das zonas de sombra da nossa vida, a definição mais fácil é: "Sobrevivência do capitalismo". Às vêzes é justa, às vêzes, não. Uma luz violenta faz ressaltar demais as sombras e do bem podem derivar algumas conseqüências desagradáveis. Tomemos o exemplo mais típico: a burocracia; dela falava, em seu tempo, Lênin, e quarenta anos depois continuam a comentá-la os nossos jornais. A hidropisia do papelório, a hipertrofia dos que registram, discutem, controlam, "cimentam", são simples sobrevivências? Esta doença — que afinal pode e deve sem mais desaparecer — não será talvez devida ao desenvolvimento da organização, do cálculo, do contrôle sôbre a produção, isto é, fenômenos progressivos e justos?

Recordo uma jovem incumbida da limpeza, no Instituto de Química Militar, uma jovem do interior, que cantava a seguinte quadrinha: "Mas que maçada! Vou à privada sem a mínima licença. Peço-a cá e lá mas ninguém me dá". Ia rir, ouvindo-a, mas depois me pus a pensar.

Um operário sabe bem que uma máquina, mesmo a mais complicada, foi fabricada por um homem e serve aos homens. Em 1932, encontrava-me no estaleiro do complexo industrial de Kuznetsk. Gente vinda do campo observava as máquinas ou com ódio, ou com uma espécie de temor reverencial; alguns provocavam danos; se a máquina não funcionava devidamente, empurravam com raiva as alavancas, como teriam feito no meio do campo impelindo uma carroça arruinada; outros chamavam, com respeito, um alto-forno de "Ivan Ivanovitch", um forno Martin de "tio Martin".

Naturalmente, eu pensava antes de tudo no destino da arte. O diagrama, exposto no estúdio de Briussov, me havia não sòmente maravilhado, mas também assustado. Aqui a literatura se exprimia em quadrados, círculos e losangos, vale dizer, em outros tantos parafusos de uma enorme máquina.

Um dia falei das minhas dúvidas a Lunatchárski. Êle me respondeu que o comunismo não deveria conduzir à uniformidade, que a criação do artista não pode ser calcada num modêlo único. Anatoli Vasilievitch dizia que há *derdzimorda,*[1] incapazes de compreender a natureza da arte. Um ano depois escreveu um artigo para a revista *A estampa e a revolução,* no qual usou a mesma definição; afirmando que em período de transição é indispensável a censura, assim prosseguia: "Mas se um homem afirmasse: "Basta com todos êsses preconceitos sôbre liberdade de palavras; o nosso ordenamento comunista exige que a literatura tome as diretrizes do Estado; a censura não é uma infame característica de um período de transição, mas é congenial a uma bem regrada vida socialista"; aquêle que quisesse tirar disso a conclusão de que a crítica deva transformar-se numa espécie de denúncia, ou conduzir ao nivelamento de tôdas as obras de arte, obrigadas a formas revolucionárias de feitura primitiva, êsse homem demonstraria sòmente que nêle, sob o verniz comunista, coçando um pouco, se encontra a substância de um Derdzimorda e que, há pouco chegado ao poder, não soube exprimir mais que o prazer de galgar posições para matar, para fazer caprichos e, sobretudo, para tomar e não para dar..."

A revista *Na postu* não existia ainda. Ainda se organizavam, contemporâneamente, mostras de pintores de várias correntes, de Bródski a Malevitch. Ainda se enfurecia Meierchold pouco distante do Teatro da Arte, mas eu continuava a ver bem diante dos olhos o diagrama com todos os losangos.

Comíamos com uma certa precaução, como se fôsse peixe, a nossa ração de pão duro e azêdo. Polonskaia escrevia: 'Entristece-me pensar que não seremos mais capazes de apreciar os dóceis, devotos, silenciosos amigos: os pés de bétula, o punhado de sal, a bilha cheia de leite e os pobres frutos de uma terra mísera e ingrata..."

[1] Indivíduos de marcada tendência policialesca, do nome de um personagem de *O inspetor geral,* de Gógol, o policial Derdzimorda.

Naqueles anos éramos todos uns românticos, embora nos envergonhássemos desta palavra.

Eu não polemizava com o tempo mas comigo mesmo. Havia muita confusão nos meus pensamentos. Era favorável à estética industrial, à economia planificada, odiava o caos, a hipocrisia, os ouropéis do capitalismo (que eu não havia conhecido sòmente dos livros). Mais de uma vez, porém, ocorria-me perguntar a mim mesmo o que aconteceria, numa sociedade nova, mais racional e mais justa, com a variedade dos caracteres humanos; as máquinas perfeitas, por mim tão exaltadas, não substituiriam a arte, a técnica não suprimiria sentimentos, às vêzes desordenados, mas tão caros aos homens?

Quarenta anos depois fiz publicar na *Komsomolskaia pravda* a carta de uma jovem de Leningrado que falava de um ótimo engenheiro, pleno de desprêzo pela arte, indiferente à tragédia de Glezos, árido nos encontros com a mãe e os amigos, convencido de que, no século do átomo, o amor é um anacronismo. No mesmo jornal li a carta de um especialista em cibernética,[2] que escarnecia da jovem ainda capaz de "chorar com o travesseiro" e de todos os que na nossa época ainda admiravam a música de Bach ou a poesia de Blok.

Muitas de minhas dúvidas em 1921 eram ingênuas e se desvaneceram diante da vida; muitas, mas não tôdas...

Mais que tudo eu temia a indiferença, a mecanização, não da produção, mas dos sentimentos, a esterilização da arte. Eu sabia que a floresta cresceria e pensava no destino da viva, tépida árvore, com o complexo sistema de suas raízes, com os seus ramos caprichosos, com os anéis do alburno.

Talvez pensasse dessa forma porque, aos trinta anos, eu me preparava para prestar os exames para obter o direito de ser chamado escritor. Naturalmente, não sabia que dificuldades me esperavam, mas me dava conta de que não se tratava sòmente de saber construir um romance ou de cinzelar uma frase. Numa de suas cartas Tchekhov proclamava que o dever do escritor é o de intervir em defesa do homem. Parecem palavras fáceis, mas pô-las em prática é muito difícil...

[2] O engenheiro Poletaiev, autor de um conhecidíssimo livro sôbre cibernética.

26

O tempo transcorria rápido, os trens caminhavam lentamente. Quiseram que chegássemos antes a Riga, e assim houve tempo para pensar em muitas coisas.

No compartimento junto ao nosso tinham tomado lugar os nossos correios diplomáticos. Dei uma olhada nos sacos com os seus selos de lacre e sorri. Tínhamos sòmente uma surrada maleta, levando as revistas *Unovis, A arte da Comuna, A palavra artística,* livros de Maiakóvski, Iessiênin, Pasternak.

Quando finalmente chegamos a Sebezh, um correio diplomático nos disse: "Companheiros, breve atingiremos a fronteira letã. Ali haverá um restaurante, mantenhamos alto o prestígio soviético, não nos lancemos ao alimento como esfomeados!..." Decidi não sair do vagão.

Chegamos a Riga à tarde e, depois de ter deixado a maleta numa hospedaria, disse a Liuba: "E agora, ao restaurante..." Olhava em volta como se estivesse num encontro clandestino. Quiçá, talvez alguém pudesse dizer: veja, apenas chegou, aquêle cidadão soviético vai logo comer...

Não sei se as porções eram particularmente abundantes ou se tínhamos perdido o hábito de comer: o fato é que não consegui mandar para dentro nem meio bife. Senti-me triste: eis-me diante de um pedaço de carne longamente sonhado, e não conseguira tragar mais que um bocado.

Não era fácil aplacar uma fome de natureza psicológica. Após ter comido, parava junto à vitrina de uma padaria ou de uma casa de frios a olhar os pãezinhos de várias formas, salsichas, pastéis de carne, exatamente como faria um amador de objetos antigos e de bibelôs raros diante da vitrina de um antiquário. Estudava os cardápios expostos à entrada dos numerosos restaurantes; os nomes das iguarias soavam aos meus ouvidos como versos de uma poesia.

Para poder demonstrar aos franceses que eu já havia vivido em Paris, levava comigo o passaporte que me fôra outorgado em 1917 pelo representante do govêrno provisório. O documento estava surrado e parecia uma peça de museu. Quando exibi ao cônsul francês o meu passaporte soviético, teve um gesto como que lançando a mão para trás, como se lhe tivesse oferecido um ferro de engomar em brasa. Leu o meu velho e amarrotado

passaporte, depois disse com ar de desgôsto: "Eras um emigrado político? Não é uma bela recomendação..." Perguntou-me de que me ocupava em Moscou e por que queria vir para Paris. Respondi, calmamente, que durante os últimos meses havia ajudado Durov a amestrar coelhos, enquanto em Paris tencionava escrever um grande livro. O cônsul me disse em tom severo: "Não creio que o escrevas em Paris".

Enviei cartas aos meus amigos que viviam em Paris: pedia-lhes que me ajudassem a obter o visto. Entrementes, eu havia saciado a minha fome e não me detinha mais a contemplar as várias qualidades de salame. Em Riga não conhecia ninguém. Começaram a cair freqüentes chuvas frias. Um dia veio ver-me um homem de ar triste, dizendo que tencionava abrir uma casa editôra, que queria publicar autores soviéticos, mostrou-me vários manuscritos e comprou a minha coleção de versos *Meditações*. Às vêzes eu dava uma voltinha pela nossa embaixada, lia o *Pravda,* discutia com o secretário, ao qual agradavam os imaginistas. O cônsul francês me respondia sempre: "Como pensava, para você não há nada..."

Os vistos chegaram quando já tinha perdido tôdas as esperanças. O cônsul francês recusou decididamente o visto em nossos passaportes soviéticos, concedendo-me, ao invés, salvo-conduto. O cônsul alemão admirou-se muito ouvindo dizer que eu, cidadão soviético, havia recebido o visto francês. Isto lhe pareceu suspeito e disse que não me podia deixar transitar pela Alemanha. Tivemos que escolher um itinerário deveras complicado: em vapor, até a cidade livre de Dantzig, depois por mar até Copenhague, e, em seguida, através de Londres até Paris.

Em Dantzig nos deixaram desembarcar. Na ruas estreitas, medievais, da cidade se apinhavam especuladores que traficavam em moedas de vários países.

Os dinamarqueses nos detiveram e nos fizeram sair de carro. Pensei que nos levassem para a prisão, mas nos conduziram a um banho público e, enquanto nos lavávamos, as nossas roupas foram desinfetadas. A coisa não era difícil de se explicar: na Rússia grassava ainda o tifo. Em Londres os policiais me tomaram por louco sòmente porque, à pergunta de como havíamos conseguido fugir da Rússia, respondi que havíamos partido munidos de passaporte regular para o exterior.

Nas partes sucessivas de meu livro contarei da vida na Europa ocidental durante os anos que se seguiram à primeira guerra mundial; porém, enquanto viajava de Moscou a Paris, não observava o que ocorria ao redor, tinha algo bem diferente na cabeça. Embora conhecesse bem o Ocidente, tudo me aturdia. Havia demasiados objetos à venda, os homens me pareciam adormecidos e indiferentes.

Estávamos em Copenhague no dia primeiro de maio. Pelas ruas desfilou uma ordenada demonstração. A gente caminhava e mastigava pãezinhos recheados. Diante do palácio municipal, pombos demasiado gordos pareciam não querer levantar vôo. No palácio real estavam grupos de sentinelas levando na cabeça altíssimos gorros. Nos quarteirões operários a gente lotava as lojas, evidentemente muito mais interessada em comprar margarina, que então estava na moda, do que em liquidar com o capitalismo.

Também em Londres havia um palácio, com sentinelas de enormes gorros. Em Hyde Park um tipo es esgoelava explicando aos transeuntes que em Fiume e em Vilna haviam sido violados os direitos do homem e que os britânicos tinham a obrigação de tutelar a liberdade. Lembrei-me dos soldados inglêses nas ruas de Feodosia e segui adiante.

Finalmente cheguei à Rotonde. Tudo estava como antes. Um pintor, depois de me saudar, disse: "Há muito que não o vemos. Estêve fora?" e, sem sequer esperar a resposta, começou a me contar os mexericos locais.

O dono da hospedaria Nizza, onde havia vivido muitos anos, voltara ileso da frente. Abraçamo-nos como bons amigos.

Sim, tudo estava como antes. Mas eu estava diferente... Percebi a mudança operada em mim sòmente quando entrei na Rotonde. Coisas que antes me pareciam de todo normais agora me surpreendiam e, às vêzes, me irritavam. Paris era magnífica; cheio de admiração, eu ia zonzo pelas margens do Sena, visitando os lugares em que passara a minha mocidade. Sentia-me à vontade na cidade, muito menos com os seus habitantes. Não sabia como fazer para explicar-lhes o que se havia passado entre nós, na Rússia.

Eu havia partido de Paris num verão de duros combates e era-me difícil compreender que os parisienses tivessem esquecido, como parecia, os anos de guerra; sòmente os volantes

das companhias de turismo rememoravam o recente passado: "Excursões baratas a Verdun. Visita aos campos de batalha".

Um jornal anunciou o seguinte concurso: "Qual é o marechal mais amado dos franceses?" Nas ruas os homens andavam vestidos de modo estranho: paletós apertados na cintura, o peito estufado; morigerados pais de família tomavam o ar de pederastas. Vi os primeiros foxtrotes; as parelhas se mexiam como bonecos mecânicos.

Tudo isto que narro é típico não tanto da Paris de 1921, quanto do meu estado de ânimo. Escrevi versos cheios de arcaísmos, que me seduziam sempre, malgrado o meu entusiasmo pela "arte de esqueda": "...Sim, país meu, sem meias medidas fizeste uma fogueira das ninharias acumuladas pelos séculos. A cinza já está fria, lívida, não aquece mais as obscuras cavernas. Sim, verdadeiramente é melhor o radiador... Portanto, Ehrenburg, tu que estás em Paris, traduze em odes impecáveis êsse generoso bem-estar. Mas a língua da Rússia é selvagem, triste, e não poderá um russo exaltar a jornada do triunfador, que voa na sua Ford, para cancelar o sabor da morte com o dos tartufos".

Porém, havia também russos prontos a exaltar os "munificentes donos da casa". Os emigrados não sabiam ainda qual seria a sua sorte em terra estrangeira. As paixões da guerra civil não se haviam ainda aplacado. Em Paris publicava-se o jornal de Burtsev *A causa comum,* no qual a Rússia era constantemente chamada *sovdepia.*[1] Recordo que um comunicado aparecido nesse jornal dizia: as feras do jardim zoológico de Moscou, que ficaram vivas, são alimentadas com os cadáveres dos fuzilados. Zinaida Hippius acusava todos os que tinham ficado na Rússia de "serem vendidos aos bolcheviques"... Haviam-se vendido Blok, Biéli, até A. F. Koni... Búnin, a quem encontrara na casa de Tolstói, não quis sequer falar comigo. Aleksiéi Nicoláievitch murmurava, cheio de confusão e ternura: "A ti, Ilia, rechearam o crânio de idiotices..." Apenas dizia ter saído da Rússia com passaporte soviético, os emigrados me viravam as costas, uns cheios de ódio, outros de mêdo.

Os ex-freqüentadores da Rotonde me acolheram amigàvelmente; digo "ex" porque a velha Rotonde não existia mais,

[1] Intencionalmente depreciativo, de *sovdep,* soviete dos deputados dos operários, dos soldados e dos camponeses.

dei-me conta disso dois ou três dias após a minha chegada a Paris. Não havia mudado sòmente o proprietário do café, estava mudada a época. Os turistas estrangeiros tinham suplantado poetas e pintores. A vida absurda, quase miserável, dos anos passados tornara-se um estilo para gente da moda, que bancava boêmia. Em tôrno à Rotonde e a outros cafés, velhos e novos, buscavam abrigo alguns veteranos e se apresentavam os novatos. No café Dôme encontrei alguns velhos amigos: Fotinski, Diego Rivera, Marevna, Tchádushkin. Às vêzes aparecia pela Rotonde Léger. No café Select sentavam-se jovens americanos; eu não sabia quem eram e muitos anos depois, conhecido Hemingway, soube que exatamente no Select êle havia concebido o seu primeiro romance.

Eu falava das exposições de Moscou, dos espetáculos de Meierchold, recitava de memória Maiakóvski, Iessiênin, Pasternak.

Picasso me abraçou e declarou logo: "Sabes, o meu lugar é lá. Que estou fazendo na França de *monsieur* Millerand?" Albert Gleizes me contou que havia exposto recentemente um painel intitulado "Projeto de afrêsco para uma das estações de Moscou". Léger sonhava poder trabalhar num teatro de Moscou; Diego Rivera me perguntava como fazer para conseguir entrar na Rússia. O poeta André Salmon me recitou um poema seu, que tinha por título a palavra russa *Prikaz,*[1] no qual glorificava a gesta do povo russo.

Poder-se-ia pensar que a França burguesa poderia já acalmar-se: os anos perigosos eram já água passada. Os desmobilizados tinham tido tempo de esquecer as insurreições dos soldados. A onda de greves diminuíra. Mas pelas paredes podiam ser vistos cartazes, nos quais campeava um homem horrendo, com uma faca entre os dentes: era "o homem negro", que servia aos círculos dirigentes para aterrorizar o francês médio. Não era uma propaganda muito complicada: os comunistas são asiáticos, selvagens, nacionalizaram as mulheres e obrigam todos a marcharem sob chicote. Havia, porém, um fator mais importante do que a "nacionalização das mulheres": era o dos "empréstimos russos", das poupanças do francês médio, que em seu tempo havia adquirido nos bancos títulos vantajosos. "Adeus, tostões", choramingavam com raiva e desespêro os "rentiers".

[1] Ordem, disposição.

E não seria justo afirmar que a burguesia francesa tivera tempo de retomar fôlego. É certo, na França tudo estava tranqüilo, mas apenas seis meses antes, na vizinha Itália, os operários haviam ocupado uma fábrica após outra. Apenas dois meses antes os jornais haviam anunciado uma revolta na Saxônia. Nas paredes de Paris se podia ler, rabiscada com tinta, com carvão, com giz, a frase: "Viva o soviete!"

Eu me achava na França na primavera de 1946. Também nessa época a burguesia estava nervosa. Já não podia mandar que nos subúrbios operários de Paris as juntas municipais dessem às ruas o nome de Stálin. Mas a "guerra fria" estava ainda no comêço; oficialmente, a União Soviética era ainda considerada uma potência aliada e, durante as cerimônias de troca do nome das ruas, os representantes dos partidos da direita saudavam, com um misto de ódio, de mêdo e de respeito, o nome do "grande marechal".

Em 1921, na França, não havia uma rua Lênin, mas era como se Lênin vivesse nos subúrbios operários. Não era um marechal, mas um homem que havia passado muitos anos em Paris, que alguns haviam encontrado e recordavam ainda. A maravilhosa história de como um homem, com gorro de operário, chegara a ser o chefe de um país enorme e misterioso, de como os operários russos, esfomeados, sem roupas, com velhos fuzis, haviam conseguido rechaçar a intervenção estrangeira, circulava pelos subúrbios de Paris e perturbavam o sono dos vencedores.

Comecei a compreender que as minhas primeiras e superficiais impressões eram equivocadas. No Ocidente havia muito de nôvo. Adquiri um texto de divulgação, no qual se explicava a teoria da relatividade. Agradou-me o nôvo livro de Blaise Cendrars, *O fim do mundo*, ilustrado por Léger, uma sátira que descrevia o fim do mundo capitalista e se assemelhava a um argumento cinematográfico. Vi alguns filmes de Charlie Chaplin, já então famoso. Na mostra de Picasso, trinta quadros polemizavam entre si, mas estavam unidos pela inflexível exigência de exprimir plàsticamente a nova época. Compreendi que devia ler, ver, pensar muito.

Diego ficou muito contente quando soube que o protagonista do meu romance seria um mexicano. Estava a ponto de partir para a Itália, mas me prometeu ilustrar o ambiente em que transcorreram a infância e a primeira juventude de Júlio Jurenito.

Comprei um caderno e decidi escrever romances. Todavia, nos meus planos literários se intrometeram de repente as autoridades francesas. O companheiro Mendzinski tinha razão...

Não conheço exatamente os motivos da minha expulsão. Quando perguntei por que queriam expulsar-me, o funcionário da prefeitura me respondeu: "A França é o país mais livre do mundo. Se o expulsam, significa que algum motivo há..." Um dos meus amigos tentou fazer anular a decisão, mas lhe disseram: "Você não o sabe, mas desenvolveu propaganda bolchevista". Provàvelmente, no terraço do café, onde encontrava os amigos, havia informantes secretos, dedos-duros; os franceses os chamam *mouches;* são realmente nojentos como môscas de outono, mas as môscas não vivem longamente, enquanto às vêzes os dedos-duros vivem, não só mais que um ministério, mas até mais que um regime.

De manhã bem cedo veio a mim um indivíduo mirradinho, de olhos pálidos e de bigodinho fino, o qual me mostrou um distintivo: agente da chefatura de polícia. Um outro tira encarou minha mulher. O dono do albergue estava indignado: "Envergonho-me da França!...", mas tais palavras não pareceram produzir a mínima impressão nos dois agentes. Fui conduzido à chefatura de polícia onde me anunciaram que deveria deixar a França naquele mesmo dia.

— Mas aonde podemos ir sem vistos? — perguntei ingênuamente.

— A fronteira mais próxima é a belga.

— Mas nós não temos o visto belga.

— E não o terão. Os belgas os devolverão à fronteira francesa.

— E então?...

— Então nós os prenderemos por travessia ilegal da fronteira. Descontada a pena, não serão mais expulsos, mas exilados.

Não compreendi a diferença existente entre os dois têrmos, e então o funcionário me explicou:

— Como expulsos, viajarão até a fronteira num vagão normal e às suas expensas. Um nosso colaborador à paisana os acompanhará. Quando, no entanto, fôr exilado, não terão que se preocupar com os bilhetes: serão expedidos até à fronteira sob escolta. No momento, porém, estão livres. Um dos nossos colaboradores os acompanhará...

— Mas quando os belgas nos devolverem e depois que estivermos de volta, dentro do período estabelecido, onde nos exilarão?

— Sempre na Bélgica.

Compreendi que se queria jogar uma partida de futebol entre as duas equipes, a francesa e a belga; nós éramos a bola. Não era uma solução ideal. Fôsse como fôsse, porém, era mister comer. Fomos ao restaurante defronte à Rotonde, onde encontramos um escultor conhecido. Contamos-lhe o acontecido, êle foi à Rotonde e logo fomos cercados por uma dezena de amigos. Estavam todos indignados. Os policiais sentavam-se à mesa próxima e comiam com grande apetite: havia muito estavam habituados a ser chamados *sales flics* (como os franceses chamam os policiais), dado que eram obrigados a ouvi-lo dizer cada dia, mas no restaurante Baty comia-se bem e os *flics* dispunham de fundos especiais para tais casos.

Pensei que a ordem de minha expulsão fôsse assinada pelo gordanchudo Briand, um dos mais brilhantes oradores, uma espécie de rouxinol do Parlamento, e isto me pareceu divertido. Durante a guerra eu lhe havia sido apresentado como correspondente de *Notícias da Bôlsa*. Na época, me havia cantado um motete breve, mas terníssimo... E agora eu havia assustado Briand. Como as lebres de Durov, eu começava a compreender que era uma fera perigosa.

O trem partia à noitinha. Na estação, um dos tiras disse que compraria para nós os bilhetes: "Naturalmente, de terceira classe..." Havíamos chegado de terceira, mas o tom do policial me irritou e respondi: "Naturalmente de primeira classe..." Foi a nossa salvação. No compartimento éramos três: Liuba, eu e o policial, que nos abandonou na fronteira francesa. Eu aconselhei Liuba a deitar-se e fingir que dormia. Entrou um gendarme belga; indiquei-lhe com um gesto de mão Liuba, como a dizer que não se devia despertá-la. O gendarme anuiu lhanamente: os policiais têm sempre respeito pelos passageiros de primeira classe. Mostrei-lhe um papel muito estragado: o meu passaporte de 1917. O gendarme se pôs a buscar, inùtilmente, o visto belga, e depois de haver dobrado com cuidado o papel, me disse num sussurro: "Tem um passaporte demasiado velho, deve trocá-lo". Respondi-lhe também eu num co-

chicho: "Tem razão, fá-lo-ei em Bruxelas..." Pudemos prosseguir tranqüilamente a nossa viagem.

27

Em Bruxelas, defronte à Gare du Nord, vimos dois hotéis: um se chamava "Providência", o outro "Esperança". Como não queríamos perder as nossas esperanças, dirigimo-nos ao segundo, onde, porém, nos pediram preencher um formulário, que continha a insidiosa pergunta sôbre vistos de ingresso.

A minha juventude transcorrera numa época arcaica, quando não existiam nem a aviação civil, nem o rádio, nem os vistos. Os aviões são uma estupenda invenção; o aparelho de rádio pode ser útil, e, sobretudo, não é obrigatório ligá-lo; mas os vistos não podem ser considerados entre as descobertas que tornam mais fácil a vida do homem. Não quero fazer a conta do tempo, das fôrças, dos nervos que tive de gastar em minha vida para obter vistos. Tanto mais que dêles existem várias espécies, exatamente como os micróbios. Poder-se-iam dividir em classes e famílias: há os de entrada e os de saída, os de trânsito com direito à estada e sem; vistos com ou sem indicação do pôsto de fronteira. Não é simples orientar-se, de fato, por vistos, embora seja ainda mais difícil obtê-los.

Saímos a tôda pressa do saguão do hotel; ao invés de responder à pergunta sôbre vistos, tracei uma irônica linhazinha. A nossa fortuna noturna podia dar logo conseqüências extremamente desagradáveis em pleno dia: havíamos entrado na Bélgica sem visto.

Já disse que antes da guerra havia publicado, na França, uma revista, *Tardes,* juntamente com um tal Nemirov, de Rostov. Êle tinha uma mulher muito simpática, alegre, levemente estrábica; era uma cantora inesgotável. Chamava-se Marússia. Bem cedo se separou de Nemirov e durante a guerra a reencontrei no sul da França. Antes da minha partida para a Rússia me haviam dito que Marússia se casara com o poeta belga Hellens.

Saindo do alberbue, meti na cabeça de encontrar Hellens. Nos países ocidentais não existe um registro de endereços: a gente quer ficar tranqüila e só Deus e a polícia sabem onde a gente mora. No catálogo de telefones não encontrei o nome de Hellens (não sabia se se tratava de um pseudônimo). Entrei

numa livraria: responderam-me que ali se vendiam livros sérios, não versos. Comecei a observar atentamente as vitrinas das livrarias, até que achei uma que fazia bela mostra de um livro de Hellens; todo contente, entrei na loja, mas dali saí com um punhado de môscas: propuseram-me escrever uma carta à casa editôra. Não podia explicar que, antes que a carta chegasse a Hellens, eu seria encontrado não no Hotel Esperança, mas num xilindró.

Tive sorte: na quinta ou na décima livraria, não sei bem, encontrei um apaixonado pela poesia, que se revelou pessoa compassiva. Informou-me que encontraria Franz Hellens na Câmara dos Deputados; o seu cognome era van Ermengem, e êle dirigia a biblioteca do Parlamento. Senti nascerem-me as asas: o Parlamento não era a Rotonde!

Hellens e Marússia nos acolheram como velhos amigos. Eu falava do visto, enquanto Marússia recordava os anos passados. Hellens calava e sorria com simpatia. Tinha quarenta anos; em seu rosto austero, de verdadeiro nórdico, esplendiam olhos de sonhador e de criança.

Êle disse a um dos ministros que eu era um poeta, que não se sabe bem por que havia sido expulso da França e que tencionava passar alguns meses na Bélgica para escrever um livro. Para arranjar tudo desejaríamos duas semanas. Eu vagava por Bruxelas, tão ruidosa perto da Bôlsa e tão silenciosa nos seus velhos quarteirões, apinhados de casas cinza-negro com decorações douradas, habitadas por lindas velhinhas e tranqüilos sonhadores, que, terminado o dia de trabalho, fumavam o cachimbo e observavam com olhos pálidos o seu pálido céu.

Tornei-me amigo de Hellens: um homem extraordinàriamente reto e triste. É, sobretudo, poeta, e não só porque escreveu e escreve ainda versos, mas porque a sua prosa e tôda a sua vida estão permeadas da essência da poesia.

Na primavera, quando nos conhecemos, êle estava escrevendo o romance *Bass-Bassina-Bulu,* assim batizado um simulacro de deus negro, que se encontrava no seu quarto. No romance êste deus, sábio e ingênuo, onipotente e impotente, da selva africana, vai acabar na Europa e conta com mesclada ironia o que vê acontecer ao seu redor. Li quanto escreveu Górki a propósito dêste livro; o seu juízo foi ditado não por simples cortesia, mas por verdadeiro amor. (Iriam conhecer-se mais tarde, em 1925, em Sorrento; em outra carta Górki recor-

dava os olhos de Hellens, nos quais, não obstante a sua gravidade, se adverte a ternura de uma infantil melancolia). *Bass-Bassina-Bulu* agradou a Stefan Zweig, que escreveu o prefácio à tradução alemã.

Contei a Hellens muitas coisas sôbre Moscou. Agradaram-lhe os versos de Iessiênin e, com a ajuda de Marússia, êle começou a traduzi-los em francês.

Depois tive ocasião de reencontrá-los algumas vêzes, em Paris e Bruxelas. Os anos passavam; passou a vida. Agora tudo está diferente, mas Hellens é sempre o de antes: as crianças não envelhecem, os sonhadores são fiéis e não mudam...

Um dia Hellens me fêz conhecer o pintor Permeke, hoje conhecido de todos os entendedores de pintura, mas então considerado ainda como um dos "jovens" (tinha trinta e cinco anos, mas da sua vida artística estavam excluídos os anos da guerra; havia sido gravemente ferido durante a defesa de Antuérpia e sobrevivera, não obstante os prognósticos médicos). Não sei qual o motivo — se a solidez das tradições, ou as características da paisagem flamenga, ou, para ser mais preciso, a sua luz — mas os belgas são excelentes pintores. Inútil falar de Memling ou de van Evck; basta contemplar as telas de Ensor. Talvez porque Permeke se classificava entre os expressionistas, nêle não havia menosprêzo da pintura em favor da expressão literária. Amava pintar os taciturnos pescadores batidos pelo vento, os camponeses do litoral, as mães, as velhas. As suas longas paisagens nos mostram uma terra plana, despontando à distância ora um feixe de feno, ora uma árvore solitária, sempre baixa, fustigada pelos ventos; o céu tem uma função importantíssima nas suas telas, um céu esverdeado ou plúmbeo. Era de natureza inquieta, trágica. Permeke saiu da minha vida por longo tempo; encontramo-nos de nôvo um quarto de século mais tarde, pouco antes da sua morte. Fui visitá-lo: vivia perto de Ostende, estava inchado, enfêrmo, solitário; havia perdido a mulher, com quem vivera tôda a vida. Das paredes do seu estúdio pendia uma tela que jamais pude esquecer: Permeke pintou sua espôsa no leito, morta, e se valera das côres para exprimir o seu estado de ânimo.

Eu continuava a esperar a resposta do ministro. Sob a janela do Esperança, até noite avançada os realejos competiam na emissão do maior volume sonoro.

Finalmente recebi a permissão de demorar na Bélgica. Era junho. Fomos à beira-mar, na pequena localidade de La Panne, próxima à fronteira francesa. As hospedarias estavam vazias, faltavam algumas semanas para o início da estação. Aqui e ali, no litoral, viam-se ruínas: casas destruídas durante a guerra, que não haviam sido ainda reconstruídas. O mar era imenso e enfurecido; durante a baixa-mar se retirava para longe, incubando o seu furor para arrebentar-se depois, furiosamente, contra os muros do albergue.

Quando o mar se retirava, sôbre a areia ficavam algas, estrêlas-do-mar e muitas lascas de madeira. Eu as recolhia maquinalmente, enquanto recordava como em Koktébel catava nas margens pedaços de pau para acender o braseiro...

Ao redor havia murundus de areia, dunas, aqui e ali cobertas de uma erva cinzenta e aguçada. Êsses murundus são móveis: o vento acumula e dispersa as areias. Subindo sôbre as dunas, podia descortinar a França.

Trabalhava da manhã até alta noite num pequeno quarto com janela para o mar. Escrevi *Júlio Jurenito* em um mês, como sob ditado. Por momentos me cansava a mão e eu saía para a beira-mar. Um vento impetuoso derrubava as cadeiras nos terraços vazios dos cafés. O mar parecia indomável. Esta paisagem correspondia ao meu estado de ânimo: parecia-me não fazer a pena deslizar sôbre uma fôlha de papel, mas lançar-me num assalto à baioneta.

Não sabia escrever. No livro há numerosos episódios supérfluos, o texto não foi limado, superabundando rodeios de frases sem graça, desajeitadas. Mas eu amo êsse livro.

Dizem que todos os autores amam o seu primeiro livro. Não é verdade. Conheço escritores a quem parece insuportável que se fale, em sua presença, da sua primeira obra. De resto, por que falar dos outros? A minha primeira coletânea de versos me faz rir e me desgosta. Recordo com ternura o período em que escrevia sôbre marqueses, recordo até o tipógrafo, mas os versos são maus e, sobretudo, são alheios. Amo *Júlio Jurenito* porque êsse livro, com todos os seus defeitos, foi escrito e vivido por mim: é efetivamente um livro meu.

Muitas vêzes, escrevendo, imitei alguém, como fazem os macacos. Já falei do caráter dos meus primeiros versos. Porém, mais tarde, apenas publicado *Júlio Jurenito,* fui vítima da moda literária que reinava na ocasião. Como alguns literatos meus

contemporâneos, deixei-me seduzir pela prosa rítmica de Andriéi Biéli e pela complicada sintaxe de Remizov. O que nesses escritores era conatural, nos meus escritos tornava-se paródia. Não sou capaz de reler alguns de meus livros dêsse período: fico tentado pelo impulso de pôr nos seus lugares os adjetivos e substantivos. *Júlio Jurenito* está escrito de modo desatento, mas com simplicidade, sem rodeios verbais.

Aprendi dos críticos que o meu romance é uma imitação do *Candide*. Envergonho-me de confessar que li o *Candide* só mais tarde, após aquêles artigos; quando jovem li muito, mas de forma desconexa, e ainda hoje nas minhas noções literárias se abrem grandes lacunas. Todavia, compreendo as suposições dos críticos. Em *Jurenito* se comprova que vivi na França quando jovem. Certo, os operários do cais de mercadorias de Vaugirard, exatamente como eu, não tinham lido o *Candide,* mas nos seus gracejos se encontram os mesmos aspectos da ironia francesa que nos seduzem nos livros de Voltaire. E pode dar-se até que o autor do *Candide* tenha influído na formação do espírito nacional francês.

Amo *Jurenito* porque o escrevi impelido por uma necessidade interior: de fato, não me considerava ainda um escritor. Êste livro foi concebido e alimentado longamente por mim como no regaço materno. Nêle talvez haja bastante matéria literária (faltava-me a experiência, o traquejo), mas certamente não peca de pretensão literária.

Escrevi muitos livros, mas não se pode dizer, certamente, que me agradem todos. A alguns apenas recordo, não os releio jamais. Para os jovens leitores, nasci como autor durante os anos da segunda guerra mundial. Entre nós, *Jurenito* é lembrado sobretudo pelos aposentados, enquanto eu o quero; nêle expus muitas coisas que determinaram não só o meu rumo literário, mas, também, a minha vida. Naturalmente, no livro não faltam juízos absurdos e ingênuos paradoxos; eu buscava conseguir a percepção do futuro; algumas coisas vi com justeza, com outras me enganei. Mas no conjunto é um livro que não repudio.

Em *Jurenito* eu estigmatizava tôda sorte de racismo e de nacionalismo, desmascarava a guerra, a crueldade, a avidez e a hipocrisia de quem a fizera explodir e não quer saber de renunciar às guerras; a hipocrisia do clero, que abençoa as armas, a dos pacifistas, que discutem sôbre "métodos humanitários de destruição da humanidade", a dos pseudo-socialistas, que ousam

justificar horríveis massacres. Ainda em 1961 estou pronto a colocar a minha assinatura sob tais idéias; e se odeio o racismo e o fascismo, se acho fôrça para participar da luta pela paz, faço-o porque em meio século um homem pode adquirir muitos hábitos, mas isto não o impede de ser fiel a si próprio.

Em *Jurenito* mostrei a hipocrisia do mundo do dinheiro, a pseudoliberdade, regulada pelos talões de cheque de Mr. Coole e pela hierarquia social de *monsieur* Delais, que estabeleceu dezesseis classes até para os funerais. Doze anos antes do advento de Hitler ao poder, eu fazia o retrato de *herr* Schmidt, o qual "pode ser contemporâneamente nacionalista e socialista", que diz aos franceses e aos russos "é indispensável que nós nos organizemos", "é necessário colonizar a Rússia, anular o mais possível a França e a Inglaterra... Atrás de nós deixaremos a terra incendiada... Matar pelo bem da humanidade um louco ou dez milhões de loucos representa apenas uma diferença aritmética. Matá-los, porém, é necessário". Se não tivesse escrito estas coisas em 1921, não saberia escrever *A queda de Paris* em 1940.

Às vêzes me enganava, às vêzes via as coisas com suficiente clareza. Muito antes dos fornos crematórios de Oswiecim e do Babi Iar, no livro se lê esta profecia: "Num futuro não muito distante reunir-se-ão, solenes, para a destruição da tribo de Judá... Além dos tradicionais *pogrom,* preferidos do respeitável público, passarão a fazer parte do programa, restauradas segundo o espírito da época, também as seguintes cenas: a cremação dos judeus, o seu sepultamento ainda vivos, a irrigação dos campos com sangue judeu e novos métodos de "deportação", de "desinfecção dos elementos suspeitos", etc., etc..'

Eu sabia que *Júlio Jurenito* iria suscitar a ira dos tutôres da ordem: 'Que cônsul quererá agora apor o visto ao meu passaporte? Que mãe de família me deixará pôr os pés na soleira da casa em que vivem honestos jovens e imaculadas crianças?" Não me surpreendeu o fato de que os emigrados brancos acolhessem o meu romance com indignação, mas se tratava de um fogo cruzado: os *napostovtsy* definiam *Jurenito* como "um calunioso ultraje à revolução". Em quase todos os números da revista o meu nome vinha acompanhado do apelativo "caluniador".

No capítulo precedente falei do meu mêdo da mecanização dos sentimentos, da regulamentação da atividade criadora.

Tais idéias foram expressadas em *Jurenito*. Na época, eu exagerava certos perigos, enquanto outros me escapavam. Os críticos me chamavam "cínico" e "niilista", quando era o caso de ser acusado de hipertrofia romântica, e só.

Júlio Jurenito era lido enquanto os críticos o insultavam. Insultavam-no com veemência e longamente; mesmo falando dos meus livros posteriores, recordavam sempre o primeiro romance como a prova mais pesada contra mim. Caiu-me, por acaso, entre as mãos um número de *Novyi Mir* (Mundo Nôvo), saído há trinta anos; um artigo sôbre a narrativa, com longas citações de *Júlio Jurenito,* conclui assim: "A burguesia russa, derrotada em campo aberto, luta no plano espiritual... Ehrenburg serve sèriamente à sua classe... Ehrenburg é um epígono da cultura burguesa... A história da literatura russa não teria perdido nada se Ehrenburg não tivesse querido bancar o escritor..." Citei algumas frases de um artigo que talvez seja dos mais moderados.

Em 1924, em Kiev, assisti a um espetáculo, à redução teatral de *Júlio Jurenito*. Em cena mostravam Ilia Ehrenburg, levando às costas o americano míster Coole, o qual de vez em quando gritava: "Eia, trota, meu pangaré burguês..." Meu sogro, o doutor Kozintsov, se indignava, enquanto eu ria.

Certo, houve horas muito tristes: era bombardeado não pelos inimigos, mas pelos meus companheiros. Só que, por sorte, naquela época, os projéteis eram de papel. Pouco a pouco criei calos às acusações de tôda espécie: formou-se em mim uma imunidade parcial, que depois me salvou mais de uma vez do completo desespêro.

Também o estilo do meu primeiro romance estava na alça de mira. Irritava, não tanto pelas deficiências de linguagem quanto pelo estilo insólito; desde então os críticos afirmam, invariàvelmente, que eu sou um jornalista que escreve romances como se se tratasse de artigos; segundo êles, penetrei ilegalmente no campo da literatura. Para mim, no entanto, a irrupção do jornal no romance estava ligada às pesquisas de uma forma de narrativa moderna. Há pessoas que crêem que uma descrição particularizada do aspecto do protagonista ou da paisagem possa permitir que áridas teses se revistam de carne, ou um artigo de fundo se transforme em novela ou romance. Mas, na verdade, isto não é mais que um conúbio forçado, um querer iluminar

com refletores de teatro uma conferência demasiado longa. Afinal de contas, *Passado e pensamentos,* de Herzen, pode ser citado com maior justiça entre as criações de "arte pura" do que *Às vésperas,* de Turguiêniev.

Em 1922, *Jurenito* foi publicado em Berlim pela casa editôra Helikon e em Moscou pelas edições do Estado. Eu estava contente de que o meu livro tivesse agradado a Maiakóvski, que o tivessem apreciado favoràvelmente alguns escritores de Petrogrado, por mim admirados. (Em 1942, num dos seus artigos, A. N. Tolstói recordava os meus romances satíricos, juntando generosas palavras para *Julio Jurenito*). Mais tarde li, nas memórias de N. N. Krupskaia, como Lênin acolheu o meu primeiro romance; isto foi para mim um grande apoio moral.

Bem cedo *Jurenito* foi publicado em alemão, pela casa editôra comunista; em francês, com uma introdução de Pierre Mac Orlan, e em outras línguas.

Eu me tornara um escritor profissional.

Mas novamente precedo os acontecimentos. Apenas escrevi a palavra "fim" na última página de *Jurenito*. "Uma canície antes difusa, freqüentes arritmias cardíacas, a debilidade, me consolam: já ultrapassei um difícil vau..."

Saí para a beira-mar. Rugia a ressaca. Era noite e, à distância, balouçavam as mortiças luzes das embarcações de pesca. Eu caminhava contra o vento; sentia-me agitado e alegre.

Um homem e um escritor podem intuir muitas coisas, mas não tôdas. Os cabelos brancos os surpreendem ao espelho quando se barbeiam; alçar-se até o futuro é mais difícil. Eu não compreendia que me esperavam ainda muitos, dificílimos vaus, e que o vento se aplacaria sòmente com as batidas do coração...

Esta obra foi executada nas oficinas da Companhia Gráfica LUX, rua Frei Caneca, 224 — Rio de Janeiro, para Editôra Civilização Brasileira S. A.

1919 Maiakóvski, entusiasmado com o Estado soviético, escrevia: "Voa terrível, direto, com ímpeto irresistível, para o dezenove, através do ano ainda não transcorrido... Além do mar dessa procela prevejo que o ano ainda não chegado se preparará para educar de nôvo a mim que estou em pedaços".

Pois é neste cenário fascinante, com êsses atôres surpreendentes, onde a autenticidade alterna com a candura e a contradição, que Ilya Ehrenburg desenvolve o segundo volume de suas memórias. Escritas num estilo quase coloquial, revelam-nos os grandes momentos que a Rússia viveu nos primeiros anos da Revolução no Poder sem desprezar aquêles pormenores que, escapando muitas vêzes aos historiadores, constituem o tempêro humano que lhes dá sentido e conteúdo.

Encontraremos nestas páginas de leitura agradabilíssima o retrato sem retoques de uma época e de seus vultos marcantes: Górki, Maiakóvski, Blok, Biéli, Fédin, Bábel, Pilniak, Iessiênin, e outros mais. Surpreender-nos-emos com fatos como êste: os alunos da Academia de Química Militar solicitando a Ehrenburg que lhes desse lições de métrica. Ou, talvez ainda mais, com êste: ao partirem rumo ao sul, para dar combate aos contra-revolucionários comandados por Wrangel, oficiais e soldados de uma Divisão do Exército Vermelho requerendo por escrito que Maiakóvski, Iessiênin e outros poetas fôssem visitá-los. Queriam ouvir versos antes de enfrentar os horrores da guerra civil.

"Aquêle era o momento de máxima liberdade para a poesia", conta-nos Ehrenburg. "Não havia lugar em que não se recitassem versos: nos parques, nas estações, nas gélidas seções das fábricas, e não era uma jornada, mas uma época inteira de poesia". E o memorialista termina êste volume com uma frase que bem demonstra a sinceridade com que se dispôs a escrevê-lo: "Um homem e um escritor podem intuir muitas coisas, mas não tôdas... alçar-se até o futuro é mais difícil". Mas a História não pára. A União Soviética superou as imensas dificuldades daquele período heróico e lírico, atravessou os anos terríveis de uma guerra que lhe custou a vida de mais de dez milhões de seus filhos, é hoje uma das maiores potências mundiais e vê estender-se incessantemente o campo do socialismo. Mas aquêles tempos, em que se construía o futuro, jamais serão esquecidos.

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Ênio Silveira
Diretor

RÚSSIA, 1918-1921:
ANOS DE FOGO,
DE LUZ,
DE TRABALHO E DE SONHO

O segundo volume das *Memórias* de ILYA EHRENBURG é o retrato vivo, cândido, humano de um dos períodos mais importantes da História contemporânea, aquêle em que uma grande revolução feita pelo povo russo não apenas derrubava um regime autocrático mas estabelecia as bases para a vitoriosa caminhada do socialismo em todo o Mundo.

Foi um período de caos, de lutas, de sonhos. Tudo estava por fazer, tôdas as experiências eram válidas. Nestas páginas apaixonantes iremos reencontrar os homens que lhe deram substância e conteúdo, descritos com o calor da simpatia e a serenidade que a perspectiva do tempo e da distância pode permitir.

Mais um lançamento de categoria da

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.